



*Dono do meu*  
**PRAZER**

TRILOGIA AMORES INESPERADOS - LIVRO I

da mesma autora do livro Best seller da Amazon O Tutor

**JOANE SILVA**



# *Do* DO MEU PRAZER

Joane Silva

# Sinopse

Cedo demais, Clara vê seu mundo destruído. Após a morte trágica dos seus pais, a garota descobre que a família estava completamente falida e que tinha somente alguns dias para deixar a casa em que vivia e foi vendida sem que ela soubesse.

Desesperada e sem rumo, a jovem mergulha no desconhecido mundo de acompanhantes de luxo, mesmo ainda sendo virgem. Sem imaginar que mais surpresas a esperam pelo caminho, a garota conhece Henry, o mais bem pago garoto de programa da cidade.

No auge de seus 34 anos, Henry tem o que pode ser considerada uma vida tranquila. No entanto, vê seu mundinho sair fora dos eixos ao conhecer a espetada Clara.

Ela quer aprender. Ele está disposto a ensinar.

Em meio à paixão que surge sem que ninguém planeje, ele está prestes a descobrir que a menina mulher veio para incendiar tanto o seu corpo quanto o seu coração.

Copyright © **2019 Joane Silva**

Capa: L.A Design

Revisão Ortográfica: Artemia Souza

Diagramação digital: Joane Silva

1ª Edição

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera consciência.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# Agradecimentos

Palavras nunca serão suficientes para expressar a alegria de ver um projeto como esse tomar as proporções que tomou para chegar até aqui.

Na árdua caminhada, é necessário saber que existem pessoas que acreditam e torcem pelo meu êxito e realização de um sonho. Foram essas pessoas que me fizeram crer que seria possível. Para esses seres humanos deixo aqui o meu carinho e minha eterna gratidão.

Ao autor e consumidor da minha fé, pois sem a sua presença nada disso seria possível.

Minhas irmãs, Ana Paula e Polliana, que sempre me deram forças e acreditam nos meus sonhos.

Meus sobrinhos, Victor, Artur e Lara, razões dos meus melhores sorrisos.

Meus queridos pais, Ana e Paulo, por tudo. Aqui não cabe citar a importância de vocês na minha vida e na luta pelos meus objetivos, faltariam linhas.

# *Sumário*

[Prólogo](#)

[Plano brilhante](#)

[Colocando em prática](#)

[Roubada](#)

[Proposta](#)

[Pernas bambas](#)

[Contraproposta](#)

[Primeira lição](#)

[Seus beijos](#)

[Pegos](#)

[Resistindo](#)

[Curiosidade](#)

[Verdade](#)

[Ruindo](#)

[Caos](#)

[Recusa](#)

[Voltando atrás](#)

[Funcionária](#)

[Entronro inesperado](#)

[Onde tudo começou](#)

[Outra vez](#)

[Namorada](#)

[Fim de semana](#)

[Volta às aulas](#)

[Descuido](#)

Filme  
Inconveniente  
Dia de trabalho  
Desconcentrado  
Território  
Frustração  
Fofoca  
Carona  
Convite  
Castigo  
Ensaio  
Mentira  
Consertando  
Serenata  
Na mídia  
Aliado  
Tentação  
Nas tuas mãos  
Dia seguinte  
Tarefas  
Dia de praia  
Lançamento  
Comportamento estranho  
Socializando  
Cruel  
Perdida  
Medo de te perder  
O que nos une  
Juntos, como sempre  
Longe de tudo  
Prelúdio de vida nova  
Útil ao agradável  
Experimentando o novo...  
Dependente do teu amor  
A chave do futuro



[Mais inteso](#)

[Realidade](#)

[Bônus-Saulo](#)

[Valor incalculável](#)

[Epílogo](#)

[LEIA TAMBÉM](#)

# Prólogo

Clara

— Dá para fechar os olhos, por favor? — irrita-se Henry. — Não sei nem o que estou fazendo aqui. Como é que uma menina da sua idade, linda desse jeito, não sabe nem mesmo beijar na boca? Você vivia onde? *Num* um convento? — pergunta, cada vez mais irritado. No entanto, minha atenção firma-se somente até a parte em que fui elogiada. Até porque não é todo dia que um cara como esse me dirige a palavra, ainda mais para chamar de linda.

— Menina, eu estou falando com você! — Assusto-me com o aumento no tom da sua voz.

— Desculpa, estava distraída – justifico-me, sem jeito. — E para de me ofender. Óbvio que já fui beijada. — Esse é o termo correto. Os poucos e desastrosos beijos foram mais para tentativas dos garotos de literalmente me engolir do que propriamente um beijo.

Então, não é uma mentira completa. Aos dezessete anos não beijei, mas fui beijada, ou pelo menos algo parecido com isso.

— E só para você saber, posso até ser virgem, mas ganhei o título de maior beijoqueira do colégio, dá para contar nos dedos as bocas que eu não tenha beijado — minto.

Deus! Título de maior beijoqueira?

Será que eu não poderia ter inventado uma mentira menos idiota?

Mas pensando bem, melhor isso a ter de confessar que nunca experimentei um beijo de verdade. Não quero correr o risco de ele desistir de mim, quer dizer, da minha vagina.

— Está certo, então vamos a lição número 1. — Aproxima-se subitamente. — Vamos ver se sabe mesmo como usar a língua. Vem, mostre-me o que sabe fazer com essa boquinha atrevida já que tem tanta experiência com beijos. — A voz falada bem próxima ao meu ouvido, arrepiando-me até a alma.

—Tudo bem — falo com a propriedade de uma pessoa que sabe o que está fazendo, mas que na verdade está se borrando de medo. E se eu morder a língua dele? – tardiamente questiono-me ao sentir o corpo masculino colado no meu.

— Feche os olhos, minha gata — pede com a voz macia. — Isso, agora abra essa boquinha rosada que a nossa aula vai começar.

# Plano brilhante

Clara

— Eu não acredito no que estou ouvindo, Amanda. — Olho preocupada com a sanidade da minha amiga. Sim, porque ela só pode está ficando louca de me propor uma loucura dessas. É tão absurdo que me recuso a crer no que estou ouvindo.

— Clara, estou apenas tentando te ajudar — diz ela de forma sincera, coisa que acredito piamente.

Amanda é minha melhor amiga, praticamente uma irmã que eu não tive.

— Você lembra da Aline? — Confirmo com a cabeça. Como não conhecer Aline, a loira metida do colégio que pensa ser o centro do universo pelo simples fato de usar as melhores roupas e ter as joias mais caras que o dinheiro pode comprar?

Caras ao ponto de fazer-me questionar de onde sai tanta ostentação. Até porque, sabe-se que os pais dela não tem tantas posses assim.

— Então, estava no banheiro quando escutei uma conversa dela com a Brenda, e foi daí que surgiu a ideia — fala empolgada, aticando minha curiosidade.

O que a naja mãe tem a ver com a loucura que está me propondo?

— Sim, e o que tem essa conversa?

— Calma que já chego lá. — Rolo os olhos para sua tentativa de fazer suspense.

— Ei! Eu vi isso! — reclama. — *Me deixa* continuar: pelo que eu pude escutar, ela se referiu a um site chamado *Proporcione Prazeres* e como uma boa curiosa que sou, entrei no tal site e descobri que é um site de anúncios de

acompanhantes de luxo, acredita? Pelo que pude entender, eles trabalham com agenciamento de garotas que se disponham a vender sua companhia para figurões endinheirados. — Ouço atentamente sua explicação. — A política deles é a seguinte: a menina que estiver interessada no serviço manda uma foto e todos os dados pelo site, principalmente no diz respeito à vida sexual. Se gostarem do perfil, marcam uma entrevista pessoal e passam as coordenadas.

— Então é isso que está me propondo? — No ato salto do sofá, como se ele tivesse um tipo de doença contagiosa. — Quer que eu me torne uma prostituta? — indago com os olhos marejados.

Quando foi que minha vida desmoronou desse jeito? Em que momento a vida tranquila de adolescente que vivia feliz com os pais se transformou em uma proposta de prostituição?

— Calma, Clara — diz, segurando a minha mão. — Esquece o que te falei, foi um momento de loucura minha. Primeiro, você tem apenas 17 anos, nunca te aceitariam. Segundo, você é virgem de tudo — graceja na tentativa de me animar. — Deixa essa loucura para lá, vamos encontrar outra solução.

— Obrigada, Amanda – agradeço. — Não sei o que seria de mim sem o seu apoio *num* momento como esse. — Volto a me aproximar do sofá, terminando o agradecimento com um abraço afetuoso.

Sei que você pode estar confusa de como cheguei a esse extremo e como para tudo na vida — ou quase tudo — existe uma explicação, aí vai a minha.

Há exatos quinze dias, meu mundo veio abaixo e isso aconteceu por causa de um trágico acidente de trânsito que tirou a vida dos meus amados pais. Feliz e indo para a Serra comemorar mais um ano de união, a viagem que seria mais uma entre tantas, tornou-se a última. A última que eles nem ao menos tiveram a chance de desfrutar e o beijo de despedida na garagem do prédio foi a última visão que tive deles com vida. Depois disso, restou somente o vazio e a dor da perda.

Apesar da dor e tristeza que desde então tem sido minha fiel companheira, tinha pelo menos o consolo de ter um lar para viver e também a companhia da dona Francisca — Chica para os mais próximos —, a senhora de 54 anos que foi a minha babá quando eu ainda era um bebê. Quando já não precisava dos seus cuidados, ela ainda assim permaneceu ajudando mamãe com as tarefas da casa e sempre tratada como um membro da família. Porém, como nada é tão ruim que não possa piorar, há dois dias esse pequeno conforme também me foi tirado.

Segundo fui informada por Chica, um casal desconhecido bateu à nossa porta, trazendo em mãos uma série de documentos — que ela, apesar de tê-los folheados, admitiu para mim não ter conseguido compreendê-los — e conforme afirmam, neles têm a comprovação de que a casa foi vendida há mais de dois meses e que o prazo pedido por papai para deixar a casa está no fim, restando somente mais 15 dias. Para piorar o que já estava ruim, descobri que papai se envolveu em um mau negócio, acarretando *numa* conta vazia e credores batendo à porta a fim de receber o que lhes é de direito.

Nesses momentos eu me pergunto quando foi que ele começou a tomar decisões tão erradas? E minha mãe estava onde nessas horas?

Sei que nunca fomos uma família rica. Vivíamos modestamente com os salários que recebiam como professores de uma escola pública. Eu não tinha as melhores roupas, os melhores sapatos e muito menos o celular do ano, mas pelo menos tive acesso a uma bolsa de estudos em uma escola particular e um teto confortável sobre minha cabeça. E agora tudo isso acabou.

Entra dia, sai dia e as coisas só pioram. O dinheiro que Chica ganha como diarista não é suficiente para nos sustentar e ainda arcar com algumas despesas do colégio. Os momentos de desespero fazem com que eu me sinta incapaz de segurar com as mãos o mundo que desaba sobre a minha cabeça.

Procurei em diversos lugares e ninguém está disposto a empregar uma adolescente de 17 anos que não tem experiência com nada. Nem para fazer a loucura que Amanda me propôs eu sirvo. Quem vai querer sair com uma menina que não sabe nem mesmo o que é beijar?

Não que essa seja uma grande questão, se alguém experiente me ensinasse... a ideia anteriormente rechaçada me vem à mente.

Passadas várias horas de um dia nublado estou pronta para dormir, porém tudo o que consigo fazer é revirar-me de um lado para o outro sobre o colchão e a falta de sono é potencializada por planos absurdos que insistem em rondar a minha mente.

Eu, a pessoa que veementemente repudiou as sugestões da Amanda, estou pensando em uma solução muito pior.

Depois de muito pensar — até a exaustão mental — acordo disposta a arriscar tudo para não ficar sem um teto sobre a minha cabeça, já que aqui, o único lar que conheço, o local onde vivi todos os momentos de felicidade com papai e mamãe, parece estar prestes a se tornar o lar de outras pessoas, desconhecidos que não tem noção da quantidade de boas lembranças que essas paredes guardam.

Com um plano em mente, decido ligar para Amanda, pois é óbvio que ela não vai querer ficar de fora dessa.

— Oi, Mandy, preciso de você aqui em casa, agora! — exijo ansiosa em compartilhar a loucura que estou pensando em fazer.

— Eu espero sinceramente que alguém esteja morrendo aí, Clara, só isso justificaria essa ligação às 7h30 da manhã.

— Anda, amiga, cala essa boca e vem logo! — Preciso colocar isso pra fora, antes que eu volte ao meu juízo perfeito e desista do que penso fazer; o que não seria nada bom já que não tenho outro plano.

— Graças a Deus, entra. — Encosto na porta dando-lhe espaço. — Preciso de sua ajuda.

— O que você pensou que a gente ainda não cogitou? – indaga se corroendo de curiosidade.

— Lembra daquela ideia louca que você teve? — Vou direto ao assunto assim que nos sentamos sobre o sofá.

— Qual delas? Foram tantas. — Isso é verdade, desde que fiquei ciente dos meus problemas financeiros ela não para de tentar encontrar soluções para tirar-me dessa roubada.

— Àquela brilhante em que eu trepo em troca de dinheiro.

— É, ouvindo você falar parece realmente uma péssima ideia — assevera, pensativa.

— Aí que você se engana, estive pensando no que você falou e acho que tenho uma versão melhorada do que me propôs.

— Não, Clara, eu concordo com tudo o que falou ontem, isso nunca iria dar certo — Percebo sua preocupação em imaginar o que estou prestes a falar.

— Presta atenção, tudo que você falou é verdade, Amanda, sou virgem e menor de idade, tudo que uma acompanhante não deve ser.

— Sim, isso eu já sabia — diz sem paciência. Dou um sorrisinho ao fazê-la provar do seu próprio veneno.

— Calma que quero te mostrar uma coisa — digo, ligando meu notebook.

— Olha só esse cara, o que acha dele? — Viro o computador em sua direção mostrando a foto de Henry.

— Nossa! – diz de boca aberta ao ver a foto de Henry Pimentel. —

Se esse não é o homem mais quente que já vi na vida eu não sei quem é — Dramática ela abana-se com as mãos.

Concordo!

— Nem me fale, quase gozei só de olhar essas fotos dele — afirma e sua frase tem o poder de fazer-me virar a cabeça na sua direção, admirando-me da sua ousadia.

Quem a vê falar assim não imagina que ela é tímida e delicada, o completo oposto de mim.

— Tá, que o cara é um diabo sexy e lindo nós já sabemos, só não entendi ainda o que ele tem a ver com nosso assunto.

— Esse é Henry Pimentel, ele é simplesmente o melhor e mais caro garoto de programa da cidade, pelo menos é o que diz nesse site, olhe você mesma. — Entrego-lhe o computador.

— Isso tudo? – Assusta-se com os valores estampados de maneira chamativa na página. — Tem que estar muito a fim de um pau para desembolsar toda essa grana por uma única noite. — Mas pensando bem, se ele souber usar bem todo esse pacote, eu pagaria até o dobro – fala quase babando em cima do notebook.

— Foco, Amanda. – Tomo o aparelho dela. — Como eu estava falando, ele é o melhor desse ramo e é com ele que eu quero aprender. Se vou fazer isso, quero fazer com quem realmente entende do assunto.

— E o que você vai fazer, Clara?

— Isso mesmo que está pensando, vou tentar essa coisa de acompanhante. — Finjo firmeza.

— Você sabe que acompanhante inclui fazer sexo, não é mesmo? Aliás, fazer sexo é o principal.

— Sei, sim — afirmo sem contudo conseguir tirar a atenção da foto estampada na tela do computador. Ele tem olhos tão lindos, um conjunto perfeito com todo o rosto e que deve chamar atenção por onde quer que ele passe. *Me pergunto* o que o levou a essa vida. Terá sido uma situação desesperadora como a minha? Ou só a vontade de sair com várias mulheres e ainda receber por isso? — Mas quem sabe existam caras que estão à procura de companhia e não de sexo? — Sei que estou sendo ingênua, mas prefiro pensar assim a deixar que a compreensão do que estou prestes a fazer me tome e eu desista de tudo.

Infelizmente, desistir não é uma opção.

— De qualquer forma, tenho que começar por algum lugar e será



esse cara a me ajudar.

— Ah, bom, agora vai! — diz irônica. — Estamos tendo essa conversa absurda justamente por causa de seus problemas com dinheiro e você quer marcar um encontro com um garoto de programa. Ele cobra uma fortuna apenas pra jantar com você.

— Calma que já tenho tudo esquematizado. — Bato em minha têmpora com o dedo indicador. — Vamos marcar com ele do jeito que pedem aqui. — Refiro-me ao site que impõe uma série de regras, principalmente no que diz respeito ao pagamento do serviço prestado. — Marcamos a opção de pagar pessoalmente — digo enquanto preencho os dados.

— Tá bom, gênio, e o que vai colocar aí? — Refere-se a última pergunta do questionário. — O que você espera que aconteça depois do jantar? — Frase essa que é acompanhada de um asterisco logo no final, a qual remete a um lembrete no rodapé da página avisando que isso pode tornar o serviço mais caro. A coisa toda é tão organizada que nem parece tratar-se da contratação de um garoto de programa.

— Como eu coloco, Amanda? Me ajuda. Se ele é tão bom assim, não deve aceitar qualquer oferta. Temos que chamar a atenção dele de alguma forma.

— Isso é uma loucura, Clara, mas vamos lá. Que tal: espero ser sua sobremesa — debocha.

— Não tão oferecida assim — digo, tentando achar algo melhor, até que começo a digitar falando em voz alta para que ela ouça. — Quero primeiramente desfrutar de sua companhia em um agradável jantar e quem sabe terminarmos a noite em um local mais reservado. Acho que você vale o investimento. — Envio sem medo de ter sido muito direta, afinal, ele é um puto mesmo.

— Agora me diz: o que pretende fazer com esse jantar? Em que jantar e entregar sua virgindade para um prostituto vai te ajudar? — questiona, como se não tivesse sido ela quem primeiro sugeriu tal plano.

— Mas quem disse que é só isso? Amanda, vou convencê-lo a me ensinar tudo que sabe sobre sexo, a teoria e também a prática se for preciso — assevero mais uma vez olhando para o belo rosto e o corpo bem cuidado do homem de cabelos claros que parece estar olhando diretamente para mim.

— Ah, tá, Einstein, e como vai pagar essas aulas mesmo? — Sabia que ouviria essa pergunta.

— Simples, vou abrir o jogo com ele, menos a parte que sou menor de idade. Explicarei o que tenho em mente e lhe darei parte do que ganhar, simples assim.

É, parece um bom plano.

— Ele vai ser seu cafetão?

Ela falando dessa forma parece estranho mesmo, mas espero que dê certo. Não tenho como voltar atrás.

Não tendo mais nada a discutir, ficamos as duas paradas durante alguns minutos olhando fixamente para o perfil de Henry no site e nada de ele responder.

— Está vendo? Isso é um sinal de que esse negócio não daria certo.

— Amanda quebra o silêncio e a expectativa quando na cara diz que não irá me responder. — Vem, vamos almoçar, perdemos a manhã inteira com isso – diz puxando minha mão, levando-me em direção a cozinha.

Estamos na metade do caminho quando ouvimos um barulho vindo do notebook. Olhamos para trás e sinto meu sangue gelar nas veias ao dar-me conta de que neste momento, ele está digitando uma resposta.

# Colocando em prática

Clara

Agora, sentada no banco de trás do táxi, pago por minha amiga, olho-me no espelho pequeno e arredondado que seguro na minha mão. Nele vejo refletida uma jovem mulher, que com seu batom vermelho e olhos bem marcados, em nada lembram uma menina de dezessete anos.

Agora que estou prestes a colocar em prática meu plano, percebo que ele tem tudo para dar errado, um passo em falso e estará tudo acabado para mim. Preciso convencê-lo a ajudar-me, custe o que custar.

Decidida, saio do táxi e olho impressionada para fachada do restaurante à minha frente. Nem em mil anos eu me imaginaria entrando *num* desses. Aqui de fora tudo lembra sofisticação. Espero sinceramente que as pessoas lá dentro não consigam sentir o cheiro do desespero exalando de mim. Que não percebam por baixo de toda essa maquiagem, roupa sexy e salto alto se esconde uma moça sem um tostão furado na carteira.

Adentro no recinto e quase tenho que segurar meu queixo para o que o mesmo não caia sobre o carpete. De uma forma vista somente em filmes e novelas, estou em um lugar onde tudo remete a luxo e poder.

Dou mais alguns passos quando sou interpelada por um maître que nem ao menos percebi o momento em que se aproximou de tão impressionada que estou com o ambiente.

— Boa noite, senhorita — cumprimenta, cheio de pompa. — Tem alguma reserva?

— Clara Aguirre e Henry Pimentel — informo do jeito que ele me instituiu.

— Por aqui, senhorita — chama depois de verificar sua prancheta com as reservas.

Sigo o maître até a mesa reservada por Henry e não pude deixar de notar sua localização. Com uma dose de alívio percebo que ficaremos no canto esquerdo do restaurante, um local reservado, onde teremos a privacidade para tratarmos de nossos assuntos.

Sabendo que cheguei cinco minutos adiantada, sento na confortável cadeira a sua espera. Nesse meio tempo, olho em volta e ainda não consigo acreditar em como vim parar aqui.

Lembro-me do momento em que eu e Amanda paramos na frente do computador e lemos sua resposta que até então parecia que não viria. Em uma mensagem curta e grossa, Henry respondeu:

*Amanhã. Restaurante BellaMia, às 20h.*

Assim, depois de muito planejar sobre como me comportar, o que falar e o que vestir, aqui estou eu, esperando um homem desconhecido, tendo como base apenas alguns poucos dados e uma foto, postados em um site voltado para a prostituição.

— Pontual, que maravilha. — Olho assustada na direção da pessoa que acaba de parar em frente à minha mesa. Apreensiva, fixo meu olhar no rosto do homem e basta isso para que todo o ar abandone os meus pulmões.

Aqui na minha frente está o homem mais lindo e sexy que já vi em toda a minha vida. Tendo por volta de 1,85 de altura, o homem exibe um conjunto perfeito. Olho primeiramente para seu peitoral e braços. Ele exibe um corpo forte e musculoso, na medida certa.

Depois de analisar abertamente a parte visível do seu corpo, olho atentamente seu belo rosto. Os cabelos em um tom de loiro escuro, exibe um corte despojado com mexas arrepiadas em um estilo moderno e atual. Os olhos em um tom azul-escuro ornaram perfeitamente com seus lábios sexys e juntos formam a boca mais beijável que já tive o prazer de colocar os olhos.

— E aí? Gostou do que viu? — Sinto meu rosto queimar de vergonha por ser pega no flagra. — Porque eu posso garantir que estou gostando muito do que estou vendo. — Coro com sua cantada direta e o seu olhar malicioso, isso sem falar na voz.

Que voz!

— Oi, tudo bem? — cumprimento meio sem graça ao me ver diante de um homem que exala testosterona. Muito diferente dos garotos com quem estou acostumada a lidar no último ano do colégio.

— Melhor agora que te conheci, gatinha. — Solta com o olhar

revezando entre meu rosto e o decote quase exagerado que Amanda insistiu para que eu vestisse.

— Então... Já que estamos aqui, gostaria que fôssemos direto ao assunto — falo de maneira direta. Tenho que cortar suas gracinhas de uma vez. Não quero que fique pensando que sou apenas uma mulher atrás do seu charme irresistível e desesperada por uma noite de sexo.

— Calma, amorzinho — diz de forma indulgente. — Sei que está ansiosa para a sobremesa, mas acho que o jantar vem primeiro, não? — indaga. Não passa despercebido a frase de duplo sentido e menos ainda o fato de ele ser um cafajeste com esse sorriso fácil no rosto.

Meu Deus! Acho que ele realmente está pensando que estou louca para transar. Não que isso seja mentira. Desde o minuto em que coloquei os olhos em cima desse deus do sexo, sinto arrepios em partes do meu corpo que não imaginei ser capaz de tais reações. Sinto um arrepio vindo do tornozelo até a junção entre minhas pernas, fazendo com que eu tenha uma vontade incontrollável de esfregar uma na outra para ver se alivia a dor que começa a surgir.

O ato de olhar para rosto perfeito desse homem, enfeitado com um sorrisinho torto capaz de derreter cérebros, faz-me perceber que garotos como os que já flertei no colégio não são nada perto dessa espécime. A verdade é que se eles fossem postos lado a lado com Henry, teriam suas presenças reduzidas a nada. Se em poucos minutos fui capaz de notar isso, chego à conclusão que ele faz jus ao título do melhor sexo entre os acompanhantes da cidade. Resta-me apenas permanecer firme no meu propósito e não me deixar levar por todo esse magnetismo.

— S-sei — gaguejo monossilábica.

*Se concentra*, Clara!!

— Quer dizer, não é disso que estou falando — tento justificar, piorando a situação. Ele deve estar se perguntando o porquê de ter aceitado perder seu precioso tempo e dinheiro — não que eu pretenda pagar — com uma pateta como eu.

— Ah, não é? Você sabe o que geralmente se espera depois desse jantar, não é mesmo? — Avalia-me como quem procura por respostas e não só para a pergunta. — Diga, meu bem, quero que me fale com todas as letras o que faremos depois que saímos daqui. Diga-me como nossa noite vai acabar. — Provoca-me, passando suavemente o dedo indicador na palma da minha mão, que desde o início do jantar está na mesma posição.

Em sua presença ajo como um robô com frases ensaiadas. E com esse pensamento acabo por perceber que ele está desconfiando de mim, que todas as perguntas e tentativas de me deixar sem fala trata-se de um teste.

— Claro que sei e foi por isso que marquei com você. — Tento tardiamente transmitir segurança. — Você é um garoto de programa, cobra uma baba por somente um jantar e uma noite de sexo. Não apenas uma noite qualquer, mas a melhor de todas. Pelo menos é isso que se fala de você. Concorda com isso? — Tento parecer fria e prática, embora o nervosismo e a calcinha molhada queiram contar outra história.

— É só aguardar, meu bem, aguarde e se torne mais uma a propagar minha fama. E se estou pensando bem, não será nenhum sacrifício, pelo contrário, será um prazer te foder. Você é bem gostosinha — diz sem piscar.

*Jesus, me socorre! Que homem quente.*

— Acho que você está enganado, não é disso que se trata. Quer dizer, é e não é. Envolve sexo, mas não dessa forma. Tenho uma proposta para te fazer e tenho certeza de que será vantajosa para nós dois — digo e tento analisar sua disposição em aceitar ou não, seja qual for o plano.

— *Pra* falar a verdade, não consigo ver nada mais vantajoso do que transar com você. A não ser que estejamos falando de algo ilegal. E por falar em coisas ilegais, a sua beleza me cegou a ponto de fazer-me esquecer de tirar uma dúvida que tive no momento em que pus os olhos em cima de você — diz, analisando-me do meu colo ao rosto.

— O quê? — indago, temerosa por imaginar o que ele vai perguntar. Fui descoberta!

— No momento em que te vi, percebi que é bem jovem e eu não saio com menores. Você sabe que é crime. — Sinto meus olhos se arregalarem ao ponto de pular como duas bolas de gude obre a mesa.

— Então, antes de prosseguirmos com isso me responda: quantos anos você tem, gatinha?

# Roubada

Henry

— Eu não acredito que você fez isso, caralho — digo vermelho de raiva do Miguel, meu ex-melhor amigo. — Como pode fazer isso, *porra*? — Avanço em sua direção.

— Quantas vezes eu te avisei para não me envolver nos seus negócios sujos? — indago.

— Foi mal, cara, eu ia te avisar, só não imaginei que você descobriria antes — justifica-se, fingido uma culpa que não sente.

— Avisar o quê? Que adicionou meu perfil e meus dados nesse seu site de prostituição? Pensou em avisar depois que lucraste uma grana? — Sinto minha raiva aumentar a cada instante.

— Eu sei que foi egoísmo da minha parte, mas juro que não queria te prejudicar. A ideia era de somente dar uma guinada nas finanças com seu belo perfil — tenta brincar —, mas garanto que já estava parando.

— Parando? Então essa não é a primeira vez? — pergunto, pasmo com o que acabo de descobrir. — Como e há quanto tempo você está fazendo isso?

— Faz uns oito meses. — Começa a contar. — Lembro que um certo dia, a Margot adicionou acidentalmente sua foto a um perfil e em segundos surgiram diversas propostas de encontros. Então ela teve a ideia de deixar a foto, completar o perfil e quando os encontros fossem marcados, ligaríamos instantes antes remarcando com outro cara, porque supostamente, o grande Henry não poderia comparecer por conta de um imprevisto de última hora. Só não imaginávamos que as coisas ultrapassariam o limite. As garotas passaram a sair com outros caras e logo depois avaliavam no seu suposto perfil, já que eles, propositalmente, não têm um. Assim nasceu a sua suposta fama de maior e

melhor fodedor da cidade — termina de explicar como se o que fizeram fosse a coisa mais natural do mundo.

— Tinha que ter o dedo daquela vadia nessa história. Será que você não entende que essa vaca te manipula por dinheiro e você sempre cai como um patinho nas tramoias? — tento alertá-lo contra a mulher que tem o levado pouco a pouco ao fundo do poço.

Lembro-me do dia em que a conhecemos, Miguel que sempre foi o mais ingênuo e crédulo de nós dois, logo se encantou por Margot, uma mulher inescrupulosa que segundo já ouvi falar, nunca soube como ganhar dinheiro honestamente. E assim tem sido a vida do meu amigo há mais de dois anos, sempre nos metendo em problemas.

Apesar de tudo, nunca desisti dele, pois sei que de alguma forma irei tirá-lo dessa. Eu sei que Miguel é um cara de bom coração e é isso a causa de todos os nossos problemas. Digo nossos porque o tenho como um irmão mais novo e seus problemas são os meus. Sempre foi e sempre será assim.

— Não fala assim dela, cara. Estou nessa porque quero - tenta defender a mulher como sempre faz. Preciso pensar em alguma coisa *pra* tirá-lo das garras da vadia.

— Já chega, Miguel, não vou mais discutir com você sobre este assunto. Um dia me dará razão — falo decidido a encerrar o assunto. Preciso resolver outra coisa com ele e a vaca.

— Tem outro assunto que precisamos falar — digo com seriedade. — Aceitei uma garota como cliente e não quero em hipótese alguma que você ou aquela mulher se meta, *tá* entendendo? A garota é assunto meu!

— Seu safado! Está aqui me dando o maior sermão e quer comer uma garota que acidentalmente encontrou — acusa-me, com razão.

— Não quero comer ninguém, a menina apenas chamou minha atenção e quero me divertir um pouco — confesso.

Não se enganem com meu discurso anterior, posso ter alguns princípios, mas nem de longe sou um santo, e apesar de não ser o grande garoto de programa como pensam, já tive em minha cama um número de mulheres que nem mesmo sou capaz de contar.

— Tudo bem, garanhão, a garota é tua. *Se divirta* — finalizou ao se despedir de mim. — Agora vaza que hoje estou ocupadíssimo.

— Tudo bem, só não esqueça: a garota é minha. — Viro-lhe as costas, indo na direção da porta de saída.

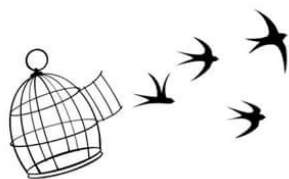


Enquanto dirijo para a minha casa, reflito a surpresa que foi receber um e-mail como o que Clara Aguirre enviou-me, e não posso negar que o choque em descobrir a cilada que Miguel nos me meteu foi menor que a excitação por ver o lindo rosto da garota.

Sim, garota, pois pelo que deu *pra* reparar, ela não deve ter mais que vinte e um anos. Na fotografia a menina ostenta um olhar doce e inocente, como quem não tem nenhuma experiência com o sexo oposto. Impressão equivocada, com certeza, uma garota como ela deve ter tido diversos homens na sua cama e eu estou louco, não só para vê-la, como também para tocá-la.

*E essas horas que não passam nunca?*, digo a mim mesmo ao constatar que ainda estamos no meio da tarde.

Inferno! Longe demais da hora em que finalmente colocarei as mãos em Clara.



— A senhorita Clara já chegou? – intercepto o maître antes mesmo de ele me cumprimentar. Espero não ter minhas expectativas frustradas, pois nunca me vi tão ansioso por encontrar uma mulher como estou com essa menina.

— A senhorita Clara está ali, senhor – responde ao conferir na prancheta.

Olho para o local indicado pelo maître, e só em vê-la sentada de costas sinto um calafrio subir pelo meu corpo. No entanto, decido ignorar essa sensação de estar me metendo em uma roubada ao caminhar ansioso até a mesa reservada para o nosso jantar.

Depois de alguns passos, finalmente chego onde queria está desde o momento em que coloquei os olhos sobre a foto dela e, puta que pariu! Nada nessa vida causou-me um impacto tão grande quanto ao que estou sentindo agora, vendo-a pessoalmente.

Parado como um adolescente idiota, permaneço estático, com os olhos vidrados nela.

*Como ela é linda, porra! A foto definitivamente não lhe faz justiça.*

Dona de um rosto delicado, emoldurado por grandes olhos verdes e

uma boquinha carnuda, a garota sentada à minha frente em nada lembra as outras mulheres com quem dormi em todos esses anos e, mesmo que esteja se esforçado, ela não consegue disfarçar o quão jovem e inexperiente é.

— Pontual, que maravilha – digo, assustando-a e imagino que não estivesse esperando por uma abordagem tão direta.

*Acostume-se, gatinha, os jogos estão apenas começando.*

Passado o momento de susto, a garota logo começa o tour pelo meu corpo.

*Isso mesmo, gostosinha, olhe bem para o homem que te comerá até a exaustão.*

Sim, isso vai acontecer. Não existe a menor chance de eu não terminar a noite enterrado até o talo na boceta dessa gostosa.

— E aí? Gostou do que viu? – provoco, adorando ver seu rosto queimar de vergonha. – Porque posso garantir que eu estou gostando muito do que vejo. – digo malicioso, somente pelo prazer de vê-la enrubescer novamente e se não tomar cuidado, acabarei viciado nisso.

— Oi, tudo bem? - cumprimenta sem jeito, deixando-me cada vez mais curioso a seu respeito.

— Melhor agora que te conheci, gatinha – Tento, sem sucesso, tirar os olhos do seu decote sexy. Devo confessar que minha maior tara é um belo par de seios e esses são aparentemente deliciosos. Sinto meu pau sacudir e a boca salivar apenas por imaginar o que farei com essas belezinhas.

— Então... – ela começa, apreensiva — já que estamos aqui, gostaria que fôssemos direto ao assunto. – Clara é direta, apesar do nervosismo, e isso me surpreende bastante. Aliás, surpreender-me é tudo o que tem feito desde o momento em que recebi o seu e-mail na porcaria do site que por alguma razão decidi vasculhar.

Não diferente de todas as outras, eu tinha a intenção de mimá-la um pouco antes de partir *pra* ação, mas já que ela está tão a fim de fazer sexo, não serei eu a fazer objeção. Afinal, a pressa dela em me dar não deve chegar perto da minha urgência para comer sua boceta.

— Calma, menina. Sei que está ansiosa pela sobremesa, mas acho que o jantar vem primeiro, não? – provoco mais uma vez, decidindo que a expectativa da espera tornará a nossa noite ainda mais movimentada.

— S-sei – gagueja ela, não tendo muito sucesso na tentativa de esconder o nervosismo. — Quer dizer, não é disso que eu estou falando. – Agora

fiquei confuso.

— Ah, não é? Você sabe o que geralmente se espera que aconteça depois do jantar, não é? — indago meio perdido. Será que interpretei errado todos os sinais? — Diga-me, como esta noite vai acabar? — provoco ao passar lentamente o dedo indicador na palma de sua mão que permanece estática sobre a mesa desde o momento em que cheguei.

— Claro que sei e é por esse motivo estou aqui, jantando com você — diz tentando aparentar segurança. Tem alguma coisa errada com essa garota. Estou deixando algo importante passar. — Você é o garoto de programa que cobra uma baba por um jantar e uma noite de sexo. Não uma noite qualquer, mas a melhor de todas. Pelo menos é isso que se fala a seu respeito. Concorde com isso? — Ela quase me convence de que é a garota prática e segura que agora decidiu interpretar, mas para o seu azar, sou experiente o suficiente para conseguir ler intenções e expressões corporais.

— É só aguardar. Prove e se torne mais uma a propagar a minha fama. — Jogo pesado, decidido que de toda essa situação que começa a deixar-me intrigado, só não posso perder a chance de tê-la na minha cama. — Para mim será literalmente um prazer te mostrar o porquê de ser conhecido como o melhor. Você é uma delícia, Clara Aguirre, mal posso esperar pelo momento em que te terei nos meus braços, do jeito que nós dois queremos — assevero, piscando com malícia para ela que surpreendentemente cora como uma adolescente.

O jogo se torna mais interessante juntamente com a percepção do quanto é bom ser outra pessoa. Pelo menos por uma noite, tornar-me outra pessoa.

— Acho que você entendeu errado, não é disso que se trata. Quer dizer, é e não é. Envolve sexo, mas não dessa forma. — Clara se enrola nas palavras. — Tenho uma proposta para te fazer e tenho certeza de que será vantajosa para nós dois. — Proposta?

Isso aqui está ficando estranho. O que ela poderia querer de mim além de uma boa foda?

Eu sou só um garoto de programa, caralho!

— *Pra* falar a verdade, não consigo ver nada mais vantajoso do que transar com você — sou direto e sincero. — A não ser que estejamos falando de algo ilegal. — Analiso sua expressão e ela aparenta estar ainda mais desconfortável. — E por falar em coisas ilegais, a sua beleza me cegou a ponto de fazer-me esquecer de tirar uma dúvida que tive no momento em que pus os olhos em cima de você. — Analiso mais um pouco o seu rosto e bingo!

Finalmente me dei conta do que vem incomodando-me desde o início dessa conversa.

— O quê? – pergunta, interrompendo meus pensamentos.

— No momento em que te vi percebi que é muito jovem e quero deixar claro que não saio com menores de idade. – Na medida em que vou falando vejo seus olhos se arregalando de susto e uma terrível desconfiança surge.

PUTA QUE PARIU! Não é possível!

Mesmo tendo percebido através da foto anexada ao e-mail o quanto ela é jovem, só agora percebo que pessoalmente e ainda que coberta por uma pesada maquiagem, ela aparenta ser mais jovem. Jovem o suficiente para que a pergunta seguinte não possa deixar de ser feita.

Simplesmente não posso seguir com esse jogo sem antes saber.

— N-não sei por que está me falando isso, você está fugindo do assunto.

— *Me responda*, menina: qual a sua idade?

# Proposta

Henry

— Dezenove, tenho dezenove anos – responde sem jeito. Que estranha. E puta merda, ela é ainda mais jovem do que eu supunha, mas pelo menos não é menor de idade. Isso sim seria um problema.

— Dezenove – repito quase para mim mesmo. — Posso saber o que uma menina da sua idade está fazendo aqui? Não se acha capaz de conseguir seus namoradinhos sem ter que recorrer a isso? – pergunto sem conseguir disfarçar o incômodo que estou sentindo somente por lembrar que outro cara poderia estar aqui no meu lugar.

Não sei de onde saiu essa possessividade. Já tive todos os tipos de mulheres; mais bonitas e experientes e no entanto, nenhuma despertou tal sentimento.

— Isso não vem ao caso – responde de forma desaforada, tentando aparentar uma maturidade que ela obviamente não tem. — Como eu falei antes, os motivos pelos quais te procurei não são os que você imagina. – Não? Se não é pelo sexo, o que será que ela *tá* aprontando?

— Que pena! – Pego em sua mão. — Eu já estava sonhando com nós dois sobre uma cama ou uma mesa, fazendo coisas que você adoraria ao ponto de querer repetir a dose – provoco.

— Estou falando sério, Henry – *Me corta*, desnorteada.

— Tudo bem, se não é pelo sexo que estamos aqui, por que você me chamou então? Afinal, imaginei que seria esse o motivo de termos concordado em vim até aqui. – Vou para o inferno, tenho certeza. Não tem como pensar o contrário depois de pressionar a garota dessa forma, ainda mais quando nem sou o que ela espera.

— Preciso da sua ajuda – pede num rompante. – Eu não estaria

neste restaurante se minha situação não fosse tão desesperadora – confessa e pela primeira vez deixa-me verdadeiramente preocupado.

— Calma, garota! – Seguro sua mão ao notar seu nervosismo. O que será que uma moça como ela tem de tão grave para falar a ponto de deixá-la tão apreensiva em tocar no assunto? – O que você quer de mim?

— Quero que me ensine tudo o que sabe – joga à queima roupa.

— Como assim tudo o que sei? – pergunto verdadeiramente confuso.

— Tudo sobre sexo – completa como se fosse a coisa mais natural de se dizer a um estranho.

— E posso saber qual a razão disso tudo? Afinal, isso você aprenderá naturalmente com os moleques da sua idade – digo com desdém.

— Eu não tenho tempo para isso, quero ser profissional assim como você. Não mais uma e sim a melhor. – Ela não pode estar tentando dizer o que estou imaginando ouvir.

— Desculpa, pode ser mais específica? Acho que não entendi muito bem o que você quer de mim.

— Isso mesmo que está imaginando. Quero ser como você, vender meu corpo em troca de dinheiro. – Aí está, mesmo desconfiando que ela falaria isso, não estava preparado pra ouvir.

— Quer se prostituir? Você só pode ser louca, garota. O que foi? Sua vidinha de garota mimada anda tão tediosa a ponto de sair dando a boceta para todo tipo de homem em troca de dinheiro? – digo sem a menor ideia de onde saiu todas as coisas que falei e no seu rosto vejo o olhar magoado que em nada combina com o pedido que acabou de fazer.

— Cala a boca! – diz furiosa.

Deus! Como ela mudou de humor tão de repente? Vendo-a assim nem parece que estou diante de uma jovem mulher e sim de uma adolescente de no máximo dezesseis anos. — Você não me conhece e nem sabe nada sobre a minha vida, portanto, não me julgue dessa maneira.

— A única certeza que tenho é a de que estou diante de uma mulher jovem, linda e saudável. Não vejo um motivo sequer que justifique o que está querendo fazer com a sua vida.

— Qual o seu problema? Eu combinei esse encontro com o maior prostituto da cidade, não imaginei que encontraria um confidente. Se eu quisesse conselhos pediria a um padre e não para você. – A garota me fita com desdém ao

dizer todas essas coisas.

— Então faz o seguinte, vai procurar um padre ou seja lá quem você quiser, só não conte comigo, garota. *Tô fora!* – Levanto, jogando o guardanapo sobre a mesa de maneira brusca. — Adeus e boa sorte, gatinha – debocho antes de virar-lhe as costas.

Já fora do restaurante, pego as chaves com o manobrista, entro no carro e só então paro para pensar na loucura que foi todo o jantar. Quer dizer, tentativa de jantar já que saí antes mesmo do garçom anotar nossos pedidos.

Para completar o desastre, a chuva começa a cair assim que ligo meu *Alfa Romeo*.

*Merda!*

Não posso sair daqui antes de conferir como a garota vai para casa. Não sou tão canalha assim.

Passam-se alguns minutos quando a vejo sair e parar na calçada. Ela olha atentamente em todas as direções e imagino que esteja aguardando seu motorista.

Após alguns minutos a observando com fascínio, reparo que ao contrário do que eu imaginava, Clara não está esperando alguém vir buscá-la e sim que a chuva diminua sua intensidade. Minha suspeita é confirmada assim que ela sai da calçada e passa a caminhar rapidamente debaixo da chuva que agora cai mais fina.

Sem parar *pra* pensar, acelero o carro até que ele esteja ao seu lado, acompanhando os seus passos.

— Entra no carro, agora – falo entredentes na tentativa de conter minha fúria, pois não quero piorar ainda mais a situação entre nós. — Você é muito doida, não é mesmo, garota? Sair no meio desse aguaceiro e a esta hora da noite?

— Deixe-me em paz! Acho que nossa situação já ficou bem clara quando o senhor saiu daquela forma no meio do jantar – acusa.

Que garota geniosa.

— Senhor? Passe meia hora *num* quarto comigo que te mostro o senhor, meu bem. – Jogo meu charme infalível, ou quase infalível.

— Saia do meu caminho – pede e começa a correr, provavelmente em direção ao ponto de ônibus. Tem alguma coisa muito errada na vida dela e eu não posso perdê-la de vista até descobrir do que se trata.

— Você escolhe, ou entra no carro com suas próprias pernas ou entra carregada – digo ao parar novamente ao seu lado.

— Tudo bem, vou aceitar a carona, mas é só porque você acabou de me fazer perder a condução – diz ao entrar no banco do carona.

Quando ela se acomoda, ligo o aquecedor para espantar o frio que certamente está sentindo após o banho de chuva. Enquanto passa as mãos pequenas e delicadas pelos braços na tentativa de secá-los, tento, mas não consigo resistir em olhar na sua direção.

*Puta que pariu! Como ela é linda.*

Não o tipo de beleza que costuma atrair homens como eu, acostumados ao exagero. Tudo nela remete a naturalidade, longe da perfeição conquistada à custa de cirurgias plásticas e quilos de maquiagem e, apesar do nosso desastroso encontro, tudo nela me atrai, desde sua beleza sem artifícios até a personalidade instigante.

Quero Clara para mim. Não sei quando ou como, mas essa garota vai ser minha mulher.

Depois de um tempo e do completo silêncio dentro do carro, finalmente paramos na frente do seu apartamento e pelo que pude, superficialmente, notar, ela vive em um bairro de classe média e o é prédio bem localizado.

— Valeu pela carona e desculpe-me o incômodo. – Oferece a mão timidamente, demonstrando certo constrangimento. Como não sou bobo, pego sua mão pequenina e a puxo em minha direção. Preciso dessa proximidade.

— Foi um prazer, meu amor! – Beijo o canto da sua boca, e falando sussurrado ao seu ouvido. Ao me afastar e ver a confusão em seu olhar, aproveito e pego o celular que a pouco ela digitava freneticamente.

— Ei! *Me devolve* isso aqui. – Tenta puxar o aparelho enquanto eu dou um toque no meu próprio celular.

— Pronto, aqui está. – Entrego-lhe.

— O que você fez? – pergunta, olhando desconfiada para tela do aparelho.

— Nada, apenas salvei seu número. Amanhã eu te ligo, tudo bem? – Preciso desse tempo para pensar em como vou conduzir tudo e também para descobrir mais sobre ela.

— Ligar? Achei que você não estivesse interessado na minha proposta – diz, surpresa.



— Ah, mas eu tô muito interessado – afirmo ao fazer carinho no seu rosto. — Você nem imagina o quanto.

— Então por que...

— Sem perguntas, linda, como eu disse, amanhã nos falamos. Pense em mim que eu com certeza estarei pensando em você. Dou mais um beijinho no canto da sua boca como despedida, ainda que minha vontade seja devorá-la.

— Tudo bem, então... até amanhã – despede-se desconcertada com a minha proximidade. Age como se fosse inexperiente, o que contraria a lógica, levando-se em conta o que me propôs.

Depois de vê-la sair do carro aguardo mais alguns minutos até que entre dentro do prédio e sem muito pensar pego o celular e ligo para o Garcia, meu amigo de longa data e investigador particular.

— Fala, cara, beleza? Preciso que faça um serviço para mim.

# Pernas bambas

Clara

— Se continuar me interrompendo desse jeito não vai ter como te contar como foi, Amanda. — Tento frear a preocupação misturada com empolgação de minha amiga que ligou poucos minutos depois de o Henry ter me deixado na portaria do prédio.

— Fala logo, Clara, não me irrita! Você sabe que isso poderia ter acabado muito mal. E esse tal cara, como ele é pessoalmente? — começa a avalanche de perguntas.

— Calma, uma pergunta de cada vez. Sobre o Henry, a única coisa que posso te dizer é que aquela foto não faz jus a beleza dele. Pensa *num* cara lindo, charmoso e cheiroso, amiga. E não é só isso, apesar do encontro ter dado um pouco errado, no final das contas, terminou da melhor forma possível — digo confiante.

— Que tom é esse na sua voz, Clara, você não pode estar interessada no prostituto. Ainda lembra dos motivos que a fizeram entrar em contato com ele? — Tenta me alertar, afinal, esse sempre foi o principal papel dela na minha vida, pois apesar de sermos boas garotas, ela sempre foi mais centrada e certinha, enquanto eu sou a romântica e sonhadora o suficiente para entrar em algumas enrascadas.

Talvez essas não sejam mais as minhas principais características depois de um belo dia acordar e perceber que a vida real não é exatamente um conto de fadas e principalmente, depois de ver meus ideais românticos serem desconstruídos ao me ver obrigada a contratar um garoto de programa para tirar minha virgindade, a outra única barreira entre mim e os meus planos.

— Não, eu não esqueci, amiga. — É a verdade, ainda que ele tenha me deixado de pernas bambas.

— Está bem, mas me fala: ele aceitou sua proposta? – pergunta o que queria perguntar desde o início da ligação. Conheço Amanda e sei que ela não se aguenta de curiosidade.

— Não. Muito pelo contrário, ficou jogando charme enquanto estava achando que eu era uma cliente, mas na hora que falei o motivo de tê-lo procurado ele virou uma fera, deu-me as costas e foi embora. Deu tempo nem de jantarmos. Ainda bem, né? Já pensou se ele saísse depois de comer e deixasse a conta para eu pagar? Teria que passar a noite lavando pratos para conseguir pagar a dívida – tagarelo sem parar, como faço quando fico nervosa.

— Que homem babaca. E onde entra a parte boa disso, sua doida? – indaga confusa.

— A parte boa é que com essa chuva toda que caiu, ele se sentiu culpado em me ver sair no meio do temporal e resolveu oferecer carona – digo animada.

— Olha, pelo visto nosso bad boy tem um coração. E o que mais? – Ela está ansiosa.

— Mais nada. Apenas senti ele meio balançado e prometeu ligar amanhã. E eu sinto que ele vai ligar.

— Só toma cuidado, Clara, e não deixa de me avisar se precisar de alguma coisa. Agora vá comer, tenho certeza de que está morrendo de fome – brinca com o fato de eu ter saído do restaurante antes mesmo do garçom aparecer para anotar os nossos pedidos.

— Estou mesmo. Tudo culpa daquele troglodita.

— Mas bem que você gostou do troglodita, não é mesmo? Tchau, Clara. Durma bem e sonhe com seu troglodita – despede-se.

Depois de comer o macarrão delicioso da Chica, tento inutilmente dormir. A ansiedade me coroe as entranhas. Simplesmente não consigo esquecê-lo. A voz, os expressivos olhos azuis... Que homem lindo. Será que ele realmente vai ligar? Espero que sim, pois sei que por mais furioso que tenha ficado com a minha proposta, notei que também ficou interessado em mim como mulher.

Tenho que deixar o sentimentalismo de lado e usar o meu interesse a meu favor. Não imagino o que ele pretende ao prometer me ligar, sei apenas que preciso da sua concordância em ensinar-me tudo que o sabe. Meu tempo está acabando e não tenho outra saída. Se não for ele terá que ser outro.

*Por favor, Deus, que seja ele, seria como unir o útil ao agradável, disso eu tenho certeza.*

# Contraproposta

Henry

— Oi, Clara, tudo bem? Espero não ter acordado você – digo ao telefone, recriminando-me por ter ligado tão cedo.

Até tentei esperar por mais uns dias até Garcia trazer as informações que solicitei a respeito da vida da garota. No entanto, a ansiedade e a expectativa mal me deixaram dormir.

— Não acordou, costumo levantar cedo pra ir ao col... enfim, não acordou.

— Está disponível agora? Tenho outra proposta para te fazer, se puder e ainda tiver interessada, peço para o meu motorista ir te buscar agora mesmo. Podemos conversar enquanto tomamos o café da manhã. Tudo bem *pra* você? – pergunto.

— Não precisa se incomodar, posso ir de ônibus mesmo.

— Não incomoda, em trinta minutos Jack estará aí. Até mais! – Desligo, impedindo-a de inventar mais desculpas.

Depois de muito pensar ao longo da noite, acabei convencido de que não posso ignorar a atração que estou sentindo por essa garota. Nem idade e muito menos essa idiotice que ela pretendia fazer me impedirão de reivindicá-la. Inicialmente, preciso fazê-la acreditar que concordei em ensiná-la como se portar na cama com um homem, essa será a melhor parte. Aos poucos, a convencerei de que esse não é o melhor caminho, seja qual for a sua motivação.

Pensativo, analiso bem minha espaçosa cobertura e torço para que

ela não desconfie de todo esse luxo, até porque, uma cobertura cara como essa pode muito bem ter um empresário como proprietário, mas nunca o garoto de programa que eu finjo ser.

Passam-se vários minutos até que escuto a campainha tocar.

É ela!

— Entre, por favor! – Abro a porta, dando espaço para a gostosinha entrar e se tinha lhe achado deliciosa ontem à noite, hoje, vestindo jeans e camiseta que deixa parte da sua barriga a mostra, sinto como se todo o sangue das minhas veias estivesse correndo diretamente para uma parte específica da minha anatomia.

— Oi – cumprimenta tímida. — Disse que queria falar comigo? – Vai direto ao ponto.

— Quero sim, mas antes vamos tomar nosso café. – Seguro nas suas costas, direcionando-a ao terraço. Chegando lá, a presenteio com uma apetitosa mesa de café da manhã.

— Nossa! Que linda, foi você quem fez isso? – pergunta impressionada.

— Não. Isso é coisa da Rita, minha amiga e funcionária, ela fez tudo isso antes de ir embora – digo.

— Isso quer dizer que estamos sozinhos aqui?

— Sim, por quê? Está com medo de mim, Clara? – pergunto ao puxar a cadeira para que se sente.

— N-Não – gagueja nervosa.

— Que bom, saiba que eu não mordo – provoco, ao sentar-me à sua frente. — Só se você pedir. — Lanço uma piscadela e a menina cora feito uma adolescente recebendo atenção da primeira paquera.

— Poderíamos ir direto ao assunto, por favor? *Te pedi* uma coisa e você não aceitou. O que mais quer de mim? – indaga com sua característica falta de paciência.

— Pelo que pude entender, você quer se tornar garota de programa e quer aprender com o melhor. – Sou eu, mesmo não sendo exatamente quem ela imagina. — Você só não me falou o que eu ganharia com esse acordo.

— Não falei mesmo, você não deixou, esqueceu? – ataca e tem razão quanto a isso. — A proposta é a seguinte: você me ensina tudo que preciso saber sobre a profissão; como devo me comportar tanto em público quanto entre

quatro paredes. – Cora ao dizer essa parte. — Eu, em contra partida, lhe daria uma porcentagem por encontro fechado. A duração disso e a sua porcentagem combinamos proporcionalmente ao quanto isso vai demorar e a quantidade de horas que você perderia comigo. É isso!

Que ideia idiota. Não sei o que seria dela se tivesse caído nas garras de outro cara. Minhas mãos coçam por vontade de dar umas palmas na sua bunda, castigando-a por ser tão inconsequente.

— Como você pôde notar, não preciso de dinheiro, então, essa segunda parte do seu plano está descartada. — Surpreendo-a e imediatamente seus ombros caem.

— Não tenho nada para oferecer e se não está interessado no dinheiro, não entendo o porquê de você ter me chamado até aqui. — Tenta se levantar, mas seguro sua mão, impedindo-a de levantar.

— Acho que você não entendeu. Eu não quero seu dinheiro, eu quero você. Apenas você – revelo, sentido um prazer indescritível ao ver o misto de emoções que passam pelo seu rosto. — Tenho uma contraproposta.

— Contraproposta?

— Isso mesmo. Você quer aprender e eu quero você. O que tenho em mente será vantajoso para nós dois – digo, tendo tudo planejado.

— O que você quer de mim, Henry?

— Eu já disse, quero você nua na minha cama. – Seus olhos crescem de tamanho pela surpresa. — Isso ficará somente entre mim e você. Aqui, neste apartamento terá todas as lições que precisar, mas perante as outras pessoas seremos como um homem e uma mulher que estão tendo um relacionamento. Eu quero exclusividade entendeu, Clara? Você será só minha, ninguém mais toca em você e te garanto que sairá daqui sabendo tudo que precisar saber.

— Tudo bem, é só isso? – pergunta pensativa.

— Sim. Por enquanto, é só isso. Amanhã vou te passar o contato do meu médico, preciso que faça alguns exames e eu também os farei. Precisamos fazer tudo certo, tudo bem para você?

— Sim, só não demore muito, por favor. Tenho urgência e quanto antes começarmos, melhor – diz sem jeito.

— Não se apresse, linda, se quer ser a melhor precisa de paciência e prática. – Espero que Garcia traga logo as informações que solicitei, necessito saber o motivo de ela estar fazendo isso. Deve ser algo muito sério para ter

tomado uma atitude tão drástica.

— Agora, vem aqui – peço, estendendo a mão para que ela venha sentar no meu colo. Vejo-a arregalar os olhos com meu pedido.

Hesitante, ela levanta da cadeira e para na minha frente. Eu, ansioso como estou, pego sua mão e sento-a de frente, com uma perna de cada lado no meu quadril. Não demora e percebo o quão péssima foi a ideia. Meu pau que até então estava adormecido, desperta imediatamente ao sentir a calor de seu sexo tão próximo a ele.

— Sente isso? Essa é a nossa primeira lição. Isso aqui se trata de intimidade. Entenda que não são todos os caras que simplesmente transam e viram as costas. Alguns necessitam de um momento de intimidade como este que estamos tendo, percebe?

— Sim – diz acanhada, talvez pela posição em que se encontra. É sério que ela realmente estava pensando em se prostituir? Não tem a menor chance de isso dar certo. Sinto-a desconfortável apenas por sentar nas minhas pernas.

— Preciso tanto de você, Clara – sussurro perto do seu pescoço delicado – Tão cheirosa, não vejo a hora de te ter nos meus braços, gatinha. No instante em que coloquei os olhos sobre a sua foto, senti que seria minha. – Não resisto e começo a beijar seu pescoço delgado, ora com beijos delicados, ora com chupadas vigorosas.

*Que delícia, porra!*

— Para, Henry! Você vai me deixar marcada. Como vou explicar isso as pessoas? – reclama, tentando inutilmente se afastar do meu agarre, mesmo que esteja com a respiração ofegante e o tom de voz diferente do habitual.

— Não diga nada... – Passo a mão no local onde deixei minha marca. – Quero que todos vejam que você tem dono, porque enquanto tivermos esse acordo, você será minha.

O aviso possessivo sai sem que eu tenha planejado, trazendo consigo sentimentos que não podem ser explicados.

# Primeira lição

Clara

*Minha nossa senhora das virgens desesperadas, me dê resistência,* imploro mentalmente ao sentir meu corpo vibrar em resposta ao seu ataque no meu pescoço. Céus!! Que delícia de homem. A coisa toda aconteceu tão rapidamente que não consigo nem lembrar qual foi o momento em que um simples café da manhã se transformou nessa saliência toda. Eu, uma adolescente boba, com o total de zero experiência no quesito macho, *me permiti* não só sentar sobre colo de um, como também me aconcheguei numa melhor posição. Até porque, o fato de não saber bem o que *tá* acontecendo não é motivo suficiente para frear a delícia que é sentir essa coisa dura cutucando a minha bunda. Pensem numa coisa dura, e pelo visto é grande também. Agora me digam: Qual a probabilidade dessa anaconda caber aqui dentro sem antes me rasgar no meio?

Podem deixar que eu respondo. A resposta é: Nunca! Não precisa nem ser especialista para saber que isso não vai dar certo. Sinto dor só de imaginar uma coisa dessas. *Minha nossa senhora das necessitadas*, o que foi que eu fiz? *Me ilumina*, como vou falar sobre isso com ele?

Não me julguem, por favor, não é todo dia que se tem uma conversa dessas com um homem, ainda mais com um desconhecido. Mas como não tem jeito, lá vamos nós.

— Ééé... Henry? – tento chamar sua atenção.

Ainda no seu colo, puxo seus cabelos para trás na tentativa de afastar sua boca nervosa do meu pescoço. *Bora lá, é agora ou nunca.*

— O que foi, linda, algum problema? – pergunta, ainda forçando a cabeça para a frente. Será que vou ter que arrancar os cabelos dele? *Edward Cullen* perde feio para esse sugador de pescoço alheio.



— Preciso fazer uma pergunta, mas antes, preciso que você me prometa que não rirá de mim. — Como se isso fosse possível. Espero pelo menos não denunciar minha total falta de experiência.

— Prometo não rir de você, Clara. Agora, você pode por favor soltar os meus cabelos? Vou me comportar, eu juro. — Solto o aperto em seu coró cabeludo confiando na sua palavra.

—Então... será que... — Porra, que dificuldade! Se eu não morrer de vergonha com isso, nada mais vai me constranger nessa vida. — Não sei como falar isso. — Sinto meu rosto queima de vergonha.

— Pergunta logo, linda. O que de tão grave você tem para falar que te deixa tão desnorreada? Você pode me perguntar o que quiser, até porque, nossa relação exige confiança de ambas as partes.

— Tudo bem, aí vai: será que vai caber? — pronto, falei. Minha cara tá no chão, mas vida que segue.

— Caber? Como assim caber, Clara? Não sei do que você está falando, garota. Seja mais específica. — Porra! Não acredito que vou ter que repetir isso.

— Quero saber se essa coisa dura e grande, que inclusive está neste momento cutucando a minha bunda vai caber dentro da minha vagina. — Minha cara neste momento deve estar mais vermelha do que o esmalte que pinta as minhas unhas.

— Coisa? Vagina? — pergunta, sério por uns dois segundo, antes de cair na gargalhada. Ele ri tanto que por pouco não me derruba no chão. — Idiota.

— Você prometeu que não faria isso — acuso, tentando desvencilhar-me dos seus braços e sair do seu colo. Uma tentativa vã. — Dá licença.

— Calminha aí, garota. Onde pensa que vai? Nós ainda não terminamos. — Acomoda-me novamente em cima da coisa e como uma boa menina, fico ali de boas, sentindo toda a dureza monstruosa.

— Você quer o quê? Continuar rindo da minha cara? — Olho atentamente seu rosto e não encontro nem resquício de sorriso. Menos mal.

— Não é nada disso. Quero apenas responder à sua pergunta. E desculpa se eu ri, mas confesso que não esperava essa pergunta vinda de uma mulher e sim de uma adolescente virgem. — Se ele soubesse... — Acho que entendi sua preocupação, minha linda — diz, passando as duas mãos da minha cintura até a base da bunda. Chegando lá, ele a pressionou contra seu sexo. — Tá sentindo o cumprimento dele? — Balanço a cabeça freneticamente e excitada com

a voz grossa e sexy demais para a minha saúde.

— Ele pode até parecer grande demais para o seu corpo e para falar a verdade é grande mesmo – diz convencido —, mas também não é nada que você não possa suportar, meu anjo. Prometo fazer de um jeito que não irá te machucar. Serei cuidadoso e jamais te machucarei, *tá bom?* – pergunta, carinhosamente.

*Ah, que vontade de lamber essa boca bonita.*

— *Tá legal!* – confirmo e aproveito *pra* dá uma esfregada na coisa que não irá me machucar. Se tem algo melhor que senti-lo roçando minha bunda, ainda não me apresentaram e por favor, não apresentem. Quero morrer aqui em cima.

— Para com isso, garota – rosna Henry que novamente atacou meu pescoço. *Mas não é possível uma coisa dessas! Que fixação é essa?* — Assim fica difícil me controlar. Quero fazer como combinamos, então não dificulte as coisas.

— *Tá bom, parei.* – afirmo, soltando meus braços, ele cortou meu barato, também vou cortar o dele.

— E outra coisa, Clara, se você vai fazer o que está planejando, precisa aprender alguns termos importantes – diz, deixando-me confusa.

— Como assim, termos? – Acho que me perdi no meio da conversa.

— Sim, termos. Primeiro que essa coisa dura cutucando sua bunda tem o nome técnico de pênis, mas isso acho que você já sabe. O que não sabe é que nós homens temos vários outros apelidos carinhosos para ele.

— Vários? – Não escondo o espanto. Sei que existem alguns, já que os homens são toscos o suficiente para tal, mas vários é uma novidade.

Desse jeito precisarei de uma cartilha.

— Seríssimo, tem pau, cacete, rola, pica; eu poderia te falar todos eles, mas acho que esses são os que precisa saber, por enquanto – diz claramente zombando da minha falta de informação quanto a assuntos tão "importantes" quanto esse. — Vamos, repita comigo: Pau.

— P-pau – gaguejo na primeira tentativa — Pau – repito e gosto do termo, soa mais depravado e menos mecânico.

— Isso, é dessa forma que ele deseja ser chamado quando estiver falando sacanagens no meu ouvido. – É direto e de repente sinto que o ambiente está mais quente.

— Quando a sua vagina, prefiro chamá-la de boceta. Aliás, a maioria dos caras preferem, então, não se assuste com isso.

Pelo visto, sairei desse acordo mais depravada que uma atriz pornô.

— Tudo bem, acho que posso me acostumar com isso. – E posso mesmo. Tenho até medo.

— *Tá vendo, teve uma amostra grátis antes mesmo da primeira lição – brinca.*

— Muito generoso você, sei nem como agradecer – ironizo sua brincadeira.

— Mas eu sei, *me sentirei* muito bem recompensado quando tiver meu pau atolado na sua pequena boceta.

Eu, definitivamente, gostei da forma como os novos termos combinaram com sua afirmação.

Henry

Vê-la enrubescendo como uma adolescente após a minha fala sacana tem o poder de deixar-me confuso com tudo o que foi dito e o que aprendi a seu respeito no curto espaço de tempo.

Eu sinceramente não sei onde estou me metendo. Toda a situação aqui é estranha. Não vou ser hipócrita e dizer que não estou gostando da nossa proximidade e de tê-la sentada sobre meu pau, pelo contrário, é meio que impossível ficar mais excitado do que já estou. No entanto, nem todo o fascínio e excitação são capazes de afastar da minha mente a ideia de que tem alguma coisa errada com essa menina.

Em que planeta uma garota da idade dela faria esse tipo de pergunta? Não tem condições de ela não saber certas coisas a respeito da anatomia do homem e da mulher durante uma transa. Puta que pariu! Qualquer um que já tenha feito sexo pelo menos uma vez na vida não teria essa dúvida.

*A menos que...*

Não, não é possível que ela seja virgem. Clara não faria essa proposta dessas ainda sendo virgem.

Decidindo que é melhor esquecer a desconfiança que não tem a menor chance de ser verdade, lhe aconchego melhor nas minhas pernas e recomeço a beijar seu pescoço delgado.

*Como ela é cheirosa, porra.*

Se não me controlar sou capaz de jogar as malditas lições para o alto

e comer ela agora mesmo. Continuo com meu ataque de boca e mãos quando o som do seu gemido acorda novamente minha mente e ela apenas grita: *virgem, virgem, virgem...*

Não dá, eu preciso tirar isso a limpo, senão é capaz de eu enlouquecer com essa dúvida e do jeito que está a situação aqui embaixo, não posso ariscar.

Precisando esclarecer tudo, afasto minha boca e seguro firmemente sua cabeça com as duas mãos. Ela, percebendo a mudança de clima, para o sutil rebolar que até então estava fazendo.

— Clara, desculpa meu descontrole, mas você é muito gostosa e não consigo me segurar – digo e acho que essa é uma das maiores verdades já ditas por mim. Essa menina tem um poder de fascínio inexplicável sobre mim.

— Tudo bem, acho que a culpa também é minha – fala num sussurro envergonhado.

— Já combinamos como tudo vai acontecer no nosso acordo, certo? – indago o mais delicado que posso e ela confirma acenando com a cabeça. — Vou ensinar tudo o que precisa saber para que atinja os fins desejados – minto. Jamais permitirei que se prostitua. Nessa vida ela não entra.

Não se eu puder impedir.

— Eu sei – diz receosa.

— O que eu preciso saber, meu anjo, é o quanto você já sabe sobre sexo. Até que ponto vai sua experiência no assunto. Já teve muitos amantes? Foram experiências prazerosas? – sondo, mesmo suspeitando qual será resposta. — Seja sincera, por favor. Eu preciso fazer do jeito certo.

— Não – *se limita* a dizer.

— Não o quê? Não teve muitos amantes ou não foram experiências prazerosas? – pergunto e ela abaixa a cabeça, envergonhada. — Responda, por favor! – Levanto seu rosto carinhosamente.

— Eu não tive nenhum amante. É isso que queria saber, Henry? Pois tá aí a resposta: EU SOU VIRGEM – revela, irritada. O que eu já suspeitava.

— Tudo bem, bebê. Todas as suas reações já tinham denunciado sua falta de experiência, queria apenas confirmar. Não precisa ficar nervosa. – Passo carinhosamente as mãos por suas costas. Não posso deixar transparecer a surpresa da descoberta. O fato de suspeitar não tira o susto da confirmação. Tem algo de muito estranho com essa garota e eu preciso descobrir o que é. Não tem nada de normal *numa* menina tão jovem e ainda virgem querer entrar no mundo

da prostituição. Preciso do resultado da investigação urgentemente. Até lá, preciso ter total cautela com ela. Não vai ser o mistério que envolve sua vida ou uma virgindade a me dissuadir de ter o que eu quero.

— Seu babaca! – Sinto meu rosto queimar pelo tapa que ela me dá e parece que a minha gatinha arisca tem garras afiadas. — Eu aqui passando vergonha para contar isso e você rindo de mim. Quer saber, cansei! Isso não tem como dar certo. – Desvencilha-se e sai pisando duro em direção à porta.

Uma porra que eu a deixarei ir embora desse jeito.

— Ei, me desculpa! – Seguro-a pelo braço assim que abre a porta. — Não quis te envergonhar dessa forma. Não vá, por favor! – imploro. Meu fascínio por essa garota tá começando a alcançar níveis preocupantes. E isso tudo antes do sexo, imagino como não vai ser depois.

— Eu achei que já tivéssemos terminado por hoje – questiona-me, desconfiada das minhas intenções. Se eu fosse ela também desconfiaria, até porque, eu tenho mesmo as piores intenções. Ou seria as melhores?

— Também pensei, mas decidi que daremos mais um passo hoje. Você é virgem, tem zero experiência, então temos que começar pelo básico e sem perdas de tempo.

— Básico? E o que seria o básico? – pergunta. Nesse momento eu me pergunto se ela realmente não sabe o que é o básico ou se quer apenas testar minha paciência. Acho que prefiro a segunda opção, porque pensar na primeira traria questões que não quero levantar agora.

— Beijos – respondo o óbvio e ela arregala os olhos, surpresa. Ela não está achando que vai me privar disso, não é mesmo? Tudo que penso é em provar dos seus beijos.

— Tudo bem. Só tenho uma dúvida. – Estranho seria se não tivesse, penso.

— Que dúvida?

— Por que teremos que dar esse passo se eu não vou beijar a boca de nenhum cliente? – Caralho, agora ela me pegou. Eu não tinha pensado nisso.

Garota esperta.

# Seus beijos

Clara

— Que tipo de pergunta é essa, garota? — questiona, como se a minha pergunta fosse absurda, como se todas as prostitutas saíssem trocando salivas com os machos que transam, quer dizer, eu acho. *Pra* ser sincera, eu não conheço e muito menos tive contato com meninas que fazem esse trabalho, mas acho que todas as quinze vezes em que assisti ao filme Uma Linda Mulher na Sessão da Tarde me dá algum respaldo para saber que beijos não entram nessa equação.

— Aqui eu dou as coordenadas, entendeu? Eu ensino e você executa. É assim que geralmente funciona. E se eu digo que vamos praticar o beijo, é isso que iremos fazer.

— Tá legal, não precisa ficar bravo. — Cara doido. Não sei por que não admite que está doido para me beijar, ao invés de ficar puto e fugindo da pergunta. — Só achei estranho você não querer pular essa parte.

— Estranho por quê, posso saber? — Avança como um touro bravo até deixar-me encostada contra a porta.

— Porque não é necessário. Se ainda não tiver ficado claro, eu vou repetir: Eu não pretendo trocar beijo com clientes. A minha boca será uma zona proibida. Você pode até dar as ordens e ser o mais experiente de nós dois, mas sobre as minhas vontades e meu corpo sou eu quem decide.

— Calma, já pode recolher as garras afiadas. E já que quer tudo às claras, vamos lá: — fala o mais próximo possível. — Beijar você aqui e agora, não é uma necessidade, é um querer meu. Eu, Henry, não sou só o professor de sexo, sou também o homem que possui desejos pessoais, desejo beijar sua boca neste momento. Quero provar dos seus lábios, saber se são tão macios e convidativos quanto parecem — diz sem desviar os olhos desejosos da minha

boca. Não entendi ainda seu fascínio por ela. Não que eu esteja achando isso ruim, pelo contrário, ele pode continuar.

— Você quer me beijar tanto assim? – Preciso controlar esse comportamento de adolescente deslumbrada.

Eu sei que sou uma adolescente deslumbrada, ele não!

— É a segunda coisa que eu mais desejo, a primeira você já deve saber o que é. Por agora, posso me contentar com seus lábios. E não se esqueça: apesar do que acabamos de discutir, isso não deixa de ser uma lição. A única diferença é que o único beneficiado serei eu – afirma com o corpo todo colado ao meu e com as duas mãos segurando minha cintura possessivamente. — Esquece tudo o que viveu até aqui, pois depois de hoje, nosso beijo será o único que você irá lembrar.

Não sei ao que ele se refere ao pedir para eu esquecer experiências vividas até aqui. Mas se é sobre beijo, ele não tem com o que se preocupar, até porque os beijos dados ou tentados até aqui não podem ser considerados beijos de verdade, eles estão mais para traumas. As experiências foram tão boas que não sei se saberei reconhecer um bom beijo quando me deparar com ele. Só espero ser convivente o suficiente para que ele não perceba.

— Eu também quero, Henry. Nunca quis tanto uma coisa como quero ser sua. Mesmo que nessas circunstâncias – resolvo ser sincera tanto quanto ele está sendo sobre seus desejos. — *Me ensina* a te agradar, a dar prazer para nós dois. Vamos pelo menos neste momento esquecer de todo o resto?

— Vamos sim, amor. É tudo o que eu mais quero. – diz aproximando sua boca da minha e eu sem o menor jeito, sem saber o que fazer, permaneço com os olhos abertos, olhando-o com medo de desapontá-lo depois de tudo que me falou.

Ele vem delicadamente testando e criando intimidade. Chupa o lábio inferior com a ponta da língua e depois a passa sobre o superior.

*Minha nossa senhora da piriquita em chamas, que delícia de homem.*

Tudo ia bem até que ele resolve ir além. Achando ter tudo sobre controle, Henry decidi enfiar a língua na minha boca. E eu, como adoro passar uma vergonha, afasto bruscamente sua boca da minha.

— Que foi? Eu fiz alguma coisa errada? – indaga, atordoado com o que acabei de fazer. As coisas estavam indo tão bem.

— Não fez, não. É que... – Desvio o olhar, envergonhada e vejo o

exato momento em que a compreensão do que está acontecendo lhe atinge. Seu olhar muda numa fração de segundos.

— Já entendi, você mais uma vez estava escondendo coisas de mim. — Ele está furioso e eu tô ferrada. — Não pense que isso vai me parar. Eu não sei o que pensa e nem o porquê de você ser assim. Mesmo sendo jovem, isso é uma coisa que até crianças já fizeram. Mas não se preocupe, eu vou descobrir o que você esconde — diz e avança novamente, não dando nem tempo de me amedrontar com as ameaças.

— Henry... — tento chamar sua atenção. Não quero que seja desse jeito.

— Dá para fechar os olhos, por favor? — irrita-se Henry. — Não sei nem o que estou fazendo aqui. Como é que uma menina da sua idade, linda desse jeito não sabe nem mesmo beijar na boca? Você vivia onde? Em um convento? — pergunta cada vez mais irritado. No entanto, minha atenção firma-se somente até a parte em que fui elogiada. Até porque, não é todo dia que um cara como esse me dirige a palavra, ainda mais para chamar de linda.

— Menina, eu estou falando com você! — Assusto-me com o aumento no tom da sua voz.

— Desculpa, estava distraída — justifico-me, sem jeito. — E para de me ofender. Óbvio que já fui beijada. — Esse é o termo correto. Os poucos e desastrosos beijos foram mais para tentativas dos garotos de literalmente me engolir do que propriamente um beijo.

Então não é uma mentira completa. Aos dezessete anos não beijei, mas fui beijada, ou pelo menos algo parecido com isso.

— E só para você saber, posso até ser virgem, mas ganhei o título de maior beijoqueira do colégio, dá para contar nos dedos as bocas que eu não tenha beijado — minto.

Deus! Título de maior beijoqueira?

Será que eu não poderia ter inventado uma mentira menos idiota?

Mas pensando bem, melhor isso a ter que confessar que nunca experimentei um beijo de verdade. Não quero correr o risco de ele desistir de mim, quer dizer, da minha vagina.

— Está certo, então vamos a lição número 1. — Aproxima-se subitamente. — Vamos ver se sabe mesmo como usar a língua. Vem, mostre-me o que sabe fazer com essa boquinha atrevida, já que tem tanta experiência com beijos — a voz falada bem próxima ao meu ouvido, arrepiando-me até a alma.



—Tudo bem. — Falo com a propriedade de uma pessoa que sabe o que está fazendo, mas que na verdade está se borrando de medo. E se eu morder a língua dele? – tardiamente questiono-me, ao sentir o corpo masculino colado no meu.

— Feche os olhos, gatinha – pede com a voz macia. — Isso, agora abra essa boquinha rosada que a nossa aula vai começar.

Henry

Finalmente faremos o que tanto temos vontade de fazer. É tão bom saber que não estou sozinho nessa. A admissão dela fez-me perceber que não importa o motivo de estarmos aqui, no momento, tudo o que realmente importa é a intensidade com que queremos pertencer ao outro.

*Pro* caralho com programas, lições e afins. Clara é e vai ser minha até quando eu quiser que seja e eu serei dela até que me expulse da sua cama. Só torço para que isso demore acontecer.

Disposto a não perder nem mais um minuto, afasto-me o suficiente para conseguir separar suas pernas e sem conseguir desviar meu olhar do seu, inclino meu tronco numa altura confortável para o que tenho em mente.

— Posso saber o porquê de o senhor estar com o rosto quase enfiando dentro dos meus peitos? – pergunta, num misto de curiosidade e diversão.

— O combinado foi beijo na boca, os seios ficam para outra ocasião. Aliás, você está me saindo um belo de um tarado. Onde já se viu, pegar uma menina pura como eu e querer chupar aí antes de beijar aqui – fala com o dedinho delicado a tocar o biquinho que seus lábios, tem mania de fazer quando está contrariada.

— Você sabe que se dependesse apenas de mim não seriam os seios ou boca que receberiam minha atenção, não é? – pergunto, descendo lentamente as mãos por sua cintura fina.

— Imagino que não – responde, sem conseguir conter o tesão. Não tem coisa mais excitante para mim do que saber que mesmo no escuro, sem compreender a grandiosidade do que estamos prestes a viver, Clara ainda assim se permite sentir e fazer comigo todas as descobertas do prazer. O desconhecido não lhe assusta, pelo contrário, ele a excita. — Por você teríamos queimado todas as etapas e estaríamos agora mesmo na horizontal, fazendo sexo, como dois coelhos – diz, com a cabeça baixa, observando, curiosa, o rumo que minhas mãos irão tomar.

— Ainda bem que você me conhece, princesa. Agora, vamos parar com o papo a partir para ação. Só me diz se você realmente confia em mim – indago, interrompendo de imediato o perigoso caminho que minhas mãos estavam fazendo. Antes, preciso saber sua resposta.

— Você sabe que confio, Henry, se não confiasse eu não estaria aqui, ouvindo essa pergunta, concorda? – Garota esperta, parece que desenvolveu o estranho poder de deixar-me sem rumo. — Deixa de enrolação e faça logo o que você deseja.

— Tudo bem então, já que a senhorita está implorando tanto – brinco e finalmente deixo minhas mãos chegarem ao destino final. Com firmeza, deixo-as correrem até que ambas agarrem possessivamente o bumbum gostoso. — E aí, continua confiando? – provoco ao vê-la se retorcer de tesão. Eu não preciso nem falar meu estado, pois se ficar mais duro do que já está, meu membro é capaz de romper o zíper do shorts e dar boas-vindas ainda hoje para sua futura amiguinha.

De olhos fechados, Clara ofega quando desço minhas mãos para parte inferior da sua bunda, infiltrando-as entre as suas pernas e afastando-as levemente.

— O que você pretende fazer, Henry? – Geme ao sentir a ponta dos meus dedos abrirem e descerem o zíper da sua calça e depois tocarem sutilmente sua calcinha molhada.

*Merda! Eu vou explodir de desejo.*

— Por que seus dedos estão encostados na minha calcinha? Nem parece que acabamos de ter esta conversa. – fala com tom de voz arrastado. Pode parecer um pouco retrógrado e machista, mas se eu pudesse eleger a melhor coisa da sua falta de experiência e do fato de eu ser o primeiro, eu com certeza escolheria o fato de ela não conseguir esconder seu prazer com tudo o que fazemos, de não poder mascarar suas reações a cada toque dado por mim. Nesses momentos, sinto-me o cara mais sortudo do mundo. Como se nada pudesse me destruir, desde que esteja com Clara nos meus braços.

Chamem isso de tesão acumulado, paixão, obsessão ou caralho que for. Só sei que a sensação é muito boa, Posso colocá-la no top cinco dos maiores prazeres.

— A culpa não é minha. Quem mandou vir com essa calça colada, marcando o seu corpo como uma segunda pele? Minhas mãos simplesmente encontraram o caminho da felicidade. A minha felicidade, é claro.

— Agora a culpa é da minha roupa? – indaga, cheia de vontade,

puxando meus cabelos para que eu lhe responda.

— É sim, dela e do seu calor que me guiou até aqui. Mas a intenção era fazer isso. — Impulsiono seu corpo para cima, surpreendendo-a com o movimento inesperado.

— Agora, seja uma boa garota e envolva o meu quadril com as pernas — peço, segurando firme suas coxas amplamente abertas. — Isso, meu amor, agora sim, te tenho onde eu queria — digo satisfeito com o cenário que montamos. Eu aqui, no meu espaço, onde nunca trouxe outra mulher, tendo Clara pressionada contra a porta, com o corpo dominado pelo meu.

Se isso não é o paraíso, prefiro não o conhecê-lo.

— Também não tenho do que reclamar, aqui está bem confortável — provoca, apertando ainda mais as pernas em volta da minha cintura.

— Sua safada! — Aperto a carne de sua bunda sem qualquer pudor. — Quem disse que te quero confortável? — digo e lhe ouço gemer com o apertão. — Te quero delirante e cheia de tesão, é isso que quero de você. Conforto a gente tem na cama, aqui quanto mais duro melhor — sentencio bombando minha ereção contra seu núcleo pulsante. Ela está tão molhada de desejo que sinto sua umidade marcar a frente do meu jeans.

Caralho!

— Humm, que delícia, Henry — geme ensandecida, remexendo-se fortemente contra meu corpo. É, parece que não sou só eu quem precisa de alívio aqui.

— Ei, vamos com calma, mocinha, quem é que está querendo queimar etapas agora? — pergunto, distraíndo-a do que estava fazendo. Seria maldade de minha parte permitir que continuasse quando não tenho intenção de ir até o fim. Bem que eu queria... — Estamos na parte do beijo, lembra? O presente que será apenas meu.

Na verdade, toda ela será apenas minha, apenas não a deixarei ciente disso. Ainda.

— Sim — confirma, incapaz de formar outras palavras.

— Eu vou te beijar agora, amor, não posso mais esperar — assumo, sincero.

Hipnotizado, aproximo meu rosto do seu, sendo observado por ela a cada movimento. Isso mesmo, docinho, fique bem atenta a tudo que faremos hoje.

Quando nossos lábios finalmente se tocam, sou tomado por uma

sensação inexplicável e fico surpreso com a proporção que o beijo tão rapidamente tomou. É óbvio que notei sua pouca ou total falta de experiência, não que isso tenha me incomodado, pelo contrário, seu entusiasmo só aumenta meu tesão. Minhas mãos deixam sua bunda e vão direto para sua cintura *num* aperto possessivo. Aperto-a como se com isso fosse capaz lhe transmitir todo o calor que sinto agora, a total intensidade do meu desejo. Com os lábios exigentes, invado sua boca com minha língua gananciosa, e ela, perdida de desejo tanto quanto eu, devora-me a boca na mesma intensidade, aprofundando mais o nosso beijo.

Eu sempre suspeitei que beijá-la seria como encontrar o paraíso, só não estava preparado para descobrir que o gosto de seus lábios seria mais doce do que eu imaginava, que seriam tão macios e viciantes assim.

*Put. Merda! Que beijo gostoso*, penso. Se antes eu estava fodido, imagina agora que provei do seu sabor viciante.

— Clara minha gatinha... – Desgrudo nossas bocas por um momento em busca de ar. — Você está me deixando louco. O que eu faço com você, garota? – Não espero a resposta e ataco diretamente no pescoço perfumado e, aproveitando-me da chance, encho-o de beijos e chupões por todos os lados.

— Isso, apenas me beija – pede, inclinando a cabeça, dando-me melhor acesso. Ensandecida de prazer, Clara enfia a mão livre por baixo da minha camiseta e finca firmemente as unhas afiadas nas minhas costas. — Não para. Nunca! – implora, totalmente fora de controle.

— Vai, gostosa, arranha as costas do seu homem, porque mais tarde, quando estiver revirando na cama louco de desejo, a ardência deixada por suas marcas me lembrarão de você, minha menina gananciosa. Do quanto eu anseio pelo dia em que você será completamente minha – peço e minha mão sobe sua blusa, até que encontra seus deliciosos peitos cobertos por um ínfimo sutiã. A vontade que tenho neste momento é de rasgar essa porra em pedacinhos e admirar seu delicioso corpo nu.

— *Me faça* sua, Henry, eu quero ser sua. Agora! – implora, ensandecida de um desejo inédito para ela e atingindo-me de uma maneira que me deixou a ponto de sucumbi aos seus e aos meus desejos, só não o fazendo por lembrar que ela merece muito mais do que uma transa contra a porta na sua primeira vez. Ela merece todo o caralho do romantismo que todas as mulheres gostam, mesmo que não esteja percebendo isso no momento.

— Isso é tudo o que eu mais quero, amor, mas nós combinamos de não pular etapas, lembra? – indago, contrariado ao tirar minha mão de dentro da

sua roupa.

— Verdade. Desculpa por ter me oferecido. Que vergonha, meu Deus – diz sem jeito, tirando as mãozinhas de dentro da minha camiseta.

— Ei, para já com isso. Você não se ofereceu coisa nenhuma. Eu que estou prestes a rasgar nossas roupas aqui – digo. — Só não faço o que queremos porque alguém tem que ser responsável e infelizmente cabe a mim esse papel.

— Tudo bem, lindo, eu já entendi seu ponto – diz e tenta desvencilhar suas pernas da minha cintura.

— Nem pense nisso, garota – aviso, apertando suas coxas. — Não vamos fazer sexo. Mas os amassos estão totalmente liberados.

— Estão? – Surpreende-se, com o semblante alegre novamente.

Como eu adoro essa menina!

— Estão, sim, minha delícia. Vamos apenas sentar ali no sofá, porque o idoso aqui não pode ficar tanto tempo assim carregando peso. Nem mesmo você que é leve como uma pena – brinco, indo rumo ao sofá. Chagando lá, aconchego-me no centro do estofado com Clara melhor acomodada sobre meu corpo. A nova posição nos permite desfrutar ainda mais da intimidade de termos nossos corpos tão próximos.

— Bem melhor assim, não é? – Rebola no meu colo com a porra da boceta bem em cima do meu pau. Se sem experiência ela é safada assim, imagino como será depois que eu tirar sua virgindade.

Só espero ter fôlego *pra* aguentar tamanho fogo.

— É sim. Agora você já pode parar de rebolar esse rabinho, mocinha. O que acabamos de conversar? – ralho, divertido.

— Foi mal, pai – Rio da sua cara de pau.

Que garota doida.

— Vem, traz aqui essa boquinha, com ela meu papo está apenas começando. – Mal termino de falar e já avançamos um no outro como dois desesperados.

Nos próximos segundos, minutos ou horas, não sei bem discernir, Clara e eu somos um emaranhado de bocas se comendo, mãos desesperadas e gemidos audíveis. De sentados e vestidos no sofá, passamos para deitados. Eu por cima dela, e ambos com alguma peça de roupa fora do corpo.

Estamos nos pegando fortemente quando somos interrompidos pelo

toque inconveniente do meu maldito celular.

Essa porra tinha que tocar logo agora?

— Seu celular, Henry. — Tenta sair de baixo de mim, toda ofegante.

— Não, minha safada, deixa ele tocar. Depois eu retorno a quem teve a ousadia de nos interromper – digo, voltando a atacar sua boca que já está sensível de tanto ser beijada.

— *Tô falando sério, Henry.* — Empurra-me e eu saio de cima, após perceber que ela está falando sério. — Merda, é quase uma hora da tarde, como eu não percebi que já era tão tarde? – indaga, toda esbaforida da nossa recente maratona de amassos.

— Quer mesmo que eu te diga? – pergunto, olhando seu corpo descaradamente. Não sei que horas isso aconteceu, só sei que somente neste momento Clara se dá conta de que está vestindo só a calcinha e o sutiã, que o restante da roupa desapareceu.

Sua cara não poderia ser mais icônica.

— Henry, seu filho da puta, o que você fez com o jeans que eu vestia quando cheguei? – pergunta, tentando conter o sorriso, até porque, ela não é a única que perdeu roupas por aqui. Minha camisa deve estar jogada em algum canto que eu desconheço.

— Então, não sei a hora exata, só sei que o arranquei quando você pediu pela segunda vez para que eu te comesse, aí eu pensei: já que não podemos provar do banquete completo, pelo menos uma provinha do que vem pela frente nós vamos ter.

— Você não vale nada, homem – fala, colocando novamente a mini blusa e a calça jeans que até então estava largada no encosto do sofá. — Agora é sério, eu tenho mesmo que ir. Estou fora desde cedo. Eles devem estar preocupados.

— Eles quem, Clara? Quem está te esperando em casa – indago, desconfiado.

— Não faça perguntas agora, amorzinho. Eu tenho mesmo que ir – diz, despedindo-se com um beijo leve na minha boca.

— Espera, Clara – Apresso o passo quando a vejo abrir a porta.

— O que foi, Henry? – Vira-se na minha direção, com a mão esquerda segurando a maçaneta. — Algum problema? – ela indaga e eu peço o que jamais imaginei pedir para uma mulher.

# Pegos

Clara

— Passa a noite comigo hoje? – pede, e eu mal posso acreditar no que estou ouvindo.

— Acho que não entendi direito, Henry – Não quero crer que esse homem; lindo, experiente e bem vivido queira realmente me ter durante uma noite inteira.

Não depois de todas essas horas que passamos juntos.

— É isso mesmo que você está pensando, linda. Sei que tem suas coisas e satisfações para dar em casa. Mas se não for muito abuso, eu gostaria mesmo que dormisse aqui essa noite. – explica-me, com uma carinha esperançosa. Será possível que ele não tenha nenhum defeito, meu Deus? Se tiver, eu ainda não descobri. Pra ser sincera, era até bom que tivesse mesmo, só assim eu não me sentiria tão desprotegida, como se minha alma estivesse exposta diante dos seus olhos. A única coisa que espero, já que tô tão fodida, é conseguir pelo menos esconder minha idade e situação financeira.

— E posso saber qual o motivo disso? Não me diga que faz parte do nosso treinamento. – Como não pensei nisso antes? Minha mente tola e iludida foi logo romantizando seu apelo, não parando para pensar em momento algum que poderia ser parte do nosso trato.

— Como você é marrenta, garota, questiona tudo o que eu digo. Será que pelo menos uma vez você poderia deixar algo passar sem questionar os motivos? – indaga, soltando minha mão da maçaneta e entrelaçando nossos dedos enquanto abaixa a cabeça e dá um beijo no espaço entre meu pescoço e

ombro.

— Não! – limito-me a dizer. Talvez eu esteja mais concentrada em receber seus carinhos nada inocentes, uma vez que sua boca que até então estava soltando beijinhos curtos perto do ombro, subiu para meu pescoço num piscar de olhos. Nunca irei reclamar de sua estranha preferência por essa parte do meu corpo, assim como jamais admitirei o prazer que sinto com os carinhos que recebo no local, sejam eles inocentes ou não.

— Tá legal, marrentinha, se quer mesmo saber, isso não tem nada a ver com a porra do nosso trato. Pelo contrário, o que prevalece aqui é simplesmente a minha vontade de tê-la nos meus braços. – relata ao enlaçar minha cintura possessivamente, enquanto sua boca troca os beijos por lambidas sensuais. Se eu ainda não estivesse convencida a aceitar seu pedido, depois dessa com certeza eu toparia dormir com ele. Mas, é óbvio que não vou perder a chance de atiçá-lo. — Quero poder segurá-la meus braços por mais tempo. Sentir seu calor sem ter que me preocupar com a hora em que vai me deixar – confessa.

— Acho que temos um bebê carente aqui. – Afasto minha cabeça da sua boca, na intenção de vê-lo melhor.

— Tá achando isso engraçado é, minha safada? – diz e começa a atacar minha cintura com dedos ágeis. Ah não, cócegas, NÃO! — Queria ver se fosse o contrário. Ou você acha que não iria passar a noite relembrando os nossos beijos e toques? – continua, ofegante pela pequena resistência que proporciono ao tentar me proteger do ataque.

— É engraçado, sim! – Agarro a parte da frente dos seus cabelos com firmeza e só assim consigo lhe parar.

— Esse aqui na minha frente nem parece o mesmo cara que hoje cedo estava dizendo *pra* irmos aos poucos, que hoje seria somente o início das nossas aulas... – comento com seriedade, não por está insatisfeita com a mudança, e sim por não acreditar que isso seja real. Quando entrei nesse rolo e quando o escolhi para essa missão, jamais me passou pela cabeça termos esse tipo de conversa. Tinha a ideia de que tudo seria frio, impessoal e até mesmo traumático. Mas quem sabe qual seria minha realidade se o escolhido tivesse sido outro?

— Mas é isso mesmo que você está pensando, gatinha. Eu por acaso mencionei que faríamos sexo? – É, ele tem um bom ponto. Realmente não falou o que faríamos durante a noite, mas é de se presumir. O que mais faremos num momento tão íntimo? Eu não consigo pensar em outra possibilidade.

— N-não. – Até gaguejo com o balde de água frio jogado na minha



cabeça. — Mas eu achei que...

— Esse é o seu problema, meu amor. — Solta minha mão dos seus cabelos e as enrola em volta da sua cintura, mantendo nossos dedos entrelaçados. Nem parece que está me dando um sermão. — Você pensa demais, questiona demais e também é impulsiva demais. Seu jeito me lembra muito de mim mesmo quando estava na fase da adolescência. Eu não deixava nada passar batido, falava o que vinha na cabeça.

Não estou gostando nada dessa conversa.

— Se não tivesse me dito sua idade, poderia muito bem se passar por uma adolescente, sabia? — diz brincando com o que eu menos quero ouvir saindo da sua boca. Vindo dele não! E como se esse segredo estivesse pairando entre nós, como se a cada minuto que se passa, esteja mais próximo o momento em que ele vai explodir na nossa frente, colocando por água abaixo todos os meus planos.

— Peraí, tá me chamando de infantil, é isso? — pergunto indignada, mesmo que isso seja um pouco verdade. Não vou ser hipócrita aqui e dizer que me acho uma pessoa supermadura, que tenho pensamentos e atitudes diferentes das garotas da minha idade. Eu tenho sim, meus momentos de imaturidade, assim como qualquer outra menina aos dezessete, quase dezoito anos.

— Não, minha menininha, não é isso. Você é perfeita. Isso não foi uma reclamação e sim uma mera constatação — fala, condescendente, tentando me bajular. — E quanto à sua pergunta, a resposta é não. Nós não vamos transar hoje, eu disse que vamos dormir juntos e será apenas isso o que vai acontecer — afirma, dando diversos selinhos na minha boca.

— Tá legal, você me convenceu. Vou dormir com você. — Aceito de bom grado os beijos de agradecimento que recebo por todas as partes do rosto. Nessas horas, sinto vontade de ronronar feito um gatinho.

— Ah, já ia esquecendo: para de ficar metendo nosso trato em tudo, menininha. Perceba que nem tudo tem a ver com ele. Quando tiver eu aviso, ok? — assevera e eu fico radiante com o que ouço. Afinal, ele diz nas estrelinhas que me quer, independente de todo o resto.

— Entendi. Agora é sério, tenho mesmo que ir — digo, desvencilhando-me dos seus braços de polvo e da sua boca nervosa.

— Não queria, mas vou avisar ao Jack que você está descendo — diz com uma carinha de cachorro sem dono ao me acompanhar até o elevador que fica quase na frente do seu apartamento.

— Até mais tarde, gato. – Fico na pontinha dos pés para enfim conseguir dar um beijinho desce de despedida.

— Até mais, minha gata. Se você não estivesse com tanta pressa eu te levaria para almoçar em um bom restaurante.

— Fica para próxima, tá bom? – Tento inutilmente sair do seu agarre.

— Ok, mas antes, deixa eu me despedir corretamente. – Cola bruscamente nossos corpos, juntando nossos lábios num beijo desesperado e faminto. Sua língua gananciosa invade minha boca, exigindo uma resposta que eu fico mais do que satisfeita em dar. Durante alguns minutos, ouve-se no silencioso corredor apenas o barulhinho de respirações ofegante e de línguas duelando *pra* ver quem domina quem. Beijamo-nos como numa batalha, ele recua e eu ataco, eu acalmo e ele contra ataca. O importante é que nessa batalha nos dois saíamos vencedores.

Se brincar, passaríamos o resto do dia nos agarrando ali mesmo no corredor. A minha sorte foi ter sido desperta pelo barulho do elevador que acabara de chegar. De imediato, afastei-me de Henry, que no momento me fita com a cara mais safada que é capaz de fazer.

— Olha só para isso, meu velho – alguém fala e quase caio pra trás ao ouvir a voz da senhora que nos observa com olhar de desaprovação. — No nosso tempo os jovens eram mais comportados. Onde já se viu ficar de saliência onde qualquer um possa ver – indaga em alto e bom som.

Olho Henry e ele tá quase explodindo por tentar conter o riso. Eu não estou vendo motivos para isso. Acabamos de chocar dois velhinhos com nossa sem-vergonhice e ele está se divertindo?

— É, minha senhora, hoje em dia a juventude está assim mesmo. Não tem vergonha de mais nada – responde o senhor, carinhosamente. — Vamos, deixa esses dois aí, pelo menos não estão fazendo mal a ninguém.

— Tem razão – simplesmente concorda, e como quem não tivesse dito nada, pega no braço do senhor e sai andando vagarosamente.

— Tá vendo o que você fez? – Dou um leve tapa no seu braço direito. — Que mico, ser pega no meio do corredor e aos beijos.

— Agora a culpa é só minha? – *Me pega* mais uma vez. — Mas sabe que eu gostei disso? Parecíamos dois adolescentes que não conseguem conter os hormônios em ebulição. – Deve ser porque eu sou mesmo um adolescente, penso, divertida.

— A culpa é sua, sim, sua e dessa mão nervosa. *Tá* vendo, já está me agarrando – constato um fato. — *Me solta*, Henry.

— Culpado – brinca levantando as mãos para o alto. — Agora vou te deixar ir. Tchau, menininha, contarei os minutos até a sua volta.

— Eu também, pode acreditar. – Entro no elevador e ele fica parado, olhando-me, até às portas se fecharem.



— *Me conta* tudo, sua maluca, não esconda nada. – Amanda me puxa na direção do sofá assim que abro a porta para que ela entre.

— Calma – peço ao sentarmos frente a frente no pequeno sofá que integra minha sala. — Tenho tanta coisa para contar que nem sei por onde começar, amiga – confesso sem querer o ou conseguir esconder a minha felicidade.

— Porra, Clara, quer me matar de curiosidade? – indaga e eu rio da sua empolgação.

— *Tá* bom, Amanda, se você quer saber, aí vai: eu e ele nos beijamos e demos uns bons amassos. É isso – jogo à queima roupa.

— Como assim, é isso? Você *tá* maluca, Clara? Explica isso direito. Como a conversa foi de: "estamos tratando de negócios" para "estamos nos agarrando como se não houvesse amanhã? — termina e eu chego a ficar tonta no meio de tantas perguntas.

— Eu também não sei, Amanda. Estávamos comportados, combinando como tudo vai funcionar — pensando bem, eu estava comportada, Henry não, esse estava mal-intencionado desde o início, sempre com indiretas e frases de duplo sentido — e quando dei por mim, já estávamos atracados; eu enganchada no seu colo, e ele me atacando o pescoço com aquela boca deliciosa. Eu sei que de um momento para o outro ele estava deitado sem camisa sobre meu corpo e eu apenas de calcinha e sutiã, muito satisfeita com a situação.

— Meu Deus do céu! Clarinha. Onde fica seu plano no meio disso tudo, menina? — indaga preocupada.

— Ele continua de pé, minha amiga. Eu não tenho outra escolha. A única coisa que mudou é o fato de termos percebido que entre nós existe uma química muito grande e um desejo incontrollável. Então resolvemos unir o útil ao

agradável e ver aonde isso tudo vai dar – finalizo, lembrando tudo o que vivi hoje, o momento em que deixamos nossos desejos falar mais alto do que a razão.

E, minha senhora das adolescentes inexperientes, como foi bom, como foi gostoso sentir-me tão desejada por um homem como ele. Um homem que nem nos meus melhores sonhos imaginaria olhado para mim. Com Henry foi diferente, ele não só olhou como também tocou.

E como tocou!

Sinto minha calcinha úmida só de pensar nas coisas que suas mãos fizeram com o meu corpo. Seu toque tornou-me ciente de partes do meu corpo até então desconhecidas, partes que eu nunca imaginaria serem tão sensíveis. É isso que eu quero enquanto estivermos juntos. Enquanto ele me quiser na sua vida, vou aproveitar, não vou me privar de viver as descobertas do prazer com a melhor pessoa que eu poderia ter conhecido.

*Henry. Meu Henry Pimentel*, grita a adolescente iludida.

— Só toma cuidado, Clara. Cuidado para não ir muito rápido nesse caso de vocês. Não esquece por que você começou com isso, e nem do fato de ele não saber sua idade. — Isso é o que mais me assusta. — Esse cara, pelo que você falou, é rico, ainda que seja só um garoto de programa – diz, lembrando-me o porquê de eu precisar ser mais cuidadosa.

— Prometo me cuidar, querida. Só não posso cumprir a parte de não ir muito rápido — digo e ela se empertiga com o rosto em choque.

— Clara! Não me diga que vocês...

— Não – interrompo já sabendo a conclusão que chegou. — Nós ainda não transamos. Mas ele me chamou para dormirmos juntos no apartamento e eu aceitei — concluo e espero sua reação.

— Nossa, que apressadinhos – brinca, cutucando meu braço com os dedos finos. A reação dela nunca é a esperada. — Será que ele tem um primo ou um amigo para mim? Se tiver, eu quero — pede e acho que está falando sério. Embora Amanda sempre tenha sido a mais centrada e cuidadosa de nós duas, é nessas horas que ela mostra ser como qualquer outra menina da nossa idade.

— Não sei, Mandy, qualquer dia desses eu pergunto. E nem vem com essa de apressadinhos, não. Segundo Henry, hoje nós vamos apenas dormir. A transa fica para outro dia — explico, reparando no tic-tac do relógio.

— Nossa, amiga, já são quatro horas da tarde. Você precisa me ajudar. Eu não sei o que vestir e muito menos o que levar para dormir. E tem o pior... — lembro-me.

Como eu não tinha pensando nesse problema antes?

— O que pode ser pior do que não saber como seduzir seu Henry?

— O pior será se eu tiver que furar com ele – confesso meu temor.

— E por que você não iria se prometeu o contrário, menina?

— Chica, esse nome te lembra alguma coisa? – respondo, começando a me irritar. Tenho dessas, quando não tenho controle sobre alguma situação.

— O que a babá Chica tem a ver com isso?

— Não muita coisa, tirando o fato de ela não me deixar dormir fora de casa. A menos é claro, que tenha um bom motivo. *Me ajuda* a pensar, Mandy. O que eu digo a ela?

# Resistindo

Henry

— Cadê você que não chega logo, menina? — falo em voz alta enquanto observo o movimento da cidade pela ampla janela do duplex. Passam das oito da noite e a menininha ainda não entrou por aquela porta. Falta pouco para eu mesmo ir pegá-la. Não sei se Jack foi de carro ou *numa* carroça, porque só isso explica tamanha demora.

Se me falassem há alguns dias que hoje eu estaria assim, tão ansioso pela chegada e por passar a noite com uma garota, eu com certeza tomaria essa pessoa como louca. Em todos esses anos de experiência com os mais variados tipos de mulheres eu jamais precisei esperar por uma garota e muito menos pedir para que dormisse comigo, pedir não, eu praticamente implorei para que a diabinha viesse passar a noite aqui em casa. O mais assustador nisso tudo é a percepção de que não houve segundas intenções no convite. O sexo não foi o meu primeiro pensamento quando a ideia me veio à cabeça. O que primeiro me veio à mente foi a imagem dela deitada na minha cama, de nós dois agarradinhos como um casal qualquer. Não vou mentir em dizer que não quero foder com ela, isso seria uma hipocrisia da minha parte, quando tudo o que eu sonho é com o dia em que lhe farei completamente minha.

Não está sendo fácil refrear o tesão imenso que sinto pela Clara, a vontade de estar dentro do seu corpo até que caíamos desmaiados de tanta exaustão. Estar no mesmo local que Clara e não tocá-la é como testar minha resistência, é como queimar em fogo brando. Mas acima de tudo, é ter a certeza de que com ela é diferente, que por ela coloco meus desejos e taras em segundo

plano. Isso pode parecer pouco, o mínimo que se espera de um cara decente, mas não para um homem como eu. Um homem que só se diferencia do garoto de programa que ela pensa que sou, pelo simples fato de eu não cobrar pelo sexo, porque de resto não tem muita diferença. Tive mais mulheres do que sou capaz de contar. Mulheres sem rostos que no dia seguinte eu não sou capaz de lembrar seus nomes. Com essa, não, com ela quero fazer diferente, quero conhecer sua história de vida, saber sua motivação para pensar em fazer programas quando nem mesmo perdeu a virgindade. Um presente que dará a mim, ainda que não saiba o impacto de tal decisão para uma pessoa como eu, que só agora entende a grandeza que é ser o primeiro a tocar-lhe intimamente.

Continuo por mais alguns minutos observando o tráfego dos carros quando finalmente ouço a campainha tocar. Pateticamente ansioso, *me encaminho* imediatamente para a porta e quando abro quase tenho uma síncope com o que vejo.

— Até que enfim, menininha, estava a ponto de ir atrás de você pessoalmente — falo sem medo de parecer um cãozinho carente, tentando ao mesmo tempo disfarçar o baque que tive com sua beleza.

Diferente da produção feita ontem e na noite do nosso primeiro encontro, hoje ela veio com os cabelos lisos e com o rosto sem qualquer maquiagem e acho que essa foi minha maior surpresa.

Se eu já a havia achado jovem toda produzida, não sei nem o que dizer vendo-a de rosto limpo com esse vestidinho preto que molda todas as curvas do seu belíssimo corpo. Minha garota pode até ter o rosto de uma mocinha de quinze anos, mas o corpo, esse não mente. Suas curvas bem-feitas me dizem exatamente o que quero ouvir, *me falam* que elas foram feitas para dar e receber prazer. Não para qualquer um e em troca de algum dinheiro. Não! Ela é minha! Somente minha, seja sua boca, corpo ou coração. Minha e de mais ninguém.

Nunca vou me cansar de repetir isso.

— Desculpa, meu bem, não sabia que estava tão ansioso pela minha presença — fala, atrevida. Essa garota gosta é de brincar com o fogo.

— Estava mesmo, não preciso mentir sobre isso, Clara. Você deveria ser corajosa como eu e assumir também que estava louca de vontade de me ter assim — digo, puxando-a pelo braço para em seguida fechar a porta. — Agora sim, somos somente você e eu. — Circulo sua cintura firmemente *num* abraço que revela toda a saudade que sentimos um do outro nessas poucas horas de separação.

É uma conexão forme demais para um espaço tão curto de tempo. É intenso e inexplicável.

— Não preciso aumentar ainda mais seu ego falando — sentencia no seu modo provocativo. — Acho que isso vai responder à questão. — Finaliza com um beijo inesperado.

Olha só quem está tomando a iniciativa.

Minha Clara está cheia de confiança, e eu não poderia estar mais satisfeito com isso.

Aproveitando-me da oportunidade, recebo de bom grado o que tão espontaneamente me é dado. Abocanho sua boca com vontade, chupo avidamente sua língua e permito-a fazer o mesmo com a minha. Clara e eu somos como gasolina e pólvora, não podem ficar juntos senão explodem. Um único beijo pode nos levar ao sexo selvagem contra a porta.

— Para, garota, assim você dificulta o que já está difícil de controlar. — Interrompo nosso beijo delicadamente, saindo de línguas se engalfinhando para selinhos delicados. Beijinhos que tentam recuperar a inocência do momento e que tentam acalmar meu maldito pau que bate continência apenas pelo cheiro dessa gostosa. — Sem sexo, foi o combinado, lembra? — Ela confirma com a cabeça. — Sabe o que parece?

— Não, me fala — ronrona como uma gatinha, coisa que ela parece ter o hábito de fazer quando recebe carinho.

— Parece que o virgem sou eu e não você — falo, levando-a pela mão, rumo ao sofá. Ao nos aproximarmos e não querendo perder o contato, concordamos apenas com o olhar que eu sentarei sobre o sofá e que no seu caso, o sofá será eu.

— Fica aí toda fogosa, querendo sexo, enquanto o pobre aqui sofre com seus ataques — Gracejo ao ajeitá-la no meu colo. Com as duas pernas jogadas para o mesmo lado, sentamos na posição mais inocente possível. Pelo menos é o que imagino.

— Oh, Deus! Livrai essa pobre alma sofredora — murmura ironicamente ao sentir sua bunda ser cutucada pelo bastardo que claramente discorda do meu discurso anterior. Se dependesse dele, eu e sua amiguinha já teríamos sido apresentados desde o primeiro contato íntimo que tivemos. Para minha sorte, a cabeça de cima é quem ainda está no comando.

— Sofredor mesmo. Sofro a vontade de rasgar esse vestido tentador e te comer agora mesmo. — Já que Clara quer brincar, vamos ver o quanto ela



aguenta. — Diz, meu amor, diz que quer me dar essa bocetinha apertada, assim como eu quero te comer – insinuo, baixinho perto do seu ouvido e me pergunto o porquê de insistir em provocá-la se também sou atingido.

— Eu quero... – fala, toda ouriçada pelas sacanagens que acabou de ouvir.

— Quer o quê, gostosa? Peça com todas as letras. Eu quero ouvir o pedindo sair da sua boca. – Vou mais longe, estando tão ou mais necessitado que ela.

— Quero ser sua, Henry. Só sua – confessa, corajosa, ainda que tenha seu rosto todo tingido de vermelho. Esse seu lado tanto me atrai quanto me assusta. *Me traz* o temor de ela ser realmente capaz de fazer o que vem planejando. Que o seu lado impulsivo a leve por caminhos tortuosos.

Essa característica sua, apesar de tudo, é apenas mais uma das que me encanta e me enche de tesão, tanto que é justamente o que sinto neste exato momento. Só espero ser o único sortudo a desfrutar dessa e de outras nuances da sua personalidade maravilhosa.

— Pode tomar tudo que você quiser, cada pedacinho de mim quer ser seu... – finaliza a declaração deitando preguiçosamente a cabeça no meu ombro, e eu, valendo-me da proximidade, levo minha mão ao seu pescoço exposto e começo a acariciar o local com ternura.

Acho que está na hora de começarmos a pisar em terrenos perigosos. O sexo entre nós pelo visto será o menor dos problemas. Difícil mesmo será convencê-la a se abrir comigo, fazê-la entender que entre nós não é só sexo. E principalmente, tenho que convencê-la a não levar adiante essa ideia de se prostituir, que existem outras saídas. Que pode contar comigo para tudo, menos com a minha concordância em vender o seu corpo. Isso eu não toleraria jamais. Já basta o desgosto que é ver e tentar tirar meu amigo dessa roubada.

Com Clara eu tenho que ir com calma e paciência, até porque, antes de tomar qualquer atitude eu preciso saber mais de sua vida, onde vive, quem são seus pais, onde estudou ou se faz alguma faculdade. Tudo isso eu posso saber através da investigação do Garcia, isso é, se ele resolver fazer o que eu pedi. O cara já me prestou diversos serviços e sabe que exijo a máxima rapidez em todos os casos. Esse em específico não tem porque ser diferente. É difícil crer que uma menina de dezenove anos tenha tantas coisas a esconder. Essa investigação deveria ficar pronta no prazo máximo de duas horas.

Não pedi nada de muito complexo, quero apenas informações pessoais que em uma sentada ele conseguiria descobrir. Acho que com dados a

respeito de seus pais e a condição financeira deles eu consigo chegar perto dos seus motivos. Isso levando em conta que Clara ainda more com eles, do contrário... mas, por enquanto, chega de ficar esquentando a cabeça com perguntas que não conseguirei adivinhar a resposta. Só me resta esperar e curtir o pouco que sei sobre a minha gata.

— Eu vou tomar, mesmo, anjo, você não tem ideia do que está pedindo — digo, dando beijos no seu pescoço perfumado. — O que eu quero saber mesmo é como foi sua tarde, o que fez durante as horas em que se viu livre de mim? — Puxo assunto na tentativa de acalmar pelo menos um pouco o clima quente entre nós dois.

— Nada de interessante, só almocei e depois passei o resto do dia jogando conversa fora com a minha amiga — revela e já sei que tem uma amiga bem próxima.

— Falou de mim *pra* ela? Ou ela não sabe de nada? — pergunto, esperando que ela entenda o que eu quis dizer com o "não saber nada".

— Falei e narrei nossos amassos em todos os detalhes — fala com naturalidade e eu não me incomodo, afinal, as mulheres são assim, ainda mais quando se juntam. — E sobre o resto eu não precisei falar muito já que foi ela quem deu a ideia e ajudou a executá-la — termina e eu paro para analisar o que acabei de ouvir.

Que tipo de pessoa faz uma coisa como essa e ainda ajuda a colocar em prática?

Uma amiga de verdade jamais concordaria em colocar a outra nesse mundo tão cruel. A menos é claro, que ela tenha um motivo muito forte ou não tenha visualizado outra saída para a situação da menininha, pois, no pouco tempo que nos conhecemos e de tudo o que vi a seu respeito, de uma coisa tenho certeza: Clara jamais entraria nessa roubada se não estivesse passando por uma barra muito pesada e na sua frente não visse outra saída.

— Que bom que tem uma amiga assim, menininha, é bom ter alguém com quem contar — falo mesmo desconfiado das intenções da tal amiga. — Também tenho um grande amigo. O nome dele é Miguel, qualquer dia te apresento a ele — digo, sem nenhuma certeza. Não sei se quero aquele safado pondo os olhos em cima da minha garota, ainda mais depois do que me aprontou. Além do mais, temo colocar em risco meu segredo e ela ainda não pode descobrir quem eu sou. Não antes de eu tirar esse plano idiota da sua cabeça.

— Também quero que conheça a Amanda, ela é a melhor amiga que

alguém poderia ter — declara, aconchegando-se ainda mais e percebo faltar pouco para que ela acabe dormindo com a cabeça encostada no meu ombro.

— Você a conhece há muito tempo? — interrogo, prometendo a mim mesmo que essa será a última pergunta sobre o assunto. Nossa noite é para ser prazerosa e não uma entrevista. Isso eu deixo para os jornalistas investigativos da minha revista.

— Conheço sim, nos conhecemos no primeiro ano do ensino médio e desde então somos com gêmeas siameses, sempre juntas. Foi ela quem me estendeu a mão quando meus pais... — interrompe-se ao perceber que ia falar mais do que devia, mais do que quer que eu saiba.

— Quando seus pais? — curioso, incentivo-a a continuar.

— Não é nada, Henry. Vamos mudar de assunto. Não foi para falar dos meus pais que eu vim aqui hoje — corta o assunto e eu reparo que ela não gosta de falar sobre os pais.

— Veio para quê, então? — brinco, puxando levemente sua cabeça para trás.

— Vim porque um certo cara praticamente implorou pela minha companhia. — Oferece a boca gostosa e eu puxo seu lábio inferior com leves mordidas. — Só faltou implorar de joelhos.

— Acho que estou carente mesmo. Carente de você, gostosa — confesso, beijando sua boca, apertando-a ainda mais sobre minhas pernas. Uma pena a posição não ajudar ou seria sorte?

— Quantas lições pularíamos se fôssemos direito para parte do sexo? — indaga, deixando-me sem palavras. Eu nunca tinha parado para pensar nisso.

— Muitas, gata — respondo enfaticamente. — Hoje nós já pulamos muitas etapas. Fomos da sedução ao beijo e dos beijos aos amassos *num* piscar de olhos.

— E foi bom demais — admite.

— Foi sim. E como eu ia dizendo, antes do sexo quero te ensinar tantas outras coisas. — revelo minhas intenções, ainda que duvide da nossa capacidade em resistir por muito tempo. Estamos apenas no primeiro dia e eu já estou me segurando para não rasgar sua calcinha com os dentes.

— Tantas coisas assim? — Pela sua expressão percebo o quão pouco ela sabe sobre sexo.

— Você já assistiu a vídeos pornô?

— N-não.

— Pois é, essa vai ser sua lição. Amanhã, quando chegar em casa, eu quero que procure e assista vídeos pornô — peço, avaliando sua reação.

— Não vou assistir, Henry, desista — sentencia, envergonhada. Essa garota é um poço de contradições. É virgem, mas se porta como uma pessoa experiente, pelo menos no que diz respeito a sua vontade de me entregar a virgindade. Quer ser uma puta e se recusa a assistir pornografias.

— Você vai sim, amor. Eu sei que vai — garanto por saber que sua curiosidade falará mais alto. — Vai assistir e prestar bastante atenção, porque na nossa próxima aula você mesma vai falar-me o que precisamos fazer antes do sexo propriamente dito. Antes de eu rasgar a barreira da sua virgindade com meu pau faminto por sua bocetinha apertada — termino, vendo sua expressão chocada a me encarar.

# Curiosidade

Clara

— Não, Clara. Você não vai fazer isso — reafirmo para mim mesma pela enésima vez.

Sentada sobre minha espaçosa cama, passo os olhos por todos os cantos do silencioso quarto e com a porta trancada, sinto-me como uma criminosa com medo de seus crimes serem descobertos, não que minha conservadora Chica fosse ver isso de outra forma.

Sinto-me culpada por saber que enquanto ela está na cozinha preparando nosso almoço, eu estou aqui, decidindo se assisto ou não os vídeos que Henry me pediu para ver. É até estranho falar que nunca pensei nisso, mas é a verdade. Agora o maldito atçou minha curiosidade e eu não consigo pensar em mais nada.

— Quer saber, vou fazer isso de uma vez. — Levanto-me e pego o notebook que estava sobre a prateleira mais alta da minha estante de livros. Volto para cama e com o aparelho sobre as pernas digito: casal hétero fazendo sexo. — É até melhor para não pagar de idiota na frente dele — digo a mim mesma.

Aguardo alguns segundos até que a página carregue e clico no primeiro site que aparece. Mais alguns segundos e quase jogo o computador no chão quando as imagens dos vídeos começam a ficar visíveis. A cada ícone carregado é uma obscenidade diferente, todas com casais fazendo sexo explícito, seja casal hétero, gay ou em grupo.

Querendo acabar logo com a estranha situação, clico no primeiro

vídeo de casal hétero e o vídeo inicia com a bizarra cena de um homem fazendo entrega de pizza completamente nu e de pau duro. Só isso já tira toda a veracidade da cena, em que planeta um entregador faz entregas pelado? Tem que ser muito carente *pra* se excitar com uma coisa dessas. A cena continua quando a mulher puxa o cara para dentro do apartamento, pega a caixa de pizza, joga no chão e começa a beijá-lo. Tentando fazer uma cara de tesão, o entregador que cria uma anaconda no meio das pernas começa a se esfregar na loira peituda que no momento geme de maneira insuportável e nisso eles ficam durante os primeiros dez minutos de vídeo.

Não posso negar o fato de estar começando a ficar excitada e nem de longe o motivo é a cena bizarra e sim por lembrar do Henry e eu, fazendo o mesmo contra a porta do seu apartamento.

Com meu devaneio acabo perdendo alguns minutos do vídeo e quando minha atenção volta para a cena, a siliconada já está completamente nua e o cara já a carregou para cama. Agora ele está por cima, chupando avidamente os seios dela; a mão dele estimula um mamilo enquanto o outro é mamado pela boca gulosa do senhor anaconda. A loira por sua vez, tem uma das mãos acariciando freneticamente o pênis do homem. Eles passam a gemer eu tenho que abaixar o volume do vídeo. Fico entretida vendo as preliminares e só então noto o quanto estou excitada. Minha calcinha já está completamente destruída e eu não consigo desviar meus olhos da tela e muito menos conter a respiração. Tudo o que consigo pensar é em mim e Henry fazendo a mesma coisa e no quanto isso seria prazeroso.

A cena continua até que o cara levanta para colocar o preservativo. Fico na expectativa para o que vem a seguir e logo sou interrompida pelo celular vibrando próximo da minha perna. Tateio a mão sobre a fronha, encontro o meu aparelho e ao bater os olhos na tela, constato que é Henry quem está me ligando.

Que estranho me ligar a esta hora. Como vou ter coragem de falar com ele quando estou prestes a gozar vendo um vídeo pornô?

— Fala, Henry — cumprimento, irritada por ter sido interrompida, ainda mais por ele.

— Oi, menininha, fez o que te pedi? — Ele parece bem ansioso para ter um sim como resposta.

— Não, Henry. Eu não te falei que não vou assistir isso? — minto na maior cara de pau, torcendo para que ele não perceba a excitação na minha voz.

— Que pena, menininha, seria tão interessante para nós que você

tivesse essa experiência — lamenta-se e eu me felicito por ter conseguido enganá-lo. — Agora me conta, está achando a cena boa? Pelos gemidos da mulher a foda deve estar frenética. — É cínico e eu percebo que esqueci completamente do vídeo que agora tem a peituda de quatro, sendo penetrada pelo entregador de pizzas pintado. Ele a fode com tanto vigor que das caixas de sons é nítido o barulho da cabeceira da cama batendo contra a parede.

— O que está acontecendo, amor, me fala o que eles estão fazendo neste momento. — Henry não consegue disfarçar a mudança no tom de voz.

— Eles estão transando. A mulher está de quatro no meio da cama, sendo fodida por um pau enorme — narro, obedecendo seu pedido, sem, no entanto, conseguir parar de olhar a cena fascinante. Eu literalmente estou me imaginando com Henry no lugar desse casal de atores.

— E isso te excita? Sua calcinha está molhada vendo isso? — Se não estivesse, certamente teria ficado com o som da sua voz falando ao meu ouvido.

— Sim. Muito! — Sou sincera, a umidade acumulada entre minhas pernas não me permite mentir.

— E por que ver isso te excita, minha gata? Te dá prazer olhar outras pessoas fazendo sexo?

— Não! — nego, apertando uma perna contra a outra. — O que me excita é imaginar você fazendo comigo o mesmo que ele faz com ela — falo e não contenho um gemido quando as investidas ficam mais bruscas.

— É bom que imagine mesmo, menininha, porque entre a gente vai ser mil vezes melhor — afirma. — *Me diz*: Você já está pronta?

— Como?

— Quero que coloque dois dedos dentro da sua calcinha e me diga se sua bocetinha está molhadinha, pronta para o prazer que irei proporcionar — pede e eu levanto o vestido preto que usei na noite anterior. Coloco dois dedos encima do meu sexo e constato o tamanho da minha vontade por ele, vontade do desconhecido.

— Estou tão quente, Henry, preciso tanto de você. — suplico.

— Eu também, minha linda, eu estou prestes a explodir aqui. — Tem a respiração ofegante através do aparelho. — Faz uma coisa *pra* mim? Eu quero que coloque dois dedos dentro do seu sexo — pede, e eu sem pensar retiro o notebook do meu colo, afasto minhas pernas e faço o que ele sugere.

— Fez? — Quer saber.

— Sim.

— Agora, eu quero que meta seus dedos lentamente — instrui e eu obedeco. — Faça movimentos de vai e vem. Imagina nos dois em cima de uma cama, você de quatro, assim como a mulher do vídeo pornô e eu atrás, socando na sua boceta apertada. Ela está me apertado como um punho fechado, seu tesão é tanto que a umidade do seu calor escorre por suas pernas — devaneia com a voz rouca em meu ouvido e eu aumento o vai e vem dos meus dedos, tirando e socando até a metade já que não quero correr o risco de tirar minha própria virgindade.

— Você está gostando? Diz pra mim.

— Muito... — gemo.

— Então goza para mim — pede, deixando-me perceber que está tão perto quanto eu, e continuo o entra e sai, tendo meu desejo aumentado pelo ritmo acelerado da sua respiração. — Isso, Clara. Sim, minha delícia, eu estou batendo tão forte dentro de você, nossos corpos se sacodem e a cama range contra o assoalho.

— Henry... — grito quando o som de suas obscenidades me quebra em um orgasmo poderoso. — Que delícia, merda! — Extravaso com o corpo tremulo pelas sensações até então desconhecidas.

— Puta que pariu! — xinga e eu não sei se ele também conseguiu se aliviar. Imagino que sinta a mesma dor da necessidade ou talvez, a sua seja até pior. — Não vou aguentar esperar, preciso de você. Hoje — assevera. — Mais tarde vou pedir para o Jack ir te buscar, tá bom? — avisa e eu fico tentada a dizer não. Já estou ficando constrangida por andar *pra* cima e *pra* baixo com seu motorista. Aliás, isso é outra coisa muito estranha. Até entendo o fato de ele ter aquela cobertura luxuosa, afinal, se é tão bom assim no que faz, nada mais normal do que ter dinheiro para morar onde mora. Por outro lado, ter motorista particular é um pouco de exagero, não vejo motivo plausível para que tenha um desses. Só quem se dar a esse luxo aqui na cidade são os famosos ou os grandes empresários e até onde sei, Henry Pimentel não é nem um nem outro, pelo menos não o tipo convencional de fama.

— Eu quero muito, Henry, mas não sei se vai ser possível.

Hoje não vou poder inventar a mesma desculpa de ontem à noite, Chica acharia muito estranho eu ter que dormir novamente na casa da Amanda para fazer um trabalho de urgência. Além disso, eu não posso faltar outra aula, já basta não ter ido ontem e nem hoje. Amanhã cedo tenho que estar na escola, o ano letivo está acabando e não posso perder a chance de finalmente me formar.



Atrasada por conta de alguns problemas tidos na infância e que comprometeram um ano letivo, mas o importante é estar prestes a encerrar mais um ciclo.

— Algum problema com seus pais? — Ele não vai desistir e sei que terei de inventar alguma desculpa para não fazer algo que quero muito fazer e, no entanto, não posso.

— Não é isso. É porque eu tenho compromisso amanhã cedo e o local fica perto daqui. Mas se você quiser podemos passar a tarde juntos — proponho. Será bem mais fácil sair mais tarde do que convencer Chica a deixar-me dormir fora de novo.

— Se ficar melhor para você nós podemos alugar um quarto de hotel. O que acha?

— Pode ser... — concordo, animada para ter minha primeira vez em grande estilo.

— Então até logo, meu amor. Deixa-me desligar porque tenho um probleminha duro de resolver aqui. — Despede-se e não passa despercebido o duplo sentido da sua última frase.

— Até mais! — Desligo o celular com um sorriso de orelha a orelha, sem acreditar nas coisas que acabei de fazer. Além de assistir um péssimo vídeo pornô, tive meu primeiro orgasmo proporcionado por mim mesma, tudo enquanto ouvia as safadezas do Henry pelo telefone.

Olho para baixo e sinto as bochechas esquentarem quando vejo a bagunça que fiz. Com a calcinha fora do lugar tenho meu sexo e o início das coxas melados, todo o cenário montado para me lembrar os acontecimentos de minutos atrás.

— Clara, está tudo bem aí? — Ouço Chica e vejo a maçaneta se mover quando ela tenta inutilmente entrar. *Num* salto, alcanço o notebook, limpo o histórico de navegação e o fecho antes de responder:

— Tudo bem, Chica — tranquilizo-a.

— Vem aqui, querida. O almoço está servido.

Henry

— Isso, gostosa... — digo rouco ao me aliviar dentro do banho.

Imaginando ter Clara de joelhos e com a boca envolta do meu pau, me masturbo *num* sobe e desce frenético, numa corrida rumo ao alívio de um tesão que me coroe desde ontem à noite, quando eu tive que manter a promessa feita, e fui obrigado a dormir com a boceta dos meus sonhos por perto e não

pude fazer nada. Foi foda passar a noite insone, apenas velando o sono tranquilo da Clara.

Tão tranquilo que eu tinha vontade de esganá-la. A gostosa dormia serena, enquanto eu estive prestes a subir pelas paredes — Vai, porra... — Fico mais vigoroso quando sinto o jato de porra alcançar a cabeça do meu pau. — Isso, minha gostosa — urro, sentindo o jato de esperma melar toda minha mão.

Com a respiração ofegante, viro-me de costas, encosto a testa no azulejo do box e deixo que a água do chuveiro caia sobre minhas costas, aliviando assim toda a tensão vivida nos últimos dias.

Aliviado e ansioso pelo que vai acontecer hoje, termino de me trocar e começo os preparativos para mais tarde. Faço reserva na suíte mais cara do melhor hotel da cidade, combino o melhor cardápio e peço a melhor decoração que possam proporcionar. Aviso para que não se preocupem com valores, eu quero tudo o que há melhor para a minha menininha, pois, apesar das circunstâncias, ela foi o melhor presente que eu poderia receber, um presente que não me lembro de merecer.

Preciso fazer esse momento tão perfeito, para que quando minhas mentiras forem descobertas ela esteja tão apaixonada que seja incapaz de me abandonar. Seja incapaz de ver alguma coisa além da paixão que tenho lhe devotado desde o nosso primeiro olhar.

Sem cabeça para pensar em trabalho, ligo para minha secretária, avisando que não volto mais hoje e peço para desmarcar todos os compromissos da minha agenda. Hoje meu dia será inteiro dedicado a menininha.

Acabo de desligar a ligação com minha secretária quando meu celular toca novamente. Parado em frente à geladeira, olho o visor e atendo ansioso:

— Finalmente, Garcia — falo ao abaixar-me para pegar uma maçã. — Estava quase desistindo. — Fecho a geladeira e sigo para sala. Chegando lá, sento no sofá e passo a escutar o que ele tem a dizer.

— Perdão. Dessa vez foi mais difícil, mas, no fim, consegui as informações que me pediu.

# Verdade

Henry

— Entra, por favor! — Dou passagem para Garcia, meu amigo e investigador particular. Desde que me ligou há alguns minutos não consigo segurar a ansiedade de saber o resultado da sua busca. Apesar de ter demorado mais que o necessário, confesso que ele não poderia ter escolhido melhor hora para trazer as informações sobre Clara. É até bom saber tudo de uma vez, assim não resta nenhuma ameaça a nossa relação, pelo menos não da sua parte.

Meus segredos, esses eu mantenho sob controle. Sou experiente o suficiente para não deixar que eles destruam o que tenho com ela.

— Mas uma vez, peço desculpas pela demora. — Entra e vejo um envelope grande nas suas mãos. Imagino que dentro tenha as informações que tanto quero saber. Não que algo ali vá mudar o que eu sinto por ela, até porque, não acho possível que uma mulher tão jovem quanto ela tenha algo grave a esconder. — A verdade é que esse serviço foi um pouco mais difícil — diz e eu começo a ficar preocupado com sua expressão facial.

— Deixe de suspense, homem, estou começando a ficar preocupado. — Estendo a mão e Garcia me entrega o envelope.

— Aí estão todas as informações que consegui apurar sobre a senhorita Clara Aguirre. Tem tudo, desde seu nascimento até o dia de ontem — esclarece, minucioso.

Por isso trabalhamos juntos há tantos anos. Garcia é um excelente profissional, sei que tudo que estiver aqui é verídico.

— Valeu, cara. Agora, deixe-me ver isso aqui — digo e abro o lacre do envelope.

Passando o olho rapidamente pela primeira página constato que ela segue o padrão de costume. Contém dados como nome, data de nascimento,

nome do pai e mãe, entre outras coisas. Folheio algumas páginas e volto novamente a página inicial.

Na primeira linha descubro o que já sabia, ela se chama Clara Aguirre, passo o olho rapidamente para a segunda, vendo sua idade e data de nascimento. Estou ansioso para saber mais sobre seus pais, mas algo sobre sua idade me chama a atenção. Bato o olho novamente e não consigo acreditar no que está escrito no documento.

— Dois mil e um? Ela nasceu no ano de 2001? — indago incrédulo.  
— Você tem certeza disso aqui? — bato o dedo contra a folha de papel, tentando manter a calma.

— Tenho sim, meu amigo, tudo que tem aí foi minuciosamente checado, não tem espaço para questionamentos.

— Isso quer dizer que essa menina tem... — interrompo-me, pois não consigo nem terminar o que preciso dizer.

— Quer dizer que sua amiga ainda tem 17 anos, apesar de estar prestes a completar 18 — confirma e eu não sei nem como reagir a essa informação.

Sem saber o que fazer, jogo as folhas sobre o sofá como se elas estivessem queimando minhas mãos. Minha vontade é de colocar Garcia para fora da minha sala, ele e esses malditos papéis. No entanto, decidi ser racional e ouvir tudo o que preciso saber.

— Algum problema, Henry? — Ele me encara, confuso e certamente sem entender a minha reação. Isso porque ele nem sonha com as coisas que eu fiz e pretendia fazer com ela. Uma criança, porra, uma maldita criança!

— Não foi nada, Garcia — Respiro fundo e tento voltar a calma para que assim possa ser capaz de ouvir o resto. Tenho medo do que vem pela frente. — Você pode falar o que tem nesses papéis, por favor? — peço sem importar-me com o que pensará desse pedido.

— Claro, meu amigo. — Aproxima-se do sofá, pega as folhas que ali estavam e volta para o lugar onde esteve anteriormente.

— Sente-se, por gentileza — sugiro e ele se nega com um acenar de cabeça.

— Não precisa se preocupar, estou bem assim — nega. Eu também prefiro ficar em pé, a ansiedade não me deixaria permanecer sentado.

Garcia ler o conteúdo de suas investigações por um tempo, depois

recoloca o conteúdo dentro do envelope.

— Bem, como você deve ter visto, a garota tem 17 anos, estuda o último ano do colegial e atualmente mora com uma senhora de 54 anos. Essa senhora se chama Francisca Chagas e cuida da senhorita desde que ela tinha 2 anos de idade.

— Entendi, mas se ela mora com essa senhora, onde estão seus pais? — questiono a respeito do tema que tem a minha total atenção no momento.

— Eles estão mortos, Henry — responde direto. — A menina é órfã.

— Como assim, órfã? — interrogo, tentando não demonstrar meu baque com essa informação.

— Sim, ela perdeu os pais há algumas semanas. Eles faleceram em um acidente de trânsito. Segundo informações da polícia, o carro deles capotou em decorrência de uma estrada molhada.

— Meus Deus! Coitada da minha...da Clara — corrijo-me de imediato quando noto sua atenção em mim.

— Isso não é nem o começo, Henry — avisa, deixando-me muito preocupado, afinal, o que seria pior do que perder pai e mãe aos 17 anos? — Você não tem ideia da barra que essa menina vem enfrentando.

— Tão grave assim?

— Não imagina o quanto, meu amigo — assevera — Os pais dela eram professores e com a renda que tinham viviam modestamente, tinham casa própria e a garota estuda em uma escola particular, graças a uma bolsa conquistada por ela mesma — diz e sinto meu peito se encher de orgulho da menininha, apesar de também sentir raiva. Mas isso é assunto para depois, primeiro preciso descobrir o quão fodida está a sua situação.

— Mas isso é bom, não é? Ela ficou órfã, mas pelo menos tem alguém para tomar conta dela e um teto sobre a cabeça — digo. Também tem a comida, não adianta ter um teto sobre a cabeça se não tiverem o que comer. Terá sido esse o motivo de ela ter decidido se prostituir?

— Aí é que você se engana, Henry, nem isso ela tem mais. O pai dela fez um mau negócio atrás do outro, levando a família a falência. Ela está completamente arruinada. A casa foi vendida e o prazo dado pelos compradores para que ela deixe o imóvel está prestes a se esgotar. E tem mais: segundo relatos de vizinhos, todos os dias tem credores batendo na porta cobrando dívidas e por credores, não me refiro aos que agem dentro da lei, se assim fosse, ela de algum

modo poderia se abster das dívidas, já que é menor de idade.

— Puta que pariu! — Ando de um lado para o outro como um leão enjaulado sem saber o que fazer com tudo o que acabei de ouvir.

— Resumindo, é isso, meu caro. Sua amiga é órfã, mora com a antiga babá em uma casa que está prestes a perder. A senhora até faz uns bicos como doméstica, mas nada que pague algo além da comida.

— Eu não queria estar na pele dessa moça. Tão nova e tendo que enfrentar essa barra — diz sem saber da missa a metade. Nem imagina o que ela pretende fazer.

— Tá foda, viu? — Passo as mãos pelo cabelo, em claro sinal de nervosismo.

— Essa garota é tão importante assim para você, Henry? — Esperto, Garcia avalia-me com seu olhar invasivo.

— Você não tem ideia do quanto, Garcia. Mas, o que descobri hoje acabou de destruir todos os meus planos com ela — confesso, entristecido.

— Não me diga que você e ela...

— Sim — interrompo, sabendo o que ele ia dizer. — Nós estamos juntos. Ainda bem que não fui longe demais — digo baixinho, apenas para mim mesmo.

— Como?

— Esquece. O importante é que isso acabou. Eu não vou ter mais nada com ela — afirmo convicto do que estou dizendo. — Clara mentiu para mim, cara. *Me disse* que tem 19 anos, quando na verdade tem 17. Ela é uma maldita criança.

— Que situação foi essa que você se meteu, Henry? — É difícil de acreditar até mesmo para ele que já viu de tudo. — Porém, se o problema for idade, talvez isso possa ser conversado entre vocês.

— Não, Garcia. Isso não tem como dar certo. Eu sou um homem vivido de 34 anos e ela é apenas uma menina que não sabe nada da vida. Não viveu a fase tão importante da adolescência para já estar com um homem maduro, que necessita de muito mais do que ela pode dar.

Meu pensamento pode até parecer incoerente já que eu sabia da sua virgindade e do fato de ela provavelmente não ter vivido muitas coisas, mas isso foi antes, quando eu atribuía sua inexperiência a alguma situação que justificasse o fato.

Não quando a justificativa é cuspidada na minha cara ao perceber que não tinha nada de estranho no fato de ela não saber nem ao menos beijar. Ela tem 17 anos, caralho! Estranho seria eu *por* estar a ponto de transar com uma menina tão jovem e que passa por uma situação tão difícil.

— O pretende fazer agora que tem as informações em mãos?

— Ainda não sei. A única certeza que tenho é a de que tudo entre nós está acabado. Não sei o que fazer para ajudá-la financeiramente, sei que desamparada não ficará — sentencio, convicto do que estou falando.

Simplesmente não tem jeito de trazê-la para o meu mundo. A garota seria comida viva.

— Tudo bem, Henry, você deve saber o que faz. — Aproxima-se, batendo no meu ombro de maneira condescendente. — Só toma cuidado com os sentimentos da moça — pede, paternal e eu entendo sua preocupação com o bem-estar de uma pessoa que ele nem conhece, até porque, tem uma filha quase da mesma idade da Clara e deve imaginar como seria se fosse sua filha na mesma situação.

— Pode deixar! — Aperto seu ombro devolvendo o cumprimento. — Posso te pedir mais uma coisa?

— Claro, o que foi? É mais algum serviço? É só passar o nome e deixar o resto por minha conta.

— Não é nada disso — corto-o. — Eu preciso que você fique de olho nela, peça para um de seus homens fazer o serviço se for necessário. Quero saber tudo da rotina dela, aonde vai e com quem vai; quem são seus amigos. Tudo! Eu quero ser informado de tudo — peço já me prevenindo. Eu não sei como ela vai reagir a nossa conversa de hoje e muito menos como eu mesmo vou reagir ao ver sua cara mentirosa.

— Seu pedido é uma ordem. Pegue, acho que você deve ficar com isso. Ai contém outras pequenas informações que talvez possa te ajudar em algum momento. — Entrega-me o envelope. — Até logo! — Aperta minha mão e eu o levo até a porta.

— Valeu, Garcia, trabalho excelente — Faço o merecido elogio.

— O que é isso, homem, fiz apenas o meu trabalho. E pode deixar que ficaremos de olho na sua garota. — Vira-me as costas e não me dou ao trabalho de responder.

Sozinho novamente, jogo-me sobre o sofá e de olho fechados apoio a cabeça no encosto quando um filme começa a passar pela minha cabeça,

imagens que vão desde o nosso fracassado primeiro encontro até hoje cedo, quando fizemos sexo por telefone.

Penso na decisão precipitada que tomei, dando-me conta de que seria tão mais fácil confrontar sua mentira se não tivesse um quarto de hotel preparado para sua primeira vez, para nossa primeira vez juntos.

*Como vou fazer isso, meu Deus?*, pergunto-me e ao olhar para o relógio de pulso, constato que já está quase na hora marcada por nós dois. Não tem mais tempo de voltar atrás. Nem se eu quisesse conseguiria fazer de outra forma.

Decidido acabar com isso de uma vez por todas, disco seu número e ela atende no segundo toque.

— Fala, Henry — cumprimenta, sem conseguir conter a excitação.

— Olá, Clara — respondo num tom mais distante. É bom já ir preparando-a para o nosso fim. É disso que se trata nossa conversa. Será o nosso adeus e isso não é pelo fato de ela ter escondido coisas, até porque eu também não sou um santo. Menti sobre ser um garoto de programa e também escondi coisas a respeito da minha "noiva". Pelo menos é assim que meus pais consideram a vadia da Lúcia. O principal motivo do nosso término será o fato de ela ser apenas uma garota. Uma menina sofrida que não merece sofrer mais do que já sofre, tendo que enfrentar os abutres que me cercam. Ela seria devorada viva, para logo depois ser cuspidada como um pedaço de lixo.

— Liguei para avisar que o motorista está indo te buscar. Estarei te esperando no lugar combinado.

— Henry, sua voz está diferente. — Esperta como ela é, Clara já percebeu a minha mudança. — Aconteceu alguma coisa?

— Não tem nada de errado, Clara, é apenas impressão sua.

— Tudo bem. Era só isso? — pergunta, inquieta e tenho certeza de que interrompi sua preparação para a tarde prazerosa que teríamos.

— Era só isso. *Se apresse*, o motorista logo estará aí. — Terminando a ligação, em seguida aciono o Jack.

— Já pode ir buscar a senhorita Clara. — Passo-lhe o endereço do hotel onde temos uma suíte reservada.

Preparado da melhor forma possível, pego as chaves do apartamento e carro e vou ao encontro da mulher ou melhor, da menina que foi o maior presente que a vida me trouxe e será também a minha maior perda.



# Ruindo

Clara

Finalmente chegou a hora, estava prestes a roer até a cabeça dos meus dedos de tanta ansiedade.

— Estou indo, Bá. — Beijo a cabeça da minha Chica e saio pela porta com a mochila nas costas que ela supõe conter os meus materiais escolares. Só espero que ela não tenha notado o quanto eu saí arrumada para uma simples tarde de estudos. Depois de muito quebrar a cabeça, decidi ir com uma saia jeans curta, completada por uma blusinha de estampa florida que cobre apenas até a metade da minha barriga. Nos pés calcei uma sapatilha preta que combina perfeitamente com o tom escuro do meu jeans. Fechado meu look despojado, preendi meu cabelo em um coque frouxo que permite alguns fios escaparem e nas orelhas brincos de argola que me deixam um pouco menos jovem e mais sexy.

Não foi nada fácil decidir como me vestir, eu não sabia se queria parecer mais madura com roupas mais ousadas e maquiagem pesada ou se me permitia ser eu mesma, mais simples e confortável. É claro que a segunda opção venceu, afinal, é melhor ser eu mesma do que exagerar na produção e parecer desesperada. Eu estou desesperada, ele só não precisa saber disso.

Como não ficar nervosa quando se estar prestes a ter um encontro com o destino certo? Depois do que nós dois fizemos por telefone, ele não precisaria falar com todas as letras qual será o desfecho do nosso encontro. Vamos finalmente transar e eu nem acredito nisso. Há uns dias isso jamais passaria pela minha cabeça, não quando os garotos estavam em último na minha lista de preocupação.

Minha ansiedade por esse encontro em nada tem a ver com a curiosidade do sexo pela primeira vez. *Se deve* ao fato de ser ele, o cara que tinha tudo para se aproveitar de uma pessoa tão jovem — mais do que ele

imagina — e que tenha lhe abordado de maneira tão direta e inusitada. Henry Pimentel foi na contramão do que eu esperava e do que qualquer um esperaria se tivesse na mesma situação que a nossa.

O garoto de programa que é acostumado a sair com dezenas de mulheres me tratou com o maior carinho e cuidado do mundo, carinho esse que não se espera de um prostituto e, talvez, de qualquer outro cara com sua aparência e condições financeiras, ainda que fosse outra a profissão.

— Boa noite, Jack — cumprimento o motorista sem jeito. O coitado já deve estar cansado de me carregar de um lado para o outro. — Desculpa a demora, estava arrumando minhas coisas. — Aponto para a mochila que guarda alguns itens de higiene pessoal e algumas peças de roupas que com certeza irei precisar.

— Não há do que se desculpar, senhorita — diz, gentil, o homem negro de meia-idade. — Para mim, é um prazer.

— Obrigada, Jack. Vamos? — Apresso-o, com medo de Chica me ver entrando nesse carro que presumo ser tão caro. Sem contar a fofoca que daria se um dos vizinhos visse isso. Ainda bem que hoje a rua do prédio está pouco movimentada.

Com o carro em movimento, deixo finalmente meu corpo relaxar. Hoje é para ser o dia mais importante da minha vida até agora.

Suspeito que eu esteja começando a me apaixonar por Henry e espero que ele esteja sentido o mesmo que eu, nem que seja só um pouquinho. Para o inferno com o nosso acordo e se alguma coisa der errado, eu vejo depois como vou me virar. Agora tudo o que me importa é conquistar ele e garantir que nossa relação tenha um futuro, se é que existe algum futuro entre um prostituto e uma aspirante a tal profissão.

Pode parecer loucura, mas eu não sei mais se consigo viver sem sua presença na minha vida. Se já é ruim ficar poucas horas longe, imagina como seria ficar dias, meses ou anos sem vê-lo?

— Para de pensar besteiras, Clara — repreendo-me baixinho na tentativa de tirar o pessimismo que ronda meus pensamentos. Não sei o motivo disso, mas tenho a sensação de que algo de ruim vai acontecer, sinto um aperto forte no peito. É uma sensação quase sufocante. — Calma, garota, inspira, expira...

— Disse alguma coisa, senhorita? — indaga Jack que aparentemente ouviu os meus devaneios.

— Sim. Poderia abrir o vidro do carro, por favor? — peço. — Tô me sentido sufocada aqui dentro — explico, puxando a gola da minha blusa um pouco mais para baixo.

— Desculpa minha distração, senhorita Aguirre. Só um momento. — Jack aperta um botão qualquer e eu sinto o vidro abaixar automaticamente, trazendo a brisa da tarde parcialmente abafada para dentro do veículo. — O dia realmente está seco — diz e eu deixo de revelar o real motivo da minha agonia.

Conforme o ar fresco vai entrando, vou forçando meu corpo a relaxar e minha mente a esquecer dos maus pensamentos. Isso com certeza é fruto do meu nervosismo, afinal, o que de ruim poderia acontecer hoje? O universo não seria tão cruel comigo. Ele deve concordar que já estou sofrendo o bastante para uma vida inteira. Hoje nada vai dar errado, tudo será perfeito, onde um ciclo se fecha e outro começa.

Henry

Na exata hora combinada e depois de muita espera e apreensão, ouço a campainha da porta tocar e com tudo muito bem planejado, caminho até a porta, abrindo-a para que ela entre, quem sabe pela última vez.

— Demorei? — pergunta divertida por saber que chegou na exata hora combinada e dando-me no rosto o beijo que seria na boca, se eu não tivesse desviado a tempo.

— Você sabe que não, Clara — Já dentro do quarto, ela me fita por cima dos ombros com um olhar que mal esconde sua surpresa. Certamente está estranhando ter sido chamada pelo nome ao invés de um dos apelidos carinhosos que acostumei a lhe chamar.

— Nunca fui tão pontual para um compromisso — confessa e só então eu paro para analisá-la melhor.

Como eu pude ser tão tapado? Olhando-a com outra perspectiva fica tão óbvia a sua pouca idade. Clara não é como aquelas garotas que aparentam ter mais idade do que realmente têm e vendo-a assim, com o cabelo preso e o rosto quase sem maquiagem é que minha ficha cai por completo. Eu realmente não posso tê-la na minha vida, seu lugar não é ao meu lado.

Nunca foi e nunca será.

— Sinta-se à vontade. — É a única coisa que consigo dizer no momento, quando tudo o que consigo fazer é olhá-la. Olhar e olhar mais um pouco. Tenho que gravar sua imagem na minha mente para que nem o decurso do tempo me faça esquecer. Não quero jamais perder a lembrança dos dias em

que sonhei ser possível ser feliz, quando pensei ter encontrado a mulher dos meus sonhos.

Deus! Como será difícil voltar para minha vida sem graça, regada a horas à fio de trabalho e de mulheres fúteis que não veem muito além de aparências e status sociais; onde minha família controladora faz pressão para que eu me case com uma mulher vazia e mimada. Tudo isso para cumprir um acordo feito entre duas famílias quando éramos crianças e não podíamos contestar tamanho absurdo.

— Que lindo isso tudo, Henry — diz, maravilhada quando se depara com tudo que preparei para ela. Para nós dois.

Quando ainda não sabia de nossa real situação, eu fiz questão de pegar o quarto do hotel mais caro da cidade e, pensando em tornar o momento especial, pedi para que as camareiras enfeitassem o local da maneira mais romântica que conseguissem. E assim elas o fizeram.

Com a cama forrada com o mais lindo cetim, nas cores vermelho e branco, o resto do ambiente é todo composto em tons pastéis. O criado mudo e a mesinha postos do outro lado do cômodo são enfeitados por belíssimos vasos de rosas vermelhas. Rosas e chocolates que criam todo um ambiente de sedução. Um ambiente que só traz sentimento de tristeza. Aqui, onde seria o início de tudo, será também o nosso ponto final.

— Você é muito atencioso, sabia? — Tenta me beijar e eu a seguro pelos pulsos. Surpresa, ela olha para as minhas mãos e de lá sobe para o meu rosto.

— Henry?

— Clara, nós precisamos conversar. — Solto seus pulsos ao dar um passo para trás. Não posso ficar assim tão perto dela.

— O que está acontecendo aqui? Por que você está tão distante? Nunca me chamou pelo nome, aonde foi parar o menininha? — Faz diversas perguntas e eu vejo a expressão alegre e eufórica sumir do seu rosto.

— As coisas mudaram, foi isso o que aconteceu — respondo, não podendo mais adiar o inevitável.

— Mudaram como? *Me explica*, Henry. O que pode ter acontecido de tão grave nas últimas horas?

— Aconteceu que eu descobri que você é uma mentirosa — digo sem pensar e ela me olha assustada.

— Do que exatamente você está falando? — *Me corta* o coração

percebê-la tão atordoada.

— Eu *estou* falando da parte em que descubro que você é uma maldita criança, porra — Aumento o tom de voz e ela dá um passo para trás. Puta que pariu! Ela não pode estar com medo de mim. Não é isso que eu quero. Jamais!

— Eu não sou criança — defende-se baixinho quando percebe do que estou falando.

— Não é uma criança? Então me fala: quantos anos você tem, Clara? — Tento manter a calma, pois, apesar de tudo, não quero assustá-la.

— Dezenove – fala sem firmeza e continua insistindo na mentira.

— Para de mentir, caralho! — grito, perdendo a briga entre a razão e a emoção. — Não percebeu ainda que eu já sei de tudo? Sei que você tentou me fazer de idiota, que tem apenas 17 anos.

— Henry, eu posso explicar — diz e já não consigo fitar seu rosto encoberto por lágrimas.

— Não tem o que explicar, gatinha. Será que você não entende? — Encurto nossa distância. — A única verdade aqui é o fato de não podermos ficar juntos.

— Não, Henry, não faz isso, por favor. — *Me abraça* pela cintura e eu sinto meus olhos arderem.

Deus, como eu gosto dessa menina. Contra todas as possibilidades, eu estou completamente apaixonado por ela. Só agora, no pior momento, *me dou* conta disso. Para ser sincero comigo mesmo, eu preciso admitir que talvez tenha me apaixonado no exato momento em que coloquei os olhos sobre ela. Quando tão inocentemente fez uma proposta tentadora e inusitada.

— Se é pela idade não precisa se preocupar, em duas semanas será meu aniversário de 18 anos. Eu prometo que isso não será um problema. Vou me comportar como uma adulta, só não me deixa. — Chora, abraçando-me apertado.

— Clara, por favor, não torne este momento mais difícil do que já está sendo. — Tiro seus braços da minha cintura para em seguida afastar-me um pouco. Não posso estar tão próximo, não quando o que mais quero é jogar tudo *pro alto* e fazê-la definitivamente minha.

— Você fazer 18 daqui há alguns dias ou meses não muda nada. Eu continuo sendo muito velho para você.

— Você não é velho, meu amor. – Seca as lágrimas que não param

de cair e eu quero me socar por ser o motivo de elas estarem ali.

— Sou sim, velho em idade e em experiência. Antes eu não enxergava isso, mas agora tudo está claro para mim; não posso roubar sua juventude e experiências, assim como também não estou disposto a te jogar no mundo podre em que eu vivo. — Tento deixar claro todas as minhas razões.

— Isso sou eu quem tem que escolher, não você. Eu escolho com quem viver minhas primeiras experiências e sou eu também quem escolho se tenho ou não condições de viver no seu mundo. Aliás, eu vou viver no seu mundo. Esqueceu do nosso acordo? — relembra o que tanto queria esquecer. Ela tem que saber a verdade.

— Clara, eu...

— Não. Agora você vai me ouvir — interrompe-me. — Como você acha que eu me sinto com seu desprezo? *Me traz* aqui, nesse cenário todo montado para dizer que não me quer mais? Isso é cruel! — Vejo a dor em seus olhos e não posso amenizar a minha própria dor.

— Clara, eu preciso que você entenda. Não é questão de não querer, pelo contrário, você é tudo o que eu mais quero, mesmo sendo errado, mesmo não podendo fazer nada a respeito, eu te quero — confesso, percebendo que as coisas estão tomando um rumo inesperado.

— Eu não entendo o motivo de não podermos ficar juntos. — Ela parece mais calma ou talvez, resignada.

— No nosso caso, querer não é poder, meu amor. — Volto ao tratamento carinhoso. — A última coisa que eu quero é magoar você. Eu só te peço que entenda. — Olho e ela tem na postura e no olhar um sentimento que até então não estava ali.

— E desde quando um garoto de programa tem consciência? Não é você que usa mulheres ao seu bel-prazer e ainda recebe dinheiro por isso? — acusa-me cruelmente e eu ficaria muito magoado se realmente fosse o que ela imagina.

— Eu não sou um garoto de programa, Clara. — Ela fica mais branca que uma folha de papel e me aproximo, com medo do que possa acontecer.

# Caos

Clara

*Eu não sou um garoto de programa, Clara.*

A frase de Henry se repete sem parar na minha cabeça enquanto eu caminho desnorreada para perto da enorme cama de casal.

— Menininha, você está bem? — Ouço a preocupação na sua voz e isso já não me importa mais.

— Eu só preciso sentar um pouco. — Alcanço a cama, sento e finalmente consigo respirar melhor. Minha mente está um caos, nada saiu como o planejado e agora eu descubro que ele mentiu esse tempo todo. — Por favor, não me chame mais assim, meu nome é Clara. — peço, magoada.

— Não faz isso me... Clara. — Olho para trás e o vejo parado às minhas costas ao lado da cama de casal.

— Você acabou de terminar comigo por eu ser uma mentirosa e agora diz que mentiu o tempo todo? — pergunto, pois isso é surreal demais para que eu possa acreditar tão facilmente. Vindo de um cara que acabou de me acusar pela mesma coisa.

— Clara, me desculpa, eu devia ter contado. — Dá um passo à frente com a intenção de me tocar, porém com um simples gesto de mãos impeço o que para mim seria difícil de suportar.

— Se você não é garoto de programa, por que eu te encontrei naquele site? — indago, confusa.

— Aquilo foi coisa do Miguel, meu amigo, que infelizmente anda metido com a prostituição e exploração de mulheres, mas isso não vem ao caso agora. Ele achou uma boa ideia colocar meus dados no site e usar minha imagem para ganhar dinheiro.

— E você deve ter achado o máximo, não é mesmo? Conseguir transa fácil, enganando garotas idiotas como eu. Meu Deus, como eu fui burra.

— Eu não sabia do esquema, Clara. Foi por sua causa que eu descobri tudo. Você foi a primeira — confessa.

— Que alívio, ainda bem que fui a única idiota a cair nessa tramoia. — Não posso conter o sarcasmo.

— Clara, por favor, *me ouve* — pede suplicante e eu não consigo imaginar o que mais ele tem para dizer. Não creio que haja uma explicação plausível para todo esse circo.

— Por que, Henry? Só me diz o motivo de você ter ido ao meu encontro quando viu aquela mensagem. — Viro meu corpo para frente, recebendo como resposta o seu olhar cheio de remorso.

— Quando vi sua foto, fiquei logo encantado por sua beleza e tudo o que eu pensava era em levar você para cama. Na hora, eu não titubeei em marcar o encontro — por fim, confessa o que no fundo eu já sabia.

Como eu fui idiota criando ilusões sobre um relacionamento que nunca aconteceria, não só por causa da minha idade como ele quer me convencer e sim porque ficar comigo nunca estive nos planos dele.

— E mudou de ideia por quê? Não era isso que você queria? — Levanto *num* rompante e sem pensar no que estou fazendo, tiro minha blusa, jogo-a sobre a cama e me aproximo dele. — Que foi? Não vai pegar o que você tanto queria? — provoco e isso nada tem a ver com desejo. Tudo o que eu quero aqui é lhe causar dor, que seja pelo menos um terço da que ele provocou em mim. — Vem, eu estou aqui. — Encosto meu corpo ao seu que está rijo de tensão.

— Para com isso, Clara, essa não é você. — Afasta-se para longe. — Eu sei que não é isso que quer. Você está machucada e eu também estou sofrendo por ter que fazer isso com a gente. — Passa a mão repetidas vezes atrás da nuca, como se assim tentasse aliviar a tensão do momento. No meu caso, a única coisa que talvez alivie seja ir embora deste quarto.

— Isso você não sabe — digo, tendo a plena certeza de que estou sendo imatura, mas fazer o que se o momento é propício a isso? Não vou negar a vontade que tenho de me jogar no chão igual a uma criança e espernear até que ele me diga que isso não está de fato acontecendo, que é somente uma brincadeira de mau gosto e que me faça crer que o nosso encontro ainda está de pé. É uma pena que na realidade eu esteja me vendo obrigada a agir com uma adulta.



— Você não está agindo com racionalidade, caralho! — irrita-se com minha teimosia. — Nem que eu tenha que te amarrar ao pé dessa cama, mas você vai me ouvir. Não vamos acabar até que tudo esteja resolvido.

— Tudo? Tudo o quê? — questiono sua estranha afirmação.

— Depois falamos sobre isso — corta minha curiosidade.

Se tem uma coisa que não controlo é a curiosidade, posso até estar devastada, mas se o bichinho da curiosidade me picar, eu não consigo deixar passar.

— Como eu estava tentando dizer, a primeira coisa que pensei quando vi sua foto foi no quanto eu desejava passar pelo menos uma noite com você — enquanto fala, ele não consegue tirar os olhos do meu sutiã rendado colocado especialmente para ele —, mas meus planos mudaram no momento em que coloquei os olhos em cima de você.

— Mudaram como? A vontade de uma noite aumentou para algumas semanas?

— Não. Conforme fomos nos conhecendo, eu tive certeza de que não te queria apenas por uma noite ou algumas poucas semanas como você acabou de dizer. Eu queria de verdade construir uma relação bacana entre a gente. Você acha que se não fosse *pra* valer eu teria me preocupado em preparar isso tudo para você? — diz, apontado para todo o ambiente e eu tive que concordar. Ele fez para mim tudo o que qualquer mulher sonharia na sua primeira vez. Perceber isso só aumenta o aperto dentro do meu peito, os meus olhos recomeçam a arder e as lágrimas que com custo consegui conter, ameaçam cair novamente.

Você não pode mais chorar, Clara. Não pode!

— Henry... — chamo pelo seu nome, sem saber exatamente o que dizer.

— Deixa-me terminar, menininha — corta. — Antes de tudo ruir, eu estava decidido a viver esse sentimento, essa paixão inexplicável que estava sentido por você, um sentimento que eu nunca senti por outra mulher. Iria lutar contra tudo e contra todos para ter você ao meu lado — confessa com os olhos anuviados e só então me cai a ficha do quanto deve estar sendo difícil para ele.

— Estava, no passado. Não está mais? — questiono, com medo da resposta. O receio do que vai dizer só não é maior do que a alegria de descobrir que ele está apaixonado por mim da mesma forma que eu por ele. Pelo menos estava, tudo vai depender da sua resposta.

— Estou, Clara, um sentimento como esse não se esquece de uma hora para outra — revela e eu tenho vontade de sair correndo por esse quarto e depois

abrir a janela e gritar para que todos ouçam: *Ele me ama. O gostoso do Henry me ama*, porra! — Renunciar a esse sentimento será a coisa mais difícil que já tive que fazer na minha vida.

— A gente não precisa fazer isso, por favor! — Chego novamente mais perto e ele logo olha para meus seios.

— Não torne isso mais difícil, anjo. — Vira-me as costas, indo na direção da janela. — A decisão já está tomada.

Ouvindo o tom obstinado da sua voz, eu finalmente me convenço de que ele realmente tomou sua decisão. Percebo que não adianta insistir, ele deu os motivos dele e não serei eu a tentar convencê-lo do contrário. Acho que me humilhei bastante para um só dia. Já basta ter tirado a blusa como uma desesperada.

Sem dizer mais nada, vou até a cama, pego minha blusa e a visto. Estou prestes a pegar minha mochila quando o ouço falar:

— O que você está fazendo, garota?

— Não é óbvio? Estou indo para casa. Você terminou comigo e eu entendi o recado. — Pego minha mochila, coloco nas costas e caminho rumo a saída enquanto falo: — Acho que não temos mais nada para conversar.

— Aí é que você se engana. — ele é mais rápido ao parar entre mim e a porta. — Temos muito que falar ainda.

— Não temos nada. Sai da minha frente, Henry — peço e ele continua parado contra a porta.

— Não. Eu já sei de tudo, gatinha. — Demoro um pouco a entender ao que se refere e ele continua:

— Sei que é órfã e que está passando por dificuldades financeiras — É claro que ele sabe, a fonte deve ser a mesma que descobriu minha idade.

— Henry, eu não acredito que você foi capaz de me investigar — falo e ele fica em silêncio admitindo sua culpa. — Seu desgraçado! — Avanço, dando tapas por todas as partes do seu peito. — Filho de uma puta. Eu nunca vou te perdoar por isso, você *tá* me ouvido? Nunca! — Soco-o sem controle e ele os recebe por um tempo sem fazer qualquer movimento de defesa.

— Ei, calma, meu amor. — Segura meus dois pulsos depois de um tempo quando já estou ofegante e sem fôlego.

— Você vai acabar se machucando...

— Não me chame assim, porra. — Puxo meus braços do seu agarre. —

Por que você fez isso comigo? — As malditas lágrimas voltam a cair quando eu tinha prometido a mim mesma que não ia mais chorar na sua frente. — Vai dizer o que agora? Que o entediado homem rico resolveu que seria bom fazer caridade para a pobre órfã que resolveu vender o corpo em troca de uns trocados? — Limpo impaciente o rosto banhado de lágrimas.

— Não fala assim de si mesma. — Tenta chegar perto e eu não deixo.

— Não me toque, agora quem não quer sou eu — falo, magoada. — Está feliz? Foi bom para você invadir minha vida sem o meu conhecimento? Não passou pela sua cabeça a ideia de me perguntar ao invés de contratar alguém para fazer o serviço?

— Desculpa, mais uma vez — pede e percebo que perdi as contas de quantos pedidos de desculpas eu tive que ouvir hoje.

Diante de tudo que aconteceu neste quarto, chego à conclusão de que a minha mentira é fchinha se comparada a todas as coisas que ele escondeu e fez pelas minhas costas. Quando lembro do show que ele deu ao me chamar de mentirosa, a vontade que tenho é de dar mais uns tapas, só que dessa vez com mais força. Parece que esse homem tem o poder de puxar o que há de pior em mim.

— A única coisa que posso dizer em minha defesa é que eu fiquei curioso e principalmente preocupado com o fato de uma menina tão jovem como você me procurar com aquela proposta — justifica-se.

— Agora você já sabe, não é? Mas não precisa se preocupar, vou encontrar outro para fazer o seu serviço. Você não é insubstituível — falo da boca para fora.

Eu não teria mais coragem de fazer tamanha loucura, já basta o que encontrei com Henry. Se falo, é apenas para tirá-lo do sério, tirar essa pose inabalável que ele tenta sustentar.

— Faça isso, garota — rosna com os dentes serrados, numa clara demonstração de fúria. — Você não vai gostar das consequências.

— Está me ameaçando, Henry?

— Entenda como quiser — responde. — Vai me ouvir ou vai ficar fazendo birra como a pirralha que eu sei que você é. — O desgraçado pega no meu ponto fraco.

— E você é um velho — rebato fazendo birra, nada diferente do que ele acabou de me acusar.

— Você bem que gostou do velho aqui quando estava implorando para

ser comida, não é mesmo, menina. — Dá ênfase no menina.

— Aproveita que sua memória ainda está boa e mantenha essa lembrança bem guardada, porque essa é uma coisa que você nunca mais vai me ouvir pedindo. E fala logo o que tem para dizer, ou então *me mando* deste quarto, nem que eu tenha que gritar por ajuda.

— Ok — penteia os cabelos para trás com os dedos. — Sei que você não sabe, mas eu sou dono da revista *Mundo em Foco*.

— Merda! Você não está falando da *Mundo em Foco* que é também dona da *Click Glamour* e *Faça Você Mesmo*? — pergunto, surpresa.

Deus, essas revistas são as mais lidas do país. Esse cara deve ser muito rico. Como eu não percebi isso antes? A sua casa, o modo de vestir e de falar, até mesmo o fato de ter um motorista particular denuncia que ele jamais seria um simples garoto de programa, mesmo que fosse o mais famoso da cidade. Eu poderia ter reparado nisso se não estivesse tão preocupada em entrar na sua cueca.

— Sim, essa mesmo — diz simplesmente e eu ainda me recuso a acreditar. Eu já li muito a *Click Glamour* para fofocar a vida dos famosos com a Amanda e também já vi Chica grudada nas páginas da *Faça Você Mesmo*, a revista que faz a alegria das donas de casa.

É surreal a ideia de que estou aqui com o dono de todo um império, fora o fato de ter chegado perto de fazer sexo com o próprio. Eu não sei se vai ser possível vê-lo novamente com os mesmos olhos.

— Entendi. Mas o que é que eu tenho a ver com o seu trabalho de jornalista?

— Tudo — Se ele não avisasse, eu nem teria percebido. — O garoto que estagiava para mim acabou de se desligar e desde então o lugar dele está vago. — Dá uma pequena pausa, como se analisasse bem o que vai dizer. — Gostaria que você ocupasse o lugar dele. Quero que venha trabalhar para mim.

# Recusa

*Algumas semanas depois...*

Henry

— Não foi isso que eu pedi, Camilo — esbravejo, muito irritado.

A sorte dos funcionários é que hoje é sexta-feira, porque senão, eu não sei se sobraria alguém para vir trabalhar na segunda.

— Será que eu não fui claro o suficiente quando pedi que o fundo fosse branco? — pergunto ao responsável pela arte das capas das revistas, principalmente a *Mundo em Foco*, nosso carro chefe e responsável pelo maior rendimento da empresa e por alavancar as outras duas.

A *Mundo em Foco* é voltada ao jornalismo, englobando política e negócios, sendo direcionada ao público masculino. Sei que parece machismo dividir entre conteúdos que as mulheres leem e conteúdos que os homens leem, mas é exatamente assim que funciona esse meio, não restando-me outra saída que não seja adaptar-me a realidade.

Pra acentuar ainda mais a divisão, temos as revistas *Click Glamour* e *Faça Você Mesmo*, a primeira traz um conteúdo direcionado aos mais jovens, recheada de tutoriais de moda, maquiagem e principalmente fofocas das celebridades do momento. Consigo até imaginar a menininha lendo ela.

Por outro lado, a *Faça Você Mesmo* visa o público feminino mais velho, as donas de casa que procuram desde receitas caseiras até tutoriais de como fazer ou reformar imóveis inutilizáveis. Um prato cheio para a criatividade.

Essas revistas são os pilares que sustentam a empresa que tanto amo.

A *Mundo em Foco* foi fundada pelo meu bisavô, passando de geração em geração e faz mais de quatro anos que meu pai me passou o controle da empresa. Um belo dia, ele acordou e decidiu que não queria mais trabalhar, que estava muito cansado de tudo e resolveu que tinha chegado a minha hora. A hora em que eu tive que abdicar das farras regadas a mulheres e sexo, para me tornar o empresário que sou hoje. Lembro-me de ter protestado muito na época, pois não queria tão cedo ter que deixar de lado a vida boa que me mantinha longe das responsabilidades. Esse era eu aos trinta anos, o homem que não fazia ideia do trabalho que teria pela frente e principalmente, o homem que não imaginava o quão apaixonado por tudo isso se tornaria.

No início sofri muito, pois não sabia por onde começar já que, até então, o meu diploma de jornalista servia apenas para enfeitar a parede da casa dos meus pais. Tive que aprender na marra como uma empresa desse porte funciona na prática e devo confessar que não teria conseguido se não fosse o auxílio da Laura, a irmã gêmea do meu melhor amigo Miguel.

Eu, Miguel e Laura, sempre fomos um trio inseparável na época do colégio. Vivemos juntos todas as primeiras experiências da vida adolescente e depois adulta. E quando eu digo todas, é todas mesmo, tanto que eu e Laura chegamos a namorar quando ambos tínhamos dezoito anos. Ficamos juntos por apenas alguns meses e logo decidimos que éramos melhor como amigos, quer dizer, eu decidi e ela acabou aceitando. E assim temos sido desde então.

Nós três éramos pessoas extrovertidas e que não queriam se desgrudar. Na época decidimos que a melhor coisa a se fazer seria entrar na mesma universidade, e foi exatamente isso que fizemos. Miguel e eu cursamos Jornalismo e Laura optou por publicidade e propaganda.

Depois de formados, Laura quis ir para Londres fazer um estágio numa grande empresa de publicidade, depois foi efetivada como funcionária e lá ficou durante anos, até o dia em que eu precisei de sua ajuda e ela veio sem pensar duas vezes.

Devo confessar que sua lealdade me surpreendeu bastante. Eu no seu lugar não deixaria tudo já conquistado para embarcar *num* desafio com um cara que até então era conhecido por não levar nada a sério, que assim como seu próprio irmão, usava o diploma como status.

Por isso e por muito mais, valorizo tanto sua amizade. Laura é o meu braço direito, é a pessoa que supervisiona as duas revistas femininas e quem cuida da divulgação e imagem da empresa. E como se isso não fosse o suficiente, minha amiga não pega no meu pé com coisas do passado. Não fica

remoendo uma história que ficou para trás. Sei que ela superou aquele namoro sem importância e que valoriza a amizade que nos restou.

E assim somos ela e eu, a dupla imbatível que comanda a *Mundo em Foco* com dedicação e pulso firme. Aqui se perdoam erros, até porque os consumidores também não nos perdoariam, afinal, eles pagam para consumir um produto de qualidade.

— Foi mal, Henry, devo ter feito alguma confusão. Esta semana eu... — interrompe-se quando desvio minha atenção.

— Oi, meu caro, *tá* ocupado? — Saulo, o chefe da equipe de fotografia, abre a porta, após dois toques.

— Claro, sinta-se à vontade. — Ele entra e olha de mim para Camilo, percebendo a tensão do momento.

— Algum problema aqui? — Quer saber, já que nós três sempre nos demos tão bem. Somos a equipe que faz nossas revistas serem as mais lidas do país.

— Olha isso! — Entrego a imagem em que o tom branco foi substituído por bege.

Ele passa alguns minutos olhando a foto para depois dizer:

— Isso é o motivo do estresse? — Faz pouco caso da minha irritação. — É só trocar a cor e pronto. Aqui não tem nada que prejudique ninguém. — Aproxima-se de Camilo, devolvendo a folha. — Toma, parceiro. Você pode nos deixar a sós um minutinho? — pede e Camilo acena positivamente. — Preciso ter um papo com o esquentadinho aqui — brinca na tentativa de descontrair o ambiente.

Sem dizer mais nada, Camilo apenas sai, deixando Saulo e eu sozinhos.

— Eu posso saber o que está acontecendo com você, Henry? — Ele senta na cadeira que fica na frente da minha mesa.

— Não sei do que você está falando — respondo, sabendo exatamente a que ele se refere. Saulo e eu trabalhamos juntos há tempo demais para que eu consiga esconder algo.

— Sabe, sim. E se não sabe, vou refrescar sua memória. — Abre o único botão que fechava seu terno fino e começa: — Já tem uns dias que você vem sendo grosseiro com os funcionários e nós dois sabemos que não faz seu tipo ser um chefe carrasco. O que aconteceu com o "nós somos uma equipe", cara? Perceba a maneira como você tratou o Camilo.

— Ele errou, Saulo, você mesmo viu — defendo-me.

— Sim, ele errou, mas sua reação foi desproporcional para um erro tão pequeno quanto aquele. Já têm semanas que você está assim e não diz qual é o problema. Nem a Laura consegue tirar nada de você. — Menciona o nome da mulher pela qual eu sei que ele tem estado apaixonado há um bom tempo. Laura por sua vez o retribuiu com distância e frieza, mesmo eu desconfiando que ela saiba dessa paixão.

— Tem razão, eu peguei muito pesado com o Camilo — reflito. — Depois eu tenho que me desculpar com ele.

— Não só com ele, não é mesmo? — Resolve abusar. — Você tem distribuído patadas para todos os lados.

— Você continua tendo razão — reconheço.

— Pode me dizer o motivo desse seu mau humor nada característico? — pergunta e eu pondero se não é melhor abrir o jogo com ele. Depois de Miguel, Saulo é meu amigo mais próximo, e como por motivos óbvios não é possível conversar com Miguel, talvez seja melhor abrir o jogo para ele. Tenho que conversar com alguém, senão, sou capaz de morrer sufocado com esse assunto entalado na garganta. — Calma, *me deixa* adivinhar. Tem mulher envolvida, não tem?

— Tem — confirmo e ele dá um sorrisinho besta. — Quer dizer, mulher não, uma garota.

— Garota? — Estranha por sempre ter me visto com mulheres com idade próxima a nossa ou até mesmo mais velhas.

— Sim, ela tem 18 anos — digo ao lembrar que há alguns dias foi seu aniversário e que mandei alguns buquês de rosas-amarelas, cujos ela nem se deu ao trabalho de agradecer.

Isso tudo depois de eu ter tentado ligar e mandado diversas mensagens de felicitações.

— Nossa, cara, não sabia que você curtia ninfetinhas. — É malicioso. Isso porque nem sabe que a capetinha mentiu a idade para mim, que na verdade tinha 17 anos quando tudo começou.

— Não fala assim dela, caralho — aviso, grosso. — Mais respeito, por favor.

— Calma, parceiro. — Levanta as mãos para cima em sinal de rendição. — Só estava brincando. Não quis de forma alguma desrespeitar a sua garota.



— Ela não é a minha garota — aviso e ele fica surpreso.

— Não é?

— Não. Você não sabe do tamanho do rolo que é a nossa história, meu amigo.

— Acho que temos tempo — afirma, depois de verificar as horas no relógio de pulso. — Sou todo ouvidos. Pode começar — pede.

E assim ficamos.

Entre interrupções e gestos de surpresa, Saulo e eu passamos os próximos minutos conversando sobre Clara. Revelei desde o dia em que vi sua mensagem até o nosso último e infeliz encontro. Conto tudo, sem esconder nada, inclusive o fato de ter me apaixonado pela menininha.

Revelei sua reação ao ouvir minha proposta de emprego e ele caiu na risada com a impetuosidade da garota. Devo confessar que pelo pouco que a conheço, jamais imaginaria uma reação como a que ela teve.

Depois de ouvir minha oferta, Clara ficou alguns segundos sem reagir, mas quando o fez, não deixou por menos. Irritada, ela caminhou até a mesa, pegou o primeiro vaso de rosas-vermelhas e jogou na minha direção. Tive sorte de ter desviado a tempo, antes de ser atingido.

Do primeiro vaso, Clara saiu jogando todos os objetos que encontrava no seu caminho, fazendo-me cortar um dobrado para conseguir desviar de tamanha fúria. Para piorar a situação, ela fazia isso enquanto me xingava com os piores nomes e eu acabei por descobrir o quão suja sua boca pode ser.

Enquanto xingava e me jogava objetos, a garota também proferia sua indignação, dizendo que não ia aceitar o emprego, que não era uma obra de caridade para receber esmolas; pedindo inclusive para que eu sumisse de sua vida. Para piorar, tudo isso foi dito em alto e bom som, quer dizer, grito. Ela gritou tanto e tão alto que o nosso quarto foi invadido por seguranças e outros funcionários do hotel. Quando os seguranças perguntaram, eu disse que era apenas uma briga de namorados, mas que estava tudo sobre controle.

Além de não acreditarem em mim, eles a tiraram do quarto, colocaram-na *num* táxi e eu nunca mais a vi.

Há semanas não tenho notícias dela. Tudo o que sei são as poucas informações que Garcia tem me passado. Segundo ele, Clara tem seguido uma rotina tranquila, só sai para ir à escola ou para ir a um quiosque com uma galera que eu imagino ser a mesma do colégio. A situação financeira que é a minha

maior preocupação continua a mesma e os credores continuam batendo na sua porta a fim de receber o valor que o pai dela ficou devendo.

— Caralho, cara, essa sua história é surreal demais. — Saulo obviamente está impressionado com tudo o que ouviu. — E *pra* variar o Miguel sempre fazendo merda.

— Nem me lembre disso. Eu não sei mais o que fazer para abrir os olhos dele, Saulo — confidencia, já que Saulo também é seu amigo.

— Se bem que foi graças a ele e suas *maracutaias* que você conheceu a Ninfa. — Sorri de lado.

— Não chama ela de Ninfa, deixa de ser folgado. — Sorrio dessa vez, ainda que esteja falando sério. É impressionante como desabafar aliviou um pouco o peso que carrego nas costas.

— Já sabe o que vai fazer agora?

— Eu não tenho ideia — confesso. — Já tentei entrar em contato de todas as formas e ela só me ignora. Estou muito preocupado com a situação financeira dela.

— E com razão, não é mesmo? Uma menina tão jovem tendo que passar por uma barra tão pesada.

— Sim, e eu ainda tenho medo do que Clara pode tentar fazer pra remediar todos esses problemas. O emprego ela não quis — digo.

— Você acha que ela pode...

— Não sei — interrompo-o sem querer ouvir ou imaginar o que ele certamente perguntaria. — O que me acalma é saber que tenho o Garcia de olho em cada passo dela. Depois do que aconteceu entre a gente, eu não sei se Clara teria coragem de tentar o mesmo plano — digo sem a menor certeza. Não há como afirmar nada quando se está falando de uma pessoa tão jovem e impetuosa feito ela.

— Também vamos pensar pelo lado da garota. Deve ter sido um baque sair de uma noite que seria a sua primeira transa, para uma realidade em que você a expulsa da sua vida e ainda por cima com uma oferta de emprego. Seria pedir demais exigir sensatez de uma garota tão jovem numa situação como a que vocês viveram dentro daquele quarto. — Saulo é sensato como de costume. — Dê um tempo para a Ela.

— É difícil, cara, ainda mais quando eu estou tão preocupado — falo em preocupação e oculto o fato de estar morrendo de saudade daquela capetinha.

— Clara tem seu número. Tenho certeza de que quando estiver pronta, ela vai te ligar — termina de dizer e meu celular começa a tocar no bolso do meu terno cor chumbo. Quando pego o aparelho e checo o visor, o número estampado nele me surpreende.

— É ela — aviso, antes de atender.

# *Voltando atrás*

Clara

— Clara. Aconteceu alguma coisa? — Ouço do outro lado da linha a voz preocupada da única pessoa que eu sei que posso contar, apesar da maneira como tudo entre a gente acabou há algumas semanas.

Quando tudo ruiu, eu me descontrolei como só uma doida varrida faria, entre xingamentos e tentativas de lesão corporal — sim, lesão corporal, foi o que fiz ao arremessar todos os objetos encontrados pelo caminho em sua direção — A nossa noite especial terminou comigo dentro de um carro, prometendo a mim mesma que nunca mais veria a sua cara deslavada na minha frente.

Eu só não imaginava que seria assim, tão difícil. As semanas passadas sem ao menos ouvir o som da voz dele foram se arrastando até o ponto de me acostumar com o buraco que sua ausência abriu no meu peito. Nos primeiros dias, a vergonha pelo vexame que fiz no hotel era tamanha que me faltava coragem de atender seus muitos telefonemas. Tive ainda o receio de mais uma vez sentir que estava sentindo pena, nada além disso.

Depois de muito insistir e desistir de falar comigo, Henry só deu o ar da graça novamente há alguns dias, no dia do meu aniversário, informação que certamente obtive no relatório da maldita investigação.

Durante todo o dia, ele enviou buquês de rosas-amarelas, e eu, mais orgulhosa do que o recomendável, recusei um por um. A cada batida na porta, o motorista era recebido com um "não". Ele então dava meia-volta e eu fechava a porta, perguntando-me o porquê de tamanha idiotice. Não deveria ter recusado as flores quando tinha tanta vontade de ficar com elas, e ainda mais quando era a única lembrança que teria dele.

No final do dia, dura como só uma pessoa como eu pode estar, fui

surpreendida pelos meus amigos mais próximos que amavelmente trouxeram algumas caixas de pizzas e refrigerantes. Eles, sem saber, trouxeram um pouco de ânimo ao dia que deveria ter sido especial. Ao invés disso, ele passou melancólico, onde não havia espaço para nada que não fosse a tristeza pela saudade dos meus pais e também do Henry que em tão pouco tempo, tornou-se tão importante para mim.

Um pouco depois da meia-noite, quando todos estavam prontos para ir embora, abri a porta e deparei-me mais uma vez com um buquê de rosas- amarelas, só que dessa vez elas não estavam nas mãos do motorista do Henry. As flores estavam no chão e na rua, não havia nem sinal do carro dele. Sem querer falar sobre o assunto com ninguém — nem mesmo com Amanda — retirei rapidamente o cartão e o escondi dentro do bolso do meu Jeans. Eles foram embora e eu logo me apressei em arranjar um jarro com água para colocar as flores.

Hoje elas estão aqui, quase murchas e ainda não tenho coragem de jogá-las na lata de lixo. É como se de alguma forma elas fossem um elo entre mim e ele.

O cartão? Esse está guardado dentro da minha gaveta. Ainda não tive coragem de olhar o que estava escrito nele. Talvez seja somente as felicitações pelo meu dia, como foram os outros, no entanto, alguma coisa me impede de lê-lo e então, decidi esperar pelo momento de fazê-lo.

Diferente de antes, quando eu pensei ter encontrado a solução perfeita para os meus problemas e Henry entrou junto no pacote, hoje ele não tem mais parte nisso e a situação em que vivo não é responsabilidade sua. Não que algum dia tenha sido e se eu não estivesse tão sem saída, certamente não teria lhe procurado, não depois de ter recusado tão veementemente sua oferta de emprego.

— Henry — começo, insegura. — Preciso de ajuda. — Esse é o momento em que deixo meu orgulho de lado.

— Clara, amor! — É carinhoso, mesmo que talvez eu não mereça. — De quanto você precisa? Pode falar... — *Se apressa* na solução.

— Eu não liguei para te pedir dinheiro, Henry, pelo menos não dessa forma que você está pensando — esclareço.

— Não? Mas eu pensei...

— Pensou errado — interrompo, sabendo que não gostaria de ouvir o que estava a ponto de dizer.

— A proposta de estágio ainda está de pé? — pergunto e ele demora alguns instantes para responder.

— Pelo tempo que você quiser, Clara, não imagina o quão preocupado estou você.

— Eu não preciso da sua preocupação. Só estou em busca de um emprego. — Na defensiva, acabo sendo desnecessariamente grossa com a pessoa que pode me ajudar. Por outro lado, fica difícil me segurar quando o ouço falar dessa forma, pois se não o tenho do jeito que gostaria, também não me contentarei com a sua pena.

— Tudo bem! — Muda o tom de voz. — Se não estiver ocupada, gostaria que trouxesse seus documentos ainda hoje. — Olho para o relógio e constato que já são 16h. — A Camila do departamento pessoal vai entrar em contato com você. Ela dará as coordenadas dos documentos necessários. Era só isso? — indaga, frio, carregando na voz todo o profissionalismo que eu ainda não tinha tido a oportunidade de presenciar.

Só falta ele ser um chefe carrasco.

Henry

— Você vai mesmo fazer isso? — Saulo questiona depois de ouvir-me ao telefone, primeiro com a menininha e depois com Camila, a responsável pelo quadro de funcionários da empresa. — Vai trazer a garota para o meio de toda essa loucura?

Ele tem razão no seu questionamento, até porque, só quem vive essa rotina sabe o quanto é difícil. É viver todos os dias numa constante briga de cachorro grande.

— Não tenho outra saída, meu caro — constato, ainda que não saiba o que realmente aconteceu para que ela tomasse essa decisão. O risco de perder a casa eu sei que não é, esse problema eu resolvi antes mesmo do nosso rompimento. Sem que fosse do seu conhecimento, contatei meus advogados e eles sem muitos esforços, resolveram o problema ao comprar novamente a casa, oferecendo um valor acima do que foi pago pelo casal quando compraram o imóvel. Todavia, não tive tempo de livrá-la de todas as outras pequenas dívidas contraídas pelo idiota do falecido pai e isso provavelmente tem sido a pedra no seu sapato.

Pensando bem, tem um lado positivo de ainda ter sobrado algumas dívidas a serem pagas, pois se todas sumissem e sem mais nem menos parassem de lhe incomodar, Clara certamente desconfiaria do que ando fazendo sem a sua

permissão e, se ela já não viu com bons olhos minha oferta de emprego, imagina se acharia legal saber que ando pagando as dívidas do seu pai.

Não, a menininha não pode descobrir mais uma mentira, esse é um assunto que tenho que conversar quando ela estiver com a guarda baixa.

— Não pode ajudar ela de outro jeito? — Eu entendo a preocupação do meu amigo. Talvez no início esse seja um ambiente hostil para uma menina tão jovem. Mas se Clara for tão forte e petulante quanto eu imagino que seja, eu tenho pena é de quem atravessar o seu caminho.

— Ela não aceitaria. Se juntos já seria difícil, imagina agora que não temos nada um com o outro — constato um fato. Minha ninfha é muito orgulhosa para o seu próprio bem.

*Ninfha?*

— Essa sua ninfetinha é das minhas. — Eu fecho a cara e ele novamente levanta as mãos para o alto, em sinal de rendição.

Não posso negar uma ponta de ciúme com os elogios e a inesperada preocupação do meu amigo. Se já está assim sem ao menos conhecê-la, não imagino como ficará vendo-a pessoalmente.

— Fique longe! — aviso com o maxilar cerrado.

— Não precisa pedir duas vezes. Você sabe que prefiro as mais maduras. — Ele se refere a Laura. Entre nós não é segredo os seus sentimentos. — E por falar nisso, como acha que ela vai reagir a essa novidade?

— Laura não tem que achar nada. Clara vai ser tão funcionária quanto qualquer outra. E mesmo se não fosse, Laura não tem nada com a minha vida pessoal. É apenas minha amiga e não a minha mãe — digo e ele me olha estranho.

Será que sabe de algo que eu não sei?

— Não está mais aqui quem falou. E sua situação com a Lúcia, a quantas anda? — A simples menção tem o poder de acabar com o meu humor que já não era dos melhores.

Como se minha situação já não estivesse difícil o suficiente, caí na armadilha de fazer sexo com a única mulher que deveria manter distância. Lúcia é muito bonita e atraente, mas nem toda beleza do mundo é capaz de esconder sua personalidade intragável. Imagino que se não estivesse com os sentidos entorpecidos pelo álcool, esse erro certamente não teria acontecido e eu não estaria com meus pais na minha cola falando de um casamento que jamais acontecerá.

— Ainda estão te pressionando? — Acho que até para ele é difícil crer na tamanha loucura dos meus pais. Em que mundo eles vivem?

— Mais do que nunca — digo. — Agora, vamos voltar ao trabalho. — Passamos a última hora discutindo ideias de imagem para a capa da próxima edição da *Mundo em Foco*, até que *num* determinado momento, o telefone começa a tocar.

— Senhor, a nova estagiária está aqui fora — diz Elga, minha secretária. — Posso deixá-la entrar?



# Funcionária

Clara

— Sim — diz a mulher de postura rígida ao telefone. — Farei isso. — Desliga a chamada e volta a me fitar. — O senhor está te esperando — diz e eu com a mesma boca aberta de desde o momento em que coloquei meus pés dentro da empresa, dirijo-me a porta que contém o nome do Henry e mais abaixo a palavra diretor.

Tudo neste lugar cheira a sofisticação, desde a recepção a cada corredor que tive o prazer de percorrer até chegar aqui, no andar da diretoria. Em tons branco e grafite, a *Mundo em Foco* diz apenas com a aparência o porquê de ser a revista mais lida do país. Foi instigante presenciar o ir e vir de pessoas apressadas em seu trabalho, o tocar de telefones e até mesmo o fato do elevador está lotado em pleno fim de uma tarde de sexta-feira. *Me fez* perceber o quanto de suor é preciso para que revistas como as que eu leio cheguem às minhas mãos. Pensar pela primeira vez no Henry como outra coisa, além do garoto de programa, traz um sentimento de orgulho. De saber que além de ser um homem gentil — apesar de viril — ele também é o responsável por manter esse império girando.

Com o orgulho também vem um misto de outros sentimentos e não preciso de muito para dar-me conta da pessoa que ele é, perceber que as nossas realidades não poderiam estar mais distantes.

Henry Pimentel é um homem bem-sucedido, responsável por um império como este e eu sou o quê? Uma simples garota que não tem condições

nem mesmo para fazer uma boa refeição. A garota que foi obrigada a deixar o orgulho de lado para pedir ajuda. Era isso ou passar fome.

A situação que já não era boa, ficou ainda pior quando a minha Chica sofreu uma ameaça de derrame e depois disso foi proibida pelos médicos e por mim mesma de fazer serviços domésticos que possam de alguma maneira prejudicar a sua saúde e, isso foi a gota d'água para agravar a nossa situação financeira, já que nem o pouco dinheiro das suas diárias temos mais.

Estando muito perto de revê-lo, tenho a íntima convicção de que se não fosse o desespero de estar sem saída, eu jamais teria voltado atrás na minha decisão, não quando a última coisa que quero é ser lembrada em todos os minutos do meu dia do quanto sou inadequada para ele.

— Licença, a secretária informou que o senhor gostaria de falar comigo — aviso sem jeito quando coloco apenas a cabeça para dentro da sala, em seguida percebendo que ele tem companhia.

— Entre, Clara — pede e eu obedeço acanhada. É como se ele fosse um estranho, o chefe que pela primeira vez estou vendo. Não é como estar na presença do meu Henry. — Esse é o Saulo, meu amigo e também responsável pela equipe de fotógrafos aqui da empresa.

— Olá — cumprimento ao chegar perto de onde ele acaba de se levantar. — Prazer, Clara. — Não digo a nova estagiária por não ter certeza de que isso vai dar certo.

— Oi, Clara — O tal Saulo me olha da cabeça aos pés de maneira maliciosa. — Já ouvi falar muito de você. — Ele encara Henry que não está nada satisfeito com as declarações do amigo. — Pelo visto não lhe fizeram justiça. Você é mais linda do que imaginei. — Flerta descaradamente e eu desconfio que é apenas para provocar o Henry.

Eu só acho que ele está perdendo tempo. Para se sentir provocado Henry primeiro teria que querer alguma coisa comigo e isso eu sei que ele não quer.

— Você não tem trabalho para fazer, Saulo? — pergunta, mordaz. — Já terminamos por aqui. — Ele se vira para o amigo e abre um sorriso provocador. — Deixe-me sozinho com a senhorita Aguirre. Cansei de ver sua cara por hoje, afinal, já tem três horas que você entra e sai desta sala. Cadê sua secretária que não vem fazer isso por você? — questiona todo formal ao apontar uma pilha de fotos e eu não sei se fico satisfeita ou triste por ter me transformado na senhorita Aguirre.

Sem deixar de me olhar de cima a baixo novamente, Saulo sai da

sala nos deixando sozinhos. Com ele em pé atrás da mesa com tampo de vidro e eu parada ao lado da cadeira, onde seu amigo anteriormente estava sentado, nós dois ficamos frente a frente, depois de dias sem conversarmos, fitando um ao outro abertamente e em silêncio.

Deus! Como eu senti saudades de sua perfeita beleza loira e dos profundos olhos verdes. Ele está tão lindo vestido de maneira formal e só me resta lamentar a minha decisão de vir com minha já gasta calça jeans azul escura e com a blusinha vermelha de cetim. Se eu soubesse que encontraria pessoas tão bem-vestidas por aqui talvez tivesse colocado um terninho por cima dessa regata de alças tão finas.

— Sente-se, por favor. — Indica a cadeira próxima a mim. — Você está bem?

Henry assume uma postura mais relaxada, fazendo-me questionar o que passa pela sua cabeça. *Numa* realidade muito diferente da que ele apresentou, Henry é um poço de mistérios ou seria de mentiras? Quem é o verdadeiro Henry? O homem descarado que é capaz de falar as mais sujas sacanagens ou esse aqui, todo sisudo que ainda não deu um único sorriso?

— Estou sim, senhor! — Meu tratamento chama a sua atenção e ele me encara com uma expressão curiosa no rosto.

— Senhor? Sabe que pode me chamar de Henry, não é mesmo? — Debruça a parte superior do corpo sobre a mesa, tentando ficar mais próximo.

— Não posso e não vou. O senhor agora é o meu chefe. — Quero irritá-lo, tirar um pouco dessa marra. — Tem alguma razão para ter me chamado até aqui? Achei que já estivesse tudo acertado lá no departamento pessoal.

— E está mesmo... — Começa a tirar o terno e imagino que está tentando deixar os seus braços musculosos mais visíveis aos meus olhos. Eu, como não sou boba, assisto a cena sem piscar. — A Camila já informou qual será ser seu trabalho aqui?

— Sim! — afirmo.

Segundo a engomada do subsolo, vou trabalhar das 8h ao meio-dia como assistente da secretária do Henry. Serei responsável por atender ligações e anotar recados quando ela não estiver e também fazer pequenas viagens com o chefe, se necessário.

Detestei a última parte, porém, mantive o bico fechado para não correr o risco de perder o emprego antes mesmo de começar.

— Que bom! Então pode começar amanhã? — pergunta. — Jack vai

te buscar no horário combinado.

— Não vamos começar com isso de novo, Henry. — Esqueço o senhor. — Posso vir de ônibus, como qualquer outro funcionário.

— Você não é como os outros — afirma, encarando-me com intensidade.

— Eu sou o que então? — Desafio-o a tirar a máscara da frieza que está usando.

— Você sabe muito bem qual a sua importância na minha vida. Eu não vou mais repetir. — Fico feliz por saber que ele se refere a declaração de semanas atrás. — Era só isso mesmo, agora deixe-me trabalhar. Desconcertado, encerra a conversa quando pega o mouse do computador e começa a digitar. Com o orgulho ferido, levanto-me e antes de sair, ouço novamente o aviso:

— Não esquece, amanhã o Jack vai estar te esperando na porta de casa. — Eu quero gritar com ele, dizer que não é certo ter esse tipo de regalias. Apenas não o faço por saber que não vai adiantar protestar, de qualquer maneira o carro vai estar parado na minha porta amanhã.

Quando saio da sala, deixo toda a tensão do meu corpo se esvaír. Minha respiração começa a normalizar e agradeço a minha *nossa senhora das empregadas apaixonadas pelo chefe* por ter mantido a compostura e por não ter cagado pela boca em nenhum momento. Pelo menos eu acho que não o fiz.

— Algum problema, Clara. — Elga pergunta preocupada, deixando-me feliz em saber que não é um completo robô.

Ostentando uma aliança do tamanho de um aro de caminhão, a mulher que tem por volta dos trinta e cinco anos, provavelmente não é uma das muitas que frequentaram ou frequentam a cama do Henry. Não que isso seja da minha conta.

— Não, eu estou bem. — Inspiro e expiro, agora com mais calma. — *Pra* falar a verdade, estou ótima. — Abro um sorriso e ela deve estar se perguntando se sou louca.

— Que bom! — Volta à mesa, já pegando sua bolsa. — Estou indo. Amanhã cedo vou te ensinar todo o serviço. — A robótica checa o relógio e sai apressada.

Quando me vejo sozinha, paro para observar meu novo ambiente de trabalho com mais calma. Espaçosa, a sala contém duas mesas, uma em frente a outra. As duas contêm telefones, computadores de última geração e tudo mais que eu suponho ser necessário para que Henry tenha uma boa assistência.

Caminho deslumbrada e destruída, observando os detalhes do ambiente quando meu corpo colide literalmente com uma muralha e só me livro de cair de bunda no chão porque a pessoa instintivamente me apara pela cintura.

Após sentir-me segura sobre os meus próprios pés, levanto a cabeça e encontro o amigo do Henry olhando-me com um sorriso divertido no rosto. Sorriso esse que não tenho tempo de avaliar, já que bem na hora, a porta da sala é aberta e ao nos ver, ele observa a cena e não pensa antes de acusar:

— Como você é rápida, Clara. — Saio dos braços do cara que não lembro o nome como ele tivesse uma doença contagiosa. — Não demorou nada para arrumar outro professor. — Sinto minhas forças se esvaírem quando ele me expõe tão cruelmente. — Essa era a nossa ligação: aluna e professor.

Henry

*Você é um burro, Henry!*

Chego a essa brilhante conclusão quando vejo seus olhos marejados a me fitar. Ver isso e saber que sou eu a causa só reafirma o tamanho da merda que saiu da minha boca.

A voz da minha razão tem plena convicção de que o ciúme exagerado que senti ao ver Saulo segurando-a tão de perto não é justificativa para os absurdos que lhe falei e ainda por cima na frente de uma pessoa que ela nem ao menos conhece.

*Desgraça! Eu só faço besteira com tudo que envolve essa garota.*

— Clara, eu não queria... — início o pedido de perdão, ela apenas não está disposta a me ouvir. Não que eu a julgue por isso, qualquer uma no seu lugar teria a mesma reação.

O bom de ela estar satisfeita é que ainda não vi nenhum objeto ser jogado na minha direção.

— Cala a boca! — *Se afasta* rapidamente, caminhando para o elevador.

— Clara, espera! — Pretendo alcançá-la, mas sou impedido por Saulo que segura meu braço.

— Dá um tempo a ela, cara, — Intervém, deixando-me irritado.

— Fique fora disso — exijo ao soltar meu braço. — Com você eu falo depois.

Corro e quando chego, as portas do elevador se fecham. Desesperado, chamo o próximo, segundos depois ele chega e eu desço deixando

para trás um Saulo completamente perdido.

— Clara! — Corro assim que o elevador para no térreo. Sob o olhar especulativo dos funcionários que ainda não foram embora, alcanço a porta de vidro somente a tempo de vê-la entrar no meu carro e ele sair em disparada. — Espera — peço sem ser ouvido. Pelo menos, não por quem deveria.

Alivia-me o fato de ela ter aceitado o motorista e ao menos sei que está bem fisicamente.

Dando o expediente por encerrado, subo até minha sala para pegar minhas coisas e me deparo com Saulo ainda me esperando.

— Você pode me dizer o que foi aquilo que presenciei, porra? — Não consigo conter a irritação quando lembro do que aconteceu.

— Não sei do que você está falando. — Dá de ombros, como se eu estivesse louco. Talvez esteja mesmo.

— Eu só vou avisar uma vez: mantenha as mãos longe da minha mulher. — Meu amigo me encara, tentando não ri. — *Tô falando sério, fique fora disso.*

— Sua mulher? Não foi você mesmo quem falou que não tem nada com ela? — Joga meu discurso mentiroso na minha cara.

— Esquece o que eu falei, ela não está livre para você e para ninguém — deixo claro, e se pudesse, escreveria num outdoor.

— Seja racional! — Aperta meu ombro, condescendente. — Não pode exigir uma coisa dessas se não tem coragem de assumir uma relação com ela.

— Fique fora disso. — Entro na sala e ele vem atrás. — Deixa que com ela eu me entendo — peço, forçando uma calma em nome da nossa amizade e parceria de trabalho.

— Não está mais aqui quem falou — fala da porta enquanto me preparo para sair do expediente infernal que finalmente chegou ao fim. — E só para esclarecer, a cena que você viu foi fruto de um acidente. Ela estava distraída e não me viu — explica. — Demos um encontrão e eu a segurei para que não caísse.

— Desculpa pela cena... — Esforço-me, porque se tem uma coisa que me mata, é ser obrigado a me desculpar com alguém. — E saiba que o aviso continua. Mãos fora!

— Recado dado, chefe. — O idiota tira sarro do meu destempero. — Eu também não tiro sua razão.

— Não entendi.

— Eu também teria ciúme de uma coisa linda como aquela. A ninfetinha é uma baita gostosa...

— Cala a boca, porra! — Ele se afasta rindo, fazendo-me ter vontade de chutar seu traseiro até a lua.

— Você está patético, meu amigo — diz da porta. — Temos que comemorar suas bolas presas. — Tenho que rir dessa vez, pois é exatamente assim que me sinto. — Que tal tomarmos um Chopp no Tequillas's? Não é todo dia que o solteiro mais cobiçado do pedaço cai de paixão. — Tira sarro e eu fico contente em vê-lo assim, sem toda a seriedade que lhe é de costume. A versão brincalhona dele é sua melhor versão, apesar de gostar da forma como leva seu trabalho.

— Vamos, estou precisando relaxar um pouco. — Saímos rumo ao elevador.

— Tenho que concordar. Que dia de cão. — Descemos rapidamente. — Quem sabe o álcool não me faça esquecer os problemas. — Nada me fará esquecer a burrada feita com a menininha.

Se não soubesse do risco de ter a porta batida bem na minha cara, eu certamente estaria indo até a casa da minha garota, mas, como não posso, espero que a ida ao Tequillas's seja capaz de encobrir o barulho dos meus pensamentos. É isso ou enlouquecer de vez.

— Quem sabe você não bate uma boceta por lá. — Pegamos as chaves dos nossos carros com a recepcionista Maria, que cora toda vez que nos ver.

— Tem quantos dias você não transa?

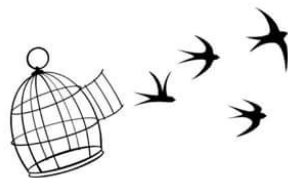
— Vai tomar no cu, Saulo — xingo, me arrependendo logo em seguida. Maria ouve nossa conversa e seus olhos arregalados e boca aberta em formato de "O", denunciam que talvez seja ela quem não está transando.

— Não precisa responder. — O idiota além de tudo é sagaz. — Sua resposta já me diz o que eu quero saber.

Nem sob tortura admitirei que faz semanas que eu não sei o que é uma boceta. Na única vez em que eu fui inventar de pegar uma garota qualquer, falhei miseravelmente. Saí do quarto com fama de mole, literalmente, e sem conseguir o meu intento.

Ter algum prazer que não seja com minha própria mão e com a imagem de tudo o que fiz e pretendia fazer com Clara na minha mente, tornou-se

uma missão impossível.



Perto das 22h, como foi combinado com Saulo e com uma galera que segundo ele, vai aparecer, estaciono em frente ao Tequillas's, um luxuoso e popular bar. *Numa* mistura de requinte e informalidade, o local atende todos os tipos de público, desde homens de negócios como eu e Saulo, até aos jovens que curtem o show de música ao vivo que eles oferecem todas as sextas-feiras.

— Chegou quem faltava. — Saulo acena e eu avisto a mesa composta por mais quatro pessoas além de nós dois. Vejo os irmãos Laura e Miguel, além de Benício e Jorge, fotógrafos e amigos de Saulo.

*Me abstenho* de responder, Saulo já torrou demais a minha paciência por hoje.

Tomando um vinho tinto e tendo bom papo com o pessoal, tenho minha ilusão de calma cortada quando mais à frente, no palco improvisado, a batida começa. Hoje eles convidaram um DJ que tem feito a cabeça da garotada.

— Que saco, vai começar a barulheira — diz Laura, ranzinza. — Será que vão transformar isso aqui *num* ponto de encontro para jovens insuportáveis que não sabem falar sem gritar?

— Assim você vai ficar solteirona, maninha — implica um Miguel mais leve, talvez por não estar atracado com a víbora. — Eles são o máximo. Olha aquela galera, por exemplo, estão apenas curtindo a chegada do fim de semana. — Miguel aponta discreto e todos param para observar o grupo que alegremente conversa.

Meu olhar torna-se repentinamente mais atento quando algo ou melhor, quando alguém em especial chama a minha atenção.

Não pode ser ela.

— Henry, aquela ali não é a sua Clara?



# Encontro inesperado

Clara

— Eu nem sei por que ainda me deixo levar por essas suas ideias loucas, Amanda — reclamo pela primeira vez. Geralmente é ela quem reclama das minhas loucuras. Sou eu a pessoa a nos meter em roubadas.

Felizmente, dessa vez foi diferente.

Eu realmente estava precisando de uma boa dose de distração. Quando Amanda ficou sabendo das barbaridades que o Henry falou, primeiro ela quis ir tomar satisfação, depois, quando eu a convenci de que ele poderia lhe causar problemas, ela pensou em tirar-me de casa, porque segundo ela, não tem nada melhor do que sair e espairecer a cabeça em momentos como esse.

— Devia agradecer, sua ingrata. — Enlaça nossos braços e me puxa para dentro do Tequillas's, onde combinamos com a galera de nos encontrarmos e curtir uma boa música. Dessa vez, pelo menos estou vestida de acordo com o ambiente, quer dizer, não tão de acordo assim. Apesar de elegante, o vestido vermelho tomara que caia não tem exatamente o comprimento apropriado para que impeça olhares mais saidinhos dos garotos que aqui estarão. Longe de mim querer chamar atenção desses garotos que não querem nada além de transar e logo depois partir para a próxima conquista.

— Agradecer? — implico, sei que preciso agradecer. Amanda é uma irmã, que nada faz além de tentar deixar-me feliz. Desde que o meu mundo veio a baixo ela tem sido isso, a amiga que todos deveriam ter.

— Isso mesmo, se não fosse por mim você estaria até agora se esvaindo em lágrimas pelo idiota. — Entramos e a galera já está perto do palco.

— Lágrimas que ele certamente não merece.

Chegando até eles, cumprimentamos um por um com os devidos abraços e beijinhos e o papo começa a rolar solto. No meu caso, é só papo mesmo, nunca que vou torrar o pouco que tenho com sucos e comidas tão caras. Já deixei Amanda avisada de que não quero ela pagando nada para mim e por isso jantei antes de vir. A intenção aqui é somente bater um papo e esquecer o final do meu dia que já estou dando como encerrado, afinal, o que mais pode acontecer *numa* saída despresticiosa com meus colegas do colégio?

— Será que ele está solteiro? — A voz de Débora soa cada vez mais longe e os meus pensamentos voam para determinada hora do meu dia, para o momento em que Henry cavou mais fundo o buraco no meu peito e nos deixou mais um degrau distantes um do outro.

Ouvir seu desprezo ao jogar na minha cara o nosso acordo e na frente de um desconhecido somente me fez enxergar que não o conheço em absoluto. Eu simplesmente não sei quem é o Henry.

No ponto em que estamos, sua atitude fez com que, finalmente, eu perdesse o resto de esperança que no fundo nutria de reatar o que tínhamos, ainda que eu não saiba o que é. A única ligação que restou, foi a de patrão e empregada.

Pelo menos isso eu tenho a lhe agradecer, porque, graças a esse estágio, Chica e eu teremos como nos sustentar, pelo menos até que eu arrume um emprego de período integral.

— Não é verdade, amiga? — Amanda me lembra do meu devaneio com a sua pergunta, fazendo com que eu concorde sem saber do que se trata. Depois disso, decido jogar tudo o que envolve Henry para o fundo da minha mente, forçando-me a participar da conversa.

Depois de um tempo e com a música começando já estou mais animada, tendo tirado da mente um cara que a esta hora deve estar se divertindo por aí, afinal, hoje é apenas o início do fim de semana. Seria tolice esperar que um homem como ele esteja em casa e não em algum lugar rodeado de mulheres.

Henry

— É ela mesmo! — Não consigo tirar os olhos da garota que veste um vestido tão agarrado ao corpo que só não gostando de mulher para deixar essa visão perturbadora passar despercebida. O vestido vermelho que de vulgar não tem nada, *se agarra* a sua bundinha arrebitada e aos seus seios de uma forma que é impossível deixar de olhar, pelo menos para mim.

— Quem é essa tal de Clara? — Laura questiona e eu olho para Saulo, esperando que ele entenda meu aviso. Ainda não quero que os gêmeos saibam quem é Clara e o que ela representa para mim e, apesar do Miguel saber da sua existência, torço para que não tenha se interessado a ponto de reconhecê-la.

Saulo, felizmente, entende meu recado e despista a curiosidade da minha amiga e quem sabe do Miguel. Até porque, não confio nele quando o assunto é mulher, pois apesar de estar comendo a cobra da Margot, nunca deixou de pegar outras por fora, exclusive as meninas que ele diz "agenciar".

— Não sabia que além de tudo também é fofqueira, minha querida — implica e tem sua atenção. Eles começam uma discussão como é de costume e eu ignoro completamente as pessoas que me rodeiam para ficar observando Clara de longe.

Ela está linda, com sua boca pintada de vermelho e seus olhos com alguma maquiagem que os deixam marcados. Seu rosto passa muito mais do que a imagem de uma garota de dezoito anos. Sua beleza que passa firmeza e ao mesmo tempo delicadeza, é o motor para fazer-me diferente do meu verdadeiro eu, às vezes, para melhor, outras para pior.

Depois de um tempo entretida com a conversa, ela e os outros começam a dançar ao som da música eletrônica e isso é a minha morte. A sua dança que não tem de nada diferente das outras meninas que estão ali, beira a indecência quando a cada movimento do seu corpo, o vestido sobe mais um pouco por suas coxas roliças.

Ou será que a indecência está nos meus olhos que não consegue enxergar de outra forma?

O papo na mesa continua sem minha participação e eu me atenho a observar abertamente Clara e sua turma. Olho em volta e reparo diversos olhares em sua direção. Olhares de cobiça que ela nem ao menos se dar conta. A verdade é que Clara, no auge da sua ingenuidade de como funciona a mente masculina, não tem ideia do quanto é linda e desejável. Mesmo sendo tão jovem ela já exerce esse tipo de atração sobre os homens, imagina como vai ser quando for mais velha. É de deixar qualquer um de cabelos brancos e só Deus sabe o quanto desejo ser esse homem.

— Qual o seu problema, Henry? — Laura chama minha atenção quando leva seu olhar curioso na mesma direção em que estou olhando desde a hora que cheguei. Sagaz, como sempre foi, Laura certamente não esqueceu do que Saulo, boca grande, falou. — Está mais preocupado em secar aqueles

pirralhos do que aqui, na conversa dos adultos.

— Para de falar besteira, Laura — peço sem paciência, *me abstendo* de negar sua acusação.

— Escuta ele, maninha. — Miguel, que adora pegar no pé da irmã, *se mete* no assunto. Saulo por outro lado, finge que não tem culpa da cisma da Laura, que obviamente prestou atenção no que disse e está querendo saber quem é a tal Clara que ele citou. Ela só não tem é coragem de perguntar abertamente.

— Eu sei que às vezes você se esquece disso, mas você não é mãe dele, apesar de não ser bem isso que você quer ser. — Ele a desafia a responder pelo olhar e eu fico sem entender.

— Cala essa boca, Miguel! — Ela se enfurece como nunca tinha feito antes. Pelo menos não na minha presença. Eles sempre foram assim, um provocando o outro, mas essa é a primeira vez que a vejo não receber bem algo que ele falou. O pessoal está tão acostumado com as briguinhas bobas dos irmãos que ninguém intervém, todos, simplesmente, ignoram e começam outro assunto paralelo entre eles, enquanto degustam suas respectivas bebidas.

Sem conseguir resistir, volto para o que se tornou minha atividade preferida desta noite: Olhar para Clara. Não só olhar, também desejar tirá-la dali, longe dos olhos dos gaviões e tê-la somente para mim, onde eu possa ser merecedor de admirar tamanha perfeição.

Quando para de mexer o corpo ao som da batida eletrônica, Clara se aproxima de uma moça loira — que eu suponho ser a amiga que ela mencionou com tanto carinho — diz algo ao seu ouvido, sai na direção dos banheiros e os meus olhos a acompanham até o ponto de sumir das minhas vistas.

*Me chama* atenção o fato de um dos jovens que estava na rodinha de conversa sair logo em seguida. Assim como fiz com Clara, acompanho seus passos que somem pelo mesmo corredor que ela foi.

— Vou ao banheiro — digo, levando-me em seguida. Pode ser paranoia minha, mas eu preciso averiguar se a menininha está bem.

Quando estou perto, ouço vozes e para não ser visto, encosto na parede que divide o ambiente social da ala dos banheiros.

— *Me solta*, Pedro, você está me machucando! — Caralho! É a voz da Clara.

— Não, eu não vou soltar. — Segura firme seu pulso enquanto ela tentar puxar. — Por que você nunca me quis? — Aproxima o corpo do dela e eu chego ao meu limite.

— Solta ela, caralho! — Avanço contra eles e o idiota solta o braço da minha menininha como um cãozinho assustado. — Se você tocar nela mais uma vez, eu mesmo vou garantir que fique sem as mãos. — Encaro-o de perto.

— Henry, para com isso — ela intervém. — Ele só estava...

— Você, cala a boca. Ele só estava o quê? — irritado-me com sua tentativa de defender o moleque tarado. — Te assediando? Tem ideia do que poderia ter acontecido se eu não estivesse aparecido, garota? — O rapaz nos observa, mudo e até sua respiração me incomoda.

— Some daqui — ordeno. — Agora!

Ele lança um último olhar para Clara e sai sem questionar.

Quando estamos a sós, a atmosfera muda na velocidade da luz. Clara e eu nos encaramos, medindo forças com o olhar, o misto de saudade e raiva é real e recíproco.

— Você está me seguindo, Henry? — Ela quebra o silêncio, sendo direta, como sempre.

— O que você acha, baby? — Chego mais perto e ela encosta as costas na parede ao lado no toalete feminino, querendo manter uma confortável distância entre a gente, pelo menos para ela. Confortável para mim seria estar em cima dela ou quem sabe dentro do seu corpo. — Seja sincera.

— É óbvio que não está. — Deixa os ombros caírem levemente como quem acaba de receber uma péssima notícia.

— Não estou mesmo! — Aproximo a boca da sua orelha e sussurro: — Não dessa vez. — Vejo os pelinhos do seu braço se arrepiarem.

— *Se afasta!* — Planta as duas mãos sobre o meu peito, sem no entanto colocar força para afastar-me. — Você pode ter esquecido do que me fez mais cedo, mas eu não! — Sua expressão muda.

— Vem para casa comigo, nós precisamos esclarecer algumas coisas — chamo e espero não me arrepender da minha decisão. Não que eu tenha esperança de vê-la aceitar assim tão rápido e sem protestos.

— Você é muito cretino, não é mesmo? — diz, depois de encontrar forças para me empurrar. De costas, ela continua: — Age como se fosse uma boa eu me meter na sua cama, depois de tudo.

— E quem foi que falou em cama? — Seguro seu braço, impedindo-a de deixar-me falando sozinho. — Quem é a arrogante agora? — Beijo seu rosto amarrado.

— *Me solta*, Henry! — Tenta sair do meu agarre. — *Tô falando sério.*

— Eu também estou, gatinha. — Pode parecer estranho insistir nisso, ainda mais porque a decisão de se afastar foi minha. Mas que se foda as decisões anteriores, nem sei ao certo o que vai ser daqui para frente. Eu só quero tê-la em minha casa, lá é o local onde melhor nos entendemos.

— Eu não vou sair com você. — Bate o pé, birrenta.

— Você vai, sim! — Fico em pé de igualdade, agora minha mentalidade não tem mais do que dezoito anos.

— Não vou, porra! — Aumenta o tom de voz e felizmente, o som está alto o suficiente para impedir que sejamos ouvidos por outras pessoas.

— Você vai sair daqui, vai se despedir dos seus amigos e depois entrar no meu carro. — Entrego-lhe as chaves. — Eu também vou me despedir do pessoal e logo te encontro.

— Eu não... — Tenta devolver as chaves.

— Experimenta desobedecer, você não vai gostar das consequências.

# Onde tudo começou

Henry

Depois do breve interlúdio que tive na porta do banheiro, volto para a mesa e torço com todas as forças para que a menininha atenda ao meu pedido. Se a ameaça não tiver bastado, não sei mais o que terei que fazer para que ela me ouça. Eu poderia muito bem ter tido essa conversa ali mesmo onde estávamos, seria até bom já que estávamos longe dos olhares curiosos tantos dos seus amigos quanto dos meus colegas. Tirando sua amiga loirinha e Saulo que já sabem da nossa relação, seja ela o que for, o resto da galera nem ao menos sonha que nos conhecemos. Tenho certeza de que não passa por suas cabeças a ideia de que tem uma garota tão jovem na minha vida ou que ela tenha qualquer tipo de contato com um homem tão mais velho e de níveis sociais tão diferentes.

Isso é só o começo das nossas diferenças. Há pedras no caminho que se tornam irreconciliáveis se a vontade de ficarmos juntos não for maior do que todas elas.

Esse desejo vem atormentando minha cabeça desde a hora que ela timidamente — não sabia que isso era possível. Se tem uma característica que não pode ser atribuída a Clara é a timidez — entrou em minha sala. Eu passei a me perguntar o porquê de estar me privando de viver essa paixão, de dar a cara a tapa e ver no que isso resulta. Quando falei sobre sua importância na minha vida e o fato de ela não ser como os outros funcionários, eu pensei exatamente o que foi dito. O fato de ela agora trabalhar para mim, em nada muda meus sentimentos e também não quero fazê-la pensar que meu tratamento vai mudar.

Eu ainda sou o Henry e ela ainda é a minha Clara. Só preciso que

entenda, de uma vez por todas.

— Eu já estou indo, pessoal — despeço-me quando a vejo fazer o mesmo. Ela novamente fala com a garota loira, depois de abraçar e dar beijinhos em todos eles, inclusive no marmanjo que esteve tentado lhe agarrar.

— Mas já? — Laura se empertiga. — Nós mal chegamos e você quer ir embora? Eu não estou te reconhecendo, Henry — diz e eu entendo sua surpresa. Em outra ocasião eu estaria à procura de uma transa fácil. Apenas um corpo para saciar os meus instintos mais básicos.

— Estou cansado, é isso — minto e vejo o olhar de Saulo mudar de direção. Discretamente, ele pisca para mim quando ver Clara ir embora e entende perfeitamente o que está acontecendo. — Depois conversamos melhor. — Beijo seu rosto.

— Aproveita a noite, brother... — diz Saulo: o sem noção e todo mundo para, olhando-me com curiosidade. — Para descansar bastante — completa, fazendo com que eu e toda a galera caia na risada.

— Fui — digo e vou embora.

Na entrada do Tequillas's, avisto meu carro e uma Clara muito séria encostada nele.

E lá vamos nós outra vez.

— Quero deixar bem claro que só aceitei essa palhaçada por que fui ameaçada. Do contrário, eu te diria exatamente onde colocar seu convite para uma visitinha.

— Olha essa boca, garota — aviso ao chegar onde ela está.

— Era só o que faltava mesmo. Você me ameaçar. — Cruza os braços sobre o peito e arrebita a narizinho fino. Se ela soubesse o que esse seu jeitinho briguento faz com meu corpo, não faria essas cenas com tanta frequência. Não nessas horas em que ela quer causar outro tipo de reação.

— Vamos entrar! — Pego a chave de sua mão, abro a porta do carona e ela entra a contragosto. Depois de colocarmos nossos cintos de segurança, dou partida, iniciando nosso caminho em total silêncio.

— Eu não estava te ameaçando, meu amor — falo, querendo quebrar o gelo que ela criou a nossa volta. — O que acha que eu poderia fazer ali no bar? — Ela continua com a cabeça virada para a janela.

— Não sei, não te conheço. — continua fazendo birra.

— Não diga isso, você sabe que não é verdade. — Deixo uma mão



no volante, enquanto a outra pega a sua e entrelaça nossos dedos.

— Não sei de mais nada, Henry — Finalmente deixa o corpo relaxar e solta um sorriso triste. — Eu estou tão cansada... — Olho para o lado e vejo seus olhos marejados.

Não suportando o fato de estar dirigindo, não poder abraçá-la e confortar do jeito que eu quero e que ela precisa, paro o carro no acostamento da estrada pouco movimentada para uma sexta-feira à noite.

— Não fica assim, menininha... — Ela finalmente vira o corpo na minha direção ao se dar conta de que não estamos mais em movimento. — Eu vou cuidar de você! — prometo, sabendo que farei exatamente isso. — Vem aqui.

Estico o braço e ela o olha, incerta de aceitar ou não a minha mão. Eu também não sei onde isso vai dar, só não consigo vê-la sofrer e não fazer nada. Clara então segura minha mão e eu a puxo para o meu colo.

Completamente desajeitada, com as costas no volante, as pernas em volta da minha cintura e os braços abraçando meu pescoço, eu finalmente posso abraçar minha menininha e é isso que faço.

Mesmo em um espaço minúsculo e desconfortável, eu tento dar a segurança e alento que ela tanto precisa. Clara soluça contra meu pescoço e eu apenas deixo que chore. Ela precisa colocar para fora os sentimentos reprimidos.

— Eles não deviam ter feito isso comigo — assevera entre soluços. — Não deviam. — repete.

Imagino que esteja se referindo a seus falecidos pais.

— Ei — tento consolá-la —, não pense mais nisso, querida. Tudo vai se resolver. — Seu choro diminui e ela fala:

— Como, Henry? — Afasta o rosto do meu pescoço e me fita. Mesmo com a pouca luz dentro do carro, consigo ver seus olhos inchados e a pontinha do seu nariz vermelha. A minha vontade é de beijá-la até que esqueça dos problemas. — Nada irá se resolver. Ao contrário de você, eu não vivo *num* conto de fadas, onde o dinheiro nunca foi o problema. — Joga na minha cara, usando o ataque como forma de defesa.

— Não vou levar em conta isso que está falando, pois sei que é pelo nervosismo. — E também por ela ter certa razão.

Se agora eu sei o valor do dinheiro e do esforço que se tem de fazer para ganhá-lo, há quatro anos as coisas eram diferentes. Eu só vivia de gastar e esbanjar o dinheiro que meu pai tanto trabalhou para ganhar.

— Desculpa, você não tem culpa dos meus problemas. — *Me abraça* novamente.

— Não. Não tenho e ainda assim, vou te ajudar. — Sinto seu corpo enrijecer no mesmo instante.

— Já está ajudando. Esse estágio vai melhorar e muito a situação lá em casa — confessa. Não posso esquecer de sondar o motivo de ela ter mudado de ideia quanto a oferta de emprego. — Não quero nada além do que já me deu.

— Não vamos falar sobre isso agora, tudo bem? — Seco com os dedos seu rosto molhado.

Ainda soluçando, a menininha apenas afirma com um movimento de cabeça.

— Senti tanta saudade! — Aperto seu corpo contra o meu em um abraço apertado. — Por que não atendeu as minhas ligações?

— Que ligações? As que fez no dia do meu aniversário? — desdenha do meu gesto. — Se quisesse poderia ter me procurado antes e não só porque eu estava aniversariando.

— E o cartão você leu? — Acho que fui claro o suficiente na minha última tentativa.

— Li, sim! — Não consegue me encarar, deixando óbvio que está mentindo. Se tivesse lido, não teria sido tão fria quando depois de semanas voltamos a nos encontrar. — Obrigada! — Ela realmente não leu o cartão.

— O que vai acontecer agora, Henry? — indaga. — Voltaremos a ser amigos?

— Nós não éramos amigos, Clara — Será que ela esqueceu de tudo o que fizemos e que iríamos fazer antes do rompimento?

— Não? — Ela só pode está de brincadeira.

— Não. Amigos não fazem o que fazíamos, não se beijam como nos beijávamos, não se tocam como eu toquei você e muito menos planejam fazer sexo como fizemos. Éramos no mínimo amantes. Nunca amigos.

— Tinha esquecido. Na verdade, você era meu professor. Não foi isso que disse lá na *Mundo em Foco*?

— *Me perdoa!* — Nada que eu diga será o suficiente para apagar aquelas palavras. — Não quero falar sobre isso agora. Por favor? Vamos deixar esse assunto para quando estivermos em casa.

— Tudo bem! — Já não vejo mais lágrimas nos seus olhos e seu

semelhante já está bem melhor. — Estou indo fazer o que lá?

— Uma visita. Como você mesma disse, somos amigos e amigos frequentam a casa um do outro.

— Verdade! — diz e sai do meu colo de maneira inesperada. — Assim como amigos também não sentam em cima do outro. Não quando tem espaço de sobra aqui dentro. — A espertinha usa as mesmas armas que eu.

— Verdade — repito suas palavras, só que da boca para fora.

O inferno vai congelar antes que eu aceite ter apenas uma amizade com Clara e foi por isso que decidi pôr fim ao que estávamos começando. Não é possível estar no mesmo espaço que ela e não poder tocá-la.

Eu tenho que dar um jeito nisso. Um caralho que vou me contentar com tão pouco.

— Então é isso... — diz, com o rosto impassível e não sei o que realmente está sentindo. — Somos amigos! — Vai sonhando princesa.

Vai sonhando!

Quinze minutos depois, *num* caminho percorrido entre o silêncio confortável e as sutis provocações a respeito da nossa recente amizade, finalmente chegamos a minha casa, o nosso espaço.

O lugar onde tudo começou.

Depois do nosso afastamento foi muito difícil ficar aqui. Eu desejava tê-la novamente em cada parte da cobertura. Nos lugares onde estivemos e em todos os outros que poderíamos ter usufruído.

Quando entramos no elevador e durante toda a subida, a atmosfera já não era mais a mesma, o ar entre Clara e eu estava tão pesado que nos tocarmos ali dentro poderia causar um curto-circuito.

— Seja bem-vinda de volta, menininha. — Dou espaço para que entre. Ela vai para o meio da sala e o olhar que antes encarava meu rosto, agora desce para minha mão que tranca a porta.

Seu rosto não sofre qualquer abalo negativo, pelo contrário, nele só vejo sentimentos que não pode esconder, mesmo que se esforce.

Sem dizer uma palavra, ficamos um frente ao outro e quando já não dá para suportar, diminuímos o espaço que nos separa e o inevitável acontece.

# Outra vez

Clara

— Como eu senti falta disso, meu Deus — A voz dele está embargada quando fala entre os beijos desajeitados que damos. — Nós dois aqui, longe de tudo que possa nos atrapalhar. — Henry vai nos conduzindo para o sofá sem separar sua boca faminta da minha, que está mais que empolgada com esse momento de fraqueza. — Você lembra como era bom?

— Ahhh — Minha pele se arrepia quando sua língua quente sai da minha boca e vai passando por todas as partes do meu pescoço, até alcançar a orelha. — Lembro, lembro muito, demais... — Minha nossa senhora das virgens desesperadas, me dê resistência.

— Não estou acreditando que isso está acontecendo — confessa quando primeiro me senta sobre o sofá, para depois deitar-me por baixo do seu corpo másculo.

Amigos. Amigos. Amigos...

Uma alerta toca dentro da minha cabeça e apresso-me em dizer:

— Eu também não estou — Empurro seus ombros, fazendo-o sentar pelo susto do momento e eu trato logo de sair apressada da armadilha dos seus braços.

— O que foi, porra? — penteia o cabelo com a ponta dos dedos, deixando-me ver sua frustração.

— Amigos, lembra? — Jogo, fazendo-o me fitar com incredulidade. — Que foi? Não tínhamos combinado isso no carro?

— Desculpa! — Levanta e vem para o meu lado. — Amiga. — Abraça minha cintura e encosta o corpo junto ao meu. — Amigos podem se abraçar, não é mesmo?

Sei o jogo que ele está tentando fazer e também sei da minha pronunciada derrota. É inevitável, já que ele sempre arruma um jeito de reverter todas as minhas artimanhas a seu favor.

— Podem, sim — digo, mas duvido que seja verdade. Em que realidade amigos se abraçam dessa forma? Onde os corpos estejam tão colocados que é possível sentir sua ereção cutucando minha barriga e os bicos salientes dos meus peitos lhe dando um olá?

— Que alívio. Pensei que seria privado de abraçar a minha linda amiga. — Desce as mãos da minha cintura para o início do meu bumbum, lá mesmo as deixam e no processo permanece me olhando, como quem pede permissão.

— Mãos para cima! — Corto suas asas, apenas para testar os limites.

Não é nessa vida ainda que eu vou conseguir enxergar Henry como apenas um bom amigo. É tudo ou é nada.

O meio-termo não existe. Eu poderia me conformar com o nada, representado por nossa relação de empregada e patrão. Já tinha até me conformado. Ou poderia me conformar com o tudo. E por tudo eu já considero uma realidade onde sua boca esteja sobre a minha, suas mãos em cima da minha bunda e seus olhos famintos encarando os bicos salientes e excitados dos meus seios.

O meio-termo não, esse eu não quero de jeito nenhum. Seria como ter jogado na cara todos os dias o que não pude ter, seria o mesmo que me conformar e isso eu jamais faria.

Sou imprudente demais para decidir com sensatez. A amizade? É claro que eu quero, se esse for o nome que ele prefere chamar. Só se for com safadeza, essa amizade com certeza eu quero.

Quero muito, se quiser um pouco mais é capaz de eu explodir. Todo descaso que sempre tive com o sexo oposto parece ter sido ligado a máxima potência no momento em que Henry colocou as mãos sobre meu corpo. Quando sua boca tomou a minha foi o meu fim, ali eu soube que o gelo de outrora havia se transformado em fogo, numa vontade de viver o desconhecido; desde que seja com ele.

Só com o Henry.

Ele só não precisa ter isso de mão beijada. Antes, vai ter que se desculpar, dar o primeiro passo seja lá para qual direção. Eu certamente estarei aqui, esperando, sem fazer qualquer movimento. Afinal, foi ele quem quis assim.

— É sério isso? — Vira os olhos como um garoto, enquanto sobe as mãos novamente para a minha cintura.

— Muito sério. Amizade é amizade — digo, mas continuo com as mãos em volta do seu pescoço.

— Você está muito gostosa com esse vestido, sabia? — Fico tonta e não sei se é pelo elogio direto ou por ele ter mudado tão abruptamente de assunto.

— Obrigada — agradeço, sem jeito, ainda sentido seu soldado cutucando minha barriga.

— Tudo o que eu pensava era em te tirar de lá — confessa. — Não estava suportando vez todos aqueles homens de olho no que é meu. — Dá-se conta do que diz e tenta disfarçar.

— Não sou sua. E não vejo problema com os olhares, desde que as mãos permaneçam fora.

— Igual aquele seu amigo estava fazendo na porta do banheiro? — irrita-se quando lembra.

— Pedro é um idiota, Henry! — Tento amenizar sua irritação. — Apenas tinha bebido um pouco além da conta.

— Não o defenda, porra! — Afasta-se do nosso abraço, virando-me as costas.

Não acredito que Henry está realmente com ciúme do babaca do Pedro. Isso só pode ser coisa da minha cabeça.

— Eu não estou defendendo-o. — Aproximo-me por trás e abraço seu peito com as duas mãos. Minha cabeça descansa na parte superior de suas costas e eu sou capaz de ouvir as batidas frenéticas do seu coração. — Eu tinha tudo sob controle. Ele não ia fazer nada ali na porta do banheiro.

Ele solta as minhas mãos, afastando-se novamente e eu me chuto mentalmente por ter falado o que não devia. Eu tendo ou não as coisas no controle, não retira o fato de que Henry apenas tentou me defender, apesar de logo depois ter me ameaçado.

— Isso não vai dar certo, Clara. — Vem abruptamente para perto,

mas tão perto que eu respiro o ar que ele respira. — Não é isso que eu quero. Não apenas isso.

— Você me deixa confusa... — Desnorteada, saio de perto dele e volto para o sofá.

A verdade é que desde o momento em que adentramos o apartamento, a nossa interação tem parecido uma dança das cadeiras, com nossos corpos se procurando e se repelindo na mesma velocidade.

— Eu sei que sim e também estou. Não com relação as minhas vontades e ao que fazer com elas. Não sei para onde ir daqui *pra* frente — confessa, em agonia.

— Henry, eu...

— Meu lado sensato diz que é melhor deixar as coisas como estão — senta ao meu lado, agora me encarando de frente — e o outro, a maior parte, quer ter você.

— O que te segura, Henry? Não é como se eu não te quisesse, você sabe disso.

— São tantas coisas, gatinha. E eu tenho certeza que trabalhando ao meu lado você vai entender. Coisas que agora te olhando tão perto, ao alcance das minhas mãos, se tornam difíceis de lembrar.

— Eu não sou um cristal frágil como pensa... — Encaro seu rosto para que me entenda. Se essa conversa não surtir efeito, desisto de vez. Não dá para ficar batendo de frente se ele já estiver com a decisão tomada.

— Eu sei, Clara! — Segura minha mão, deixando seus olhos sobre nossas peles que através de um simples toque transmitem tantas mensagens. — Você é uma mulher forte e está lutando bravamente, apesar de a vida tentar te derrubar. Tenho muito orgulho de você. — Suas sinceras palavras me emocionam, além do que sou capaz de admitir.

— Não tão forte assim. Quando lembro da vida que estive prestes a entrar... — Envergonhada, desvio os olhos dos seus.

— Esquece isso, menininha, imagina que se não fosse por essa sua ideia louca, não teríamos nos conhecido. — Ele tem razão. Por ter tido a chance de tê-lo na minha vida, a ideia de prostituição nunca será considerada cem por cento má.

— Vendo por esse lado... — Ele me dá um sorriso *molhador* de calcinhas quando ouve minha sentença. — Sobre hoje mais cedo na empresa, não era nada...

— Não, linda! — Toca meus lábios com a ponta dos dedos. — Não precisa dizer nada. Aquilo foi uma idiotice que eu não pude evitar.

— Por quê? — Imagino o motivo, mas quero ouvir da sua boca.

— Fiquei cego de ciúme quando vi Saulo com as mãos em cima de você. — admite, sem titubear. — O histórico dele também não o ajuda.

— Tão ruim assim? — interesse-me em saber se Henry era ou é, exatamente igual a esse amigo.

— Você nem imagina o quanto. Saulo é muito mulherengo, apesar de ter uma queda pela Laura, uma amiga nossa. — Meu alarme soa com essa amiga, mas como não quero parecer paranoica, resolvo não perguntar nada a respeito dela.

— Quando vi vocês dois não consegui segurar as merdas que saíram da minha boca — Seu olhar tem um misto de culpa e vergonha. — Não devia nunca ter usado de um assunto nosso para te atingir. Você me perdoa?

— Perdoo, sim — digo. — Eu sou uma boba. Mesmo tendo ficado chateada com o que ouvi, ainda assim não deixei de ter uma pontinha de satisfação por saber que aquilo talvez tenha sido uma demonstração de ciúme e que o fato de você sentir ciúme, na minha cabeça, foi um indício de que se importa comigo, pelo menos um pouquinho.

— É mais que só um pouquinho, menininha, eu gosto muito de você e acho que faz ideia do quanto.

— Só não podemos ficar juntos? — Não é uma pergunta é uma confirmação.

— Você quer ficar comigo? — Eu não acredito que ele esteja fazendo uma pergunta dessas!

— Quero! — Não sou louca de negar o que está estampado na minha cara. — E você?

— Ficar com você, beijar, transar, sair para fazer as coisas mais bobas de casais, é tudo o que tenho pensado desde o dia em que nos afastamos. — Parece um sonho inventado por minha cabeça iludida.

— O que te impede? — Tenho que perguntar.

Que nos gastamos e queremos ficar juntos já ficou claro, se é que algum dia não tenha estado, no entanto, parece que o sentir e o querer não são suficientes, porque se fossem, estaríamos juntos e não separados.

Henry



Pois é, o que me impede?

A pergunta da Clara fica martelando na minha cabeça enquanto fico lhe fitando em silêncio. Ela espera a resposta, mas da minha boca nada sai. Tê-la de volta no meu espaço tem esse efeito sobre mim, deixa minha mente em branco, fazendo-me esforçar para enumerar todos os motivos.

— É pela diferença de idade? — indaga, quando cansa de esperar pela resposta.

— O fato de você ter apenas 18 anos não é um problema para mim, pelo menos não o tipo que você imagina — explico, querendo que ela entenda que jamais teríamos qualquer envolvimento se uma relação entre nós fosse algo inaceitável socialmente. — Você poderia ter 19, 20 ou até 30 anos, ainda assim, seríamos julgados.

— Eu não me importo com o que vão dizer e você deveria fazer o mesmo — aconselha e eu já nem sei mais o porquê de esse ter sido um dos principais motivos para o nosso afastamento.

Sei que vão falar, que a mídia vai tentar vasculhar sua vida e que vão cair matando em cima dela por estar trabalhando na empresa como assistente da minha secretária. Mas também sei que ela é forte, que sabe se defender quando é atacada e que por muitas vezes, a sua idade é apenas um número.

Além disso, ela tem a mim. Eu sou o dono e jamais permitirei que lhe falem com respeito na minha presença ou que a mídia insinue fatos que denigram sua imagem. Se eu puder impedir, isso jamais acontecerá.

Os motivos? Esses somem quando o desejo de lutar é maior. Lutar pela primeira vez por alguém que eu quero de verdade.

Quando a decisão for tomada, não tem preconceitos, pai, mãe ou relacionamento *fake* que me impeçam. Quando eu decidir, nada vai se interpor entre mim e o que eu quero. E nesse caso o que eu mais quero é ter Clara para mim.

Só minha.

— Tem certeza? Pense em tudo que uma relação entre nós vai implicar — Dou uma última chance. — Sua vida vai mudar completamente e nem sempre essa mudança será para melhor.

Aviso, quando da minha parte a decisão já está tomada. Que se fodam todas as implicações negativas e o impacto que vai ter quando tudo vier a público! Se Clara quiser e estiver disposta, eu também estarei.

— Tenho — confirma, com apenas uma palavra e eu sei que já não

tem mais volta.

# Namorada

Henry

— Então, nós vamos fazer isso. — Ouvir sua resposta é como deixar que a última barreira que ergui entre ela e eu caia.

— Quer dizer que estamos namorando? — *Me divirto* com o seu acanhamento, depois de tudo o que dissemos e ainda mais do que fizemos. Será que ela não se lembra de que até o sexo por telefone nós experimentamos?

— Só se você quiser... — Dou de ombros, como quem faz pouco caso e com o sorriso mais lindo que já vi em seu rosto ela pula em cima do meu colo, abraçando-me apertado, enquanto diz:

— É tudo o que eu mais quero. — Transmite com seu aperto a mesma alegria que sinto e que não cabe dentro do meu peito.

— Eu também! — Tiro seu rosto da curva do meu pescoço, segurando-o com as duas mãos para que me olhe com atenção. — Desde a primeira vez em que vi a sua foto, não penso em nada além de você. Quando me deito para dormir você é meu último pensamento, quando acordo pela manhã sinto meu corpo protestar a sua ausência. Nada neste momento, nada, me faria mais feliz do que saber que é finalmente minha.

— Ahh... Meu amor! — Quando solto seu rosto ela o cobre com as mãos, tentando segurar as lágrimas.

— Seria uma honra ter você como minha namorada. — Nem acredito que estou fazendo uma coisa dessas. Se me falassem há algumas semanas que hoje eu estaria pedindo uma garota em namoro, eu certamente iria rir na cara dessa pessoa para em seguida, dar o número de um psiquiatra.

Sempre fiz mais o estilo que fode e vai embora do que o romântico que faz pedidos de namoro. No entanto, estou aqui, tendo a atitude que nunca imaginei e sendo feliz por estar tomando o rumo oposto do esperado.

— Lindo... — Ela se aconchega melhor sobre minhas pernas, como costumava fazer antes e eu não seguro minha vontade. Sem esperar que dissesse mais alguma coisa, beijo sua boca com a fome de quem viveu dias de abstinência por sua droga favorita.

É assim que eu me sinto e pela resposta, Clara compartilha do mesmo sentimento. Assim como eu exploro todos os cantos da sua boca com a língua, ela também chupa a minha com igual desenvoltura. Minha garota beija tão bem que nem de longe parece a menina que chegou aqui com um total de zero experiência. Sua desenvoltura pelo visto agradou não só a mim como também meu pau que aconchegado embaixo da sua bundinha, implora por atenção.

O pobre coitado nunca esteve tão abandonado, faz semanas que não vê uma boceta, mas também não é qualquer boceta, se fosse ele não estaria tão íntimo das minhas mãos que o maneja com frequência, infelizmente. Ele quer essa boceta em específico. O descarado se rebelou de uma forma que não consegue manter-se acordado quando entra em contato com outras bocetas. Tem que ser essa a sua dona.

Como se soubesse dos meus pensamentos, a safada dá uma rebolada de leve e meu amigo fica ainda mais animado a entrar na festa. Quando estamos precisando de ar, minha boca vai automaticamente para o seu lugar favorito: o pescoço cheiroso e delgado. Quer dizer, segundo lugar favorito, acho que sua boca carnuda é meu verdadeiro vício. Se não fosse a necessidade de respirar, eu seria capaz de ficar por horas e horas lhe beijando, sentindo seu sabor natural, misturado com o doce do batom que ela gosta de passar nos lábios.

Isso sem contar com os peitos deliciosos e a bocetinha que ainda não tive o prazer de experimentar. Quando acontecer, ela certamente assumirá a liderança. O pescoço? Esse se perdeu no meio dos cálculos quando sinto a minha menininha ficar mais ferosa. No top dez ele com certeza entra.

— Que saudade eu senti disso, minha gostosa. — Seguro a parte de trás do seu cabelo quando a fricção começa a se tornar insuportável.

É sempre assim entre mim e ela, se tem algum assunto sério a ser tratado, a conversa tem que ser antes de os nossos corpos entrarem em contato, porque quando isso acontece, o amasso vai do beijo casto para safadeza em questão de segundos.

— Também estava com saudades da gente. — Pra quem está de fora pode parecer rápido esse turbilhão de sentimentos, em comparação aos poucos encontros que tivemos. Se questionado, eu diria que as poucas horas que

passamos juntos valerem bem mais do que anos de sexo sem sentido. Horas perdidas, quando o corpo saia satisfeito e a alma vazia.

Com minha menininha não, com ela o sangue ferve e o coração aquece, tudo potencializado por sentimentos ainda desconhecidos que preenchem meu peito.

Eu sei que estamos apaixonados. O amor, esse somente o tempo vai me mostrar, se é que já não mostrou e eu não fui capaz de enxergar.

— Hum!! — Ela começa a gemer quando eu, agradecendo aos céus pela benção concedida, abaixo seu sexy vestido tomara que caia. Sim, estou agradecendo, pois o que mais cedo deu-me dor de cabeça, agora recompensa-me com o fácil acesso para minhas mãos e boca ávida.

Sem parar para pensar em mais nada, tendo seus seios na altura do meu rosto, abocanho um biquinho intumescido, enquanto com a mão apertado o outro que tem o tamanho exato para preenchê-la. Ansiosa, ela começa a abrir os primeiros botões da minha camisa, sem nunca deixar de se esfregar em cima do meu pau.

— Calma, amor... — falo, quando vejo sua afobação em me ver livre da camisa. Seguro sua mão, parando o que estava fazendo e eu mesmo termino o serviço.

Quando estamos os dois parcialmente vestidos, ela com a parte de cima do vestido enrolando na cintura e eu sem a camisa, decido fazer a proposta, esperando que entenda o significado:

— Quer ficar aqui ou prefere ir para o quarto? — Minha pergunta implica em duas situações: Ela aceita ir e nós vamos até o fim ou ela escolhe a segunda opção, deixando claro que não está preparada para dar esse passo hoje à noite e que talvez não possa fazer, ainda que queira.

— Puta que pariu! Henry que horas são? — indaga, com o rosto inflamado e totalmente desajeitada debruça-se sobre meu colo deixando a bunda gostosa bem na minha cara, até conseguir olhar a tela do celular que deixou em cima da mesinha que fica encostada na lateral esquerda do sofá. — Quase meia-noite! — Tenta se levantar, mas acaba caindo com a bunda no chão.

A cena não poderia ser mais engraçada. Minha gata com o vestido enrolado na cintura, toda estrebuchada em cima do tapete felpudo.

— Você *está* rindo de mim? — *se irrita* quando não consigo disfarçar meu divertimento.

— Não, gatinha! — Estendo a mão e com meu auxílio ela se

levanta, ajeitando o vestido e tirando-me a minha imagem preferida, até o momento. — O que aconteceu?

Clara olha para minha ereção proeminente, fazendo um biquinho insatisfeito. Seja qual for o motivo, ela não está nada feliz por ter que interromper o rumo que os nossos amassos estavam tomando.

— Eu não posso dormir fora de casa sem antes avisar a Chica. — Sempre esqueço que ela ainda tem que dar satisfações.

— Tem razão, menininha. — Tenho que me esforçar para tomar uma atitude responsável quando meu desejo é fazer o oposto. — Vou te levar em casa.

— Não está chateado? — pergunta, apreensiva ao observar-me vestindo a camisa.

— Não estou, Clara. — Termino de me arrumar e a puxo para um abraço.

— Queria passar a noite com você hoje. A nossa primeira noite como namorados. — Beijo seu biquinho chateado e digo:

— Também queria, minha linda, mas acho que está na hora de abrir o jogo com a senhora Chica. Se você quiser, eu falo com você — ofereço. Seria até bom, já está na hora de saber mais sobre os pais de Clara e os pormenores que Garcia não conseguiu descobrir a respeito das demais dúvidas que seu pai fez antes de falecer.

— Não! — Ela nega com veemência. — É melhor eu falar com ela a sós. Chica nunca me viu com namorado. Chegar com um de repente e sem aviso prévio seria um choque para ela. Ainda mais sendo você.

— Ei, o que tem eu? — Ofendo-me, igual a um garoto inseguro com sua primeira namoradinha.

— Um homem lindo, gostoso, bem-sucedido e... mais velho.

— Tudo bem, conversa com ela, mas depois quero que nos apresente. Não pretendo ser seu segredinho sujo — brinco quando de cima da mesa pego seu celular e as chaves do meu carro.

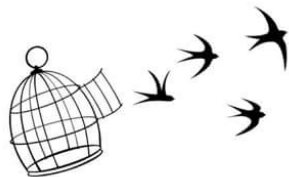
— Ela vai adorar te conhecer — avisa.

De mãos dadas, saímos na direção dos elevadores e por lá resolvemos que era uma boa ficar de amasso, enquanto o mesmo não chega. O negócio começou a esquentar, e sem que percebamos, o painel apita e do elevador sai o mesmo casal de senhores que nos flagrou semanas atrás.

A senhora, sempre rabugenta, encara a cena com total reprovação e diz:

— Esse prédio já foi melhor frequentado — reclama, e como da outra vez, segue seu caminho. Clara e eu entramos no elevador ainda a tempo de ouvir o idoso responder.

— Deixa, minha velha, esqueceu do fogo que você tinha na idade deles?



— Aqui estamos, gatinha — digo, depois de estacionar na frente do seu prédio. — Resolve o que for preciso porque amanhã te quero só para mim. — Solto nossos cintos de segurança, trazendo seu corpo para perto do meu.

— Também quero muito! — Ela olha maliciosa para o meu colo e eu entendo exatamente o que passa pela sua cabeça.

— Até amanhã. *Te ligo* para saber o horário que posso vim te buscar — digo. — Quero passar o fim de semana com você. Só nós dois, sem interrupções.

— Tá legal! — Volta a abrir o belo sorriso, dizendo: — Estou tão ansiosa — confessa, sabendo que teremos dois dias para matarmos a saudade e pelo menos um pouco do desejo que nos consome.

— O mesmo aqui — digo.

Eu mal termino de falar e Clara já está na mesma posição de trinta minutos atrás. Entre vestido abaixado, blusa com botões arrebitados e vidros do carro embaçados, uma Clara frustrada, descabelada e cambaleante sai do carro, deixando-me com as bolas azuis e com um puta tesão reprimido.

Quando pela alta janela do prédio vejo a luz do seu quarto ser acesa, ligo o carro e saio em disparada. Preciso de alívio urgentemente ou a única coisa a ser batida será o carro contra um poste.

# Fim de semana

Clara

— *Te acordei?* — Ouço sua voz do outro lado da linha. — Desculpa, querida, devo está ansioso demais. — Tiro o celular do ouvido por uns segundos e vejo que já são 8h30 manhã de sábado. — Só posso justificar que a saudade estar me matando pouco a pouco. Não aguento mais esperar, gatinha. — Ouço, segurando para não sorrir do seu drama.

— Nos vimos ontem, Henry — Faço-me de desentendida, apenas para ouvi-lo por mais tempo. Ainda mais se da sua boca sair palavras como essas.

— Eu sei, menininha, mas aquilo nem de longe foi o suficiente. Durante esses dois dias, preciso ter uma overdose de Clara — declara. — Eu com minha namorada e sem hora para acabar. Por falar nisso, conseguiu falar com a Dona Chica?

— Já está tudo certo. Falei sobre você e sobre como nos conhecemos — revelo.

Ontem, quando cheguei, minha Bá ainda estava acordada, sentada no sofá, fazendo seu tricô e assistindo televisão. Ela sempre se preocupou comigo, mesmo antes da morte de papai e mamãe e por isso sei que estava apenas esperando-me chegar para poder ir dormir.

Sem querer e nem gostar de esconder coisas dela, sentei ao seu lado, pedi que abaixasse o volume da TV e disse que precisávamos conversar. De imediato, seus olhos se arregalaram de preocupação, mas logo eu a acalmei, dizendo que não era nada demais, pelo menos eu acho que não.



Não me demorando em explicar a nossa desesperadora situação financeira, comecei contando dos planos idiotas que tive e vi que na hora ela ficou assustada por eu ter pensando em me prostituir. Na sua cabeça, ainda sou aquela menina que ela toma conta desde a época em que eu nem ao menos sabia falar. Sem conseguir fugir do sermão pelo plano ridículo, continuei contando de forma detalhada como tudo aconteceu.

Revelei minha relação com Henry, desde o primeiro encontro até o dia de hoje, o dia em que fui pedida em namoro. Ela, é claro, não gostou nada de saber das coisas que ele escondeu, mesmo eu revelando que também escondi coisas dele. Assim como também não escondeu o olhar de preocupação por saber a idade dele e o fato de ser um empresário rico e conhecido da mídia.

Sua preocupação se dissipou somente quando peguei uma revista que estava em cima da mesinha de centro e mostrei o nome do Henry escrito no rodapé da contracapa. Isso a deixou mais segura, acreditando que ele não é um aproveitador, com intenção de se divertir com uma garota qualquer.

Por fim, eu acabei lhe convencendo de que Henry tem as melhores intenções e que inclusive me arrumou um estágio na sua revista. Minha Chica ficou muito feliz e no fim, pediu para lhe apresentar a ele.

Com tudo esclarecido, informei que ia passar o fim de semana com meu namorado, não encontrando nenhuma objeção de sua parte, que finalizou a conversa dizendo que entende a necessidade dos jovens, principalmente nessa fase do namoro.

— E como ela reagiu? — indaga, curioso.

— Ela reagiu como qualquer outra pessoa reagiria, afinal de contas, não nos conhecemos da maneira convencional — explico resumidamente a conversa que tivemos.

— Ouvindo você falar parece surreal mesmo. — Seu sorriso sai abafado através do aparelho.

— O importante é que no final deu tudo certo e ela está doida para te conhecer pessoalmente.

— Eu também quero conhece-la. É só marcar o dia e a hora, menininha. — Eu amo os apelidos carinhosos que ele me deu. — Mas vamos ao que interessa: Você vem ou não? — volta a questionar.

— É óbvio que eu vou. Por dois dias serei todinha sua — provoco, mesmo tendo noção do estado em que ele deve estar.

— Vem logo, Clara — pede.

— Se não for incomodar, poderia pedir para o Jack vir me buscar? — peço, tentando não parecer deslumbrada ou abusada demais. — Hoje é sábado e você sabe como é... — Na verdade, ele não sabe, mas espero que entenda.

— Vá até à janela é olhe para baixo. — Sento na cama, tiro as cobertas e faço o que me pede. Quando olho para a rua, fico surpresa por vê-lo ali, em toda sua magnitude, encostado na lataria do seu conversível enquanto me espera.

Ato contínuo, abro a janela, aceno e ele retribui quando manda um beijo.

— Você é louco, sabia? — falo, ainda ao telefone, só que agora podendo vê-lo de perto.

— Louco por você, pequena — diz, e mesmo de longe, consigo ver sua piscadela sacana. — Vai demorar muito aí? Será que vou ter que subir e te tirar pessoalmente desse quarto?

— Não! Não, desço num minuto. Vou desligar. — Apressada, jogo o celular em cima da cama e começo a juntar minhas tralhas. Ainda não estou preparada para que ele veja minha casa. Não que meu lar seja medíocre e que esteja faltando móveis ou coisas do tipo, mas também não é nenhuma cobertura luxuosa como a que ele vive. E para ser o lar de um homem solteiro, lugar até que é arrumadinho, diferente do meu quarto que só não tem roupa no teto.

Deus, que vergonha!

Já pensou se ele vê isso e descobre o quanto sou desorganizada? Capaz de terminar o namoro que mal começou, alegando incompatibilidade de gênio.

Sem ter noção dos seus planos, saio catando um pouco de cada coisa, pego desde biquínis a vestidos de festa. Também coloco na bolsa produtos de higiene básica, esses com certeza vou precisar.

Quando estou satisfeita, corro para a janela, vejo que ele está distraído mexendo no seu iPhone e volto a fazer minha higiene matinal.

Depois de um rápido banho, visto um leve vestido de alças, passo a escova no cabelo que felizmente não molhei, faço uma maquiagem básica e pronto! Estou preparada para passar o primeiro final de semana com o gostosão do Henry.

Sinto minha piriquita arder só de imaginar a loucura que isso vai ser.

Reparando se não esqueci nada, pego minha bolsa pesada — que

mais parece uma mala para mudança — coloco sobre os ombros, pego o celular em cima da cama e em seguida saio do quarto.

— Chica, meu amor — Passo rapidamente pela sala no caminho, dando um beijo de despedida na sua testa e, antes de bater à porta, ainda a ouço falar:

— Juízo, menina.

Juízo? Não sei nem o que isso come.

Ao me ver sair do prédio, Henry descruza as pernas, guarda o celular no bolso da calça e vem me receber com um forte abraço.

— Até que enfim, garota. — Cheira meu pescoço, como lhe é peculiar. — Estava pronto para subir e te trazer carregada.

— Tão ansioso assim? — Manjo seu pau da maneira mais descarada que minha mente consegue planejar. — Cuidado aí. — Saio rebolando na intensão de jogar a bolsa no banco traseiro do seu conversível, quando sinto sua mão dar um tapa estalado na minha bunda.

— Não me provoca, garota...

— Isso doeu, merda — reclamo, levando a mão ao local ardido.

— Boca suja — fala ao abrir a porta do carona para que eu entre, indo em seguida para o seu lugar.

— Cínico! — Ele liga o carro sem se importar com o xingamento, se bem que é capaz de ele nem ter ouvido, já que seus os olhos não saem das minhas pernas que agora estão parcialmente à amostra. Tudo graças ao vestido de malha fina.

— Gostosa — diz quando apressado liga o carro e dá partida.

Por ser uma manhã de sábado e consequentemente o trânsito estar mais tranquilo, chegamos ao apartamento de Henry em tempo recorde. Já no elevador, começamos a nos fitar através do espelho que cobre todo o painel, só não partindo para ação porque não éramos os únicos ocupantes.

Ao finalmente abrir a porta, eu e Henry entramos, deixamos de lado bolsas, celulares e tudo mais que trazíamos e nos atracamos ali mesmo. Assim como nos "velhos tempos", meu namorado me pressionou contra a porta, fez-me circular as pernas em volta da sua cintura e não poderíamos estar mais grudados do que já estamos. O clima primeiro começou a esquentar, depois passou a borbulhar e quando já estava fervendo em alta temperatura, nós dois escutamos um barulho estranho.

Ele solta minha boca, tira a mão de dentro do meu vestido, que a essa altura está completamente fora do lugar e questiona:

— Que porra é essa? — Permanece me fitando e para minha completa vergonha, o barulho novamente é ouvido, só que mais alto.

— Acho que estou com fome — Tento não rir da sua expressão incrédula. Para falar a verdade, nem eu tinha percebido. Se não fosse o meu estômago a denunciar, só iria lembrar de comida na hora da janta.

Isso porque estou mais interessada em ser comida do que em comer.

— Puta que pariu! — Saindo da porta e comigo ainda atracada no seu colo, Henry nos leva para a cozinha, deixando-me sentada *numa* cadeira alta perto da bancada americana. — *Tá* vendo o que você faz comigo? Esqueci até que precisa se alimentar — reclama, sem a menor vergonha de estar fazendo isso, enquanto ostenta uma potente ereção. A cena seria sexy se não fosse cômica.

Com toda gentileza que lhe é característica, Henry prepara torradas e suco natural de morango para o nosso café da manhã; e quando já estamos bem alimentados, sem correr o risco de sermos interrompidos por estômago protestante, decidimos descansar um pouco, uma vez que o clima foi totalmente cortado.

— Vem aqui — Entrelaça nossos dedos e me leva para o sofá. — Vamos conversar. — Sento ao seu lado e sem conseguir parar de me tocar, ele segura minhas pernas e as coloca sobre o seu colo.

Nos minutos que se seguem, ficamos tranquilamente jogando papo fora, até que o assunto entrou em um terreno perigoso demais.

Relacionamento. Quer dizer, relacionamentos dele, porque a minha vida amorosa é mais limpa que um pedaço de folha em branco.

— Repete — Custa a crer quando me diz o número de namoradas que já teve. Ele diz que não foram namoradas, já que segundo seu entendimento, casos de uma semana não se classificam como tal.

— Foi isso mesmo que você ouviu. — Vejo que fica acanhado com a revelação.

— Parabéns, querido. A diferença sua para os prostitutas é que você não cobrava pelo sexo. De resto era tudo igual.

— Isso que estou vendo em seu rosto é ciúme? — Henry tira minhas pernas do seu colo e vem com tudo para cima de mim, em um inesperado ataque de cócegas.

— Para! Mas que inferno! — Tento me defender e ele apenas dá um jeito de melhor se posicionar entre as minhas pernas.

Entre xingamentos e risadas descontroladas, de repente nossos olhares se encontraram, nossas mãos ficam quietas e passamos apenas a nos fitar. No seu rosto vejo passar o mesmo turbilhão de sentimentos que o meu deve estar transmitindo.

É como se essa simples e descontraída brincadeira demonstrasse que o momento havia chegado, que finalmente estamos preparados para o nível de intimidade que o sexo entre nós irá implicar.

— Tem certeza? — indaga, quando tem a potente ereção bem acomodada contra o meu sexo, latejante de vontade.

— Tenho.

# Volta às aulas

Henry

— Tenho.

Essa curta e única palavra foi suficiente para desencadear o turbilhão de desejos e sentimentos que há semanas venho reprimindo. Como um menino que pela primeira vez está fazendo sexo, ajeito-me mais confortável entre as pernas da minha garota, até sentir nossos sexos perfeitamente encaixados, tendo a maciez da sua boceta quente dando boas-vindas a dureza do meu pau. Ainda achando que não estamos encaixados o suficiente, seguro firmemente sua coxa roliça, envolvendo-a contra meu quadril.

— *Tá bom assim?* — fito seu rosto que nunca deixa de me surpreender. Seus olhos redondos, sua pele branquinha e seus lábios cheios trazem uma doçura, é como ver o rosto de um anjo, se é que anjo tem rosto.

— Perfeito — revela, fazendo um leve movimento com os quadris.

— Você lembra do que pediu quando nos conhecemos? — Com o rosto bem perto e fazendo força para que o peso do meu corpo não esmague o seu, aliso os fios do seu cabelo castanho-claro.

— Lembro — responde e de maneira surpreendente, fica sem graça. Não sei por quê, mas a forma como me conheceu a incomoda muito. Ela tem vergonha da coisa que nos uniu e não tem razão para isso, até porque, vivendo em mundos tão distantes, a chance de nos encontrarmos por aí seria abaixo de zero.

— Então me fala o que você queria — Distribuo beijos por todas as

partes do seu rosto — menos a boca — tentando deixá-la mais à vontade para falar.

— Que me ensinasse tudo o que sabe sobre sexo — Lembro como se fosse hoje da minha surpresa — boa, diga-se de passagem — quando ouvi essa proposta sair da sua boca. — Queria que me ensinasse a como dar prazer para um homem na hora do sexo.

— Lembra-se das nossas primeiras lições? — Faço-a corar por lembrar a que nível levamos as nossas "lições".

— E como eu poderia esquecer, nem bem nos vimos e já estávamos a ponto de transar — diz, sincera.

— Fazer o que se sou irresistível e você me atacou, não é mesmo? — brinco e ela não deixa por menos:

— Não fui eu quem mentiu a profissão apenas para conseguir uma transa. — A safada não se contém em jogar os fatos na minha cara e eu adoro sua língua afiada.

— Você está parcialmente certa, gatinha. Diferente de você que tinha motivos para mentir sua idade, o meu para mentir sobre a profissão foi totalmente egoísta — confesso novamente. Nem se eu quisesse teria como mentir a respeito disso. — Eu estava mesmo a fim de te comer. Mas não é com você disse. Eu não queria conseguir uma transa qualquer.

— Eu sei! — Vira os olhos esverdeados para cima, com desdém. — Senão não teria tido tanto trabalho.

— Acertou. E voltando ao assunto, as nossas lições, elas vão continuar.

— Vão é? — pergunta, maliciosa já entrando no jogo.— O que mais você poderia me ensinar, professor? — *me desafia* quando enfia as mãos dentro da minha camiseta e de leve, aranha minhas as costas de fora a fora.

Se sua intenção era demonstrar que sabe como me atizar, a missão foi concluída com sucesso. Se o tesão já não estivesse nas alturas, essa sua demonstração teria com certeza me feito chegar ao pico da frustração sexual.

— Minha gostosa, as suas aulas estão apenas começando. Isso que você acha que sabe é só a ponta do iceberg. Nós ainda temos muito que aprender — falo, agora com a boca colada à sua, fazendo com que nossas respirações se misturem no processo. — Você não queria se tornar uma puta? — Sem separar nossos rostos, coloco minha mão embaixo da sua cabeça, segurando entre os dedos e puxando de leve os cabelos que ficam próximos a nuca.

— Queria, sim e você como um bom prostituto que trabalhava de graça, resolveu ajudar no meu probleminha — diz, com ironia a minha gatinha de unhas afiadas.

— Então, agora nós dois teremos o que desejamos. Como você diz, eu como um bom prostituto que sou, vou ter a boceta dos meus sonhos e você namorada, vai conseguir o que tanto desejou.

— Vou? — indaga, confusa e eu vejo que não me fiz entender.

— Vai sim. Não queria se tornar uma puta? — Esfrego-me contra seu sexo quente. — Então é isso que eu vou fazer com você. Vou te transformar na melhor e mais deliciosa das putas. A minha putinha, só minha.

— Eu quero muito isso. — Iça o quadril, *se esfregando*, ao perceber que o meu está parado.

— Então, aqui vai a nossa próxima lição — digo, dirigindo a mão para dentro da sua calcinha. — Tão molhada... — Acaricio sua boceta de maneira superficial. Ainda não quero que ela goze, a ideia aqui é prepará-la para me receber. Assim, levanto meu corpo o suficiente para que consiga fazer os movimentos necessários. — Está gostando?

— Muito. Demais, só que essa dor estar me matando... É como se faltasse algo. — Sei a que tipo de dor ela se refere. Essa dor se chama frustração, desejo reprimido, a vontade de me ter dentro dela, ainda que não saiba o que isso significa. No alto da sua inocência, e diante de todas as outras experiências que tivemos, Clara sabe que vai ser bom, que a última e mais deliciosa das lições ainda não foi colocada em prática.

— Não se preocupe! — Beijo-a de boca aberta por alguns segundos, sem, no entanto, usar a língua. Dessa vez as coisas tem que ir devagar e se começarmos a nos devorar, tudo sairá do controle. É assim que geralmente acontece. — Eu vou acabar com essa dor, esse vazio vai ser preenchido não só hoje, mas todas as vezes em que você sentir necessidade. — Dou mais uma apalpada no seu sexo para depois tirar a mão e chupar meus dedos, um por um.

— Eu não imaginei que as coisas aconteceriam dessa forma. — Olhei-a, sem saber a que se refere. — Quer dizer, nos filmes eu sempre vejo, só achei que na vida real fosse diferente — declara e a compreensão cai sobre mim.

— Não é diferente, namorada. Podemos fazer tudo o que eles fazem, apenas não é tão teatral. Quando estivermos transando, você vai soltar alguns gritos e gemidos também, só não vai ser tão escandaloso como nos filmes.

— E você, não fará escândalo? Nos vídeos que eu assisti os atores



faziam cada barulho, tinha hora que pareciam leões rugindo.

— Provavelmente, sim, menininha, ainda mais por ter sua bocetinha virgem, esfolando o meu pau. — Sinto os pelinhos de seu braço arrepiarem-se pela expectativa. — Aliás, é muito bom saber que a senhorita andou assistindo pornô. Quantos foram?

— Não contei, mas foram muitos. — Não tem vergonha de admitir.

— Não acredito que tenho uma namorada que é viciada em assistir vídeo pornô.

— Fazer o quê? A culpa é sua. Lembra daquela vez em que você me obrigou a assistir e por telefone ficou dizendo como me tocar? Pois é, desde esse dia eu passei a assistir e imaginar eu e você no lugar deles.

— Você tem se tocado? — Minha curiosidade e orgulho masculino não me permitem deixar essa informação passar em branco.

— Sim, desde então eu passei a conhecer melhor o meu corpo.

— Isso é bom, muito bom mesmo. — Ajeito-me novamente entre suas pernas. — Agora, quem vai explorar seu corpo sou eu, assim como você vai explorar o meu. Vamos para a nossa próxima lição?

— Lição?

— Isso, o nome da próxima aula é: Dando prazer para a gostosa da minha namorada.

— Dessa eu gostei. — Abre as pernas mais amplamente e eu recomeço o sobe e desce em cima da sua boceta virgem e ainda coberta com um pedaço de pano úmido da sua excitação. — *Tá* sentido isso? — Agora faço movimentos de bate e volta, simulando o ato de penetrar seu sexo. — Quero que goze, somente com a fricção que o meu corpo faz no seu.

— Não, eu preciso de mais. — Crava os dedos na minha bunda, tentando parar meus movimentos e deixar nossos sexos colados, como antes estavam. — Preciso sentir... — interrompo o protesto quando meto a língua dentro da sua boca.

— E você vai ter, baby — digo, ao descer a mão entre nossos corpos e arrebentar o elástico frágil da sua calcinha. Ela me olha, surpresa e eu digo em seguida. — Te dou outra, até mil iguais, se você quiser.

Ainda não me sentido satisfeito, levanto a ponta do seu vestido e o puxo por cima dos seus braços.

Como está sem sutiã, eu agora a tenho completamente nua. Toda

linda, com seu corpo escultural a minha mercê.

— Minha gostosa! — Sento na ponta do sofá, tiro minha blusa, calça e cueca. *Me vendo* pelado e prestes a deitar em cima do seu corpo novamente, Clara coloca a mão em cima do meu peito e desce o olhar para meu pau.

— Vai dar tudo certo, linda. — Percebo seu temor pela óbvia discrepância entre seu pequeno sexo virgem e meu avantajado pênis, ainda mais quando está assim, duro feito pedra. — Vou fazer dessa experiência a mais prazerosa possível para você.

Deito em cima dela novamente, encaixo a cabeça robusta do meu pau em cima da entrada do seu núcleo e começo a pincelar em um vai e vem suave, apenas para que tenha uma amostra.

— Clara... — A tentativa de ir devagar está me afetando mais do que imaginei. — Agora, eu preciso que você goze — peço, imaginando que as sensações de um recém orgasmo vai tornar as coisas mais fáceis. — Tá sentindo? — Exploro com o meu todo o seu sexo melado. — É gostoso, não é? Imagina quando ele estiver todinho dentro de você.

— Eu quero, agora... — Remexe-se, tentando colocá-lo para dentro.

Não querendo terminar tão cedo o que nem começou, abocanho com voracidade seu delicioso seio direito, enquanto o outro é massageado pela minha mão. Mais ao sul, começamos uma dança altamente erótica.

Dividido entre movimento de sobe e desce em cima do seu centro pulsante e de colocar apenas até a barreira da sua virgindade, ela que já estava mais que estimulada, acaba gozando.

— Henry... — chama, com seu corpo sofrendo alguns espasmos. — Você não...

— Eu vou cuidar de você! — Beijo-a, porque é o que eu quero, porque sua boca carnuda parece sempre estar me convidando para saboreá-la. — Vamos para o quarto? — Quando vou levantar ela segura minha ereção e nega:

— Não! Aqui mesmo — Vejo a urgência nos seus olhos.

— Não está desconfortável? — Procuro no seu rosto a resposta. — É sua primeira vez e eu não quero... — Sua mão masturbando meu pau anuvia minhas ideias, tirando-me por completo a capacidade de raciocínio.

— Tá ótimo. Vem! — Minha gatinha inexperiente, porém curiosa tem pressa.

E como eu já não aguento mais a espera, desço a mão, tiro a sua de

cima do meu sexo e começo a meter a cabeça rosada entre as dobras da sua boceta.

— Minha linda – ela olha para o meu rosto —, vou fazer isso ser bom para você, *tá* legal? – Clara balança a cabeça em concordância. — No começo vai ser desconfortável, mas logo passa. — Conforto-a, pois apesar de não ter transado com uma virgem nem quando eu mesmo era, sei que elas sentem dor.

Centímetro a centímetro, vou entrando, testando seus limites e recuando quando toco na sua barreira. Ela por outro lado, tem as unhas fincadas na minha bunda que amanhã certamente estará em carne viva.

Quando sinto que está excitada o suficiente para fazer dessa experiência a melhor possível, seguro suas coxas, envolvo-as na minha cintura e olhando sua reação, penetro até o fim.

— Filho da puta! — xinga, quando uma breve expressão de dor passa pelo seu rosto.

— Calma que o pior já passou, amor. — Não me movo, até que ela se acostume com minha invasão.

— Eu me sinto tão cheia. — Mexe-se um pouco, quando já está se sentindo mais confiante. — É quase que insuportável, mas ao mesmo tempo gostoso...

— Isso somos nós, menininha, eu e você. A partir de hoje você terá muito dessa sensação — digo, *me segurando* para não gozar sem dar ao menos uma estocada. Faz tanto tempo que eu não transo que é difícil segurar o chamado do meu corpo. Ele apenas clama por alívio.

— Se você quiser... — Ela nem precisa completar e eu saio vagarosamente, deixando apenas a cabeça para depois ainda mais cuidadoso invadir seu corpo novamente.

— Está gostoso? — Abaixo a cabeça até a curva do seu pescoço, deixando lá uma mordida, para em seguida completar com uma lambida. — A dor já passou?

— Muito... — Aperta as pernas mais apertadas contra a minha bunda. — É uma sensação de desconforto, só que boa. Mais um pouco...Isso! — diz, quando eu lhe atendo e aumento gradativamente a velocidade da penetração, sem no entanto ultrapassar o limite. Não vou machucar minha menina na sua primeira vez.

— Gostosa, eu estou tão perto — Ofegante, uso a mão para

massagear seu clitóris. — Quis tanto isso... — digo entre um vai e vem cadenciado que é auxiliado por minha namorada quando vem me encontrar no meio do caminho.

— Ahh... Baby, eu não aguento... — Chega ao orgasmo quando na derradeira bombada eu vou até o fim e estando dentro do seu calor paro as estocadas, restando apenas movimentos circulares que atingem todas as suas terminações.

Ao sentir sua boceta quente como o fogo do inferno apertar o meu pau a ponto de esfolá-lo, meto apenas mais duas vezes e acabo gozando. Um orgasmo intenso, daqueles que traz sensações que somente um homem que está há dias sem transar e que quando o faz é a boceta dos seus sonhos, é capaz de sentir.

— Porra! Como você é gostosa, amor. — Mal me dou conta da forma que a chamei, pois estou mais concentrado em liberar dentro dela jatos da prova do prazer alcançado.

Com resquícios dos nossos recentes orgasmos circulando entre nossos corpos lânguidos, continuo preguiçosamente a penetrar seu sexo *num* vai e vem lento e a beijar sua boca, chupando sua língua e deixando que chupe a minha no mesmo ritmo das estocadas. O sexo está gostoso para mim, e se for levar em conta os gemidos vindos da Clara, eu presumo que ela também está curtindo. O único "porém" é a sensação de que deixei alguma coisa passar, algo que deveria ter lembrado.

# Descuido

Clara

— Hum — murmuro em delírio por sentir o vai e vem preguiçoso de Henry, que mesmo depois de satisfeitos não consegue se desconectar de mim.

Não que isso seja uma reclamação, é justamente o oposto, por mim, ficaríamos aqui pelo fim de semana inteiro. Isso se não fosse meus músculos e as partes baixas do meu corpo que começam a protestar pela modalidade de atividade física recém descoberta.

Que homem, meu Deus! O cidadão não tem só um belo instrumento, ele também sabe usá-lo com maestria. As fantasias eróticas tidas ao som de gemidos de atores pornô não foram nada comparadas a realidade. Foi melhor, se doeu? *Pra* caralho! Mas nada que não valha a pena se o parceiro sabe o que está fazendo, e posso dizer que Henry sabe. Sabe de um jeito que o cargo de professor do sexo não poderia ser mais adequado.

A outra parte boa de estar me sentindo tão deliciosamente preenchida é que eu finalmente dei, isso mesmo, dei a porra da minha boceta. Isso nunca me pareceu uma obrigação, como se estivesse passado da idade para isso — é geralmente o que acontece com as garotas do colégio — Eu estava mais para a esquisita que secretamente os colegas imaginavam ser lésbica. O problema é e sempre foi o Henry, ver esse homem despertou a tarada mirim que há dentro de mim e desde então eu não pensei em outra coisa que não fosse fazer sexo com ele.

Parando para pensar, isso começou no meu vergonhoso primeiro beijo, foi aí que um fogo inflamável se espalhou por minhas veias. Desde esse dia eu só penso em sexo, tirando as horas em que eu quis matar o Henry — até que foram poucas perto do que ele merece — no resto eu queria transar com ele.

Essa vinha sendo a minha triste e frustrada realidade.

Agora não, neste momento eu só tenho que agradecer a minha nossa senhora das adolescentes desvirginada pela graça alcançada.

— Gostoso, não é? — ele me chama para a realidade. Antes, eu estava entre curtir a foda e viajar em outra dimensão.

— Muito... — digo e de maneira gananciosa, tento deixar nossos corpos ainda mais colados.

— Só que agora já chega — revela planos diferentes dos meus quando começa a se retirar de dentro de mim.

— Não... — início meu protesto, mas sou interrompida por sua voz alarmada.

— Caralho! Era isso — diz, ao olhar o seu pau sair centímetro a centímetro de dentro do meu sexo. Querendo entender o seu espanto, desço o olhar e então compreendo o motivo do alarde.

— Calma, Henry, não surta — faço o papel que claramente não deveria ser o meu, mas já que cabe a mim ser a adulta aqui, vou ser.

— Como eu pude esquecer da camisinha, porra! — Seus olhos estão vidrados não sabendo se ficam no seu pau que está melado em uma mistura de esperma e pequenas manchas vermelhas de sangue ou ficam na imagem mais assustadora que é minha boceta que tem a mesma sujeira, só que em maior quantidade e pior, escorrendo pelas minhas coxas.

Henry fita a cena como quem presencia o resultado de um crime, eu como nunca tive vocação para santa, fico me perguntando se devo tirá-lo desse sufoco ou me divirto um pouco mais com seu olhar de desespero. Ele bem que merece por ter sido tão descuidado, sim, porque nessa situação ele com certeza tem mais responsabilidade do que eu, que além de ser a inexperiente, não saberia nem dizer meu nome se me perguntassem.

— Desculpa, minha linda, vou dá um jeito nisso. Eu prometo. — Termina de sentar e não sabe para onde olhar.

— Eu não acredito que você vai ter coragem de matar nosso filho, Henry — Abaixo os olhos para a minha barriga plana que dentro nada tem, além de lombrigas. O olhar espantado que vai do meu rosto para a barriga é tão hilário que fica difícil segurar a risada.

Respira, Clara. Respira. Não vai estragar a brincadeira tão cedo.

— Não, gatinha — Curva seu corpo sobre o meu. — Se tiver um bebê aqui – coloca carinhosamente a mão sobre o meu ventre — eu vou assumir. Não faria isso com ele, nem com você. — Abaixa, deixa um beijo carinhoso na

minha barriga e eu chego a ficar emocionada.

Esse homem existe de verdade? Além de ser lindo, forte e transar como um deus, ainda faz um carinho no filho que nem existe.

*Tá*, acho que a brincadeira já está indo longe demais.

— Você é um fodido, gostoso, sabia? — Não me aguento e acabo atacando sua boca num desesperado beijo de boca aberta.

— Isso já são os hormônios? — diz, ofegante quando enfim largo sua boca que mesmo em meio a um suposto problema, não deixa de sorrir nem por um instante.

— Que hormônios, homem? — Sento nua, de pernas cruzadas e ele olha diretamente para minha boceta.

Será que ele não cansa? Veja bem, essa não é uma pergunta feita com indignação e sim com esperança, daquelas que se torce fervorosamente para que a resposta seja não.

— Eu não estou grávida! — Vejo seu pomo de Adão subir e descer quando ele engole em seco. — Tenho alguns transtornos com meu ciclo menstrual, então, sou adepta das pílulas anticoncepcionais — digo como quem não quer nada.

Sua expressão vai da decepção para o alívio e do alívio para a irritação na velocidade da luz.

— Você estava brincando com a minha cara? — pergunta entredentes, enquanto com o olhar ameaçador deita-se novamente em cima de mim.

Puta merda! Estou tão fodida.

— Eu não...

— Cala a boca! — O tom da voz dele está me assustando. — Você merece um castigo, sua diabinha.

— Você não teria coragem de fazer nada contra sua namorada que acabou de te dar o que você tanto queria, não é? — Faço minha carinha do gato de botas. — Uso sempre que quero convencer alguém de algo. Mas parece que com ele não funciona.

— Nem tente, Clara! — Seus dedos nervosos iniciam uma nova onda de cócegas por toda minha barriga e eu, com a dignidade *pra* baixo do cu do cachorro, começo um riso de desespero.

Tem coisa pior do que cócegas? Ser obrigada a sorrir quando tudo o

que se quer é arrancar os dedos do seu namorado com um alicate para ser mais doloroso?

— Chega, Henry. Eu vou te matar. — Tento de todas as formas me defender do que parece ser umas oito mãos, cada uma contendo cinquenta dedos.

— Só paro se minha garota safada e mentirosa me pedir desculpas — exige.

— Desculpa — peço bem baixinho entre lágrimas involuntárias, proveniente das risadas.

— Não assim... — Para, mas ainda tem os dedões a postos. — Diga: Desculpa, meu gostoso de pau grande, nunca mais vou brincar com os seus frágeis sentimentos.

— Desculpa meu gostoso de pau gigante — disse de imediato, sem parar para respirar, cuspo a frase: — Nunca mais vou brincar com os seus frágeis sentimentos — termino e puxo uma longa respiração quando seus dedos se afastam da minha barriga.

— Assim que eu gosto. — Dá uma piscadela e volta para o meu sexo. — Agora, falando sério, meu amor... — Será que ele percebe que tem me chamado assim?

*Sem criar expectativas, Clara. Sem expectativa, sem frustração.*

— Desculpa pelo vacilo. — Sua mão desce para me checar. Com o olhar clínico ele observa, enquanto carinhosamente faz movimentos de subir e descer. — Fiz exames recentes e sei que estou limpo, além disso, eu nunca transo sem camisinha.

— Informação demais... — Não faço questão de esconder o meu ciúme. Se for para ter ele de boca fechada quanto a isso, eu sou capaz até de nadar pelada num rio congelante.

Dramática? Muito.

Gosto de imaginar que Henry chegou até aqui tão virgem quanto eu.

— Foi mal, *ciumentinha*. — O calor quer tomar meu corpo novamente, mas ele logo para de me bolinar. — Você está bem? — Acho que quer saber como anda a situação aqui em baixo, se é que sua mão já não deu o diagnóstico.

— Vou bem, obrigada! — Ele me repreende sem dizer uma palavra, *me fazendo* perceber que agora é a hora de falar sério. — Tá tudo bem. De verdade, amor. Acho que poderemos ter mais algumas lições hoje — digo e seus olhos crescem de tamanho.



— Repete — pede, ao chegar com o rosto bem próximo do meu.

— Vou bem obrigada!

— A outra parte — volta a pedir, já no nível 1 de impaciência.

— Acho que podemos ter mais algumas lições hoje? — nível 2.

— Tente outra vez.

— Amor? — Ele abre um sorriso e eu não creio que estava esse tempo todo me policiando para não surtar por ouvir ele me chamar de meu amor e ele na expectativa de ser chamado de amor.

— Ufa! Pensei que não ia adivinhar nunca — Dá um leve selinho nos meus lábios.

— Não achou estranho? — pergunto, fazendo-me de desentendida.

— Nada estranho, meu amor. — Coloca ênfase no meu amor.

— Gostoso! — Subo para o seu colo, sentado de frente e entre suas pernas.

— Gostosa! — Devolve quando deixa um beijo na altura do meu seio esquerdo que por sinal é levemente maior que o direito.

— Deixa de conversa e vamos tomar um banho — Ele levanta comigo enganchada nos seus braços como uma macaquinha.

— Estou fedendo? — Tiro um dos braços do seu pescoço e levo o sovaco na altura do nariz.

— Pelo contrário, essa mistura de nós dois e de sexo está me matando — afirma ao beijar a curva do meu pescoço. — E é justamente por isso que vamos tomar um banho.

No chuveiro, Henry e eu fizemos muito mais que apenas tomar banho. Durante vários minutos — mais do que o necessário para um simples banho — ficamos namorando embaixo da água. Enquanto suas mãos ligeiras aproveitavam a necessidade de me levar para poder explorar o meu corpo e eu, como uma boa aluna que sou, o imitava, só que mais ousada.

— Dá vontade de morar dentro do seu chuveiro, sabia? — digo ao secar os cabelos com uma felpuda toalha branca. No corpo, visto uma camiseta sua, que mais parece um vestido.

Não é como se eu não tivesse trazido roupas para passar os dias — trouxe até demais — é só que o instinto macho-alfa dele insistiu nisso. Chamem do que quiser: fetiche, orgulho masculino ou sentimento de posse; a verdade é que os homens sentem um prazer quase orgástico em ter suas mulheres vestidas

com suas peças de roupas.

E digo isso não é nem por experiência própria, e sim pela comprovada pesquisa científica, obtida por meio dos livros eróticos que peguei costume de ler. Tem coisa mais clichê que isso? Não. Não tem!

No entanto, aqui estou, ajeitando a juba, enquanto pelo espelho noto Henry secar meu corpo, vestindo somente a sua camisa. Acho que nem me ver pelada o teria excitado tanto.

— Nunca vou cansar de dizer o quanto minha namorada é gostosa.

O jeito dele de olhar-me desde o momento zero, deixa claro a veracidade do que diz e do que sente. Isso só me faz pensar que a paixão cega os homens. Não vou fazer a modesta e dizer que me acho feia, pelo contrário, acho meu rosto muito bonito e o corpo normal. Os peitos — que são as taras Henry — são de tamanho médio e a bunda eu considero apenas ok. Diferente dele que vive me chamando de gostosa, me considero uma pessoa comum, magra até, mas se ele vê toda essa gostosura, quem sou eu pra dizer o contrário.

Henry não, esse é tão bonito que eu às vezes me pergunto o motivo de ele não estar estampando capas de revistas ou modelando em passarelas. É muita beleza e gostosura para ficar escondidas atrás dos bastidores.

Graças a Deus!

— Não vou alardear o que penso dos seus atributos físicos porque acho que não é preciso, você tem espelho. — Olho para trás um momento e comprovo minha teoria quando vejo seu tanquinho desnudo e suas coxas poderosas, vestindo somente um moletom cinza, com o cós indecentemente baixo.

— Obrigado. Eu acho... — Abre um sorriso convencido. — O dia hoje está nas suas mãos, gatinha. O que você decidir, nós vamos fazer. — Vem e me abraça por trás.

— Tem certeza? — Pelo espelho, encaro-o, maliciosa.

— Sua safada! — *Me vira* de frente e toma minha boca *num* beijo molhado. Estou a ponto de lhe mostrar o que pretendo para o resto do dia, quando somos interrompidos pelo toque do seu celular.

— Deixa tocar! — Pretende continuar o beijo, mas eu impeço.

— Não, Henry. Pode ser algo importante. — Desvencilho-me dos seus braços e retorno para minha tarefa de fazer a maquiagem.

Vejo Henry sair do banheiro, pegar o celular em cima do criado mudo e atender.

— Oi, mãe.

# Filme

Henry

— Oi, mãe, tudo bem? — Atendo a contragosto. Eu devia ter desligado essa merda de celular. Aliás, não só o celular, deveria ter tirado o telefone da tomada, desligado a internet e principalmente o interfone.

Exagero? Eu particularmente não acho. Tudo o que eu quero é ter um maldito fim de semana com a Clara, só eu e ela, sem interrupções ou interferências do mundo exterior. Principalmente se essa interferência atender por dona Carmem.

— Como vai, filho, em duas semanas eu e seu pai estaremos de volta — avisa, animada.

Nos últimos anos, desde que papai abdicou da presidência da *Mundo em Foco*, ele e mamãe pegaram o hábito de viajar para fora do país. Sem datas específicas, ou planejamentos, eles simplesmente fazem o que têm vontade. Essa é uma das ocasiões, faz semanas que eles deixaram o Brasil para dessa vez, explorar os costumes e culturas da China.

— Que bom, mamãe. E o pai, está bem? — pergunto por puro costume, porque se tem um homem com saúde de ferro, esse homem é o seu Agenor que mesmo tendo seus 64 anos tem saúde para dar e vender.

— Ele está bem, meu filho — responde, contente. Hoje minha mãe tem a vida que pediu a Deus. Se antes ela estava insatisfeita com a total dedicação do papai ao trabalho e sua consequente falta de tempo, hoje ela é feliz por ter sua companhia e atenção para que juntos possam fazer o que mais gostam: viajar e gastar dinheiro.

— Adivinha quem nós encontramos por aqui? — pergunta, animada.

— Não faço ideia, mãe. Fala logo de uma vez — peço, impaciente, querendo voltar para minha garota.

— Lúcia, a sua noiva — diz com plena convicção. Em que mundo meus pais, Lúcia e seus pais vivem? Eles acham mesmo que existe noivado e que algum dia existiu?

— Lúcia não é minha noiva, mamãe — corto mais uma vez. Não que isso adiante de alguma coisa, mas quem sabe eles me vendo com uma namorada faça a ficha cair.

— Não é, ainda, meu filho — insiste. — Antes, precisamos fazer um jantar para anunciar aos amigos e para a imprensa.

É, ela realmente não escuta o que eu falo.

— Não é e nunca vai ser, dona Carmem. Quanto antes vocês entenderem isso, melhor será — assevero, com firmeza.

— Mas, meu filho, você não pode fazer isso com Lúcia e nem com a família dela. Você sabe que nós esperamos que esse casamento aconteça desde que vocês eram pequenos — relembra o bizarro acordo, como se ainda vivêssemos na era medieval e os casamentos ainda fossem arranjados. Tudo bem que as duas famílias têm uma relação estreita de amizade que já vem de gerações. Mas isso não significa que para estreitar ainda mais os laços eu tenha que casar com uma mulher que não gosto.

Se já não queria antes, não vai ser agora que estou apaixonado e feliz com a minha namorada que vou querer. Eles vão ter que entender isso.

— E o que eu desejo, mãe? Isso não importa?

— É claro que sim, meu filho — responde, ultrajada, como se não estivesse há anos querendo me impor uma relação que só existe na cabeça das famílias e quem sabe da própria Lúcia. — Mas nós somos os seus pais e só queremos o melhor para você.

— O melhor para mim vai ser o que eu escolher, mamãe — aviso. — E só para que saiba, eu já tenho uma namorada.

Não sei se esse era o momento de revelar, ainda mais por telefone. Por outro lado, talvez seja melhor que eles estejam cientes de que não vão controlar a minha vida.

— O que é que você está falando, Henry? — indaga, num tom de voz que não sei se é de surpresa ou de decepção. — Para com essa bobagem,

meu filho.

— Dona Carmem, a senhora... — começo a lhe responder quando pela minha visão periférica, vejo minha gata sair do banheiro e orgulhosamente vestindo minha camiseta — sem nada por baixo, diga-se de passagem — e com os cabelos úmidos, bem escovados. — Vou ter que desligar agora. — Minha atenção está na minha namorada.

— Meu filho, o que...

— Te amo, mãe. Manda um abraço para o papai. Até logo! — Sem esperar pelo seu protesto, corto a chamada, desligo o celular e coloco novamente em cima do criado mudo.

— Então... — *me aproximo*, enlaçando sua cintura. — Quer fazer o quê? Sair para dar um passeio, ficar aqui de bobeira? Hoje é você quem escolhe. — Desço as mãos para sua bundinha cheia.

— Eu prefiro não sair hoje — confessa ao tirar uma mecha lisa do meu cabelo que teima em cair por cima da testa. — Se você quiser, podemos assistir a um filme ou até começar uma série.

— Sábia escolha, menininha. Não estava a fim de te dividir com ninguém mesmo. — Beijo seu rosto, afasto nosso abraço e pego na sua mão, dizendo:

— Vem, vamos escolher logo — digo, ao leva-la para a sala.

No caminho, já empurrei para o fundo da minha mente a ligação que acabei de atender. Sei que devia deixar Clara ciente de tudo, mas tenho esperança de resolver logo essa situação antes que ela descubra. Acho que não tem por que chateá-la com uma coisa que nem existe.

— Quem era ao telefone? — Ela não deixa passar batido. — Algo importante?

— Nada que valha um segundo dos nossos pensamentos. Era só a minha mãe ligando para avisar que em duas semanas estará voltando de viagem com meu pai — explico quando paramos perto do sofá que acabamos de transar. — Eles estão na China.

— Nossa, que legal! — diz, somente, estando mais interessada em olhar para o sofá.

— Que foi? É só um sofá. — Sento e estendo a mão para que faça o mesmo.

— Não é só um sofá — justifica, ao recusar minha mão estendida. — É "O" sofá. Acho melhor ficarmos aqui. — Pega as almofadas que estavam

no outro menor, as joga em cima do tapete cinza de veludo, para em seguida sentar-se entre elas. — É até bom para refrescar esse calor.

Não querendo deixá-la desconfortável, decido não discordar da sua ideia e deixar para lá o fato de ela não querer sentar no sofá, só porque trepamos em cima dele.

— Você tem razão, meu amor, ou podemos fazer isso... — Arrasto-me até o painel de madeira, pego o controle e ligo o ar condicionado, deixando-o numa temperatura agradável.

Ao terminar, volto para o seu lado, deito com o travesseiro encostado na parte baixa do sofá e chamo Clara para deitar nos meus braços. Sem protestar, a menininha deita a cabeça no meu ombro e logo pergunta:

— Vamos assistir o quê?

— Não sei. O que você gosta de ver? — Só espero que não seja aqueles filmes de romance água com açúcar que toda garota gosta.

— Romance — responde, ao levantar o rosto apenas para que eu veja sua expressão de coitadinha. Essa chantagistazinha dos infernos ama me manipular, para fazer todas as suas vontades. — Mas se você quiser a gente pode ver outra coisa.

— Não, tudo bem. Vamos ver um romance mesmo. Você escolhe. — Faço exatamente o que ela quer.

O que posso fazer, se não consigo resistir aos seus encantos?

Depois de zapear por alguns catálogos disponíveis na TV por assinatura, minha namorada acaba por escolher o seu romance.

São quase 11h e uma cena atípica se desenrola aqui no tapete da minha sala. Henry, o mulherengo e prático playboy — é assim que a imprensa me chama — está confortavelmente deitado no chão com uma bela garota nos braços, assistindo filme de amor.

E se me perguntarem se eu quero estar em outro lugar, fazendo qualquer outra coisa, a resposta continuará sendo não. Eu e Clara juntos é uma realidade que achei não ser possível e que agora farei o impossível para manter.

Na metade do filme, depois de recusar a pipoca que eu me ofereci para fazer, Clara e eu já não estamos no mesmo lugar de antes. Quando a posição se tornou desconfortável, mudamos para uma mais cômoda e no fim, acabamos deitados de conchinha.

Com meu corpo ainda apoiado contra o sofá, agora tenho o seu deitado na minha frente, e de nada tenho a reclamar, já que nessa posição tenho

total acesso a ela.

Com a bunda — que eu sei estar nua encostada no meu pau — e as costas apoiados contra meu peito, o filme que já não me interessava antes, passou a interessar menos ainda. Ao contrário disso, *me concentro* em enfiar a mão por baixo na minha camiseta e acariciar seus seios que tanto tem me enlouquecido. A boca também encontrou alguma utilidade, essa como sempre, deu um jeito de encontrar um dos seus lugares preferidos, ou seja, o pescoço o delgado e cheiroso.

— Henry, o filme... — A essa altura sua voz já tem um timbre diferente, mas ainda assim, ela tenta terminar o filme.

— Estou prestando atenção, linda — minto. A verdade é que não sei nem mesmo o nome dos personagens.

Vejo o momento exato em que sua concentração escorre pelo ralo. Tudo graças a esse maravilhoso filme, é claro. Na cena em questão, o casal estava no meio de uma acalorada briga, quando de repente, começam a se pegar. Isso tudo numa lavanderia.

Também paro para assistir a excitante cena, quando sinto uma Clara bastante incomodada, sem parar de se mexer. Curioso, não me contenho e pergunto:

— Que foi, amor? Algum problema? — Só quero que ela admita. Sei que está ficando excitada, assim como eu.

— Não... — murmura baixinho, com a respiração começando a ficar curta.

Quando as coisas começam a esquentar e meu pau duro feito uma rocha começa a cutucar sua bunda, levanto minha blusa até a cintura e peço:

— Continue assistindo, querida — instruo, vendo pela TV que os personagens já estão se despindo, enquanto pelo que suponho, dirigem-se para o quarto. Acessa com o que vê, minha gata começa a esfregar a bunda deliciosamente despida na minha ereção.

— Lembra quando disse que assistia vídeos pornô e ficava imaginando que éramos nós no lugar dos atores? — indago e ela faz um gesto afirmativo. — Então, agora você vai ter seus desejos realizados. — interponho minha mão por entre suas pernas — que ela abre na intenção de me dar espaço — e começo a alisar lentamente sua boceta, que a essa altura encontro úmida de vontade. — Dessa vez, se você estiver a fim, não vai precisar reprimir o tesão ou cuidar de si mesma. Se quiser, eu estou aqui. — Enfio um dedo dentro do seu



canal e no seu rosto não percebo nenhum desconforto. — Você quer? — pergunto, tendo como pano de fundo o casal que passou da lavanderia para a cama. Eles foram rápidos e já estão frenéticos na simulação do ato sexual.

A cena por si só não tem nada demais, ainda mais em se tratando de um romance água com açúcar. O problema aqui somos nós que por termos recém descoberto a sensação de pertencermos um ao outro e até mesmo pela posição em que estamos, acabamos por transformar qualquer fagulha em brasa.

— Quero — Com dentes afiados, Clara morde meu braço que está servindo de apoio para sua cabeça.

— Tem certeza de que está bem? — Testo com o dedo mais uma vez, tanto a sua sensibilidade depois da primeira relação sexual, quanto o nível do seu tesão. Pela óbvia diferença entre nós, sempre terei de ir com calma no início das nossas transas, assim como devo garantir que sua vagina esteja bem lubrificada. Não quero nunca fazer algo que a deixe desconfortável ou até mesmo machucada. — Tudo bem se não estiver. Podemos continuar outra hora.

— Eu quero agora — Leva a mão para trás, tenta agarrar meu pau e eu a contenho no meio do caminho.

Devolvendo sua mão para frente, pego o preservativo no bolso da calça, abaixo a mesma somente o suficiente para que meu pau fique livre e depois de devidamente vesti-lo, começo a metê-lo no meio das suas pernas.

— Vem, amor! — Pela cintura, puxo seu corpo mais para perto do meu, levanto sua perna, colocando-a por trás, um pouco abaixo do meu quadril e deitados de lado começo a penetrar pouco a pouco seu sexo apertado

— Tão gostoso... — Clara geme em resposta, e eu continuo.

Minha garota é tão pequena e tão apertadinha que a sensação é de estar novamente tirando sua virgindade.

— Ahhh... Henry! — balbucia ao ter-me todo dentro dela. Segurando-me para não ir para o nível hard, fico *num* vai e vem gostoso e cadenciado, o tipo de sexo que os namorados devem fazer aos sábados.

Misturando o tesão com a satisfação de estar aqui, finalmente com minha garota; na minha cabeça vem a frase que talvez esteja sendo dita precipitadamente e na hora errada, mas que não pode ser evitada.

— Clara... — chamo perto do seu ouvido. Ela olha para mim com os olhos perdidos de desejo.

Com os olhos fixos um no outro e com os rostos quase se tocando, eu não aguento mais guardar e declaro:

— Eu te amo! — confesso, antes de aumentar a velocidade dos movimentos e beijar sua boca.

No ambiente, ouve-se apenas o barulho dos nossos corpos se chocando e o eco das minhas palavras ditas de maneira tão inesperada.

# *Inconveniente*

Clara

Enquanto almoçamos, sentados em uma mesa de granito azul, Henry e eu nos encaramos silenciosamente. Tudo o que se escuta é o tilintar dos talheres e copos sobre a mesa.

O clima mudou desde a hora em que no meio de um orgasmo, Henry me declarou a palavrinha que começa com a letra A. Não é como se ele tivesse saído correndo de dentro de mim depois de ter deixado a frase escapar, longe disso, ficou apenas o constrangimento, tanto meu quanto dele.

Nós dois — não só ele — temos pisado em ovos aqui, é como se tivéssemos medo de trazer o assunto à tona. Não era para estarmos nos preocupando com isso agora. Ou era?

As razões dele eu não sei, mas as minhas, essas são mais simples de serem explicadas: Apesar de achar que estamos indo rápido demais, no fundo, eu tenho esperança de que ele realmente tenha falado de coração e não só pelo calor do momento. Tenho medo de perguntar sobre e ele rir na minha cara, dizendo que o tesão faz com que as pessoas percam a razão e digam coisas que não sentem de verdade.

Não é como se eu já não o amasse. Não devia, mas acho que o amo a bem mais tempo do que seria confortável admitir. Nunca estive apaixonada ou algo do tipo para saber diferenciar o amor dos outros sentimentos mais simples e descomplicados como a paixão. Mas, se essa vontade de estar sempre juntos, de me sentir protegida em seus braços e não conseguir imaginar um futuro em que ele não esteja presente for amor; então sim, eu diria que o amo com todas as forças do meu ser.

Henry é um homem rico e eu sou pobre. Ele é experiente, e eu uma menina que acabou de ter sua primeira transa. Henry é acostumado com o

luxo e eu com a simplicidade.

Esses fatos são só o início das nossas diferenças. No entanto, aqui estamos, com um eu te amo, dito por ele pairando pelo ambiente. Se for real, vou me gabar para sempre do fato de ele ter sido o primeiro a dizer e se não for, fingirei que a conversa que estou prestes a começar — se tiver coragem — nunca aconteceu.

*Vamos, Clara! Reage, você tem que falar alguma coisa.*

— Henry...

— Clara... — falamos ao mesmo tempo, mas é ele quem continua.  
— Pode falar.

— Não, fala você primeiro — ofereço, só porque estou curiosa para saber o que tem em mente para o deixar assim, tão pensativo.

— Sobre o que disse mais cedo, você não precisa... — Vou tentar tirar das costas dele o peso de algo que talvez não quisesse dizer, mas sou interrompida pela sua fala:

— Eu quis dizer aquilo, menininha. — Solta o garfo e faca sobre a mesa, vira o corpo na minha direção e continua: — Foi dito em um momento de extremo prazer sexual, e que momento — devaneia levemente, mas logo o foco volta —, mas não deixa de ser o que sinto. Eu te amo, Clara.

— Henry, eu... — Respiro fundo, não era isso que eu esperava. Mentira! Esperava, sim, mas não era o que eu achava que ele fosse falar. — Não sei o que dizer...

— Não precisa falar nada, meu amor. — Pega minha mão por de cima da mesa, leva para perto da sua boca e carinhosamente deixa um beijinho na parte de dentro. — Sei que estou indo rápido demais com isso, que você é muito nova para entender...

— Eu não gosto quando você fala assim, Henry. — Tiro minha mão da sua. — Posso ser mais nova, muito mais nova, mas não sou nenhuma criança. Não precisa ficar se policiando de certos assuntos ou até mesmo evitando falar. Eu sou madura o suficiente para levar as coisas *numa* boa.

— Só não quero te chatear ou até mesmo pressionar a assumir compromissos e sentimentos que talvez sejam maiores do que você possa compreender.

— Isso sou eu quem decide.

— Tem razão, e mais uma vez: *me desculpa!* — Curva-se para perto e deixa um beijo no meu rosto. — Você tem que ter paciência comigo. Essa coisa

de namorar também é nova para mim.

— Até aqui você tem se saído bem — digo, como se fosse a expert no assunto.

— Você acha? — Sorri, sem jeito. — Não me saí muito bem em nenhuma das tentativas de declarar meu amor.

— Pois eu não mudaria uma vírgula, se pudesse — afirmo, sendo sincera. — Não se esqueça de como as coisas deram erradas da vez que planejamos.

Ele me olha e assim como acontece comigo, imagino que na sua cabeça deva estar passando um filme, com as cenas do que vivemos naquele quarto de hotel, onde nosso castelo de areia veio a baixo.

— Aquilo foi um desastre. — Fica por um momento perdido em pensamentos e retorna dizendo: — Planejei tanto fazer com que a sua primeira vez e nossa primeira transa fosse especial e acabei te comendo em cima de um sofá.

— Novamente, eu não mudaria nada. — Tranquilizo sua consciência. — Você foi perfeito. Se tivéssemos planejado, não teria sido tão bom.

— Minha linda — diz e eu mais uma vez me regozijo com seu tratamento. Se os apelidos fofos já me deixam trêmula, imagina como fica meu coração quando ele adiciona o "minha" na frente.

A vontade que tenho é de pular no seu colo e lhe mostrar com o corpo o quanto eu sou feliz por ser dele e o tê-lo como meu.

Depois do almoço e durante o resto do dia, ficamos apenas nos curtindo, às vezes em cima da cama, quando entre amassos e conversas ao pé do ouvido acabamos pegando no sono e as vezes na sala assistindo séries.

Ao cair da noite e mais frustrada do que nunca — já que fora os amassos mais quentes, Henry se recusou a fazer sexo comigo novamente — decidimos sair para curtir a noite e o destino escolhido foi novamente o Tequillas's e, como o combinado, convidamos os nossos amigos Saulo e Amanda para contar a novidade.

A meu pedido, que preferi não abrir a nossa relação para o pessoal da empresa, Henry a contragosto aceitou, decidindo revelar apenas para o amigo Saulo, que é a pessoa a quem ele tem confidenciado nossos dramas.

Pelo que conversamos mais cedo, Saulo não é seu amigo mais antigo ou o mais próximo, apesar de gostar e confiar muito nele. O cargo de

melhor amigo fica dividido entre Miguel, o problemático e responsável pelo nosso primeiro contato e sua irmã, que só o fato de saber que ela foi a primeira namoradinha de Henry, já me fez pegar certa antipatia.

Espero que isso seja apenas meu ciúme bobo falando mais alto e ela seja uma pessoa legal.

— Lá vem eles — digo quando após alguns minutos da nossa chegada, vejo Amanda e Saulo tentado ocupar o mesmo espaço. A porta de entrada é enorme, mas eles resolveram que seria interessante tentar passar pelo mesmo lugar, desafiando a lei da física, que prega que dois corpos não podem ocupar o mesmo lugar no espaço. Depois do impasse, Saulo decide ser cavalheiro e a deixa entrar primeiro. Ou seria porque ele achou mais vantajoso ficar para trás e ter uma visão mais privilegiada da bunda da minha amiga?

Pelo seu olhar, a segunda opção é a resposta correta.

Quando chegam a nossa mesa e percebem que estão a ponto de passar algum tempo juntos, os dois têm reações interessantes e distintas: Ele dá uma risadinha de canto e ela retribui com um olhar gelado e expressão carrancuda, que só se desfaz ao me cumprimentar.

— Oi, amiga — Dá dois beijinhos e do lado vejo os rapazes dando seus típicos tapinhas nas costas.

— Quer dizer que o grande Henry, batedor oficial de bocetas, deixou o mundo dos solteiros — Saulo, que pelo nosso breve contato não me pareceu ser tão inconveniente, fala quando já estamos todos acomodados.

— Saulo — Henry fala entredentes como quem dá um aviso.

— Foi mal ninf... quer dizer, Clara. Não se chateie por isso. Esse aqui está fora de campo — afirma ao dá um soquinho no ombro do Henry.

— Que bom! — Rio, sem graça.

O jeito sedutor e expansivo de Saulo não chega a me incomodar, já não posso dizer o mesmo em relação a Amanda. Ela o olha com um desdém e uma ponta de mágoa que eu confesso não ter visto antes. Apesar de sempre ter sido mais madura e pé no chão, Amanda nunca foi de destratar ou criar antipatia logo de cara por alguém, como parece ter criado pelo Saulo.

— E você amiga, surpresa? — Tento quebrar o gelo.

— Para falar a verdade, não — diz.

Ela tem razão. Porque estaria surpresa se tenho lhe mantido a par de tudo o que acontece entre mim e Henry?

*Você é péssima, Clara!*

Sem saber como desfazer o silêncio que se estabeleceu, dou uma leve apertada no joelho do Henry por de baixo da mesa, esperando que ele entenda os sinais.

— E então, vocês bebem alguma coisa? — Já vi que ele é tão péssimo quanto eu. — Nós pedimos um suco natural e uma cerveja não é, amor? — Vem e me dar um selinho.

— Ainda não. Preciso ir ao toalete — diz, levantando-se. — Você vem, Clara? — Chama, eu aceno com a cabeça, dou um beijo no Henry e vou atrás dela.

Preciso contar como foi o dia de hoje e também perguntar qual é o problema dela com o Saulo.

Não é normal toda essa animosidade quando mal o conhece.

Aí tem coisa.

Henry

— Continue e eu vou arrancar seus olhos fora, porra — irritado-me ao ver o safado do Saulo secando a bunda da minha garota e da amiga dela, que parece nem um pouco feliz por dividir a mesa com ele.

— Qual é, cara, deixa de ser ciumento — fala, na maior naturalidade. — E puta que pariu! Sua mulher além de ser um gostosinha, tem uma amiga tão gostosa quanto. Eu quero a loirinha, será que tem mais de 16 anos.

— Eu não sei se do alto do seu pedestal *deu* pra notar, mas é bem obvio que ela não foi com a sua cara — aviso e ele parece se surpreender. — Fala a verdade, cara, você já conhecia essa menina? Se fez alguma coisa com ela me diga de uma vez.

— Não, Henry — nega, veementemente. — Você acha que se tivesse tido qualquer contato com uma coisinha deliciosa feito ela, não iria lembrar?

— Tá legal! — digo, porque acredito no que diz. — Só, por favor, fique longe da garota. Ela não merece sofrer com toda essa merda que você carrega. — aviso, esperando que ele entenda que estou me referindo a sua obsessão por Laura. — Apenas fique longe dela e os olhos, longe da minha namorada.

— Entendi o seu recado, chefe — debocha. — Pode deixar que a

fera aqui vai ficar longe da bela, e da sua ninfa também. — Ele e suas associações ridículas.

— Agora, quem te viu e quem te vê, está aí todo possessivo. É minha namorada *pra* lá, minha namorada *pra* cá — imita de maneira ridícula a minha voz.

— Vai tomar no cu vai, Saulo — Esse consegue ser pior que o Miguel, quando quer. — No cu eu não curto muito — graceja. — Mas me diz aí: já comeu a namoradinha?

— Acho que isso não te diz respeito. — Trato logo de dizer.

— Pela resposta já vi que sim, vocês já transaram. É boa a sensação de trepar com uma virgem? Porra! Deve ser uma sensação do caralho.

— Nossa, a melhor sensação da minha vida... — deixo escapar e ele olha vitorioso.

— Eu sabia! Agora aproveita, brother. Aconteceu bem a tempo de te impedir de virar um punheteiro compulsivo — diz e não aguento sem rir da sua idiotice. — É só aproveitar e tirar o atraso.

— Ela não é só uma boceta, Saulo. Eu amo a Clara — confesso, para o caso de ele ainda não ter se dado conta.

— E eu não sei? Se fosse só um depósito de porra você não teria corrido tanto atrás, e ainda por cima ficado tantas semana sem fazer sexo. O seu mau humor nas últimas semanas não pode negar. Se isso não é uma prova de amor, eu não sei o que é.

— Idiota! — Rio mais uma vez. Saulo é do tipo que não deixa o astral cair. Se tiver precisando arejar a cabeça é só sair com ele que a diversão é garantida. Teve uma fase que ele andou bebendo além da conta — certamente por causa da paixão não correspondida — mas, graças aos céus, ele parece ter saído dessa.

— E os detalhes? Amor ou sexo, rápido ou devagar? — Ele inicia a putaria e eu o corto com um tapa na nuca.

— Cala a boca, caralho, elas estão voltando.

De imediato, sua postura muda e eu não tenho mais olhos para ninguém além da minha gostosinha, quer dizer: minha gatinha.

E, pelo visto, a noite vai ser longa.



# *Dia de trabalho*

Clara

Segunda pela manhã, depois de um preguiçoso domingo regado a cochilos e sexo, eu acordo alarmada e sem saber onde estou.

Olho para o lado e vejo apenas os lençóis amassados e embalagens de camisinhas jogadas na beirada da cama. Sem pensar, jogo-me de maneira desajeitada até onde elas estão, cato uma por uma até ser flagrada por um Henry que pela vestimenta, já deve estar pronto para o dia de trabalho.

Sem disfarçar o seu divertimento, ele observa a cena e termina perguntando:

— Não poderia fazer isso uma outra hora? — Ele age com naturalidade, enquanto eu me sinto mortificada.

— É claro que não. Com vou olhar para moça que arrumar essa bagunça? As usadas estão no lixo, não é? — Trato de me certificar.

Preciso acostumar-me com o seu jeito natural de tratar tudo o que diz respeito a sexo. Para Henry não existe nenhum constrangimento em falar abertamente sobre o assunto, fazer demonstrações de afeto em público e pelo visto também não o incomoda deixar camisinhas espalhadas por aí. Quer dizer, não por aí, e sim jogadas em cima da cama.

Você tem que aprender, Clara. Não pode agir feita uma boba em situações como essa.

Pelo amor de Deus! Deixa de passar recibo do quão inexperiente você é.

— Tudo no lixo, gatinha — Desencosta o ombro da porta e vem na minha direção. Chegando ao meu lado, ele abaixa o corpo e dá um selinho em minha boca.

— Desculpa. Eu não quero parecer chata — digo ao sentar e passar os dedos pelos meus cabelos emaranhados. — É só que...

— Eu te entendo. Não precisa se desculpar e nem ao menos se justificar, querida. Com o tempo e com a intimidade você se sentirá mais à vontade com essas situações.

Eu sei que vou, para falar a verdade, nem eu mesma entendo a timidez que me toma em certas situações. É até estranho, já que não sou uma pessoa particularmente tímida. Esse tipo de pudor é apenas uma demonstração da nossa diferença quando o assunto é experiência sexual. O que para Henry é uma coisa comum e até corriqueiro, para mim é algo para me deixa roxa de vergonha. Mas nada que a convivência com esse devasso não resolva.

Se depender dele, eu caminharei à passos largos para o caminho da devassidão.

— Não vejo a hora — confesso, soltando os preservativos ainda intactos do seu lado da cama. De imediato, Henry se abaixa, pega duas embalagens e as guarda dentro da carteira que ele acaba de pegar em cima da mesinha de centro.

A cena é tão curiosa que eu não consigo guardar a curiosidade.

— Por que elas foram parar aí?

— Gosto de estar sempre preparado, minha linda. — Sinto o ciúme me corroer quando entendo o que ele quis dizer e minha mente não deixa de imaginar quantas vezes esse seu "estar preparado" teve alguma serventia. — Ainda mais agora — completa.

— Ainda mais agora o quê?

Henry olha meu corpo — que não veste nada que não seja uma calcinha confortável — e com malícia, prossegue:

— Principalmente agora que eu tenho uma namorada tão gostosa e que me deixa cheio de tesão.

— Você não está achando que nós vamos...

— Nós vamos, amor — ele fala com uma certeza que me assusta, apenas por saber que ele vai fazer de tudo para que se torne realidade. — Uma hora ou outra nós vamos transar em cima da minha mesa ou sofá.

— Não vamos! — Levanto-me, indo para o banheiro.

Despreocupado e sem qualquer constrangimento, Henry me acompanha e aguarda até que eu termine de me escovar e lavar o rosto. Enquanto tomo uma rápida ducha, meu namorado volta a insistir no assunto.

— Como você espera que eu fique tanto tempo sem te tocar depois de ter essa visão do paraíso? — continua a me provocar.

Nego seus planos apenas para valorizar meu passe. Não sei se conseguirei resistir se ele quiser levar essa ideia para frente. A única coisa que posso fazer é confiar no seu bom senso, e esperar que seja apenas uma provocação sua. Como vou conseguir esconder nosso namoro, se antes de começar o primeiro dia de trabalho ele vem com uma dessas?

— Que visão? É só eu, Henry. A sua namorada que você não saiu de cima por dois dias seguidos. Não tem nada aqui que seja novidade — falo por falar. Se para ele for como é para mim, dois dias jamais seriam o suficiente para se acostumar com nada e, apesar de estar uma pilha de nervos pelo primeiro dia na revista, ainda assim não consigo ignorar meu fascínio por ele.

— Jamais deixará de ser, minha menininha. — Estou indo para o seu closet pegar o vestido comportado que separei para hoje, mas sou interpelada por ele, que me agarra no meio do caminho. — Cada vez que eu entrar nesse corpinho gostoso e a cada visão que tiver das suas curvas, para mim, será como se fosse a primeira vez. Devo ter feito algo de muito bom nessa vida para merecer alguém como você. — Abraça minha cintura por cima da toalha e beija meu pescoço, livre dos fios de cabelos que neste momento se encontram presos em um coque frouxo.

— Você não sabe o que está falando, querido. — Não consigo pensar de outra forma, ainda não.

— Ei, olha para mim! — Levanta levemente o meu queixo, fazendo com que eu o encare bem de perto. — *Me diga* que isso não é uma tentativa de se menosprezar, Clara. — Merda, agora eu o deixei chateado.

— Perdão! — deixo um beijinho no seu queixo. — Vou tentar trabalhar isso.

— Não importa o que eu precise fazer, meu amor, mas eu vou te convencer de que não há nada de errado com o fato de eu ter me apaixonado por você e que nem eu e ninguém que pertence ao meu mundo, é melhor que você.

— Eu só...

— Você nada, gatinha... — Carinhosamente, coloca o dedo sobre os

meus lábios e continua;

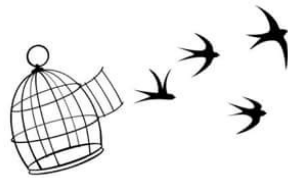
— Vai lá, quero te ver deslumbrante e, mesmo que ninguém saiba, eu estarei orgulhoso na minha namorada no seu primeiro dia na empresa — diz e quando passo dá um tapa estalado bem no meio da minha bunda.

— Ai, porra! — Sua risada sacana ecoa pelo ambiente enquanto passo a mão pelo local ardido.

Quando me vejo frente ao espaço do closet que ele tão gentilmente separou para as minhas coisas, felicito-me por ter atendido a sua súplica para que dormisse aqui por mais uma noite e para hoje irmos juntos ao trabalho.

Acordar ao seu lado e tendo o seu bom humor como distração, com certeza me dá mais forças e energia para enfrentar o que vem pela frente. É só o meu primeiro dia de trabalho e tudo seria mais fácil se o dono da empresa não fosse meu namorado, que por enquanto ninguém — além do Saulo — pode saber que é mais do que o meu chefe.

Gosto nem de imaginar o tipo de fofocas que inventarão se isso vier à tona antes do tempo. A primeira coisa que colocarão em dúvida será a minha competência e o motivos pelos quais fui contratada e, como problemas eu tenho para dar e vender, prefiro que esse, por enquanto, não seja mais um.



— Bom dia, Elga — cumprimento a secretária de Henry que em plena 8h já se encontra assassinando o teclado do computador.

Como o combinado, Henry estacionou em um local discreto, atendendo meu pedido de chegarmos separados.

De cara amarrada, ele fez o que pedi, mas não sem antes borrar o meu batom com um beijo demorado e possessivo.

Antes de fechar a porta do carro ainda pude ouvir sua voz dizer:

— Bom primeiro dia de trabalho, gostosa — Senti seus olhos queimando as minhas costas enquanto me dirigia para a entrada da empresa. Seria capaz de apostar um rim que ele ficou olhando para minha bunda.

Antes de passar pelas portas e vendo que ele discretamente vinha um pouco mais atrás, eu apenas virei o pescoço e mandei um beijo. Ele não

deixou por menos e passou os olhos famintos por todo o meu corpo, que veste um vestido que segundo ele, é um atentado a sua saúde.

— Bom dia, Clara! — Elga levanta a cabeça e me observa colocar a bolsa em cima da mesa, que assim com a dela, fica de frente para a sala de Henry.

Impressionante como só vi nos filmes e novelas, toda a parede e a porta da sala do chefe é de vidro e a única pergunta que me vem à cabeça é se ele não se sente incomodado com a falta de privacidade.

Por outro lado, essas paredes de vidros e falta de privacidade são até boas. São elas quem impedirão Henry de colocar suas ideias obscenas em prática. Não acho que ele iria querer dar seu show, tendo uma plateia nos observando.

— Animada? — Ela é gentil e eu sinto que vamos nos dar bem, apesar de ser carrancuda demais.

— Sim, só um pouco nervosa — confesso.

— Pois não precisar ficar. Você vai pegar tudo direitinho e nós temos a manhã toda para isso.

— Bom dia, meninas! — Henry chega no seu modo chefe gostoso, trajando uma calça jeans e uma blusa social azul royal e no ombro, carrega a alça da sua pasta marrom de couro.

Obrigado, Senhor! Tenho vontade de chorar quando penso que ele é meu, todinho meu.

— Bom dia — Elga e eu falamos em coro.

— Senhorita Clara, espero que ocorra tudo bem. Se precisar de alguma coisa, é só entrar ali e falar comigo.

*Não vou mesmo entrar na toca do lobo.*

— Está tudo bem, senhor — devolvo a provocação. — A Elga vai se encarregar disso. Mas, obrigada pela oferta.

— Espero que ela dê conta do recado — Pisca e eu olho para a secretária que está distraída com uma agenda.

Aproveitando-me de sua cabeça baixa, devolvo o beijo que ele recebe com um sorriso no rosto.

Antes de entrar na sala, Henry fala e espera que eu consiga fazer leitura labial.

*Eu te amo e não vejo a hora de te pegar em cima da minha mesa.*

De olho na Elga, devolvo com um simples:

*Também te amo e vai sonhando.*

Virgem santíssima! Se a coisa já está assim nos primeiros minutos, tem alguma maneira de isso dar certo?

Eu estou é muito fodida.

# Desconcentrado

Henry

— Tudo bem, pode aprovar essa. — Ao telefone, dou aval a respeito de uma das matérias da próxima edição sem que minha mente e olhos consigam desviar da minha namorada.

Não menti e nem mesmo brinquei quando revelei o meu desejo de pegá-la aqui em cima da minha mesa, não quando esse é o sonho molhado da maioria da população masculina. Muitos até colocam em prática essa ideia de contratar secretárias gostosas, apenas com o intuito de coagir as moças a servir como o sexo fácil dentro do local de trabalho.

Esse nunca foi meu caso. Desde sempre tive comigo a ideia de que onde se ganha o pão não se come a carne. Para mim, a *Mundo em Foco* sempre foi sagrada, se minhas putarias corriam soltas do lado de fora, aqui eu sempre respeitei, nunca trazendo ou fazendo nada que chegue perto de sexo.

O que pega é que agora a situação é diferente, não é nenhum rabo de saia quem está me tentando, fazendo-me ter as ideias machistas de outros caras. Quem está aqui, a metros de distância e ao alcance das minhas mãos é a gostosa da minha namorada. Só mesmo se eu fosse um santo para não ter esse tipo de pensamento e, como estou longe de ser, deixo meus desejos e mente pervertida correrem soltas.

O importante é que mal não estou fazendo. Não estou matando, não estou roubando; meu único pecado é estar aqui, perdendo minutos de trabalho para ficar secando minha namorada que tanto se esforça em fazer jus a oportunidade que conseguiu.

Fico tão feliz por vê-la assim. Entendo que ela vale e pode muito mais do que a ideia que teve em mente, que é inteligente o suficiente para conseguir conquistar tudo o que almeja. Só não fico mais contente por não poder lhe pagar mais ou oferecer um melhor cargo. Se fizesse isso, não só levantaria suspeitas quanto a nossa relação como também colocaria em dúvida os motivos pelo qual ela foi contratada. Por enquanto, tudo o que eu posso fazer é esperar que termine o colégio nas próximas semanas e ver o que posso fazer por ela.

Agora, como o seu namorado e sabendo o quanto já sofreu e o quanto sua vida tem sido dura, só quero garantir de todas as formas que ela tenha uma vida tranquila, sem ter que sofrer o tipo de situação que já seria uma barra para uma pessoa mais madura, imagina então para uma mulher tão jovem quanto ela. Sei que ela não me pediu nada disso e que vai me matar quando descobrir que estou a ponto de quitar todas as dívidas contraídas pelo seu pai, mas simplesmente não posso dormir tranquilo, sabendo que minha moça tem tantos problemas a enfrentar.

No meu ponto de vista, não seria justo eu, que tenho tanto, deixar que ela que não é uma mulher qualquer e sim a minha namorada e que amo, passar por necessidades financeiras. Quando esse assunto vier à tona, Clara vai espernear e vai xingar. Só espero conseguir acalmar a fera e fazê-la compreender que só quero ajudá-la, que esse é um dever e um direito meu.

— Licença, Henry — distraído com os meus pensamentos nem percebi o momento em que ela se levantou e veio bater à porta. Tudo bem que é de vidro, mas nos meus momentos de concentração, somente batidas são capazes de chamar-me a atenção para o fato de que tem alguém querendo falar comigo.

— Entra, amor — De imediato e com uma agenda em mãos ela entra e fecha a porta atrás de si.

Soltando adagas na minha direção, Clara se apressa em repreender-me:

— Amor? Ficou maluco, Henry? — pergunta e vejo que está brava.  
— Aqui sou apenas Clara Aguirre, assistente da sua secretária.

— Para de ser chata, ela nem está na mesa. — Nós dois olhamos para fora e a antessala encontra-se vazia.

— Sim, mas é bom nos acostumarmos com isso — avisa e eu acho fofo o seu jeito sério de falar.

— Tudo bem, senhorita assistente da secretária. O que faz aqui? — pergunto e ela chega perto da minha mesa, abrindo a agenda.



— Só vim te lembrar que tem uma reunião com o jornalista Patrício Maldonado às 11h.

— Agradeço por me avisar, senhorita Aguirre, não sei o que seria de mim sem você — dessa vez falo sério. Realmente não lembrava dessa reunião com o idiota do Patrício. O panaca não faz outra coisa além de encher meu saco. Ele só continua tendo vínculo com a empresa por causa do papai que sempre lambeu as bolas do idiota.

— Disponha, senhor! — A sem vergonha, metida a séria, dá uma piscadela safada e me vira as costas que mais a baixo sustenta uma bunda redonda e deliciosamente empinada, dentro do vestido que era para ser descente, mas que nela fica tudo, menos comportado.

— Senhorita Clara. Volta aqui que eu ainda não terminei com você.  
— Minha gata se volta com o olhar incerto e pergunta:

— Mais alguma coisa?

— Tem sim, vem aqui! — Vendo que a Elga ainda não voltou, seja lá de onde se meteu, saio de trás da minha mesa e caminho para perto dela.

— O que você pretende, Henry? — Paro atrás dela que está de frente com a minha mesa e agora nós dois estamos de costas para a porta.

— Eu quero um beijo... — Abraço a sua cintura, encostando a minha ereção bem na altura da sua bunda. — Só um, amor da minha vida — bajulo e fico animado por ver os beijos dado no seu pescoço arrepiar os pelinhos do seu braço.

— Pensei que você ia se comportar. — Envergo um pouco meu corpo para conseguir moer o meu pau contra a sua bunda firme. Mesmo reclamando, sua capacidade de resistência já está diminuindo.

— E eu estou — Pelo canto do olho percebo que Elga ainda não voltou e me aproveito para ir além. — Não estou pedindo nada além de um beijo.

— Só um e você vai parar com isso. — Dá um selinho e tenta fugir, mas sou mais rápido e agarro o seu braço.

— Esse tipo de beijo, garota! — Beijo sua boca, enfiando a língua e exigindo que me corresponda com a sua. Deixando o corpo relaxar, ela me beija com a mesma fome que é beijada, até que passos de saltos a assustam e ela corre para longe dos meus braços.

Oh inferno! Eu vou matar o idiota que me interrompeu.

Merda de namoro em segredo. Sei que mesmo que não fosse, não

seria apropriado ficar de agarrado no meio do expediente, mas pelo menos ela não ficaria tão assustada com um simples barulho de algum inconveniente chegando.

— Henry, querido — Laura entra falando e sem bater. Tudo bem que esse é seu costume, mas agora as coisas são diferentes, e ainda que ela não saiba, sua atitude de dona do pedaço — coisa que não é — me incomoda um pouco. — Não sabe o que o idiota do Saulo...

— Laura... — Paro o seu discurso. — Não sei se deu para notar, mas nós não estamos sozinhos na sala. — Desvio o olhar para a minha Clara que a olha em silêncio, mas pelo que já lhe conheço — e julgo não ser pouco — não gostou muito do jeito espaçoso com que a outra entrou na sala.

Está vendo, gatinha, fica aí querendo me esconder como um segredinho sujo e acaba tendo que passar por esse tipo de situação.

Penso comigo e pelos nossos olhares que se comunicam sem que precise de palavras, eu sei que ela é capaz de imaginar os meus pensamentos provocativos.

Tudo bem que Laura não é nada mais que uma amiga, o problema é que a menininha ainda não sabe disso e, apesar de já ter me ouvido falar, ela não chegou a conhecê-la.

— Desculpa! — Volta-se para Clara. — E quem é você, garota? — Sinto um certo veneno ao dizer a palavra garota.

Antes que Clara abra a boca, eu falo por ela:

— A garota, como você disse, trabalha para mim agora. Essa é a Clara Aguirre, a nova assistente da Elga.

Sem fazer questão de cumprimentar minha moça, Laura agora volta a me questionar:

— E desde quando Elga precisa de uma assistente?

— Desde quando eu decidi assim. — Olho para o meu amor e ela está no mesmo lugar, ativa e só observando a cena. — E como eu sou o chefe, faço o que achar conveniente.

— O que está acontecendo com você? Nunca me tratou dessa forma?

— Por que você nunca foi tão inconveniente como agora.

— Desculpa, eu não queria causar problemas, senhor — fala pela primeira vez. — Estou saindo, qualquer coisa me chama.

— Ainda por cima é sonsa! — Clara para no meio do caminho, olha para Laura que provavelmente achou ter falado baixo o suficiente para que nem eu e nem ela escutasse.

— Você não devia ter falado isso, Laura — digo entredentes, tentando não dá na cara minha irritação. Afinal, mesmo que tenha sido desrespeitosa, em tese, Clara é apenas uma funcionária qualquer.

Não devo ter reações desproporcionais e nem correr o risco de colocar o plano de Clara em esconder nossa relação aqui na empresa por água a baixo.

— Eu exijo que peça desculpa para minha... minha...

— Sua o quê, Henry? Vamos, diga... — As duas me olham, cada uma com uma expectativa diferente e eu só consigo olhar para minha gata, suplicando por perdão, enquanto penso:

Putá merda! Eu sou um asno!

# Território

Clara

Sinto todo o meu sangue congelar nas veias enquanto a mulher antipática espera pela resposta do idiota do meu namorado. Como é que ele dá um fora desse logo nas primeiras horas.

Tem como isso daqui dar certo?

— Minha secretária — ele finalmente responde e a entojada parece ter ficado satisfeita com a resposta.

Aproveitando-me da chance, volto a me despedir e sem olhar para a chata, saio da sala, deixando Henry com a sua amiguinha e ex-namorada.

O pior é que a desgraçada é bonita, com a sua pose altiva e seu cabelo cor de cobre que escorre liso por suas costas. Nessas horas é impossível não sentir o bichinho da insegurança picar o meu traseiro. Ela é exatamente o tipo de mulher que eu imaginaria combinar com o Henry. Fina, estudada e experiente, tudo o que eu não sou.

Já na minha mesa, aproveito para me recompor do quase ataque do Henry e de ter sido obrigada a respirar o mesmo ar que a antipática.

— Tudo bem por aqui? — Elga volta a sentar em sua mesa e pelo que imagino, está vindo da copa, já que tem nas mãos uma pequena xícara de café.

— Tudo tranquilo — De rabo de olho observo a interação do casal mais à frente.

— Poderia, por favor, digitar e enviar esses e-mails? — A secretária

me entrega uma folha de papel e eu agradeço pela oportunidade de distrair minha mente do que acontece na sala mais à frente.

Não é como se eu estivesse com ciúme. Quer dizer, é sim. Eu estou roxa de ciúme. Talvez se eu não soubesse que ela foi sua namorada há séculos atrás e se Laura não tivesse me tratado com hostilidade, quem sabe o sentimento fosse outro.

Por outro lado, se o sentimento fosse apenas ciúme bobo, eu poderia estar administrando melhor a situação. O que pega aqui e me deixa sufocada é esse sentimento de estar sobrando, como uma peça fora do lugar. O que é muito injusto com o meu namorado, que já deixou claro os sentimentos por mim e que faz de tudo para deixar-me feliz.

*Para com isso, garota! Deixa de bobagem. A cena de uma dondoca como essa Laura não pode estragar o seu dia que estava correndo tão bem.*

Depois do papo sério e esclarecedor que tive comigo mesma, resolvo que é hora de focar na tarefa e esquecer a sala do chefe, mas não sem antes pensar que esse seria um bom momento para que a porta da sua sala e toda a parede não fossem de vidro.

Conforme o tempo foi passando e os e-mails a serem enviados acabando, olho para a sala como quem não quer nada e flagro Henry ainda em um papo divertido com a amiga. Quando captura meu olhar, o cretino passa a sorrir cada vez mais divertido e aceitar com mais tranquilidade o toque da mocreia em suas mãos.

Será que ela não pode conversar sem ter a necessidade de fazer isso?

Começo a me sentir mal, como se minha garganta estivesse se fechando.

Inspira. Expira.

Eu sempre fui ciumenta assim ou somente o Henry consegue fazer isso comigo?

Tenho o pensamento longe e a cabeça baixa quando vejo a porta se abrir e a mocreia que parece não conseguir esconder os dentes, sair de lá.

— Até logo, meninas! — Acena com a mão, mas sem me dirigir um único olhar.

Assim que seu rastro some, a minha linha direta com o chefe começa a tocar. Tenho vontade de não atender, mas como tenho que ser profissional e principalmente por ter Elga bem na minha frente, sou obrigada a atender a chamada.

— Pois não? Precisa de alguma coisa, senhor? — Uso o meu tom profissional, se é que isso existe.

— Preciso da sua boceta gostosa em cima da minha boca, pode ser? — fala, e eu viro o rosto somente para vê-lo me encarar com a cara mais sacana do universo. Nem parece o mesmo Henry que acabou de usar a amiga para me provocar.

Mas se ele pensa que vai ser assim tão fácil, está bem enganado. Henry vai saber que dois podem jogar esse jogo.

— No momento não, senhor — Da minha mesa, vejo o momento em que ele trinca os dentes de frustração.

— Não brinca comigo, menina. Quando chegar em casa nós vamos conversar. Não eu e você, até porque, está tudo bem entre a gente. — sério que ele acha isso? — O papo será entre meu pau e sua boceta. Acho que não estava preparado para sua imagem de secretária sexy.

— Já devia ter previsto isso, patrão. Desculpas, não quis lhe causar transtornos. — Simulo a conversa para que Elga não desconfie das sacanagens que o seu patrão anda dizendo.

— Transtorno você vai ter mais tarde, quando eu te pegar de jeito.

— Não acho que será possível. Hoje não... — Com a caneta na mão, finjo escrever.

— Venha na minha sala imediatamente, senhorita Aguirre — esbraveja e eu bato palmas internas por ter conseguido lhe tirar do sério. — Não me faça ir aí e te carregar nos braços. — Eita, porra. Tenho que controlar a fera antes que ele estrague tudo.

— Não será necessário, senhor, em breve você vai ter o que pediu — Olho de Elga para Henry e o vejo abrir um sorriso de satisfação por imaginar ter conseguido o que queria.

— Não vejo a hora, minha gostosinha. Eu e meu pau estamos ansiosos.

— Tudo bem, até mais! — Não espero sua resposta e desligo a linha bem na sua cara.

Satisfeito, vislumbro um piscar de olho do sem vergonha.

E agora, o que você vai fazer Clara?

Se ele me tocar agora, com certeza encontrará minha calcinha molhada, até porque, não sou de ferro. Não é como se eu fosse me manter firme

com ele me falando tanta besteira por segundo como acabou de fazer. O problema é que além de estar irritada com ele, também não acho apropriado acostumá-lo com as ousadias que tem em mente para fazer aqui dentro.

Às 10h45, estou concentrada no site de fofoca que leio pelo computador quando uma enorme sombra escurece o meu pequeno espaço. De imediato, levanto o rosto e de maneira despreocupada, um cara me mede da maneira que pode, sem nada dizer.

— Algum problema, senhor? — Ele abre o sorriso, que sustenta dentes brancos e alinhados e responde:

— Problema nenhum, e você? — Sua forma aberta de encarar começa a me incomodar e pelo que vejo ao desviar a minha atenção, incomoda também o meu namorado. Não é porque tem boa aparência e nitidamente tem grana que pode agir assim, como se o fato de eu ser uma secretária, cargo inferior ao que ele deve exercer no seu trabalho, lhe dê esse direito. — O que pode fazer por mim?

Como eu pensei, o babaca acha que tem o direito de me tratar com esse tipo de insinuações.

— Aqui eu sou assistente da secretária que está ali na frente — aponto para Elga que assim como eu, não está nada satisfeita —, se quiser alguma coisa com o senhor Henry, eu ou ela podemos te anunciar.

— Prefiro que seja você — afirma com malícia. — Sou Patrício Maldonado — Estende a mão e eu sou obrigada — pela boa educação — a também estender a minha. Ele a pega e beija demoradamente, no exato momento em que Henry sai da sala.

— Maldonado — Ainda segurando a minha mão ele se vira para um Henry que não faz a menor questão de esconder o ciúme e a irritação. Com um olhar duro, ele olha para a minha mão e no ato, a puxo do aperto do babaca.

*Você está tão fodida, Clara!*

É esta a mensagem que o olhar irritado de Henry transmite.

— Meu caro, Henry, para que tanta formalidade? Eu estava aqui conversando com a sua secretária. — Volta a piscar para mim e meu ranço aumenta um pouco mais. — Por que não me disse que tem uma secretária tão linda? Deve ser nova, aposto. Eu já teria reparado se já estivesse aqui antes — Mesmo eu estando sentada, seu olhar desrespeitoso passeia pelas partes do meu corpo que seus olhos podem alcançar.

— Fique longe dela — avisa em tom de ameaça. — Isso é um aviso.

— Calma, cara — levanta as mãos para o alto. — Não sabia que era tão possessivo com suas funcionárias.

— Vamos logo acabar com isso? — Henry volta a abrir a porta e indica para que o homem entre.

— Essa foi por pouco — digo baixinho, mas nem tão baixo assim.

— Algum problema, Clara? — indaga Elga que com toda a sua discrição, assistiu à cena, sem nada dizer.

— Problema nenhum! — Abro um sorriso forçado.

— Só um conselho: Fica esperta com o Maldonado. Ele é do tipo que gosta de jogar com as mulheres.

— Que tipo de jogo? — pergunto, sem esconder a curiosidade.

— Ele costuma enredar as desavisadas no seu jogo de sedução e depois de conseguir o que quer, mete o pé na bunda.

— Pode deixar que eu sei me cuidar. E também tenho namorado — revelo, sem ter certeza se devia.

— Que bom, depois quero conhecer o sortudo. Já deu para perceber que você é uma menina de ouro.

— Obrigada! — agradeço, sem responder ao seu desejo de um dia conhecer o meu namorado.

Nos próximos minutos, parte da minha atenção permanece no site de fofoca, já que não tem mais nada para fazer e a outra fica no Henry que acaba de dispensar o tal Patrício.

Quando sai da sala, Patrício age como se não estivesse ouvido o aviso de Henry.

— Foi um prazer, gata. — joga charme e não me atinge nem um pouco. — Quem sabe podemos sair juntos um dia desses?

Convida e nem preciso olhar para a sala de Henry para saber que ele está espumando de raiva por ver Patrício novamente de gracinha. O coitado deve estar se segurando para não sair e armar uma briga.

— Isso não vai acontecer! — querendo fugir, desligo o computador e guardo as minhas coisas na bolsa. — Além de não estar a fim, eu tenho um namorado. — Não paro de falar enquanto me organizo. — Agora, o senhor me dá licença que já deu a minha hora e eu tenho que ir embora. — Viro-lhe as costas dizendo: — Passar bem.

— Até amanhã, Elga.



Não aguardo a resposta e dou o fora.

Precisando de um tempo, entro no banheiro e jogo um pouco de água na nuca na intenção de espantar um pouco da tensão que foi este primeiro dia.

Quando vejo que não ajudou muito, pego minha bolsa, entro dentro de uma espaçosa cabine e de cabeça baixa tento me acalmar.

— Acabou, Clara. Relaxa, no final tudo correu bem — digo a mim mesma.

Sem que eu e minha distração tenhamos notado, a cabine é invadida, a porta é trancada e no auge do meu desespero, ainda sou capaz de balbuciar:

— Eu não acredito...

# Frustração

Henry

— Não vou avisar de novo, fica longe dela. — Minha irritação, que estava a níveis altíssimos, aumenta ainda mais quando vejo minha Clara fugir da sala por causa do imbecil do Patrício. — O que foi que fez para ela sair tão apressada? — Encaro-o de perto, ignorando o rosto assustado da minha secretária.

— Acho que deveria perguntar a ela — Olha despreocupadamente para o seu relógio de pulso. — Qual o seu problema? Esse estresse é falta de mulher ou você está comendo a gostosinha da Clara? É esse o nome dela?

Não espero mais uma palavra, sem pensar e de punho fechado, soco o lado esquerdo do seu rosto. Furioso, o babaca logo se recupera do golpe e quando tenta revidar, Elga se posta de braços abertos na minha frente.

— Parem com isso! — Sua voz está tremula, mas ainda assim admiro a sua coragem de se meter entre dois homens. — O senhor pode fazer o favor de ir embora?

— Isso não vai ficar assim, *se prepara*. Vai ter volta — ameaça, com o dedo apontado para mim.

— Estarei aqui te esperando — respondo, enquanto ele vai embora furioso.

— O senhor está bem? — Uma preocupada Elga me fita, como se avaliasse as minhas emoções.

— Sim — asseguro. — Obrigada por evitar uma cena pior ainda. — Com carinho, beijo sua testa e ela cora como uma adolescente.

Nesses quatro anos trabalhando comigo — para falar a verdade, desde o dia em que assumi a presidência da revista — Elga é um dos meus

maiores acertos aqui dentro. Além de competente, a mulher já demonstrou que é de confiança, tanto que confiei a ela a função de treinar a minha namorada. Como não aconteceria com outras pessoas, sei que Elga não seria capaz de tratar Clara mal, ou fazê-la se sentir inadequada para ocupar o cargo que ocupa.

Quando penso nisso, percebo o quanto ela tem razão em não querer que a princípio saibam da nossa relação. Se uma parte minha a contratou por querer de alguma forma ajudá-la, a outra concordou com a ideia, justamente por confiar na sua capacidade de dar conta do trabalho.

A ideia de descobrirem que ela é minha mulher colocaria em dúvida não só os motivos da sua contratação como também a minha capacidade de dirigir a empresa, sem que misture assuntos pessoais aos profissionais.

A parte ruim do plano é ter que aturar idiotas do tipo do Patrício. Ter que respirar fundo quando tem outro dando em cima na minha menininha, quando tudo o que eu quero é quebrar a cara do desgraçado.

Depois do que acabou de acontecer, eu não sei se me sinto satisfeito por ter acertado o cara pelo menos uma vez ou se fico preocupado por saber que isso pode acontecer outras vezes, com esse e com outros idiotas.

*Mas também, quem manda ter uma mulher tão linda e gostosa?*, penso comigo mesmo e não fico nada satisfeito. Não por ter uma namorada linda e gostosa e sim por não poder ter ela só para os meus olhos, por não poder escondê-la de todos os olhos famintos, além dos meus.

— Elga, sabe para onde a senhorita Clara foi? — indago para uma Elga que sem que eu tenha percebido, voltou para a sua mesa e pelo que parece está se preparando para o almoço.

— Disse que iria embora — responde, olhando para o relógio. — E realmente, já tinha dado a hora dela.

— Já volto, Elga — aviso e saio, na esperança de ainda encontrar a minha garota. Sei que vai para o colégio, mas quem sabe eu não tenho a sorte de encontrá-la e lhe dar um beijo de despedida?

Apressado, chego à garagem e encontro Jack ainda parado ao lado do carro. Quando me vê, ele se aproxima e pergunta:

— Precisa de alguma coisa?

— Minha namorada, ela ainda não desceu? — Olho para o relógio e fico sem saber se espero aqui no carro. — Já que concordou em aceitar que Jack a leve para onde precisar — ou se vou em buscar da fujona.

— Ainda não a vi, senhor. Deve estar no banheiro — fala

despreocupado, sem ter ideia de que me deu uma luz.

— Obrigado, Jack — Dou um soquinho no seu ombro. — Te devo uma.

— Por nada, apesar de não saber o que fiz. — Ainda ouço o que diz, quando saio outra vez apressado, agora para o banheiro feminino do andar da presidência.

Quando entro no banheiro feminino, dou graças a Deus por ser hora de almoço e não ter quase ninguém circulando pelo corredor. Com cuidado, entro e sem fazer barulho, fecho a porta atrás de mim.

Enquanto inspeciono as cabines, a única ocupada entrega a sua ocupante quando de dentro dela, sai o sussurro da voz tão conhecida e amada por mim.

— Eu não acredito — diz a minha pequena que está sentada sobre a tampa do vaso. — *Me deixa.*

— Está escondida por que, meu amor? — Seguro seus braços e a coloco em pé, com o corpo colocado ao meu.

— Só precisava ficar um pouco sozinha e pensar — confessa.

— Queria ficar longe de mim? — questiono, chateado.

— Não de você, da situação — explica. — Esse primeiro dia foi agitado demais para a minha cabeça.

— Eu sei. Se não bastasse a Laura, ainda teve o idiota do Patrício — digo e olhando nos seus olhos, pergunto:

— O que foi que ele te disse?

— Deixa isso para lá, não quero mais falar disso. — Ela parece incomodada e eu insisto:

— Fala logo, caralho! — Seus olhos aumentam de tamanho, ela tenta afastar o corpo e eu me arrependo da minha burrice. Minha menininha não merece ser tratada dessa forma.

— Solta — Tenta tirar meus braços da sua cintura.

— *Me perdoa*, não queria ter falado assim com você, meu amor. — Beijo o seu pescoço e ela permanece rígida, apesar de os bicos salientes dos seus seios entregarem o quanto gostou do meu toque.

— Sai, estou brava com você. — Desvia do meu beijo.

— Já pedi desculpas.

— E eu já desculpei. — Olho para o seu rosto e arqueio uma sobrancelha. — Em pensamento.

— Uma pena que ainda não sou capaz de ler pensamentos, não é mesmo, menininha?

— Ele me chamou para sair — diz, de repente.

— Eu vou matar aquele filho da puta — assevero, ainda mais irritado.

— Não precisa, eu falei que não iria e que tenho namorado.

— Você tem, não é? — Circulo sua cintura mais apertado.

— Tenho e não trocaria ele por um idiota qualquer — afirma, convicta do que diz.

— O seu namorado também te ama e não te trocaria por nada neste mundo. — Troco nossas posições, e depois de tê-la apoiada contra a porta, iço seu corpo para cima e circulo suas pernas na minha cintura.

— Não foi o que pareceu hoje cedo — acusa e sei que se refere a Laura.

— Você não está com ciúme da minha amiga.

— Não estou, assim como você não ficou do Patrício. — Ela joga fatos na minha cara, do seu jeito atrevido de ser.

— É sério, não precisa se incomodar com a Laura. É apenas minha amiga.

— Que já foi sua namorada — Clara completa.

— Isso foi há trezentos anos, pelo amor de Deus. Acho que ela nem lembra disso.

— Eu aposto que lembra — insiste.

— Se lembra, eu não posso fazer nada quanto a isso — digo, enquanto aliso do tornozelo até às suas coxas lisas que abertas, comportam meu corpo entre elas. — Eu já tenho a minha mulher.

— Que se chama... — encontra dificuldade para falar quando começo lambar o seu pescoço que como sempre, está muito perfumado.

— Clara Gostosa Aguirre...

— Amor, eu quero transar — revelo, já que as carícias ousadas deixaram meu pau pronto para o abate.

— Eu estou atrasada, Henry... — protesta ao sentir meu pau

esfregando a sua boceta, enquanto com as mãos na sua bunda, faço pequenos movimentos de sobe e desce com o seu corpo.

— Vai ser rapidinho e gostoso. Prometo te compensar pelo pequeno atraso.

— Hummm — murmura, deixando a dúvida se foi uma concordância, ou se foi um pequeno gemido em decorrência das minhas mãos que acabaram de capturar seu seio de dentro do vestido.

— *Me diz*, nós vamos fazer isso aqui?

— Pensei ter dito que não íamos transar aqui na empresa. — Sua certeza já voou pelos ares.

— Estamos dentro de um banheiro e no meu ponto de vista, não pode ser considerado local de trabalho, ainda mais se formos considerar o fato de o seu expediente já ter terminado.

— Você sempre usando as palavras a seu favor, não é? — Puxa com tanta força o meu cabelo que minha cabeça se inclina levemente para trás.

— Faço o que posso — afirmo ao abaixar a cabeça e abocanhar seu mamilo intumescido. Entre chupões e mordidas, levanto a cabeça e pergunto para uma Clara que está mais preocupa em gemer de frustração. — Já decidiu? Quer fazer sexo aqui?

— Não sei se estou convencida, por que não tenta com mais afinco? — provoca e dou minha resposta.

— Lembre-se que foi você quem pediu, gatinha. — Ataco sua boca com dentes e língua, ao passo que mais abaixo, minha mão se mete entre nossos corpos, e lá ela dá um jeito de encontrar caminho até a sua bocetinha que exala o cheiro do seu desejo.

— Tão bom... — diz, da maneira que pode, já que tem a minha boca grudada na sua.

— Bom vai ser quando eu te pegar de jeito, minha gostosa.

Sabendo que não vou aguentar muito, solto suas pernas da minha cintura, pego o preservativo de dentro da carteira, momento que lhe encaro com um sorriso de vitória no rosto e ela retribui com olhos revirados para cima em um claro sinal de desdém. Depois de colocá-lo, subo o seu vestido até a cintura, afasto sua calcinha para o lado, e com apenas uma perna apoiada pela minha mão e na altura do meu quadril, penetro-a até fim.

— Puta. Merda. — Pela boca suja já sei que está se deliciando tanto quanto eu. — Isso — diz quando começo a meter com força.

— Não vou aguentar muito, amor — aviso, socando como um louco, deixando que o barulho das nossas pélvis se chocando ecoe pelo ambiente.

— Estou quase lá! — Tem os olhos fixos nos meus que não deixam de lhe encarar.

— Então vem, menininha... — Estimulo seu clitóris e nós dois gozamos juntos, com os gritos de satisfação abafados pelo beijo indecente que estamos dando.

Quando os nossos corpos se acalmam, permaneço mais alguns segundos apenas sentindo o seu cheiro, misturado com o do nosso sexo, até que a apressadinha diz:

— Você não vale um real, Henry — A frase é de reclamação, mas o tom da sua voz, não. — Vamos, trate de limpar essa bagunça que você fez. Eu já estou atrasada e ainda não almocei.

— O que acha de irmos almoçar e depois eu te levar ao colégio?

— Você? No colégio?

Ela indaga assustada e eu fico sem entender o motivo do espanto.

# Fofoca

Clara

— Isso mesmo, a gente almoça e depois eu mesmo te levo, por quê? — pergunta, enquanto todo desajeitado, tenta nos limpar e arrumar as nossas roupas. Eu fico só observando, sem saber se rio ou se acho fofo o seu modo desastrado de cuidar da bagunça.

— Nada, não — nego, sem jeito, mas ele não acredita nas minhas palavras ditas sem firmeza.

— Não acredito que você está com vergonha de mim, Clara. — Com o dedo indicador levanta o meu rosto para que o olhe nos olhos. — Quer mesmo que eu seja o seu segredinho sujo? — indaga, sem que seu rosto ou voz aparentem verdadeira chateação.

Henry obviamente está me sacaneando, como parece ter pegado gosto por fazer.

— Você pode parar de... — minha frase é interrompida de maneira brusca, deixando-me sem entender os motivos de ele ter colocado a mão na minha boca, além de colocar o dedo indicador na frente da sua, instruindo-me a ficar calada.

Depois de fazer o que ele quer e respirar fundo, finalmente consigo me concentrar no barulho lá fora. Depois de ouvir saltos batendo no piso, agora vozes femininas ecoam pelo ambiente.

Ao voltar a encarar o rosto de Henry o encontro me observando com um sorrisinho vitorioso, talvez satisfação por achar que acabou de salvar a minha pele.

Ele realmente salvou, não seria bom que eu fosse flagrada logo no primeiro dia, trancada dentro do banheiro com o chefão. Provavelmente ficaria entre as opções fazer a louca e sair correndo ou fingir um desmaio. Sim, porque



não há outra explicação para o fato de a nova funcionária estar trancada dentro desse cubículo com o próprio chefe, além da óbvia.

Tentando manter a respiração calma, Henry e eu ficamos nos fitando com expectativa e sem mexer um músculo sequer. Com suas mãos na minha cintura, deixo meus braços soltos, coisa que me arrependo amargamente, já que eles tremem tanto que tenho medo de fazer algum som que nos denuncie.

— Nossa, até que enfim deu a hora do almoço — diz a voz que demonstra irritação, enquanto ouvimos o barulho da porta da cabine se fechar. — Hoje não está sendo fácil.

— Para de reclamar mulher, quisera eu trabalhar no departamento pessoal. Pelo menos não seria obrigada a abrir os dentes para cada idiota que passa pela portaria — diz uma das mulheres, e eu suponho que seja a mesma que pediu para que a outra não reclame.

— Queria mesmo é ser promovida para o andar da diretoria — uma delas confessa, depois de sair de dentro da cabine e posteriormente abrir a torneira.

— Mas isso é o sonho de 99% dos funcionários desta revista.

— Pois é. Sabe o que é estranho? — a mulher que pela voz aparenta ser mais nova, indaga.

— Não. Não sei. Diga, eu sei que você está louca para contar alguma fofoca — pede a que trabalha na recepção.

— Fofoca não, apenas fatos que chegam ao meu conhecimento por causa do trabalho — justifica, antes de começar o fuxico.

— Tá bom, deixa de enrolação. Fala logo o que rola na rádio corredor dessa semana.

— O patrãozinho, ele contratou uma moça a título de estágio para servir de assistente para a secretária dele.

— E o que tem de estranho nisso?

Isso, moça! Não tem nada de errado aqui.

— Estranho porque nós nunca ouvimos a Elga se queixar de que precisava de uma assistente. E você chegou a ver a moça? — pergunta.

O que há de errado comigo?

— Não vi. Nas vezes em que ela passou pela portaria eu não estava lá. Só tinha ouvido por alto a respeito dessa nova contratação.

— Por isso não achou nada demais. — diz. E eu estou olhando para

Henry e ele olha para mim, tão perdido na fofoca quanto eu. — A moça é linda.

— Do jeito que o chefinho gosta? — a outra pergunta com malícia e Henry me olha fazendo cara de inocência.

— Não tenho certeza, talvez seja jovem demais para o gosto dele — revela.

Isso garota, jovem demais. Sem possibilidade de alguma coisa rolar aqui. Estarmos trancados dentro do banheiro feminino é apenas uma coincidência.

— Então, é essa a fofoca do momento? Estão desconfiados dos motivos da contratação da moça?

— Não chega a ser uma desconfiança, é só um estranhamento pela contratação ser tão repentina e feita pelo próprio senhor Henry. E talvez haja certa inveja da mulherada pela beleza da moça.

— A tal Lúcia devia ficar de olhos abertos, já que nunca mais deu as caras — diz. Mas quem é Lúcia?

Elas já mudaram o tema da fofoca e eu fico curiosa para saber a próxima pauta, que pelo visto, já não envolve meu nome e nem o do meu namorado. Henry, por outro lado, parece não ter curtido a mudança de assunto, já que suas mãos que estavam me segurando com mais leveza, de repente voltou a me apertar, gesto que usa quando está tenso com alguma coisa. Não só sua postura sofreu uma alteração, seu rosto também mudou, Henry tem os dentes trincados, numa inegável expressão preocupada.

Nesse momento eu gostaria de não estar trancada dentro de um banheiro. Queria poder consolá-lo do que quer que tenha acontecido para que o deixasse preocupado tão de repente.

Será que teve alguma lembrança ruim? Essas coisas acontecem, não é mesmo? Às vezes estamos rindo para as paredes, quando um único pensamento cai como um balde de água fria, estragando um dia que tinha tudo para ser maravilhoso.

Certeza que foi isso que aconteceu com o meu amor. Enquanto subo a mão para fazer um carinho no seu rosto, o papo continua a correr solto.

— Pois é, garota. Será que o casamento subiu pelo telhado?

Casamento, que casamento? Deus! Eu não tinha percebido que era tão chegada *numa* fofoca, isso porque prefiro chamar isso de curiosidade. Nem conheço os noivos, mas já quero me inteirar de suas vidas, quer dizer, do casamento.

— Não sei, vem... — uma delas corta a conversa. — Estou morrendo de fome.

— Eu também! — As duas saem.

Puta que pariu, agora eu não sei quem é o noivo. Mas, certamente, é alguém aqui da empresa, já que a tal Lúcia costumava vir aqui.

— Amor! — Aceno com a mão na frente do rosto dele que parece estar em transe. — Tudo bem?

— Claro, vamos? — Termina de ajeitar o meu vestido e sua calça antes de entrelaçar os nossos dedos e finalmente me tirar de dentro do cubículo.

— *Me lembra* de nunca mais cair no seu papo e não fazer isso aqui dentro. — Encaro-o pelo espelho enquanto lado a lado, lavamos as nossas mãos.

— Você bem que aproveitou, menininha — O sem vergonha dá uma piscadela através do espelho.

— Aproveitei mesmo, só não gostei do final. Mas foi bom para saber o que andam comentando sobre a gente.

— Deixa que comentem, sou eu quem manda na porra toda aqui — afirma, com ar de arrogância e eu apenas rolo os olhos para cima, preferindo não iniciar uma discussão.

— Tudo bem. Será que o senhor todo poderoso pode dizer quem é Lúcia?

— Lúcia? — Ele volta a perder a leveza — Como você...

— Amor, aquelas mulheres me deixaram louca de curiosidade com o tal casamento que pode não acontecer, parece que a moça aparentemente desapareceu — explico e ele me fita em silêncio. — Ela, ou o noivo, trabalham ou já trabalharam aqui?

— Eu não sei, Clara. Não é como se eu passasse o dia me inteirando das fofocas dos funcionários.

— Idiota.

— Desculpa, eu... — Abaixa a cabeça, enche as duas mãos com água e a joga no rosto.

— Henry, você está se sentindo bem? — preocupada, toco o seu ombro. — Tem agido estranho...

— Eu estou ótimo, minha gatinha, só estou me sentindo um pouco sufocado, talvez por ter ficado tanto tempo dentro daquele cubículo — revela. — Só preciso sair daqui de uma vez. — Levanta a cabeça e me fita com um olhar

perdido.

— Oh, meu Deus! — Aproximo e beijo por cima de cada um dos seus olhos. — Vamos! — Agora sou eu quem segura a sua mão.

— O almoço ainda está de pé? — indaga, antes de sairmos.

— Diz, você que me convidou.

— O almoço e a ida ao colégio também — afirma.

— Tudo bem. Eu já estou mais que atrasada mesmo — respondo, ciente que perdi a primeira aula.

Quando estamos prestes a sair, eu puxo sua mão e pergunto:

— Será que você pode ir à frente? Não queremos sair juntos e ameaçar o nosso segredo, não é mesmo?

— Não, não queremos — diz a contragosto.

— Sobre me levar ao colégio, depois não diga que eu não te avisei — digo.

Henry checa mais uma vez a roupa e me dá um beijinho de leve antes de sair e deixar-me sozinha.

Sobre o almoço e a posterior carona, ainda não sei se estou preparada para a vergonha alheia que vai ser o evento.

# Carona

Henry

Depois de almoçarmos em um restaurante longe da empresa e mais próximo ao seu colégio, estamos finalmente nos dirigindo até ele. Do meu lado do carona — sim, eu dispensei o Jack e vim eu mesmo dirigindo — Clara está tão tensa quanto muda, nem cantar — como fez da outra vez, enquanto eu dirigia — ela tá conseguindo.

Preocupado, porém, nem tanto, levo a mão esquerda ao seu joelho que não para de mexer e só assim consigo chamar a sua atenção.

— Eu posso saber qual é o problema, menininha? — Agora que tenho a sua atenção em mim, percebo que sua tensão é ainda maior do que eu supunha.

Não preciso ser nenhum gênio para perceber que ela está assim por causa da minha carona. De alguma forma a ideia a está apavorado além da minha compreensão. O que tem demais em eu, o seu namorado, lhe dar uma carona?

— Problema nenhum, só acho que comi demais — diz, ao fazer uma careta estranha.

— Precisa de um banheiro? — provoco, pois é um dos meus esportes favoritos. Vê-la *bravinha* por coisas tão pequenas me dá um tesão do caralho e o nosso sexo fica ainda mais gostoso.

— Não, se precisasse já teria feito o serviço aqui mesmo — devolve, com uma piscadela. Olha, e não é que a minha garota está ficando boa nisso.

A melhor coisa de provocar a branquinha é ter a sua reação imediata, seja para devolver na mesma moeda ou para repreender-me quando acha que passei dos limites. No fim, consigo o que quero: chamar a sua atenção.

Tipo agora, que em seu rosto já não encontro metade da tensão de antes. No embate que travamos e sem que ela se desse conta, eu acabo por estacionar na frente do seu colégio.

— Pronto, princesa. Está entregue — aviso e só então ela olha para os portões da escola particular que frequenta.

Indo na contra mão de tudo o que conheci, o local não esconde a sua simplicidade, apesar de ele ainda ser um colégio particular e que segundo palavras da minha garota, conseguiu entrar por meio de uma bolsa de estudos.

Pela calçada, ainda circula um número razoável de garotos. Uns andam tranquilamente enquanto mexem em seus aparelhos celulares, ao passo que outros, os mais estudiosos — pelo menos é o que eu acho — correm apressados, depois de terem perdido a primeira aula.

— Obrigada pela carona, amor. — Rápida, Clara está prestes a abrir a porta quando pego no seu braço e questiono:

— Não se esqueceu de nada? — Arqueio uma sobrancelha e ela já sabe que estou atento a sua resposta. Assim como sabe que uma reposta não sincera pode trazer consequências para mais tarde. Não que ela vá reclamar, pelo contrário, no final, estará implorando pelo castigo.

— Ah...claro! — Vira-se na minha direção e, ainda com a minha mão segurando o seu braço, deixa um leve selinho na minha boca.

— Que decepção, menininha. Foi isso que o seu professor te ensinou? — indago ao trazer seu corpo colado ao meu e mais uma vez, enfiar a língua dentro a sua boca. Resistente no início, minha namorada logo relaxa e se entrega ao beijo na mesma medida que eu. Como é de praxe, o beijo acaba nos assanhando mais do que devia e quando estou prestes a meter a mão dentro do seu shorts — que ela trocou nos poucos minutos em que ficou no banheiro, depois da minha saída — ela trata de separar as nossas bocas.

— Uau, estou até tonta — confessa, ao mesmo tempo em que, olhando pelo espelho do painel, limpa os lábios e ajeita o batom rosinha que usa.

— Dê parabéns ao seu professor, ele ensinou direitinho. Você beija bem *pra* caralho — Ela me dá um sorriso genuíno por causa da brincadeira e antes de sair do carro presenteia-me com mais um beijinho.

Com o peito explodindo de paixão fico ali parado e olhando sua bunda rebolar dentro do jeans que é curto o suficiente para deixar suas belas pernas à mostra.

— Puta. Merda — Essa é a minha reação quando olho para trás e

vejo duas bolsas em cima do banco. Uma é a que ela usou pela manhã na empresa e a outra deve ser a mochila que contém seus pertences e seu material escolar.

Como ela vai estudar sem isso?

Nem tenho tempo de pensar muito e quando vejo, já saí do veículo e estou correndo atrás dela. Quando a alcanço, ela já está perto do portão de entrada conversando com algumas pessoas e entre elas está a sua amiga Amanda.

— Amor, acho que você esqueceu isso. — Entrego a bolsa e recebo em troca um olhar de frustração, como se tivesse acabado de dizer uma coisa muito errada.

— Amor, como assim amor? — Uma moça de voz afetada encara Clara com expressão chocada. — Está namorando e esqueceu de avisar para a galera?

— E ela tinha essa obrigação? — Amanda se mete e vem em defesa da Clara.

— Cala a boca, coisa chata. É advogada dela e eu não estou sabendo? — pergunta a garota irritante.

Constrangida, Clara permanece em silêncio, apenas observando. Agora eu entendo a sua apreensão com a minha vinda até aqui. Minha gata queria nos poupar desse tipo de constrangimento.

— Não está reconhecendo-o não, Priscila? — Um garoto metido a bad boy se mete no assunto. — Esse é aquele ricaço, dono das revistas e que vive saindo na TV e em sites de fofoca. Henry, não é isso? — Como um sabichão ele me mede da cabeça aos pés sem esconder um olhar de desprezo.

Será que é algum fã frustrado da minha gatinha?

O *bostinha* acha mesmo que tem condições de me provocar?

— Então está entendido, a sonsa está mesmo querendo dar o golpe do baú. — A tal Priscila parte para ofensa. — Eu não julgo, sabe? Com um homem lindo desses e cheio da grana, não seria nenhum sacrifício. Eu ia fácil, fácil — afirma e agora quem está constrangido sou eu.

— Uma pena que eu tenha chegado antes, não é mesmo? — De maneira mordaz, Clara se impõe pela primeira vez. — Isso é inveja? Porque se for, você vai ter que conviver com isso, querida. Se ele é rico, se eu dei ou não o golpe do baú, ele continua sendo o meu namorado.

Vendo-a assim, percebo a característica da idade ficar mais

pronunciada. É engraçado e estranho presenciar esse tipo de discussão na porta de um colégio de ensino médio. Mas se esse é o preço que eu pago por ter uma namorada que nasceu com alguns anos de atraso, eu o pago com prazer.

— Foi você quem pediu. — Amanda começa e rir da garota, deixando Clara ainda mais confiante, mas tão confiante que eu até me surpreendo quando a percebo com as mãos em volta do meu pescoço e me dando um beijo para quem quiser ver.

— Vamos, gente. — Ao longe, ainda ouço a voz irritante. — Vamos deixar a sonsa com a sua mina de ouro.

O ambiente ao nosso redor fica mais silencioso, no mesmo instante em que me dou conta da estranheza da situação.

Nem nos meus maiores devaneios me imaginaria em frente a um colégio, aos beijos com uma colegial e agindo como um garoto.

No entanto, ainda que pudesse, não mudaria nenhuma vírgula nas experiências que vivo com ela. Nem mesmo essa.

— Até logo, caszinho. Só não vai perder a segunda aula, amiga. — Amanda não sai antes de avisar.

— Desculpa por isso — na ponta dos pés a gatinha sussurra próximo ao meu ouvido.

Nem sei o porquê de ela fazer isso, já que esse sussurro me arrepia até a alma, trazendo à tona a vontade de fazer coisas que não estamos podendo fazer no momento.

— Para ganhar outro beijo como esse eu aguento mais duas *Priscilas*, minha golpista.

— Golpista é o seu... — silêncio o que quer que fosse sair da sua boca atrevida ao lhe dar um último beijo.

— Vai, meu amor. Não quero que se atrase novamente por minha causa. Nos vemos mais tarde?

— Acho que não! — Se desvencilha dos meus braços.

— Como é? — questiono. Estava tão acostumado com a sua presença no apartamento e principalmente de dormir e acordar ao seu lado que tinha até esquecido que ela tem uma casa e precisa voltar para ela.

— Isso mesmo, preciso lembrar que não somos casados?

— Para te ter todos os dias na minha cama, eu até preferiria que fosse. — A frase sai sem que eu pense em suas implicações.



— Um pedido de casamento? A resposta seria não.

— A senhorita está me dispensando? Olha que a Priscila pareceu bem interessada — provoco.

— Idiota! — *se irrita* — Vai, ainda dá tempo de ir atrás dela.

— Estou brincando, não deixo a minha marrentinha por nada. — Agarro novamente a sua cintura que o uniforme deixa a mostra cada vez que ela fica na ponta dos pés para alcançar o meu pescoço.

— Acho bom. E quanto ao outro assunto, ainda vamos namorar muito, antes de dar o próximo passo.

— Dormir juntos? — Ela pensa um pouco e diz:

— De vez em quando, sim, vou fazer esse sacrifício. — Deixa o pescoço à mostra e eu não me aguento e deixo uma mordida no local.

— É para isso que existe sexo por telefone, não é mesmo? — Seu rosto muda de cor. Talvez esteja lembrando de certa ligação onde fizemos sexo ao som de gemidos de atores pornô.

— Será que você só pensa nisso?

— Quando estou com você, sim, e quando não estou, fico pensando em um jeito de estar com você para fazer isso que eu não paro de pensar.

— Amo você! — *Me dá* um derradeiro beijo, quando um sinal toca.

— Não mais que eu a você — declaro. — Não esquece que Jack vai vir te buscar. — Beijo seus dedos e ela vira as costas, sumindo pelo portão.

Feliz, destravo a porta do carro e dou partida. Durante o caminho de volta para a revista, o assunto Lúcia não para de rondar os meus pensamentos. O que me faz lembrar que o acontecido de hoje — onde as fofoqueiras quase me entregaram — foi apenas um aviso para que eu resolva esse assunto de uma vez por todas, antes que Lúcia apareça e acabe com a minha felicidade.

Ela pode até tentar se esconder, mas eu vou encontrá-la e avisar que esse noivado que só existe na cabeça dos nossos pais, continua não existindo na minha e espero que na dela também não.

# Convite

*Dois meses depois*

Henry

— Mas que inferno, ainda isso? — esbravejo, sem paciência para o responsável de encontrar as modelos necessárias para estampar capas e matérias de todas as revistas.

Dessa vez, precisamos de uma jovem garota para dividir a capa com um modelo masculino, já que a próxima edição é a de aniversário da *Mundo em Foco*, e na capa são necessários elementos das duas revistas mais rentáveis, tanto a voltada para os negócios, quanto a voltada para as mulheres.

— Calma lá, chefinho, esse seu estresse não vai levar a nada — diz Luigi, que além de não se afetar com os meus rompantes, ainda debocha com da minha cara. — Encontrar a modelo eu até encontrei, várias por sinal. O problema é que nenhuma me agradou de verdade, e você sabe que para as edições de aniversário eu não aceito nada além da perfeição.

— Eu sei, Luigi, e agradeço essa dedicação — digo e tenho que admitir o seu profissionalismo. — Só que faltam apenas quinze dias para o lançamento e ainda está vendo uma modelo?

— Calma, gato — pede, de maneira afetada. — Você anda muito estressadinho ultimamente. O que está havendo, chefinho? Não tem transado por aí?

— Meus assuntos pessoais não te dizem respeito, porra.

Perco a paciência não querendo admitir que ele tem certa razão no que diz. O meu mau humor tem muito a ver com mulher, quer dizer, mulheres. Primeiro a Lúcia, que tem fugido como o diabo foge da cruz. É como se

soubesse o que eu quero falar com ela e de propósito dá um jeito de desaparecer todas as vezes que estou chegando perto. O que é estranho, já que não tem como a Lúcia saber o conteúdo da minha conversa.

A menos que... Mamãe!

Como eu não pensei nisso antes? Ela deve ter contando sobre a nossa conversa para a outra, que, por outro lado, parece não ter o mesmo sentimento que eu em relação aos planos dos nossos pais.

Depois tem a Clara que bateu o pé com a decisão de não ficar dormindo todas as noites lá em casa e, vez ou outra, sou obrigado a me contentar com os lençóis frios, que passam longe de me aquecer e aplacar o frio que a sua ausência deixa.

Posso até parecer egoísta com essa história. Posso não, eu estou sendo egoísta, mas como dizer isso para o meu corpo e coração que clamam pela sua presença?

A tortura maior é vê-la tão próxima e não poder fazer nada. Se por um lado eu me orgulho de vê-la tão satisfeita e prestando um ótimo serviço, o outro, o egoísta, se ressentido por não ter a sua total atenção que fica dividida entre a empresa e as provas finais.

Uma vez eu consegui convencê-la a ir estudar no apartamento. O problema foi que, depois da terceira transa, ela jurou nunca mais cair no meu papo e não caiu mesmo.

O que me consola é saber que pelo menos uma parada eu venci. Mesmo ainda se recusando, não é como se nós não estivéssemos repetindo a performance do banheiro. Vez ou outra, a senhorita "não faço sexo no local de trabalho" tem feito sexo no local de trabalho. O que passa longe de ser considerado assédio sexual, aliás, pode até ser, mas certamente o assediador não sou eu. Chame do que quiser, mas a minha menininha tem um estranho tesão por ver-me agir como o chefe da porra toda. Acho que me ver dando ordens a faz lembrar algum mocinho idiota dos romances açucarados que ama ler.

Se eu reclamo? É óbvio que não. Para tê-la sou capaz de dar ordens e até recitar poemas no seu ouvido.

— Olha só, chefinho... — Parado à minha frente, sua atenção é desviada e um tipo de surto começa.

— Ai, meu Deus! — Agora tem os olhos fixos na minha namorada, que por algum motivo não tinha reparado antes. — É como um anjo. De onde foi que essa joia rara saiu? — Olho para o mesmo lugar que Luigi e tenho a mesma

visão que ele. Clara está linda com esse sorriso espontâneo enquanto balança a cabeça ao ouvir algum som que sai pelo fone de ouvido.

— Essa joia rara é apenas a assistente da Elga, ou seja, minha secretária — explico, desejando dizer que ela é muito mais que isso, pena que não posso.

— É ela! — com ênfase, diz apenas duas palavras e eu tenho até medo de perguntar o que ele quer dizer com isso.

— Não, você não está...

— Estou sim, eu quero aquela beldade estampando a capa da edição comemorativa da *Mundo em Foco*.

— Não, caralho! Você só pode estar louco — esbravejo. — Ela não é modelo.

— Um diamante bruto que pode ser lapidado — afirma. — Chama ela aqui, chefinho.

— Clara não vai aceitar — digo e pela minha saúde, espero estar certo.

— Isso nós vamos ver! — Luigi, sem medo do perigo, *me desafia*. — Vai, liga para a moça.

Sem paciência para ouvir sua insistência, me dou por vencido e acabo pegando o telefone e discando o seu ramal.

— Senhorita Aguirre, pode vim aqui por um instante? — peço, olhando-a pelo vidro quando imediatamente desliga e vem atender o meu pedido.

Quando entra, com sua calça justa e um terninho preto jogado por cima da regata branca; Luigi a encara como se estivesse observando uma mosca através de uma lupa.

— Era disso que eu estava falando, Deus! Ela é maravilhosa. Uma beleza jovem, natural e o melhor: sem qualquer artifício... — Chega perto dela e passa a mão nas mechas do seu cabelo. — Você vai ser minha, menina.

— Ela é minha — afirmo no impulso e tenho dois pares de olhos me encarando, um com olhos de surpresa e outro com olhos de preocupação e irritação por eu ter dado mais essa garfe — secretária — completo e ambos respiram aliviados.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo?

— Luigi, o agenciador da empresa, acha que pode te ter como

modelo de capa para a próxima edição da revista.

— Isso é alguma brincadeira? — reage e eu já gostei da reação. Não me passou batido a informação que na capa serão necessários dois modelos, uma mulher e um homem.

Tem que ter muito controle para ver a sua mulher tão grudada em outro homem e isso é uma coisa que eu não tenho. Pelo menos não quando o assunto é a minha namorada.

— Não é, lindinha! — Luigi resolve tomar as rédeas da conversa. — Nunca falei tão sério. Eu preciso que me ajude nessa.

— Mas eu nunca fiz isso...

— Não precisa se preocupar, nas minhas mãos você vai ser a melhor modelo fotográfica que essa revista teve o prazer de estampar, afinal, não é todo mês que uma revista desse porte completa quarenta anos de existência.

— Eu preciso pensar, pode ser? Não é uma decisão que se toma assim, de uma hora para outra.

Ela justifica e eu sei que esse tempo é para nós dois conversarmos a respeito da proposta. Até porque, uma decisão como essa implicaria em várias outras coisas, como o risco de sermos descobertos de uma forma não muito agradável. Eu já não me importo de que todos saibam que minha assistente é também a minha mulher. Já se passaram meses e ela demonstrou a sua competência e merecimento de estar no andar da presidência, patamar almejado por muitos aqui dentro. O que não posso é deixar que essa informação vaze de qualquer jeito, dando munção para que a imprensa infernize as nossas vidas, principalmente a da minha menininha.

— Tudo bem, querida, pode ser até amanhã? — pergunta e depois de ela responder com um sucinto sim, continua: — Aqui vai um incentivo para te ajudar a fazer a melhor escolha.

Ele vai até a mesa, pega uma caneta e um bloco de papel e depois de anotar alguma coisa, o entrega para o minha garota. Quando lê, ela arregala os olhos e fica muda.

— Senhorita Aguirre, tudo bem? — Clara desvia a atenção e pergunta:

— É isso tudo mesmo? — indaga ao me entregar o papel e vejo que Luigi colocou o valor do seu cachê, que por sinal, é bem maior do que o pago normalmente.

— É sim! — Oculto a verdade. De jeito nenhum vou dizer que o

cara apenas está desesperado para lhe ter como capa.

— Pense com carinho, ok? — pede e vai saindo, mas não sem antes sacar do bolso seu cartão de visitas. — *Me liga* que eu estarei ansioso pela resposta.

Depois que ele sai, Clara ainda permanece em silêncio, como se as engrenagens do seu cérebro estivesse matutando tudo o que ouviu.

— Amor, a gente precisa...

— Conversar, eu sei — completo. — Quer dormir comigo hoje? — pergunto, felicitando-me por ter conseguido a oportunidade perfeita.

— Claro que sim — diz e eu sorrio de orelha a orelha, porque finalmente teria uma noite desceite, coisa que não acontece há dois dias. — Peço para o Jack me levar direto para o apartamento?

— Não. Faz o seguinte: assim que eu sair daqui eu mesmo te busco. Só me liga e avisa o horário — peço.

A verdade é que virou parte da rotina levá-la ao colégio. Diferente da primeira vez, sempre chegamos mais cedo e até dar a hora da entrada ficamos namorando dentro do carro. Com a graça de Deus, os vidros do carro são escuros e nos dá a privacidade que precisamos para os amassos. Da parte dos colegas, creio que já se acostumaram com o fato da amiga ter arrumado um namorado lindo e bem-sucedido, que no caso sou eu mesmo.

— Ligo, sim — avisa e quando está prestes a abrir a porta eu a chamo:

— Ei, te amo.

— Eu também te amo — Manda um beijo e sai com um sorriso no rosto.

Satisfeito pela primeira vez desde a hora em que o dia começou, ainda assim, uma ponta de preocupação insiste em me cutucar, isso porque sei que Clara está pensando em aceitar a proposta de ser fotografada e sei os motivos para isso; assim como também sei o que fiz para que esses motivos não sejam válidos.

Se ela vai me matar? Com certeza vai.

# Castigo

Clara

— Você o quê? — Dou um pulo do sofá assim que ele confessa o "pecado".

Quando foi me pegar no colégio, o clima dentro do carro já estava pesado, não pesado do tipo estamos brigados e obrigados a dividir o mesmo espaço e sim, pesado do tipo, cada um perdido em seus próprios pensamentos.

Ele não sei, mas eu não consigo parar de pensar na proposta do Luigi. O carinha me viu por alguns instantes e achou por bem me chamar para estampar a capa da revista mais importante do país. E não é qualquer edição e sim a de aniversário.

Em outra situação, acharia cômica a ideia do Luigi, até porque, nem de posar para fotos eu gosto, mas, na situação em que me encontro, não dá para recusar sem antes pensar na proposta. O valor do cachê certamente seria a solução para grande parte dos meus problemas e não é todo dia que uma ajuda providencial cai do céu.

Sim, era isso que eu pensava até agora a pouco, antes de saber o que Henry fez.

— Não precisa ficar assim, amor — Como se não tivesse pisado feio na bola, Henry vem até onde estou e tenta me abraçar, mas eu sou mais rápida e me esquivo das suas garras mentirosas. — Eu só quis ajudar a minha namorada, não posso?

— Ajudar? Cai na real, Henry. Ajudar você me ajuda quando me

busca e leva no colégio, quando me deu uma oportunidade lá na empresa. Isso que você fez foi mais que ajudar, foi agir pelas minhas costas.

— Como eu disse, só quis fazer o melhor para você. Do que me adianta ter tanto dinheiro se não posso impedir que perca a casa onde mora e nem que agiotas batam na sua porta dia sim e outro também?

— Agiotas?

— Sim, meu anjo, agiotas. Além de várias pequenas dívidas com um vizinho aqui e outro ali, seu pai se meteu a pegar empréstimos com agiotas — revela, deixando-me perceber que tudo é ou era pior do que eu imaginava. — Há dias García, o meu investigador particular, tem abordado cada um desses vizinhos e também os agiotas, a fim de quitar as dívidas e, segundo ele, os caras não fazem o estilo adeptos do movimento: eu escolhi esperar. Agora me diz, você acha mesmo que eu ficaria de braços cruzados esperando o momento em que vão te abordar pessoalmente, nem um pouco a fim de negociar e esperar mais um pouco? Que esperaria que os novos donos pedissem a casa e você ficasse sem um teto sobre a cabeça? — pergunta, muito irritado.

As coisas que ele me diz são tão sérias que sou obrigada a me sentar novamente quando meu corpo e mente são baqueados pela percepção de que eu não conhecia meu próprio pai, que ele estava com sérios problemas financeiros e talvez a mais tempo que eu imaginava. Problemas sérios o suficiente para deixá-lo cego a ponto de não perceber o perigo em que estava colocando a esposa e filha.

— Perdão, eu não queria... — Ele volta para o meu lado e segura a minha mão. — É que às vezes você me irrita, uma proeza já não é tão difícil de se conseguir, mas você consegue em tempo recorde.

Quando Henry diz isso e da forma como diz, eu não me seguro e acabo dando uma risada. Se tenho o dom de tirá-lo do sério em tempo recorde, nem sei o que dizer da sua proeza de me fazer sorrir, mesmo em momentos de crise. Se já não tivesse motivos suficientes para amá-lo, esse é apenas mais um deles.

— Isso que eu vejo aí no seu rosto é um sorriso?

Achando que já conseguiu me dobrar, o espertinho arrastou-se mais para perto de mim e seus braços já estão apoiados no encosto do meu lado do sofá.

Henry pensa que é esperto, mas, para o seu azar, eu sou mais e não vai ser dessa vez que ele conseguirá me dobrar tão facilmente.



— É um sorriso, sim, mas não pense que eu perdoei a sua mentira, ainda estou muito chateada com você — aviso e ele se encolhe um pouco. — Posso até tentar entender sua boa intenção em querer me ajudar, mas mentira eu não aceito, e para que fique claro, eu preciso que saiba de uma coisa.

— O quê? — pergunta bem baixinho, sabendo que não vai gostar do que tenho a dizer.

— Nunca, jamais. Em hipótese alguma, minta para mim. Essa eu até relevo, a contragosto, mas relevo, por ter sido com boa intenção; outra, eu não vou perdoar. Já houve mentiras demais no início da nossa relação, tanto da minha quanto da sua parte, agora, eu prefiro que elas não se repitam.

— Não acha que está exagerando? — Enquanto pergunta, vejo algo diferente passar por seus olhos, mas é rápido demais para que eu possa identificar que sentimento é esse.

— Essa sou eu, e se não quiser ter problemas comigo é só não mentir mais. Promete?

Depois de pensar por um tempo, ele vem cheio de dedos para cima de mim e quando já estou com a cabeça encostada no braço do sofá, ele decide responder:

— Prometo. Sem mentira. Agora vem cá que eu estou com saudade da minha marrentinha. — Ele leva a mão para a barra da minha blusa e quando vai levantá-la, eu impeço ao dar um tapa em cima dela.

— Para de ser safado que ainda temos outros assuntos para resolver, então pode ir tratando de segurar o pau dentro da calça.

— Que judiação, por que não deixá-lo guardado dentro da sua bocetinha? Eu tenho certeza que ela gostará da ideia. — Com meio corpo deitado em cima do meu, Henry distribui beijos na parte alta do meu decote e de lá sobe para o pescoço e quando começo a gostar da sua ousadia, uma voz dentro da minha cabeça começa a repetir sem parar:

*Resista, Clara. Primeiro o dever e depois a obrigação.*

— Ah, Henry — gemo e o começo já não é do jeito que eu queria. — Se você... hum... — Deus! Esse homem sabe como usar a língua. — Se não parar agora, não terá sexo. Mão e boca fora ou seu pau permanecerá guardado até amanhã.

De imediato ele dá um pulo e com as duas mãos sobre as pernas vai parar do outro lado do sofá que já foi palco de tanta safadeza que eu já nem me importo mais com ele.

— Bom menino, agora, o seu comportamento durante a nossa próxima conversa estará sob análise e dependendo das suas respostas, o alívio para tamanha tensão estará garantido — digo ao mirar a sua ereção que marca a calça, assim como a minha vagina pisca e bate palmas pela visão.

*Primeiro o dever e depois a obrigação.*

— Você é uma peste, garota. Aproveita enquanto está no controle, porque quando for a minha vez... — Do jeito mais sacana que consegue, ele desce o olhar para a próprio colo, segura a ereção e continua: — Eu vou acabar com você — termina com uma piscadela e eu acho que estou com sérios problemas.

— Não se eu acabar com você antes — ameaço, não querendo dar na vista o quanto suas palavras e essa ereção pronta para mim tem me afetado. — Agora é sério, sobre o convite do Luigi...

— Você não vai aceitar! — Henry nem deixa que eu termine de falar e tenho de me segurar porque ele conseguiu a proeza de me levar do tesão para a irritação com apenas uma frase.

— Como é?

— Sei que pensava em aceitar pelo ótimo cachê que receberia e que o usaria para saldar as dívidas que o seu pai deixou e já que tudo se resolveu, não há motivos para que faça essas fotos.

— Seria por esses motivos mesmo, mas já que eles não existem mais, vou aceitar para te dar um castigo.

— Castigo, você enlouqueceu?

— Sim, castigo. Para você aprender a não esconder coisas, mesmo que seja na intenção de me ajudar.

— Qualquer coisa, menos isso, é sério, amor. Não posso imaginar outros marmanjos babando e fazendo outras coisas, tendo como inspiração uma imagem sua, eu vou surtar, é isso.

— Bom, você precisa ser castigado, então vou te dar duas opções: eu faço as benditas fotos, sem que você surte e distribua patadas para todos os lados, ou...

— Ou o quê? — indaga, apreensivo com a segundo opção.

— Ou, sem sexo por uma semana.

— Isso nunca, prefiro a morte a ficar uma semana sem transar com você — afirma de maneira categórica.

— Então, parece que já temos um vencedor, não é mesmo?

— É, parece que sim — Aos poucos ele vem avançando para o meu lado e quando vejo está com meio corpo em cima do meu e dessa vez não tem voz da razão que me faça negar o alívio que os países baixos da minha anatomia estão esperando. — Depois você não vem reclamar. A escolha foi sua.

— Não, foi você quem quis assim, eu poderia conviver muito bem com a segunda opção e passar uma semana sem sexo — minto, pois sei que ele faria da missão impossível.

— Tem certeza? Não é o que está parecendo. Eu nem bem toquei em você e o cheiro do seu tesão já está enchendo-me as narinas. Um cheiro tão bom, sabe de quê? — provoca quando ajeita o quadril entre as minhas pernas e eu o aprisiono com as minhas.

— Não... — minto, já com vergonha da safadeza que sairá da sua boca.

— Um cheiro de Clara com tesão, de boceta molhadinha e louca para obrigar o meu pau, que não se aguenta me ansiedade, em receber a recompensa por ter se comportado bem durante a conversa.

— Você não...

— Calada, sua safada. Agora que você conseguiu o que queria, é a minha vez de dar o troco.

— Mas eu não fiz nada — Faço a minha melhor versão de inocência.

— Isso você vai me dizer de manhã quando não estiver aguentado andar por aí, rebolando essa bunda gostosa que pode até sair em alguma foto, mas é somente eu quem pode fazer isso — dá um apertão de mão cheia — e isso aqui também — mete um tapa com a força necessária para não machucar, mas para deixar o local formigando.

— Ai, porra!

— Olha essa boca, menininha — diz para em seguida tomá-la em um beijo tão faminto quanto punitivo e meu último pensamento coerente antes de mergulhar nas águas turvas do desejo é o questionamento se fiz a coisa certa ao decidir aceitar ser capa da revista.

Algo me diz que isso vai dar muito pano para manga.

# Ensaio

Henry

— Prontos? — Com a câmera na mão, Saulo faz a pergunta novamente e nem assim Luigi deixa de andar de um lado para o outro, dando o retoque final nos modelos que além de Clara, aparecerão nas matérias da edição. Ao todo são seis modelos e entre eles está o engomadinho que vai posar com a minha namorada. Para o bem dele, espero que se mantenha o mais profissional possível, ou serei eu a colocar tudo a perder.

Foda-se a discrição, minha gata já provou tudo o que tinha que provar nessa porra e não tem mais motivos para todo esse medo de expor a nossa real relação. Então é bom que tudo corra tranquilo aqui, porque a minha parte eu já fiz. Primeiro eu solicitei que o fotógrafo fosse o Saulo, meu amigo que espero não ter coragem de azarar a minha mulher bem nas minhas fuças, além é claro, de exigir minha presença durante todo o ensaio. Como desculpa, disse que todo o processo da edição mais importante tem de ser acompanhado de perto. Besta é quem acredita nisso, já que não fiz isso em nenhuma das edições de aniversário.

— E você, venha mais para o canto, ou quer ser fotografado também, a mocinha? — ele provoca enquanto Clara tenta conter o sorriso.

— Cuidado para que esse não seja o seu último ensaio aqui, meu caro — aviso, e ele continua com o sorriso de deboche, talvez porque sabe da minha aflição. Sim, o palhaço torrou a minha paciência até que eu dissesse o motivo por insistir tanto para que ele fotografe a minha menina e não qualquer outro fotógrafo que compõe a sua equipe. Quando eu disse, Saulo não apenas achou graça do meu ciúme — que eu prefiro nomear como cuidado — como

também me acusou de ter as bolas presas. Logo eu, o pica das galáxias, que comia e jogava fora — palavras dele e não minhas.

— Você sabe que não vive sem mim.

— Isso vai demorar mais quanto tempo? — pergunta uma Laura, irritada. — Já deu tempo de ter terminado isso aqui e, no entanto, nem começou ainda — pontua, cada vez mais mal-humorada.

*Se metendo* em assuntos que não é da sua alçada, quando soube da escolha de Clara, Laura questionou e implicou com ela, pois, segundo a sua visão, existem modelos aos montes para que a escolhida seja uma simples secretária, que nem profissional é. Mas, como sou eu quem mando, pedi gentilmente — só que não — para que ela pare de questionar as minhas decisões e também de se meter em assuntos que não lhe dizem respeito.

— Laura — Saulo a chama e ela nem olha para trás. — Vai transar e para de atrapalhar. Seu lugar é ali, nos bastidores — diz e o circo é armado. Felizmente, Clara já se distribuiu com Luigi, não tendo o desprazer de presenciar a picuinha dos dois.

— Bem que você gostaria de se candidatar, não é, querido? — Dessa vez ela olha para ele, pois quando é para tentar ferir os sentimentos de Saulo, Laura parecer ter prazer de lembrá-lo da sua fixação idiota, que eu juro não entender. Saulo é um cara boa pinta e bem-sucedido, não precisa mesmo aguentar as patadas de Laura.

— Acho que não, querida — devolve com ironia, desviando o olhar para o cantinho onde está Amanda — que a pedido de Clara — veio acompanhar o ensaio. Ela olha com curiosidade para tudo à sua volta e assim que seus olhos encontram os de Saulo a observando, a loirinha lhe retribuiu com puro desdém, fazendo-me perguntar o que acontece aqui, já que ele nunca mencionou o nome dela.

— Aconteceu alguma coisa entre você e a loirinha ali? — pergunto novamente assim que me afasto de Laura e chego ao seu lado.

— Não que eu saiba. A lindinha parece me odiar sem ao menos me conhecer e isso tem me intrigado — confessa.

— Esquece, homem. Ela deve te odiar porque sente de longe o seu cheiro de cafajeste.

— Já chega! — sentencia, sem paciência — Essa é a última chamada, Luigi. Prontos?

— Só mais um momento, gato. — Termina de arrumar Clara e o

outro idiota.

Com a última chamada de Saulo, a equipe de cenografia corre de um lado para o outro, dando os últimos retoques no cenário conceitual que foi montado no heliporto que fica em cima do prédio da revista.

— OK. Já pode começar, Saulo. Clara é toda sua.

— *Cusão* — murmuro irritado.

— O que disse, chefinho?

— Nada não — respondo entredentes.

Vai começar e seja o que Deus quiser.

— Clara, primeiro você sozinha e depois com o Ferdinando.

Ferdinando? Que nome é esse? Até o nome do bundão juvenil é estranho.

Quando Saulo inicia, Clara parece tensa e dura como um pau, mas, pouco a pouco, vai se soltando e do meio para o fim já nem precisa dos comandos para as poses, ela mesma sabe o que tem de ser feito e abusa das caras e bocas.

No meu canto, eu observo tudo e babo na minha gata, que está provando — para a infelicidade da minha saúde mental — que leva jeito para a coisa. Agora, todos a olham com olhos de admiração e eu fico para explodir de orgulho dela, da minha menininha que a cada dia que passa cresce mais.

— Fim da primeira sequência. — Saulo abaixa a câmara depois de ter tirando umas cem fotos e no fim, usar só duas. — Descansa um pouco que depois do Ferdinando vai ser a vez de fotografarem juntos — diz, ao me procurar e lançar-me uma piscadela provocativa.

— Tudo bem, preciso mesmo tomar uma água — avisa.

Tadinha da minha garota, deve estar exausta. A correria começou cedo e ela ainda não parou para descansar.

Quando ela sai e se dirige ao camarim improvisado, eu, disfarçadamente, a sigo no intuito de lhe dar um beijo e ver se está tudo bem.

— Oi, amor! — Chego por trás e enlaço a sua cintura. — Sabia que está muito linda e gostosa com essa saia?

— Sabia — afirma, toda convencida e recebendo de bom grado os beijos dados no seu pescoço. — Para com isso — pede a contragosto. — Quer que sejamos descobertos?

— Sim, algum problema? — indago ao virar seu corpo de frente

para o meu.

— Talvez não, mas esse não é o momento ideal para que todos saibam sobre a gente — diz, deitando a cabeça no meu ombro e deixando o pescoço livre para os meus beijos.

— *Tá legal, você venceu, mas isso acaba hoje* — afirmo. — Todos saberão que a linda e talentosa, Clara Aguirre é a minha namorada.

Só minha.

— Não quer mijar na minha perna para demarcar seu território?

— Você deixa? Porque se deixar eu vou querer mais do que isso — falo, esfregando-me contra o seu corpo.

— Está bom, agora para com isso que tem gente vindo para cá. — *Se solta* em um pulo e vai para o outro lado do camarim.

— Hoje à noite, lá em casa.

— Hoje não é...

— É, sim — corto seu discurso, pois sei que vai dizer que hoje não é dia de dormir comigo.

Sim, ela tem uma tabela com os dias para fazer isso e eu tenho vontade de matá-la por ser tão certinha em seguir regras.

Pena que hoje não vai ser possível. Levo ela comigo ou eu mudo de nome. Depois do nervoso que estou passando e que ainda vou passar, é o mínimo que mereço.

*Você é tão patético, Henry*, acusa uma sensata voz interior e não posso deixar de concordar.

— Vai?

— Só se você se comportar na próxima sessão — impõe, como uma professora faz com um aluno arteiro.

— Eu vou, prometo. Se tem uma pessoa cabeça fria e nem um pouco ciumenta nessa cidade, esse cara sou eu.

Até que foi mais fácil do que eu imaginava, ou será que não?

— Atrapalho? — O tal Ferdinando entra e já vai logo para o lado da minha mulher.

— Não era a sua vez de ser fotografado? — Ignoro sua pergunta e devolvo com outra.

— Já terminei. Foram poucas fotos. Até porque, o foco aqui é a

Clarinha.

Clarinha? Com que direito esse verme trata a minha namorada com tamanha intimidade?

Respira, Henry. Sem cena, lembre-se de hoje à noite. Você prometeu se comportar.

— Imagina, aqui somos todos iguais — diz, toda sem jeito, o que me irrita *pra* caramba. Será que ela não percebeu que esse idiota está prestes a babar em cima do seu decote?

— É você quem brilha hoje. Já até vejo seu nome e rosto estampados nas capas das várias revistas — bajula e ela fica rubra de vergonha.

— Está legal, a estrela tem que ir... — Pego a mão dela e saímos do camarim.

— Mais uma dessas e eu acabo com a raça desse filho da puta.

— Calma, ele só tentou ser gentil.

— Gentileza de cu é rola. O moleque quer entrar nas suas calças.

— Pena que não vai e sabe por quê? — Solta as nossas mãos e vem para minha frente. — Esse privilégio eu só dou para o meu namorado, inclusive, hoje à noite, na sua casa — diz, olha de um lado para o outro e percebendo que não tem ninguém olhando, dá um beijinho no canto da minha boca e termina: — Isso, se você continuar se comportando.

Sai, deixando-me com a visão da sua bunda gostosa que tem sido meu ponto fraco.

De volta às fotos, só que agora utilizando-se de um painel de fundo verde, Clara volta a posar e neste momento o meu verdadeiro teste começa.

No início não vejo nada demais, pois seguindo o comando de Saulo, eles fazem as poses necessárias para a capa. O problema é quando o infeliz pede espontaneidade. Nessa hora, o pau no cu se sente com mais liberdade para fincar as suas garras na minha menininha e cada apertão que dá na sua cintura é um soco diferente que eu me seguro para não dar na sua cara.

Cadê o profissionalismo desse porra?

— Pede para esse cara segurar a onda — falo para Saulo. — Não vê que ele está se aproveitando para tirar uma casquinha da minha namorada, caralho?

— Calma, não vai estragar as coisas para a sua namorada. Se *controla* que eu vou falar com ele.



— Bom mesmo. Ela não está nada confortável com a situação — Não é possível que eu seja o único a vê-la se esquivando do idiota.

— Percebi, sim. — Ele tira uma última foto antes de dizer: — Está legal, Ferdinando. Vamos tentar de outra forma.

Após dizer isso, Saulo muda completamente o estilo das fotos para um que me agrada muito, pois não tem pau no cu nenhum com as mãos em cima da Clara e a partir daí, posso percebê-la mais à vontade.

De volta ao meu canto e satisfeito por perceber que tudo está ocorrendo conforme o esperado, tenho a minha atenção desviada do ensaio para uma pessoa que a passos largos começa a se aproximar de onde estou.

Se não fossem os cabelos loiros — quase brancos — a denunciando, o sorriso forçado e a expressão de desdém ao fitar todos que aqui estão, certamente teria denunciado a identidade da intrusa.

— Lúcia? — Meu sangue gela quando a compreensão da merda que essa prestes a acontecer cai sobre os meus ombros como um bloco de concreto.

Não! Eu preciso fazer alguma coisa. Ela não pode acabar com a minha relação.

Não pode!

# Mentira

Clara

— Só mais uma, Clara — Saulo finalmente fala o que eu queria escutar.

Não é que eu não tenha gostado da experiência, pelo contrário, depois de o nervosismo passar, pareceu tão natural a coisa toda, que eu senti como se fosse acostumada a modelar.

A minha vontade de terminar de uma vez com esse ensaio — além do cansaço — é para não ter mais que aturar esse tal Ferdinando, um cara chato da porra. Sei nem se vale todo o ciúme que despertou no Henry. Achei superpatético os seus galanteios de quinta categoria, as tentativas de me impressionar e toques evasivos. Tudo que ele conseguiu de mim foi a vontade de correr para bem longe, longe o suficiente para não ter que ouvir e sentir a sua mão na minha cintura.

— Isso, sem encostar nela, Ferdinando. — Saulo, que também parece incomodado com a falta de profissionalismo do modelo escolhido por Luigi, dá mais alguns clicks e finalmente termina.

— Terminamos, pessoal. Parabéns a todos, principalmente a você, Clara, que para uma primeira vez se saiu muito bem — elogia, deixando-me sem jeito.

Quando Saulo e a galera começa a recolher o equipamento para o intervalo e desmontar todo o cenário, eu fico parada como um poste, observando com deslumbre tudo o que acontece ao meu redor.

— Aqui não! — Uma voz baixa, porém, conhecida, chama a minha

atenção. No ato, olho para o lugar onde meu namorado e chefe estava e o encontro vazio.

Mas onde... Olho para todos os lados e o vejo *num* cantinho discreto, não tão distante — uma vez que foi possível ouvir a sua voz — conversando com uma mulher, que pelo fato de estar de costas, não pude perceber muito das suas características.

Do que deu para notar, percebi que a mulher é quase tão alta quanto ele, considerando os saltos altíssimos, e que o cabelo dela é tão loiro que beira ao branco.

Será que ela não percebe que essa cor não favorece?

Eita, Clara! Está implicando com a mulher sem ao menos conhecer? Só porque ela está conversando com o seu namorado e o tocando com uma intimidade extremamente irritante?

A voz da minha consciência — mais madura do que eu finjo ser — me alerta, quando na verdade tenho vontade de ir até lá e arrancar seus olhos e os seus cabelos brancos.

Eu não vou fazer isso, não mesmo. O ciumento é ele e não eu.

— Você não pode me tratar assim, meu bem...

Meu bem?

— Fala baixo, porra. Eu já disse que nós dois precisamos ter uma conversa séria. Só não vai ser agora, no meu local de trabalho, que você devia respeitar.

Pelo jeito que ele fala, já deu para perceber que não são meros conhecidos e de repente, uma sensação nada boa começa a tomar conta do meu corpo e coração. Instintivamente, olho para onde Amanda está e incrivelmente, ela olha para o casal com o mesmo estranhamento e curiosidade que eu.

— Eu respeito, lindo — Ela tenta tocar o rosto dele e Henry se esquiva. — Só estava com saudades. — Meu estômago começa a embrulhar com toda a cena e tenho que me segurar no primeiro objeto que vejo pela frente para ver se assim consigo me manter em cima do salto.

A minha vontade é de sair correndo para não ter que presenciar ou ouvir algo que eu não vou gostar, embora uma pequena parte minha esteja me pedindo para ficar e ver até onde isso vai.

Talvez seja só uma fã louca. Henry é um homem lindo, rico e que vive na boca da mídia, coisas assim devem ser comuns de acontecer com ele.

— Não me toca, caralho, o que deu em você? Está louca ou o quê? Desde quando te dei essa intimidade, Lúcia? — pergunta, irritado e sem paciência.

Lúcia? Parece que esse nome me persegue, é o mesmo nome da moça da empresa que não sabemos se vai casar ou não. Se minha cara de pau fosse tão grande quanto a minha curiosidade, eu certamente já teria ido perguntar sobre o caso para a moça da recepção.

— Não é assim que se fala com a sua noiva, meu bem. — Segura o braço dele com possessividade, quando uma única palavra ressoa na minha mente:

Noiva. Noiva, noiva...

Sinto o sangue fugindo do meu rosto no mesmo tempo em que as palavras se repetem.

— Nós não somos... — Henry para o que ia dizer no exato momento em que percebe que eu presenciei tudo. E se havia a possibilidade de meus ouvidos estarem me pregando uma peça, elas caíram por terra na hora em que seus olhos encontram os meus. Neles eu vejo um misto de culpa e de desespero, como quem fez exatamente o que estou imaginando.

Sem que eu consiga me mexer, piscar ou respirar com normalidade, vejo a hora em que ele tira a mulher da sua frente — uma mulher linda, que só agora consigo ver o rosto — e vem na minha direção.

— Amor.

— Amiga.

Amanda e Henry falam ao mesmo tempo, assim que os dois param na minha frente.

— Clara, tudo bem com você? — pergunta e quando vou olhar para ela, vejo que está olhando para Henry com olhos acusatórios.

— Menininha, não é nada disso que... — Tenta tocar o meu braço, mas eu não permito, não quando prevejo a cena que está prestes a acontecer.

— O que foi, querido. Problemas com uma modelo? — A tal Lúcia me mede da cabeça aos pés. — Por isso não tenho paciência para quem está começando. Essa gente não sabe mesmo ser profissional.

— Cala a merda da boca — Henry grita alto o suficiente para que todos que estão nesse heliporto ouçam o seu acesso de raiva. — Essa modelo a quem você se refere com tamanho desprezo é a minha namorada. Eu não vou permitir que você e nem que ninguém aqui a trate com essa falta de respeito —

diz, ao viajar os olhos para todo o local, até se voltar para ela. — Não existe noivado e nunca existiu, então, para de agir como se tivéssemos alguma coisa.

Numa mistura de sentimentos que vão de decepção por perceber que mais uma vez Henry escondeu coisas de mim, a vergonha por estar no olho do furacão e sendo observada por todos como um inseto de laboratório, tudo o que eu quero é sumir daqui.

— Vem, amor — Olho para ele, tão lindo e tão mentiroso e depois para minha amiga que me estende a mão, sabendo exatamente do que preciso.

Tomando a minha decisão, olho para Amanda e peço:

— *Me tira* daqui, por favor? — Com o corpo trêmulo de nervoso, seguro a sua mão com força e quando estamos a ponto de sair, Henry me pega pelo braço, fazendo com que eu me volte e o olhe com olhos fulminantes.

— Vem comigo, gatinha. Conversa comigo — suplica. — Se depois ainda quiser ir embora, eu prometo que te levo.

— Hoje não, só me deixa ir — peço. — Não se preocupe, amanhã estarei aqui para trabalhar — digo com frieza e olhando para onde ele me aperta, talvez assim entenda o recado.

— Amor, eu me comportei bem e você disse que dormiria comigo... — Com um bando de curiosos nos observando e uma oxigenada indignada, fico vermelha de vergonha por ele expor os nossos planos dessa forma.

Mas é aquele ditado: O que não tem remédio...

— Você está de brincadeira, não é? — O filho de uma puta me olha com uma carinha de vira-lata que acabou de cair da mudança.

Isso tudo na frente de um monte de funcionários e eu tenho que respirar fundo para não pegar essa cara de pau e esfregar no asfalto quente.

— Não faz isso, amor — pede e um coro de voz faz som de: Ohhhh!

Quando foi que o drama todo virou um circo?

Ele está mesmo tentando virar a opinião popular a seu favor e contra mim? Se for, não vai funcionar.

— Eu estou falando sério, Henry. Eu vou descer e você não ouse me seguir, ou hoje não será a única noite em que você irá dormir sem mim — aviso, pois apesar do circo, estou bem magoada e decepcionada com ele, que teve todas as chances do mundo para mencionar essa tal Lúcia e mais uma vez, preferiu mentir e me tirar por idiota.

— Até amanhã, então! — Olho seu rosto chateado pela última vez

antes de puxar a minha amiga pela mão e tentar sair com o pouco da dignidade que me restou.

Só não sei se funcionou, pois eu juro ter ouvido sons de vaías antes das portas do elevador se fecharem.

Henry

— O show acabou, pessoal — digo quando o elevador com a minha namorada sinaliza a movimentação rumo ao térreo. — Sejam bons fofoqueiros e espalhem a notícia. Essa mulher aqui — aponto para a uma Lúcia furiosa —, não é a minha noiva. Eu estou namorando há algum tempo com a Senhorita Aguirre, a minha estagiária, que exerce a função de assistente de secretária. Por enquanto, isso é tudo o que precisam saber.

— E você... — Volto-me para Lúcia e seu cabelo estranho. — Não volte a fazer esse tipo de cena porque como pode ver, eu respondo na mesma moeda.

— Isso vai ficar assim, Henry — ameaça.

— Quando quiser, querida — falo com ironia.

— Acha de verdade que seus pais vão aceitar essa criança que além de ter cara de pobre, ser aspirante de modelo, é uma mera assistente?

— E desde quando os meus pais mandam na minha vida? Você pirou? — Estamos somente eu e ela, agora. A plateia, essa não se importa mais com o teatro barato dela. — E já que estive se escondendo todo esse tempo, *se sinta* à vontade para desaparecer novamente, eu já te disse tudo o que precisava.

— Você me paga e isso é uma promessa — ameaça mais uma vez e sai pisado duro.

— Dia movimentado, meu amigo. — Saulo se aproxima, querendo puxar assunto. — Mas, pensa pelo lado positivo, a mentira já não existe mais. Nenhuma das duas.

A da Lúcia eu preferia que não fosse revelada dessa forma, a do nosso namoro, penso que foi do jeito que tinha de ser. Amanhã, a essa hora, todos estarão sabendo que a senhorita Aguirre e o chefe são um casal.

— Isso se ela ainda for a minha namorada, não é?

— Não sabia que você é do tipo que desiste — provoca.

Gosto do Saulo porque ele é do tipo que curte incitar o pior e o melhor lado das pessoas que o rodeiam.

— E não sou, meu caro. Tenho uma ideia e adivinha? Você vai me

ajudar.

# Consertando

Henry

— Quinze minutos, García. Faça o que tiver de ser feito. Isso, essa da foto, a loirinha. Estou no aguardo — Desligo.

— Estou dispensado, chefe? — Saulo pergunta, sabendo perfeitamente a resposta.

— É óbvio! — Espero ele respirar aliviado para completar: — Que não!

— Porra! Henry, seja lá a vergonha que você esteja pensando em fazer, *me tira* fora dessa, cara — ele está praticamente implorando.

Aliás, não sei nem o porquê desse desespero do Saulo, não é como se eu fosse sair por aí pagando micos depois de ter pisado na bola com a namorada.

— Você está dentro, vou inclusive ligar para o Miguel. Também vou precisar dele — digo e o olhar de Saulo é tão assustado que chega a ser cômico.

Quem o vê assim pensa que estamos indo cometer um crime, não que não seja um crime o que vamos fazer, mas está mais para um atentado ao bom gosto que um crime propriamente dito.

— Precisa de tanta gente assim? Fala logo que porra é essa que precisa de três machos. — Ele está surpreso e nem sabe que vou chamar o Garcia e o Jack também.

— Se não precisasse eu não estaria chamando, não é mesmo? E aquieta esse cu, estou ficando tonto de te ver marchando de um canto a outro.

Depois que tudo terminou, a equipe foi dispensada e o cenário desmontado, voltei para a minha sala e aqui estou até agora, planejando uma forma de reconquistar a minha ferinha, quando nesta hora era para eu estar em



casa, aproveitando a maravilha de tê-la comigo.

A porra da Lúcia tinha que aparecer logo hoje e estragar tudo? Até poderia pensar que foi melhor assim, que a sua cena acabou de vez com a mentira, o problema é se isso acabar também com o meu namoro. Uma possibilidade que nem quero pensar, afinal, como sobreviveria sem a minha menininha?

— Fala, García — atendo no primeiro toque. — Você foi rápido. E aí, conseguiu o que pedi? — pergunto, cheio de medo e ansiedade.

Na hora em que vi minha garota ir embora e puxado a loirinha pelo braço, ali eu soube que não ia para sua casa, até porque, Clara é esperta demais para saber que sua casa seria o primeiro lugar onde a procuraria. Então, quando tudo se acalmou a minha volta, tive a ideia de contatar García para tentar descobrir o endereço da Amanda, pois se conheço bem a minha gatinha, ela deve estar nesta hora se lamentando no colo da amiga, já que correr para o colo da senhora Chica não foi uma opção.

— Sim, pode falar. — Pego papel, caneta e anoto o endereço. — Valeu cara, se puder, esteja nessa rua daqui uma hora.

— Já tenho o que preciso — digo para Saulo que está na janela, observando a movimentação da avenida.

— Que seria?

— O endereço da sua loirinha — debocho do fato de ela aparentemente não suportá-lo. — Tenho certeza que a minha namorada foi para lá.

— E precisa da cavalaria para ir buscar a sua mulher? — indaga, ao voltar para perto da minha mesa onde estou há algum tempo sentado e tramando a captura de uma fujona.

Não que ela não tenha motivos para estar furiosa e não querer olhar na minha cara, pelo contrário, eu não só lhe escondi a porra desse noivado inexistente, como também a expus diante de vários funcionários. Tudo bem que já tínhamos combinado que estava na hora de contar para todos, mas tenho certeza de que não era dessa forma que ela queria que fosse.

Se depois de hoje ela ainda precisar de um tempo para pensar, eu vou respeitar, desde que não se afaste de mim ou fuja para longe, isso eu não iria aguentar.

O meu amor pela Clara tanto me encanta quanto me assusta. Quando que eu iria imaginar cair tão duro com eu caí por ela? É como se minha

vida antes dela fosse apenas uma página em branco. É assim que me sinto e para tê-la ao meu lado, dispo-me de todos os medos e mergulho mais fundo nas águas do amor, da paixão e do desejo que sinto por ela.

— Pelo visto, sim. Acorda, caralho! — Quase caio de susto quando Saulo desperta-me do devaneio com uma bola de papel bem no meio da testa. — Vamos logo, antes que eu mande você e essa dor de corno para o inferno.

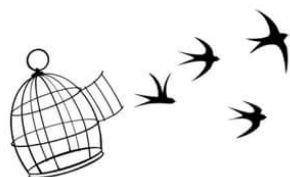
— Calma, cara. Pensa pelo lado positivo — digo, ao levantar, pegar a minha pasta de couro, meu celular e minhas chaves. — Você vai ver a Amanda — provoco, enquanto nos dirigimos para o elevador, que felizmente já está parado no andar. Esse é um milagre que acontece quando já não tem mais ninguém além de nós no prédio.

— Coisinha gostosa — diz, com um sorriso sacana. — Pena que curto as mais velhas.

— As mais velhas e as que não querem nada com você, não é mesmo? — Jogo na cara o quanto essa sua atração pela Laura é bizarra.

— Cala a boca ou vai ter que ir atrás de outro idiota que tope participar dessa sua roubada.

— Não está mais aqui quem falou. — Levanto as mãos para cima, em claro sinal de rendição.



— Já sabem o que têm de fazer? — pergunto, olhando para a cena patética que se desenrola. Cinco marmanjos, com seus mais de trinta anos, enfiados dentro de um carro e de tocaia na frente na casa de uma moça, que aparentemente abriga a namorada fujona de um deles, no caso, eu mesmo.

— Preferia não saber... — do lado do carona, Saulo resmunga.

— Eu acho que vai ser engraçado — o irreverente Miguel dá a sua opinião, que não poderia ser outra.

— Vai ser mesmo, para você, que não leva nada a sério e tem a reputação mais suja do que pau de galinheiro.

Jack e Garcia, como já estão acostumados com as minhas excentricidades, nem se assustam com mais nada, apenas estão lá na hora de

sujar as mãos.

— Será que dá para as mocinhas calarem a boca — ordeno. — Olha lá, a luz acendeu.

— E daí? — Miguel é o primeiro a perguntar, e eu penso que ele só não é mais burro, porque não é dois.

— E daí que aquela deve ser a janela do quarto da Amanda e se a luz ligou, é porque elas foram para lá — digo o óbvio, o que para Miguel, que só pensa em boceta, se parece com um grande mistério sendo revelado.

— Você é um gênio, brother! — Eu não disse?

— Está na hora, estão todos com a letra decorada? — indago e tenho a confirmação para o maior mico que eu já paguei em toda a minha vida.

Clara

— É melhor você descansar um pouco — aconselha uma Amanda toda compadecida depois de subirmos para o seu quarto.

Apesar de sermos amigas desde sempre e de me sentir à vontade em seu quarto e na sua casa, assim como fico na minha, hoje eu só queria o calor das minhas cobertas e o abraço da minha Bá. Agora, nem isso eu posso fazer, pois certo como dois mais dois são quatro, Henry iria bater lá em casa e insistir até conseguir falar comigo. E como eu não estou com a menor paciência e muito chateada, ele teve foi sorte de eu ter vindo dormir na casa da Amanda.

Mas também, é muita pretensão minha imaginar que ele está como um louco, querendo se desculpar. Lá em casa ele não ligou, se tivesse ligado a Bá teria me contado. No meu celular ele também não deixou nenhuma ligação ou mensagem.

Isso só me faz sentir mais raiva ainda. Cadê o namorado arrependido e que faz loucuras para se desculpar?

Eu quero isso? É óbvio que não, mas não custava nada para ele tentar.

Minha nossa senhora das namoradas traídas, eu só posso estar ficando louca. Uma hora eu me parabenizo por ter vindo para cá — tornando mais difícil as coisas para ele — e outra eu fico triste, pelo mentiroso e traidor não ter nem ao menos tentado.

— Não precisa sufocar o edredom, Clara. Ele não tem culpa de nada — Amanda aponta e só então eu percebo que estava apertando o pedaço inocente de pano com todas as minhas forças.

— Vocês precisam conversar — diz, não conseguindo disfarçar a pena que está sentindo.

— Conversar? Ele mentiu para mim, de novo!

— Tem razão, mas por outro lado, Henry colocou a mulher no lugar dela e revelou na frente de todos que vocês são namorados. Isso deve ter amolecido pelo menos um pouco o seu coração de pedra.

Amanda relembra o meu maior impasse. Por que ele tem que ser um desgraçado *num* minuto e no outro um fofo que me defende na frente de todos?

— Ele mentiu para mim! — *Me apego* ao mais grave. — Uma noiva, você tem noção disso? Uma noiva — ênfase para que eu mesma consiga realizar isso na minha cabeça.

— Aquela mulher me pareceu meio paranoica.

— Paranoica a ponto de achar que é noiva de alguém sem realmente ser? Se ela falou que é, deve ter algum motivo para pensar assim.

— Por isso eu disse que vocês precisam conversar, não vai ficar criando mil teorias na cabeça — aconselha.

— Se ele quisesse conversar, teria pelo menos tentado ligar.

O pensamento me deixa triste, de repente.

— Tenho certeza de que esse silêncio é porque está preparando alguma surpresa. Homem é assim, faz merda atrás de merda e depois volta com o rabinho entre as pernas.

Ela diz isso com a maior naturalidade, como se tivesse conhecimento de causa e talvez tenha.

Sem entrar em detalhes, minha amiga me revelou que não é mais virgem e que apesar da experiência ter sido incrível, o fim não poderia ter sido pior. Pelo que entendi, o cara só queria sexo, sumiu no dia seguinte e hoje em dia fingi não lembrar da noite que tiveram.

Se eu descobro a identidade do merda que fez isso com ela, sou capaz de capar o infeliz. É assim que eu ajo quando mexem com a minha amiga, mesmo estando numa situação semelhante ou pior que a dela.

— Acho que não — digo, incrédula, visto o shortinho de dormir e a camiseta que ela me emprestou. — Boa noite, amiga. — Deito do meu lado da sua enorme cama, puxando a coberta logo em seguida.

— Espera, não está ouvindo isso? — Volta a ficar em silêncio e de repente, o som de vozes masculinas e desafinadas começam a invadir o

ambiente.

# Serenata

Clara

"Meu amor, essa é a última oração  
Pra salvar seu coração  
Coração não é tão simples quanto pensa  
Nele cabe o que não cabe na despensa.  
Cabe o meu amor  
Cabem três vidas inteiras  
Cabe uma penteadeira  
Cabe nós dois  
Cabe até o meu amor, essa é a última oração  
Pra salvar seu coração  
Coração não é tão simples quanto pensa  
Nele cabe o que não cabe na despensa.  
Cabe o meu amor".

— Coitado desse aí, deve ter aprontado feio para ter a coragem de pagar um mico desses — digo, por cima das vozes desafinadas, que de tão altas dão a impressão que os condenados estão cantando aqui, debaixo da janela do quarto da Amanda.

— Nossa, quando essa música parar, não sei se ainda terei orelhas para ouvir mais alguma coisa — diz e nós duas sorrimos, mesmo que a vontade seja de chorar. — Está tão alta essa serenata. Será que é para alguém aqui do

prédio?

— Não sei...

— Aparece, amor. Eu sei que você está aí. Fala comigo, vai...

Uma voz masculina se interpõe as outras que estão cantando para implorar por perdão.

Espera um pouco, essa voz...

— Henry? — Amanda e eu falamos em uníssono e com os olhos esbugalhados pela surpresa.

— Ele não teria essa coragem — nego, quando na verdade eu e ela estamos correndo para a janela.

Amanda puxa a cortina, puxa o vidro e eu não consigo acreditar nos meus olhos.

"Cabe o meu amor

Cabem três vidas inteiras

Cabe uma penteadeira

Cabe nós dois...

Na calçada e em frente à janela da Amanda, que mora no quinto andar, estão cinco marmanjos cantando uma música chiclete da maneira mais desafinada possível. Isso tudo enquanto seguram uma folha de papel branco.

Ao perceber que apareci, ele dá um sinal para que parem a música — graças a Deus — fica me olhando sem nada dizer e com um sorriso irresistível no rosto. Se eu não achasse tão irresistível, talvez não me metesse nas ciladas que me meto por causa dele.

— Oi, amor. Pode descer só um minuto para conversarmos? — fala com a cara de pau que Deus lhe deu, como se estivesse tudo bem entre a gente.

— Vai embora, Henry. Eu não vou descer. Esquece — aviso.

— Desce ou eu volto a cantar com os rapazes. Não é, pessoal?

— Sim — os idiotas respondem, como quem segue as ordens de um líder.

— Já disse, não vou descer — assevero e quando vou olhar para Amanda, a traíra está sorrindo de toda a situação.

— O quê? — pergunta com um sorrisinho inocente ao ter sobre si o meu olhar fulminante.

— Com você eu converso depois.

— Já falei que não. — Fecho as cortinas e ele avisa antes de voltar a cantar:

— Tudo bem. Quem não gostará da cantoria serão os pobres vizinhos. Os coitados têm de acordar cedo para trabalhar.

Meu amor, essa é a última...

— Tá bom, eu vou descer, caralho — irritada, volto a arregaçar a cortina que com muita sorte resistiu a minha raiva e não rasgou. — Mas saiba que é só porque não quero incomodar os vizinhos da Amanda.

Os que ainda não foram incomodados com meus gritos do quinto andar e os que não são curiosos e não estão na janela filmando a palhaçada do Henry com os seus celulares nervosos.

— Eu vou acabar com a raça do meu namorado — aviso para a minha amiga antes de calçar os chinelos e descer para o térreo.

Ao chegar à portaria, vejo o safado todo serelepe, conversando com os comparsas. Henry sorri de orelha a orelha.

Quer dizer, sorria de orelha a orelha, pois assim que põe os olhos em cima de mim, o sorriso morre e os dentes se escondem dentro da boca.

— Vocês estão dispensados, pessoal. Peguem um táxi, carona; o que for, só caíam fora daqui.

— Gostosa a garota. Eu também faria uma serenata — um cara bonito, porém sem noção, fala.

— Fora! — Henry agora rosna sem paciência.

Quando chega perto de mim, ele avalia meu corpo e em seu rosto tem um misto de desejo e frustração. Desejo porque ele não se aguenta em me ver com pouca roupa, frustração porque não suporta que outros me vejam com pouca roupa. Mas quem manda me estressar ao ponto de eu não me tocar que descí com um pijama, onde o shortinho curto e a regata fina deixa pouco para imaginação?

— Sorte aí, Romeu — Saulo deseja e três deles entram em um carro onde o mais velho é o motorista e Jack entra no carro que usa como chofer.

É inacreditável que até o Jack esteja metido nesse mico, fofo, mas ainda assim, um mico.

— E então? — indago e de maneira involuntária coloco as mãos na cintura e balanço a perna esquerda. — Meu rosto é um pouco mais para cima, Henry — aviso, já ele não consegue tirar os olhos dos meus peitos, que insistem



em me fazer passar vergonha.

Os fodidos marcam perfeitamente o pijama de oncinha e eu posso apostar como Henry está pensando ser o causador, junto com o seu olhar faminto e sua serenata, vergonha alheia. Nesse ponto ele não poderia estar mais enganado, pois essa graça de faróis acessos eu atribuo somente ao vento frio que castiga a minha pele.

— Está toda arrepiada... — Ele vem me abraçar, mas o impeço. — Não quer ir para dentro do carro, eu ligo o ar-condicionado bem quentinho para você — continua, ao ignorar a minha atitude arisca.

— Quero, só porque estou com frio, entendeu? — Saio na frente e ele, espertinho como sempre, fica para trás e fazendo o de sempre: olhando para a minha bunda.

— Entendi e prometo me comportar, gostosa, quer dizer, Clara — conserta.

— Vai, liga isso — peço, tremendo de frio assim que entramos no seu conversível.

— Está melhor? — pergunta e um calorzinho gostoso começa a se espelhar.

E pensar que há essa hora era para estarmos nos acabando em outro tipo de calor.

— Sim, obrigada — agradeço e sento-me virada para ele para que assim fique mais fácil beber da sua beleza, que tanto me enerva quanto me atrai.

— Parabéns por hoje, você foi perfeita e eu fiquei muito orgulho.

Suas palavras me encham de alegria e por um momento eu esqueço o porquê de estarmos aqui dentro deste carro e não no seu apartamento, comemorando.

— Uma pena você ter estragado tudo. Poderíamos estar comemorando, mas você tornou isso impossível quando resolveu que era uma boa mentir para mim, mais uma vez.

— *Me perdoa?*

— Por ter me traído? Por ter uma noiva, enquanto me faz juras de amor? — indago, friamente.

— Só pela mentira — fala em seguida. — Se você tiver prestado atenção na conversa, sabe que esse noivado não existe e muito menos traição. Desde que começamos meu pau só esteve dentro de uma pessoa e você sabe

muito bem que é.

— Imagino que por isso que ele ainda está aí. — Olho para o seu colo e o safado acompanha o meu olhar.

— Ele é fiel a dona, assim como eu sou — afirma. — Sei que errei em não te contar sobre essa loucura e só não o fiz, porque achei que conseguiria resolver o assunto sem te chatear com uma coisa tão sem importância.

— Sem importância?

— Sim, uma relação que nunca existiu. É mais um acordo entre nossos pais que sempre desejaram essa união. Eu só não sabia que a doida também desejava.

— Você devia ter me contado — insisto.

— Eu sei. Nos últimos dias eu estava como um louco tentando entrar em contato e resolver essa situação, mas ela estava fugindo.

— Claro, e aposto que sabia o teor da conversa.

— Provavelmente, minha mãe deve ter contado.

Era só o que me faltava, uma sogra que prefere outra como nora. Será que eu fui tão mau em outra vida para merecer uma coisa dessas?

— Sei. E vocês nunca tiveram nada?

— Não — Apressa em responder, desviando os olhos para longe dos meus.

— Henry... — Minha voz soa como um aviso.

— Tá bom, foi só uma vez e há tanto tempo que já nem lembro mais.

— Que nojo de você, seu puto. Não soube segurar esse pinto dentro da calça e por isso a mulher ficou assim.

— Está com ciúme?

— Eu? Ciúme de um prostituto? Sim, porque é isso que você era. Deveria ter cobrado, tenho certeza que levantaria uma boa grana — falo para ofender, já que não consigo disfarçar o meu ciúme.

— Você esperava o quê? Que eu fosse virgem?

— Virgem não, só um pouco mais seletivo.

— Então o problema é a Lúcia?

— Não repita esse nome — ordeno.

É até piada pensar que eu fiquei tão curiosa acerca dos motivos para

o casamento da tal Lúcia não acontecer, só para depois perceber que o suposto noivo é o meu namorado.

O lado bom é que eu matei a minha curiosidade e descobri que o casamento realmente não vai rolar. Não com esse homem.

— Diz, menininha que não sente ciúme. — Vem com a tática dos apelidos carinhosos. — Estamos bem?

— Nos seus sonhos — aviso. — Esqueceu que expôs a nossa relação da pior forma possível?

— Para te defender — defende-se.

— Obrigada. Ainda assim, deveria ter sido mais sutil. Imagina como estará a revista amanhã.

— Uma fofoca só. — Ele sorri.

— Não é engraçado, Henry. O meu nome estará na boca de todo mundo e também da imprensa.

— Desculpa por isso também. Mas pode deixar que irei cuidar para que não ultrapassem os limites e nem invadam a sua privacidade.

— Agora me diz, essa vergonha que você passou agora a pouco, foi no crédito ou no débito?

— Não gostou? Foi uma prova de amor.

— Tenho certeza de que os vizinhos também apreciaram essa linda prova do seu amor — digo com ironia, mas nós dois acabamos aos risos.

— Já que estamos bem, porque você não sobe lá, pega as suas coisas e vem comigo?

— Não, amor, acho que você não entendeu. — Tiro sua mão da minha perna e coloco bonitinha, em cima do seu colo. — Nós conversamos e esclarecemos tudo. No entanto, o senhor mais uma vez escondeu coisas e portanto, está de castigo — aviso, séria e toda formal.

— Como é? — Agora eu tenho a sua total atenção. — Castigo, que tipo de castigo?

— Sem toque, sem beijos e sem sexo, até segunda ordem.

— Nem fodendo que isso vai acontecer!

Ele invade o meu espaço pessoal, com uma mão segura na minha cintura e com a outra agarra o meu cabelo até ter minha boca contra a sua em um beijo molhado e arrebatador.

# *Na mídia*

Henry

*Ai, cara! estou tão na merda.*

Esse é o meu pensamento quando no dia seguinte ao ensaio da revista, minha namorada entra na antessala, senta na sua cadeira giratória e confortável, para só depois, olhar para esse pobre coitado e lançar um sorriso radiante, como se nada tivesse acontecido.

E nada aconteceu mesmo, para ela, que ontem à noite, depois de me dar um tapa seco, se mandou do carro e eu fiquei lá, frustrado e sem a minha garota.

Tentando pensar pelo lado positivo, lembro que pelo menos ainda tenho uma namorada. Pior seria se ela tivesse terminado tudo ao invés de me dar um castigo que não tenho ideia de quanto tempo vai durar. Ou seja, o mico da serenata não foi tão à toa assim. E já que foi uma vergonha que pouca gente presenciou, posso fingir que nunca aconteceu.

— Vejam só se não é o Romeu. — Saulo entra mais uma vez para me encher o saco e olha que o dia apenas começou. — Uma pena que a serenata não deu tão certo, vai levar a cama e não vai deitar na cama.

— Do que você está falando? — indago e ele se aproxima da minha mesa, vira a tela do meu computador e começa a digitar alguma coisa. Quando termina, volta a arrumá-lo e diz:

— Parabéns, mais uma vez na boca do povo.

— Puta. Que. Pariu! — Têm fotos e notícias minhas e da Clara

espalhadas por todos os tabloides de fofoca do país.

Uns noticiam a minha saída do mundo dos solteiros, sem deixar de maldar a sua idade e cargo aqui na empresa. Outros mais maldosos nos comparam com o príncipe encantado e a gata borralheira, fora as insinuações sobre classe social.

— É, meu amigo, se prepara para lutar por esse seu namoro. Por essas notas, as coisas não serão fáceis para vocês.

— Será que ela já leu isso? — Aponto, indignado para o computador, que no campo de busca só tem os nossos nomes, nessa infernal manhã de sexta-feira.

— Ainda não! — Nós dois olhamos para sua mesa e ela conversa tranquilamente com Elga. — Ainda! — Dá ênfase.

— Melhor assim, eu preciso fazer alguma coisa... — Levanto-me da cadeira e começo e andar de um lado para o outro.

— Gastar o piso não vai adiantar, Henry. Além disso, não tem nada que você possa fazer, a notícia já se espalhou.

— Eu tenho que proteger a Clara — revelo a minha maior preocupação.

— Sua namorada é uma garota forte e vai saber lidar com isso. Você só precisa se preocupar com os ataques e insinuações maldosas para que não passem dos limites.

— É o que vou fazer, não sei como, mais vou.

— É assim que se fala — Saulo incentiva. — Agora, senta que ainda tem mais coisa. Já viu os vídeos?

— Que vídeos?

— Da vergonha alheia que passamos ontem à noite. — Entrega o celular e o vídeo com a serenata rola em uma das suas redes sociais. — Está vendo aí, isso que você chamou de serenata, já tem mais de quinhentas mil visualizações.

— Minha reputação não existe mais. — Jogo-me sobre a cadeira e puxo os cabelos para trás.

— E junto você levou a minha. — Ele pega o celular de volta e recomeça a tortura.

Sabia que não devia confiar naqueles vizinhos, certamente foram eles quem postaram isso.

— Epa, acho que não foi tão ruim assim... — Um sorriso começa a se formar na sua cara de pau e eu chego a ter medo quando ele faz isso.

— Surtou? — Só isso justifica essa frase sem sentido dele.

— Não, cara, olha esses comentários. — Pego o meu iPhone, procuro o vídeo e quando vou ver os benditos comentários tenho a mesma reação que ele.

— Elas nós amam.

— Sim, estão achando fofo a sua declaração de amor para a sua amada — ele debocha, já que a declaração de amor foi mais uma tentativa de me desculpar pela pisada de bola.

— Sei não...

— Tu é um gênio, cara. Mesmo sem querer acabou fazendo a coisa certa. Pensa só, esse vídeo ter viralizado vai tirar o foco das insinuações maldosas a respeito da motivação tanto sua quanto da Clara para esse namoro que ninguém esperava. E já que é para estar na boca da mídia, que seja com a opinião pública do lado de vocês.

— Às vezes eu tenho medo de você, Saulo, com essa mente que sempre está a um passo à frente dos demais.

— Ou será que é a sua que está um atrás?

— Vai tomar no cu!

— Não curto — diz o cínico.

— Acho que você tem razão e para proteger a minha ferinha, aceito ver meu nome associado a esse mico de vídeo que não seria necessário se tivessem espalhado um em que nós nos pegávamos com gosto. Não restariam dúvidas dos motivos para estarmos juntos.

— Henry, você não tinha dito que nossa cantoria não tinha dado muito certo com a Clara?

— Disse, porque não deu.

— Estou vendo que não deu. — Começa a sorrir e vira o celular mais uma vez para o meu rosto.

Na sua tela, uma imagem mostra um casal se agarrando, em um beijo desentupidor de pia e que deixa á mostra um pedacinho de língua invadindo a boca pequena. E sim, somos eu e Clara ontem à noite, dentro do carro, que apesar de ter os vidros fechados e escuros, ainda é possível identificar que somos eu e ela comendo a boca um do outro. A imagem foi tirada segundos

antes de ela parar de corresponder ao beijo, *empurrar-me* e dá um tapa estalado no meu rosto. Temos sorte de o curioso não ter registrado esse momento.

— E você jura que depois de um beijo como esse não rolou um sexo selvagem?

— Não rolou. Minha garota não tem a mente fraca. Na hora que lembrou o motivo de estar chateada comigo, saiu do carro e me deixou na companhia do meu pau duro e dos seus cinco dedos estalados na minha cara.

— Rapaz, imagina esse furacão na cama.

— É bom não imaginar, ou então, farei com que esse seja o seu último pensamento.

— Entendi, homem das cavernas — diz ao puxar a cadeira giratória e sentar na minha frente. — Agora sobre trabalho, já está tudo certo para o lançamento e a festa comemorativa?

Lembra-me que só faltam alguns dias.

— Eu sei do meu trabalho, Saulo.

— Vai saber, está todo preocupado com o namoro que eu quis checar.

— Está tudo certo e te garanto que no dia não estarão tecendo outros comentários que não sejam elogios a minha mulher, que além de ser a modelo de capa, estará ao meu lado, no lugar à qual pertence.

— Assim que se fala. Agora deixa ir que não quero ficar de castiçal. — Levanta ao ver que minha gata está vindo para a sala.

Que bom que ela entendeu rápido que aqui tem passagem livre, que agora que somos assumidos, não vou precisar chamá-la de senhorita e nem essas merdas todas.

— Bom dia, Aguirre — Saulo a cumprimenta, ao passar por ela.

— Bom dia! — minha garota responde e fecha a porta.

Na hora que a vejo se aproximar, pego o controle no canto da mesa e faço a mágica acontecer.

— Você nunca tinha... — deixa a frase morrer quando de boca aberta fica observando o painel cinza descer e cobrir todas as paredes e portas de vidro da minha sala.

— Isso porque não foi preciso, menininha. Só abaixo as cortinas quando tem alguma reunião extraordinária aqui na sala.

— E vamos ter uma dessas reuniões aqui? Porque se não for, já

pode desfazer essa macumba aí. — Olha para o controle na minha mão antes de virar as costas e ir na direção do sofá.

— E eu não posso ter um pouco de privacidade com a minha namorada? — Vou atrás assim que ela senta no sofá.

— Privacidade a gente tem em casa, querido. Aqui somos patrão e empregada.

— E que secretária gostosa, essa que fui arrumar. Não conte isso para a minha namorada, está bem, senhorita Aguirre? — Vou me achegando cada vez mais e em contrapartida ela vai se afastando até ficar sem ter para onde correr, entre eu e o canto do estofado.

— Do jeito que é ciumenta não vai gostar nada de saber que eu estou louco para me enfiar no meio das pernas da secretária gostosa — provoco, bem de perto e subindo a mão pela perna macia que está nua, graças ao fato de ela estar usando saia.

— Continua, chefinho — é sarcástica, apesar da sua respiração ofegante não esconder o quanto está gostando dos meus avanços. — Pode continuar, mas saiba que a cada gracinha nova, será computado mais um dia ao seu castigo.

— Sua...sua... — Perco a paciência e vou parar na outra ponta do sofá.

— Sua?

— Empata foda do caralho. É isso que você é.

— Só porque você merece. — Empina o narizinho. — Henry, só vim te avisar que nós estamos muito na merda, cara. O nosso nome já está na boca do povo, da imprensa e o caralho a quatro.

— Você já sabia?

— Claro que sim.

— E ficou numa boa? — Eu não entendo mais nada.

— E queria que eu ficasse como? — Dá de ombros. — A merda já está feita, tem muita gente falando merda e na mesma proporção, tem gente apoiando por causa da serenata vazada.

— Que bom que você está bem com isso, princesa. Por um momento eu tive medo de que essa merda te assustasse e levasse para longe de mim.

— Nunca. Eu estou, sim, um pouco assustada em ver a minha vida



tão exposta e por ler ofensas tão pesadas. Mas, por outro lado, eu já estava preparada para coisas como essas. É o preço que se paga por me relacionar com o dono disso tudo — diz, varrendo o olhar pela minha moderna sala.

— Eu vou cuidar de você, minha gatinha, não se preocupa que logo todos irão entender e aceitar que o que existe entre nós é *pra* valer — garanto.

— Meu príncipe ogro. Deu vontade sabe de quê?

— Foder?

— Um pouco menos — ela diz, cortando a minha esperança. — De te dar um beijo, mas é só um.

— Qualquer coisa.

— Então vem buscar... — Abre os braços e quando vejo, já estou como um louco beijando e deixando ser beijado.

— Licença, meu filho! — No susto, Clara e eu desgrudamos os nossos lábios e olhamos para a porta.

# Aliado

Henry

— Oi, pai — Totalmente constrangido, saio de cima da Clara e depois de ajudá-la a também se levantar, faço a caminhada da vergonha para mais perto de onde o meu pai está.

— Está tudo bem por aqui? — Ele termina de fechar a porta e não consegue esconder o seu olhar especulativo e um tanto surpreso.

Seu Agenor deve estar achando que eu esqueci a ideia de não misturar as coisas e pensando que estou comendo a nova secretária. Nova para ele que não vem muito por aqui, pois a minha namorada está há meses trabalhando na revista.

Outra coisa que ele não sabe é sobre o meu namoro e se soube de alguma coisa através da mamãe, certamente não levou a sério, já que falei no assunto por telefone e somente uma vez. A dona Carmem sendo do jeito que é, deve ter se referido a Clara como um caso sem importância, pois na sua cabeça, eu amo a Lúcia e nós vamos nos casar.

— Tudo ótimo, pai. — Aproximo-me e lhe estendo a mão em cumprimento. — Clara e eu estávamos apenas conversando.

Sim, conversando, mas só se no seu dicionário, o conceito para conversa seja o amasso que estava dando na minha garota que permanece calada e com o corpo grudado ao meu.

Se ela soubesse que essa cara de mau do seu Agenor é apenas uma fachada.

— Conversando? — fala com ironia. — Interessante essa conversa de vocês. É sua secretária, meu filho? — pergunta, enquanto se dirige para o sofá, palco do nosso recente amasso.

— É quase isso.

Quase e um pouco mais.

— Seu Agenor, essa aqui é a Clara, minha namorada — falo, decido a não cometer os mesmos erros.

— Namorada? Ela não é muito novinha para você? — indaga, mais surpreso do que outra coisa.

Isso porque Clara aparenta ter uns três anos a mais que sua idade. Se ele soubesse a real.

— Nem tanto, acabei de completar 18 anos, senhor.

Puta que pariu!

Ela resolveu falar logo agora?

— Dezoito? — Ele lhe avalia com atenção. — Tem um bom gosto, meu filho, ela é muito bonita.

— Obrigado(a) — falamos juntos, já que o elogio foi feito para nós dois.

— Os convites já estão prontos? — Meu pai se refere aos que confeccionamos para a festa de lançamento da edição de aniversário. — Vim pegar alguns.

— Claro que sim, pai — Volto-me para Clara e peço:

— Amor, você pode fazer isso por mim?

Peço, pois além de saber que eles estão nas mãos da Elga, também sei que papai quer falar a sós comigo e, como a garota esperta que é, minha namorada confirma e logo se retira da sala.

— Dezoito anos, Henry? — Tendo a mesma mania que eu, seu Agenor se levanta e puxa os cabelos que ainda tem para trás. — Você está saindo com uma garota de 18 anos.

— Pensa pelo lado positivo, ela pelo menos é maior de idade — justifico, escondendo o fato de que ela ainda tinha 17 quando começamos a ficar. — O senhor ver minha relação como um problema?

— Por mim não tem problema — fala —, mas não existe só eu no mundo. O que as pessoas vão pensar? O dono disso tudo, saindo com uma colegial e que aparentemente é de classe inferior a nossa.

Papai fala tantas bobagens de uma única vez que fica até difícil decidir o que mais me surpreende, se é o fato de ele ser tão alienado em seu mundo a ponto de não saber que o nome do filho e da nora já está na boca do povo ou se é perceber a importância dada para essa bobagem de classe social.

— Eu não me importo com o que as pessoas vão achar da idade da minha namorada, papai, e muito menos com essa besteira de classe social — esclareço. — Acho que o senhor deveria fazer o mesmo.

— Eu me preocupo com você, Henry. Já tem 34 anos, mas nunca teve a oportunidade de saber o preço de alguma coisa e nem quanto o mundo lá fora é cruel. — Aproxima-se e toca o meu ombro. — Então, se realmente gosta dessa menina, tenha em mente que nem sempre as coisas serão fáceis para vocês. As diferenças vêm, aparecem pessoas para atrapalhar, mas se for verdadeiro, você vai saber lidar com tudo isso e proteger a sua garota.

— É de verdade, papai, eu amo a Clara. E não há ninguém que me convença do contrário. Nem mesmo a dona Carmem.

— Sua mãe?

— Eu tenho certeza de que ela não falou da existência de uma namorada para o senhor e se estiver falado, se referiu como um caso sem importância, não foi? — me afasto e exasperado, sento na ponta da minha mesa.

— Sua mãe não chegou a mencionar o fato de você ter uma nova namorada.

— É claro que não — dona Carmem não poderia ser mais óbvia nas suas intenções.

Passa pela sua cabeça que o fato de ignorar a existência da Clara tornará a nossa relação menos real?

— Tenta entender o lado da sua mãe, meu filho. É difícil para ela e até mesmo para mim. Até alguns minutos atrás eu achava que você ainda namorava a Lúcia.

Caralho! Esse papo de novo, não.

— Esse namoro nunca existiu, papai, a não ser na cabeça de vocês, dos pais dela e da própria Lúcia.

— Não nego que era um desejo meu e do compadre — confessa o que estou careca de saber.

— Mas o que importa são as minhas vontades, e quanto mais rápido se acostumarem com isso, melhor será.

— Você fala de um jeito, meu filho, gosta mesmo dessa garota — Mais calmo, meu pai que sempre foi mais compreensivo, volta a acomodar-se no sofá.

— Muito, pai — digo, sem pestanejar. — Por mim esse namoro já

deu mais que certo. E a mim não importa o que as pessoas, família ou mídia vão dizer da nossa diferença de idade ou classe social, enquanto a Clara me quiser, eu vou ficar com ela.

— Fico feliz, Henry — diz e me surpreende. — É muito bom te ver falando assim de uma mulher e estar finalmente levando uma a sério.

— Mas sério que o senhor pensa — falo enigmático e antes que ele questione, trato de mudar de assunto. — Animado para a festa? Pergunto sem revelar quem será a capa da edição. Vou deixar que descubra no dia. Depois de se aposentar, papai não se envolve com mais nada do processo editorial, pois confia cegamente no meu trabalho e deixa tudo nas minhas mãos.

Não vejo a hora de ele e de todos verem o quanto a minha menina é linda e talentosa.

— Já participei tantos anos que já não tenho tanta vontade de comparecer nesses eventos. Se faço isso, é só para cumprir o protocolo mesmo.

Seu Agenor não diz nada além da verdade. Enquanto mamãe fica de um lado para o outro atrás das amigas dondocas, papai fica apenas o tempo suficiente para cumprimentar os colegas, fazer o discurso e depois ir embora.

Eu, como o bom solteiro que um dia fui, só ficava comportado na primeira hora, no decorrer da noite e depois de uns bons *drinks*, ficava soltinho e pronto para a caça. No fim da noite, saía com uma ou até mais de uma conquista debaixo do braço, rumo a um hotel qualquer. Tudo para ter uma noite de sexo e que no fim do dia resultava em nada além de uma ressaca e constrangedoras despedidas.

Esse ano vai ser diferente, dessa vez estarei não só com a minha namorada, mas também com a principal modelo da noite. Tudo o que eu espero é que entendam bem o recado e no final da festa tudo esteja no lugar.

— Sei que o senhor prefere estar na frente da TV e fumando um bom charuto — brinco, no mesmo momento em que com uma batida discreta na porta, a minha gata entra na sala.

— Com licença! — Lanço um sorriso mostrando que chegou no momento certo. — Aqui estão, senhor. — Entrega alguns convites nas mãos do meu velho e dessa vez a sua reação é bem melhor do que na hora em que chegou.

— Obrigado, querida. — Meu pai, carrancudo, sorri com sinceridade e toda tensão some do rosto da minha menininha. — Sem bem-vinda a nossa família.

— Obrigada — devolve.

Quem a vê assim toda sem jeito é capaz de imaginar que exista alguma veia tímida e a verdade não poderia ser mais diferente. Minha gatinha é extrovertida e bocuda. Para algo lhe deixar sem fala tem que ser uma situação bem inusitada.

Tão inusitada quando essa frase do papai, que não poderia ter soado melhor aos meus ouvidos. Tê-lo do nosso lado é como ter metade do caminho andado, caso seja preciso enfrentar alguns obstáculos.

— Faça o meu menino feliz e nós vamos ser bons amigos.

*Ai, não, velho! Meu menino?*

Não é como se eu fosse a mulher da relação. Papai precisa se controlar, senão daqui a pouco é a Clara quem estará me chamando de meu menino.

— Pode ter certeza de que farei — afirma.

— Já faz, meu amor. Você não tem ideia do quanto.

— Bom, agora deixa eu ir, a sua mãe deve estar arrancando os cabelos por causa desses convites. Foi um prazer, querida. — Meu pai dá um beijo na testa da Clara e antes de nos virar as costas, fala:

— Até mais, meu filho. E vê se vem em casa visitar seus velhos, assim nós saberemos que você está vivo.

— Que ótimo filho você é— Clara fala, assim que a porta se fecha.

— Pelo papai eu ainda estaria morando com eles, meu amor — digo ao enlaçar a sua cintura e só não ouço o seu protesto porque o painel ainda está abaixado e não tem ninguém nos vendo bem tranquilos, agarrados contra a mesa.

— Ainda bem que você não o ouviu. Deus me livre ter um namorado morando com os pais.

— Teríamos que transar debaixo do mesmo teto que os velhos. — Uma ideia não muito boa passou pela minha cabeça. — Vamos mudar de assunto, não quero pensar nisso.

— Seu bobo — ela me ofende, mas fica na ponta dos pés e deixa um beijo no meu queixo.

— Falando nisso, vem comigo hoje, meu amor. Por favor? — peço, com a minha cara de cachorro sem dono.

— Esqueceu do castigo? — Solta dos meus braços e começa a explicar. — Por esconder coisas: você vai ficar sem sexo, até segunda ordem.

— E quem falou em sexo?

*Eu falei, porra!*

— Só quero dormir com você, hoje. Dormir juntos não vai contra o castigo — insisto, pois como diz o ditado: quem não chora, não mama.

— Você não tem jeito — fala, começando a se dar por vencida.

— Sem sexo, eu juro.

É como diz um outro ditado: quem jura...

— Tudo bem, você venceu.

— Eu te amo, porra! — Feliz da vida, desencosto da mesa e lhe agarro novamente, distribuindo beijo por todas as partes do seu rosto.

Quem me vê tão feliz pode pensar que acabei de ganhar na Mega-sena, mas a realidade é que apenas ganhei uma noite com a minha própria namorada. Conquista essa que é quase como ganhar na loteria.

— Tá legal, me deixa ir. — Clara foge novamente. — Meu menino.

Meu menino, de novo?

— Volta aqui, sua diaba — chamo, mas ela já saiu da sala.

*É, meu amor, hoje nós vamos testar toda a sua capacidade de resistência.*

Vamos saber o quão durona você pode ser.

# Tentação

Clara

— Nossa, que sensação boa — falo assim que Henry abre a porta e eu me jogo com tudo em cima do sofá do pecado, além de jogar os sapatos de saltos altíssimos em qualquer canto da sala. — Acho que nem sinto mais os pés.

— Vem, *num* segundo eu faço essa dor sumir.. — Henry tira o próprio tênis, vai até o painel da TV e de lá de cima pega um tubo de creme.

Sim, tinha um tubo de creme em cima do painel, acontecimento típico dos solteirões que não sabem viver sem a presença de uma mulher. Eu até imagino a loucura que seria a sua vida se não fosse a Rita para dar um jeito na bagunça.

Quando senta distante o suficiente para que eu ainda tenha espaço para esticar as pernas, meu namorado as pega e coloca os meus pés castigados em cima do meu colo. Depois, Henry derrama uma pequena porção de creme em cima da mão e começa uma deliciosa e relaxante massagem.

— Assim....com mais força, amor. — Aos suspiros, dou instruções no seu serviço, sem imaginar o que se passa na sua mente safada.

— Menininha, é melhor você calar a boquinha. Essas suas frases e gemidos estão deixando as coisas um pouco duras aqui embaixo — avisa, sem parar o que está fazendo.

— Você é inacreditável, Henry. Está excitado com uma simples massagem nos pés? — Faço-me de sonsa, pois sei exatamente qual é o seu ponto fraco.



— Não sei em que mundo ouvi-la pedir gemendo para fazer algo com mais força não iria remeter a outra ocasião em que você pede a mesma coisa. E você sabe que eu fico louco por ouvir a sua voz na hora do sexo, não é mesmo?

— É óbvio que eu sei, por isso faço — revelo.

— Faz porque é uma safada e gosta de me levar ao limite — fala entredentes na mesma hora em que dá um apertão no peito do meu pé.

Parece que alguém aqui está tenso.

— Não nego porque é verdade. Mas, mudando de assunto: o que seu pai te falou? — pergunto.

Não queria ser tão curiosa, mas isso infelizmente é uma coisa que não consigo controlar. A situação fica pior quando sei que sou a pauta de uma conversa.

Longe de mim querer ser convencida ou algo do tipo, simplesmente não tem como não ter sido o tema da conversa, depois que o velho nos pegou no flagra. A situação foi tão constrangedora que nem sei como consegui sair andando para fora da sala.

— Coisas que você não iria gostar de saber. — Henry até tenta, mas sabe que não vai me fazer desistir.

Era sobre mim, porra! Quem sabe ser o tema de uma conversa e não fica curioso para saber o que foi falado? Acho que nem a pessoa menos curiosa do mundo deixaria isso passar batido.

— Eu não gostaria, mas eu quero saber. — Tiro meus pés que estão novinhos em folha da sua perna e ao cruzar uma sobre a outra me sento virada de frente para ele. — Vamos, lindo, pode começar a falar.

Exasperado com a minha insistência, ele joga a cabeça para trás e depois de soltar profundas respirações, volta a me encarar e pelo seu jeito, sei que vai começar a falar.

Só espero não me arrepender pela teimosia.

— Papai achou um absurdo eu estar namorando uma pessoa tão jovem como você e de classe social inferior. Essas foram palavras dele.

Tá, parece que já me arrependi.

Poderia ter ido dormir sem essa? Poderia.

Eu vou? Não, não vou e isso eu devo a minha curiosidade e insistência.

— Achei pesado — digo sorrindo, mas a vontade é de chorar.

Henry também está dando uma risadinha e não entendo o porquê. A regra aqui é clara: eu posso rir da minha desgraça, ele não.

— Desculpa. — Espera um momento até conseguir se manter sério e depois continua. — Depois do susto inicial ele mudou de ideia.

— Mudou? — Fico bastante surpresa já que o senhor tem cara de ser ranzinza. — Posso saber o nome do santo que operou o milagre?

— Esse santo aqui. — Convencido, aponta para si mesmo. — Depois de ver o quanto gosto de você e levo a sério o nosso namoro, meu pai entendeu que nada que ele falou me importa e não serão opiniões preconceituosas que irão nos afastar.

— Você é lindo, sabia? — Aproximo-me e lhe dou um beijinho nos lábios.

— Só lindo? — O safado vem jogar charme.

— E gostoso também. — Henry começa a achar graça e eu trato de cortar as suas asas. — Fica aí mesmo, não esqueça que você jurou.

— Sabe o que dizem sobre os juramentos?

— Você não vale o feijão que come, Henry — falo, quando me dou conta na armadilha que caí.

— Fazer o que se não consigo ficar longe da minha branquinha? — fala, como se fosse uma coisa simples.

E talvez seja mesmo. Tento dar uns castigos para ver se ele se emenda, mas a verdade é que Henry faz mais coisas que me alegram do que coisas para irritar.

É um sem vergonha, mas, é o meu sem vergonha.

— Além disso, você deveria me agradecer, pois com o papai do nosso lado, metade dos nossos problemas estão resolvidos.

— E a outra metade é a sua mãe? — Ele nem precisa de muito para me fazer perceber que a sua mãe não vai aceitar tão na boa como foi com o pai.

— Minha velha é osso duro — confessa. — Mas nada que eu não consiga dobrar.

— Isso porque ela nem me viu ainda. Quando conhecer vai ter certeza de que você deveria estar com a Lucinha.

— Uma pena para ela que eu esteja e vou continuar com a minha Clara — declara e volta a puxar as minhas pernas para cima do seu colo. — No

início talvez, seja mais difícil, depois vai entender que nesse caso o que vale são as minhas próprias escolhas e eu escolhi você e não a Lúcia.

— Muito esperto esse meu namorado — brinco e enquanto vejo a sua mão fazer movimentos de subir e descer pela minha perna, penso no quanto foi providencial ter ido trabalhar de calça jeans. Do contrário, Henry que não gosta muito de cumprir com os combinados, já estaria com a mão dentro da minha calcinha. — Soube fazer a melhor escolha.

— Quero um beijo. Acho que estou merecendo depois de ter conseguido dobrar o velho — pede o esperto.

— Queria ver se fosse a sua mãe. — Não quero nem pensar no dia em que estarei frente a frente com ela, porque só de ouvir falar já sinto até os cabelos do cu arrepiarem.

— Se fosse mamãe o trabalho seria dobrado, então eu iria querer a sua boceta e não apenas um beijo. Não que eu esteja desdenhando do beijo, longe disso. Na situação em que estou, um beijo é quase como fazer sexo, só que com a boca.

— Sabe nem se vai ganhar um beijo — provoco.

A verdade é que sou uma fraca e não me respeito. Eu impus o bendito castigo e já no primeiro dia estou doida para dar muito mais que um beijo

— Só um, amor. Senta aqui um pouquinho. — Tenta me puxar pelas pernas para cima do seu colo.

— Beijo, mas sem encostar na cobra.

Imponho a minha condição, pois sei muito bem onde essa sentadinha vai nos levar. A história é sempre a mesma, Começo sentada em cima das suas pernas e termino pulando em cima do seu pau.

— Se vier, eu deixo você escolher a série que iremos assistir mais tarde — tenta negociar.

Você não vai conseguir me comprar, meu bem.

— Esqueceu que eu já faço isso?

— Tudo bem, eu deixo você comer todo o recheio da minha pizza. Joga baixo por saber que eu adoro essas porcarias e quando vejo já estou montada em cima dele.

Como você se vende fácil, Clara. Por alguns pedaços de pizza, é sério?

— Não se empolga, são só alguns beijos. Quero as suas mãos bem longe dos meus peitos e principalmente, da minha calcinha.

— Cala a boca! — Já tem a mão na minha nuca. — Você sabe que não sou de descumprir promessas — termina de dizer e em seguida tem a língua invadindo a minha boca.

O Henry comportado? Nunca existiu. O que temos aqui é um homem que beija com uma fome equivalente a uma pessoa que passou uma semana na seca do deserto. Durante o beijo gostoso, porém desajeitado, eu tive que ser rápida o suficiente para conseguir curtir o momento e continuar dando tapas na mão dele a cada vez que ela tenta entrar por baixo da minha blusa ou abrir o zíper da minha calça.

Na medida do possível eu estava me saindo bem, mas o fogo na piriquita começou a ser maior que a rapidez das minhas mãos e já estava prestes a arrancar as minhas próprias roupas quando o som alto do interfone ressoou pelo ambiente.

Salva pelo gongo. Ou não...

— Deixa tocar — interrompeu o beijo só para falar isso e como um louco, voltou a me beijar como se fosse morrer hoje.

— Henry... — Com a boca formigando e a calcinha em chamas, me vejo obrigada — mais uma vez — a ser a responsável da relação. — A nossa pizza, eu não quero dormir com fome.

— Porra, tinha até esquecido desse caralho. — Gentilmente senta-me sobre o sofá, mas antes de levantar repara em algo impossível de se ignorar.

— Você pode ir lá para mim, gatinha? — Nós dois olhamos para a sua calça e ela não é capaz de esconder a ereção monstruosa. — Parece que as coisas estão um pouco duras por aqui.

— Pode deixar — Dou uma última olhada na bela imagem e vou pegar a pizza, mesmo estando incomodada por sentir as evidências da minha própria excitação a cada passo dado.

Depois de pagar o entregador e pegar a encomenda cheirosa, Henry e eu fomos para a cozinha e sentados cada um em uma banqueta, sem dizer uma palavra, comemos a massa. Eu só não sei como isso aconteceu, tendo em vista a situação tensa em que nos encontramos. A tensão sexual é tão grande que foi um milagre ninguém ter se engasgado e termos conseguido comer mais que um pedaço.

— Quer ficar aqui mesmo ou ir lá para o quarto? — Henry pergunta,

depois de termos terminado de jantar e escovar os dentes.

— No quarto é melhor. — Sentada ao seu lado no sofá e já tendo escolhido a série que vamos começar a assistir, dei a resposta que ele queria ouvir e eu esperava responder. — É melhor, pois se o episódio estiver chato já estou no lugar certo para pegar no sono.

— Sim, pegar no sono. — Não acreditamos nessa minha frase.

Não com esse clima quente e tensão sexual que nos envolve. Henry me chamou para assistir no quarto apenas para facilitar a minha vida, pois ele sabe que eu desisti da greve de sexo, porém, sou orgulhosa demais para admitir em voz alta.

— Vamos? — Meu namorado segura a minha mão e olhando-me de forma intensa, seu rosto revela com nitidez a forma como a noite vai terminar, afinal, já vimos esse filme antes.

# *Nas tuas mãos*

Henry

*Você é muito foda, cara. A tua gata já está no papo.*

É hoje que a seca do deserto do Saara acaba.

Esse é o meu pensamento enquanto manjo a bunda gostosa da minha garota que caminha tranquilamente para a toca do lobo, rebolando a sua bundinha empinada e gostosa. Vê-la assim, toda durinha, traz pensamentos nada puros e que eu não tenho coragem de compartilhar com a minha carne de pescoço.

Se eu o fizesse neste momento em que mal quer me dar um beijo — um castigo que admito ter feito por merecer —, é capaz de ela arrancar as minhas bolas com os próprios dentes.

Veja bem, eu disse neste momento, não significa que não terei a ousadia de tentar e conseguir — diga-se de passagem —, convencê-la a liberar a porta dos fundos.

Algum problema aí, amor? — da porta do quarto, Clara pergunta ao perceber que fiquei para trás e provavelmente olho para o seu belo traseiro da forma que os cachorros babam frangos na porta de uma padaria.

Porra! Essa abstinência — que não tem dois dias —, está me matando.

Eu preciso transar, quer dizer, eu preciso transar com a minha namorada.

Se fosse só pelo sexo e eu ainda fosse o antigo Henry o problema já estaria resolvido, ou melhor, não teria nem existido. Eu simplesmente iria a um barzinho qualquer, pegaria a primeira mulher que me interessasse e partiria para o ataque.

O diferencial é que hoje só serve essa boceta, só quero essa mulher. Ela me testa em um grau que nenhuma outra conseguiu e duvido que consiga e ainda assim não me vejo vivendo sem ela.

É a minha Clara, a metida a durona, a carne de pescoço, mas que sou completamente apaixonado e não trocaria por sexo com outra mulher.

Por ela fico de castigo até por um mês. Só não prometo não tentar — e muito — acabar com a sua imposição.

— Problema nenhum. — Quando decido responder, vejo que ela já não está mais na porta. Pela demora, é capaz de o filme ter acabado e ela já estar dormindo.

*Vira essa boca pra lá, homem.*

Quando entro, a visão que tenho é forte demais para o meu frágil coração e pau judiado.

Propositalmente — ou não — a minha gostosa decidiu que seria uma boa ideia — e achou certo — tirar a calça e se deitar em cima da nossa cama, vestindo somente a camisa que já usava e uma calcinha de cor clara que nem é a mais sexy do mundo, mas para mim, é como se fosse a mais cara lingerie da *Victoria Secrets*. Se os bicos salientes dos seus seios espetando a camisa não for prova suficiente, o sutiã jogado no chão não deixa dúvidas de que a essa altura, as minhas duas delícias respiram aliviadas e sem nada os prendendo.

— Amor, você está quase babando. Sou só eu deitada aqui — a safada está deitada de lado e com o traseiro virado contra a parede — nessa cama aconchegante e ansiosa para assistir alguma coisa. Você não está?

Clara — sem o menor medo do perigo — me provoca descaradamente.

Medo do perigo, a quem estou querendo enganar? Eu ofereço um total de zero perigo para essa gatinha e é por isso que me tem na palma da sua mão. Quando penso que fui mais esperto e consegui driblar a sua capacidade de resistência e burlar o castigo, ela com toda essa cena sexy como o inferno, mostra-me mais uma vez que a decisão de escolha está nas suas mãos e se vamos transar ou só assistir, vai ser porque ela assim o decidiu.

Perceber isso é entender o porquê de ela me fascinar dessa forma. Como poderia ser diferente se ela é o oposto de tudo que já conheci?

É frágil na estatura, mas é forte de caráter e personalidade, é jovem na idade, mas madura o suficiente para barrar mulheres que têm dez anos a mais

que a sua idade.

— Não tem como existir a palavra "só" e você na mesma frase, menininha. — Sobre os joelhos, arrasto meu corpo para perto, deito ao seu lado e, deixando os nossos rostos bem próximos, completo:

— É o meu amor, que me desafia na mesma medida em que me deixa mais apaixonado a cada minuto passado ao seu lado — declaro, finalizando com um beijo no seu rosto.

— Não sei como lidar quando está no seu modo fofo, Henry — diz.  
Fofo? Eu não sou fofo.

— Querida, me chama de lindo, gostoso, *roludo*, só não chama de fofo — peço, ao levantar minimamente e tirar a minha camiseta.

Preciso de contato, de uma maior proximidade com ela. Do nosso suor misturado, eu metendo com força. Só preciso estar nela.

— Que bobagem — desdenha do meu pedido e ainda dá uma risadinha sacana. — Ser fofo não vai te fazer menos macho — Provoca. — Seu fofo.

— Isso foi fofo o suficiente para você, fofinha? — pergunto, logo depois de dar uma palmada, apenas com a força necessária para não machucá-la.

— Filho da puta, não faz isso. — levanta a blusa a passa a mão na nádega ardida. — Se eu ficar marcada, você me paga, esqueceu que agora tem uma namorada aspirante a modelo? — pergunta, mas os meus olhos e meu foco estão na blusa levantada na altura dos peitos deliciosos.

— Não esqueci e prefiro não lembrar disso — digo, agora fitando o seu rosto.

Saber que Clara pode realmente se tornar uma modelo de sucesso, tanto me alegra quanto me enlouquece. Alegra por motivos óbvios, enlouquece por motivos mais óbvios ainda. Fico doente de ciúmes só de pensar.

— Macho, possessivo.

— Não era fofo até agora a pouco? — Deitado de lado, assim como ela, aproximo meu corpo até que eles estejam quase colados.

— Esse é você, Henry. Consegue ter atitudes opostas em questão de minutos — explica e começa a passar a mão macia pelo meu peito, tornando as coisas mais duras do que já estão.

— Por sua causa, linda. — Passo a língua no mamilo excitado por cima da blusa. — Tira — peço, vendo a mancha da minha saliva deixar a camisa



transparente. Não aguento esperar mais, ou eu como essa gostosa ou morro no próximo minuto.

— Nós não vamos assistir ao filme? — Faz charme, mesmo já estando sentada, tirando a camisa. — E se eu sentir frio? — A peste faz a cara mais sensual que vi na vida e agora sou eu quem começa a suar frio.

Meus olhos não conseguem se desviar dos seus seios, da sua barriga e nem da sua calcinha brega. Ou seja, toda ela parece comestível neste momento.

— Não vai ter filme nenhum, querida. — Sento na sua frente e não me contenho sem beliscar os bicos durinhos dos seus seios. — Você sabe o que vamos fazer aqui e por isso me chamou — digo, ao pular da cama e tirar a calça, ficando só de cueca, assim como ela usa somente a calcinha da vovó.

— Foi você quem chamou — afirma com pose inocente.

— Chamei, pois era exatamente o que você queria — devolvo. — Eu te conheço, amor, sabia da desistência do castigo no exato momento em que me deixou beijá-la daquela forma. — Trago as suas pernas para cima do meu colo e com as mãos enlaço a cintura fina, deixando-nos o mais próximos que a posição permite.

— Nem sei do que você está falando — a voz sai ofegante, quando já não consegue esconder o tesão por estar recebendo provocantes mordidas na ponta da orelha.

— Sabe, sim. — Agora os beijos vão tomando o caminho do pescoço. — Você quer transar, minha gata. Admite.

— Quero e vou! — Afasta o pescoço da minha boca e numa mudança brusca de atitude, a menina segura a minha mandíbula com firmeza e com os rostos praticamente colados e olhando dentro dos meus olhos, ela dá o seu recado. — Experimenta mentir mais uma vez para ver o que te acontece.

Ela fala com tanta seriedade que chego a ter medo da sua firmeza.

Deus me livre de pisar novamente na bola. Do jeito que a minha mulher é, ficar sem sexo seria o menor dos meus problemas. Pior seria ficar sem pau.

— Não vou, gatinha. — Tentado fazê-la esquecer do assunto, tiro calmamente a mão da minha mandíbula e a desço para frente da minha cueca, que milagrosamente não está furada pelo tamanho da minha excitação.

— Pelo bem do seu parque de diversões, eu prometo não mentir mais, senhora. — Tento brincar, só tento mesmo, pois na hora que a safada me aperta com mais força por cima do tecido, eu imagino quanto tempo vai demorar

para eu gozar na sua mão. — Também não quero deixar a minha amiguinha solitária.

Assim como ela, levo a mão até a frente da sua lingerie e com o dedo indicador, passo a acariciar a boceta, onde a calcinha de cor clara não consegue esconder a evidência da sua excitação.

— Tão molhadinha. — Acelero os movimentos e em contrapartida, ela me masturba com maior avidez.

Putaquepariu! Eu preciso acalmar as coisas, senão vou gozar neste exato minuto e isso quero fazer quando estiver dentro dela.

— *Me beija*, Clara — com a voz rouca de tanta vontade, peço e em milésimo de segundo já lhe tenho em cima do meu colo, devorando a minha boca em um beijo que é exatamente o que gostamos de dar.

Em um duelo de línguas afoitas e para ver quem está mais ofegante, aperto o corpo da minha garota, nos deixando ainda mais colados. Com o meu peito esmagando os seus seios, separo as nossas bocas e com a respiração curta, declaro:

— Como eu estava com saudades de te sentir assim tão próxima, meu amor. — Curvo o seu corpo um pouco para frente e abocanho um seio enquanto, com a mão direita, sustento o peso do seu corpo ao segurá-la pela cintura.

— Ahhh! — ofega, rebolando em cima do meu sexo, talvez em busca de algum alívio para o fogo que nos consome vivos. — Eu também estava, querido — consegue completar e dou uma mordidinha dolorosa no seu mamilo sensível, para depois aliviar com uma longa chupada.

— Ai... — Clara se contorce sobre as minhas pernas. — Eu preciso...

— Sei exatamente do que você precisa, gostosa. — Levanto seu corpo novamente e quando a tenho próxima continuo. — Esta noite vamos foder tanto que amanhã não estaremos sentindo as pernas — prometo aos trancos, depois de sentir a sua mão puxar meu pau para fora da cueca e começar a me masturbar com movimentos de subir e descer. — Neste momento, eu preciso estar dentro de você mais do que preciso respirar — falo contra a sua boca e meu amor apenas balança a cabeça, como quem concorda com as minhas palavras.

Louco por senti-la por inteiro, desço minha mão até a sua, auxilio nos movimentos por alguns segundos e depois de soltá-la, levo até a calcinha e afastando o tecido para o lado, finalmente peço:

— Eu quero você, amor, agora — falo, com tom de súplica na voz, pois sei que é ela quem está no comando dessa vez.

Sei que errei e o quanto isso aqui é importante para nós dois. Ela precisa se sentir segura da nossa relação, saber que estou disposto a ceder e quem sabe trazer de volta a sua segurança em nós, pois sei que por mais que não demonstre, tudo o que aconteceu abalou um pouco da sua confiança.

É um sentimento que fica enraizado, somente esperando um mínimo acontecimento fora da rota para vir à tona e acabar com o que dia após dia, estamos construindo.

Ousada como só ela consegue ser quando quer, minha safada segura o meu pau em riste e depois de levantar a cintura na altura necessária, me coloca para dentro e começa lentamente a sentar.

— Isso, gostosa. — Com as duas mãos apertando as bochechas da sua bunda — segurando-me para não perder o controle e meter com força — e deixo que ela tenha o controle de pegar o quanto quiser de mim. — Tão apertada.

— Que delícia — geme e vai descendo pouco a pouco, até ter-me completamente dentro dela. — Uhummm — ofega, quando começa a subir e descer de maneira lenta, torturante.

— Mais, minha gostosa. Eu quero mais — Estou implorando e, ao olhar-me com malícia, minha namorada tira as minhas mãos da sua bunda e leva para a cintura, fazendo-me entender o que quer.

— Com força, Henry — antes que termine de pedir, já a tenho pulando e com os peitos praticamente batendo na minha cara.

— Como eu amo te comer, pequena. — Pingando de suor pelo esforço que a posição requer de nós dois, desacelero, assim que percebo seu corpo denunciar o gozo iminente. Deito-a de costas sobre o colchão, coloco suas pernas em cima dos meus ombros e lhe proporciono as penetrações mais intensas e profundas que já experimentamos.

— Caralho... — Transparece o desejo de gozar, quando a boca suja começa a aparecer. — Eu quero...

— Fala, safada. — Meto com força até o fim. — Pede e eu te dou. — Tiro quase todo e quando está só a cabeça, volto a enfiar com força e rapidez.

— Vou gozar, eu não aguento mais — choraminga, com o rosto divinamente suado e os cabelos finos grudados no seu rosto. — *Me faça gozar, porra.*

— Agora, gostosa. — Penetro-a mais algumas vezes e quando

estimulo seu clitóris nós dois quebramos em um orgasmo de tirar as forças e arrepiar até os ossos, de tão intenso que foi.

— Porra, eu estou no paraíso. — A ponto de morrer e ainda sem sair de dentro dela, permito que meu corpo suado desabe sobre o seu e tomando cuidado para não sufocá-la, ainda consigo perguntar:

— Gostou do filme que você escolheu, amor?

# *Dia seguinte*

Clara

*É uma sensação estranha... Sei que é algo molhado.*

Já sei, é como se eu estivesse me afogando, é isso, uma sensação gostosa de estar submersa na água.

— Hum — gemo em contentamento nesse calorzinho úmido. —  
Tão bom.

Espera um pouco. Desde quando estar se afogando é uma boa sensação?

— Acorda, meu anjo do pecado. — É uma voz gostosa e mais uma vez um calorzinho quente e molhado. — Tadinha dela, toda vermelhinha e inchada. — Um arrepio começa a subir pelos meus braços e eu não vejo outra saída a não ser sair do estado de preguiça profunda e lentamente começar a abrir os olhos.

Quando estou totalmente consciente, levanto minimamente a cabeça e só assim vejo que não estou me afogando coisa nenhuma. Pelo menos não o tipo de afogamento que a minha cabeça imaginou. Quanto ao meu sexo castigado, eu já não posso dizer o mesmo.

Com a cabeça no meio das minhas pernas, fui acordada por um Henry me chupando, como se ontem a noite não tivesse feito exatamente o que ele prometeu.

Com uma seca de dias, Henry e eu viramos a madrugada transando, só indo dormir com o dia amanhecendo e podres de cansados. Mas pelo visto, os quatro orgasmos ainda não foram o suficiente, já que ele me fita com a voracidade de quem não ver uma piriquita há anos. Eu também não fico atrás, se ele parece estar na seca, não sei o que dizer de mim que recebo as suas *linguadas* com o corpo prestes a entrar em combustão e com o entusiasmo de quem nunca

recebeu sexo oral. O entusiasmo é tamanho que não me seguro e começo a rebolar meu sexo na sua boca, enquanto mais acima aperto o bico dos meus seios em agonia.

— Está muito vermelha, acho que exageramos ontem à noite. — Levanta a cabeça por um instante e quando vê que já estou desperta, abaixa de novo e deixa um beijinho por cima.

— Continua o que estava fazendo, tenho certeza de que vai ficar melhor. — Ele me atende e recomeça o delicioso oral. — Como é bom, Henry — elogio. — Que gostoso!

Volto a jogar a cabeça sobre o colchão, mas não sem antes ter a imagem dele se masturbando enquanto com a boca trabalha a minha boceta.

— Como você é deliciosa, Clara! — Continua a chupar, agora intercalando com os movimentos do dedo indicador que faz movimentos de entrar e sair. — Goza para mim, linda. Quero que goze na minha língua, quero sentir o seu sabor.

Depois de pedir isso, o homem mais gostoso do que a minha sanidade pode aguentar, começa a estimular o clitóris sem deixar o que fazia antes. Se tudo isso não fosse o suficiente, o fato de estar hipersensível pelo sexo dessa madrugada com certeza o é, e eu acabo caindo num abismo chamando pelo seu nome aos gritos.

— Meu amor, sou viciado em você. — Dá uma última lambida e após deixar um último beijo, meu namorado fica de joelhos na minha frente, e observando todas as minhas reações, se masturba para mim, que não consigo desviar os olhos do pau robusto e marcado por veias avermelhadas.

— Está vendo o que você faz comigo, sua safada? — Estapeia a minha coxa com a mão livre, não me causando nada além de um leve formigar e uma intensa excitação. — Depois de você é assim que eu vivo, sempre pronto e louco de vontade de estar com você, dentro de você, minha gostosa. — revela em um vai e vem cada vez mais vigoroso. — Minha mulher! — Termina, e com um urro que parece o som de um leão enjaulado, Henry esporra na própria mão, deixando que gotas do seu esperma respingue na minha barriga.

Estando eu completamente nua e ele de joelhos, com o peito subindo e descendo em respirações curtas, permanecemos nos encarando com intensidade por alguns segundos, até que, sem deixar de me olhar, ele abre um belíssimo sorriso e diz:

— Bom dia, meu amor.

— Bom dia — cumprimento, espreguiçando-me. — Ótima maneira de acordar, por sinal.

— O que eu não faço por você, minha linda. — Abaixa até a altura do meu corpo e deixa um beijo no meu seio. — Agora, fica aí quietinha, o seu homem vai cuidar de você.

Fala, ao levantar-se e sumir dentro do banheiro, para depois de um minuto reaparecer limpo, gloriosamente nu e com uma toalhinha na mão. Com gentileza, meu amor se ajoelha próximo ao meu corpo e primeiro limpa a minha barriga, para depois deslizar para o meu sexo. Ao chegar lá, ele observa o serviço com um semblante preocupado, ainda mais quando reteso pelo toque.

— O que foi querida, está doendo? — Com extremo cuidado, ele limpa e apressa em responder:

— Apenas sensível, sabe como é, né? Excesso de uso. — Tento e consigo tirar um rastro de sorriso do seu rosto.

— Está inchada e um pouco vermelha. — Com o dedo, passa a mão de maneira superficial e eu volto a retesar, só que por outros motivos. — Acho melhor a gente dar um tempo. — Decide, abrindo a tampa da pomada — que eu não tinha reparado na sua mão —, e passando delicadamente em cima do meu sexo sensível.

— Como assim, dar um tempo? – pergunto alarmada.

Mesmo com a minha falta de experiência, sei que essa frase dita entre um casal de namorados não é um bom sinal.

— Dar um tempo do tipo sem sexo, até que eu decida que é hora de fazermos novamente — diz, cheio de propriedade.

Parece que o jogo virou, não é mesmo?

— Tudo bem, não sou eu quem só pensa em sexo e não pode ficar pouquíssimos dias sem transar — digo, sabendo que sou capaz de agir da mesma maneira que ele, caso seja necessário.

— Cala a boca, amor. Fica aí com essa pose, mas é tão insaciável quanto eu. Apenas é mais orgulhosa para admitir em voz alta.

Até aí ele não disse nenhuma mentira, mas até disso ele é o culpado, o único responsável por tornar-me uma tarada, uma vez que não existe outro antes e nem depois dele.

— Prontinho, minha gostosa. — Fecha a tampa da pomada, assopra de leve e por último, deixa um beijo em cima do meu sexo. — Agora é só ficar quietinha que em breve, a minha amiguinha aqui estará pronta para outra.

— Eu não estou doente para ter que ficar em repouso, homem — falo e meu corpo discorda ao se ajeitar melhor sobre a sua maravilhosa cama.

*Só mesmo os ricos para terem uma cama como esta.*

— Você não, mas a minha bocetinha está. Portanto, você não vai sair daqui até que volte a andar de pernas fechadas. — O safado brinca e nem por isso deixo de perceber as suas reais intenções.

— Você não está querendo usar essa desculpa para me ter por mais tempo dentro deste apartamento, não é mesmo, Henry?

Analiso o seu rosto do perto assim que se joga ao meu lado e nem preciso de muito para ter certeza de que ele pensou nisso.

— Se você não quer que eu fale, não falo.

— É só pedir com carinho e eu fico, querido. — Olho para ele, que me observa querendo descobrir pelo meu rosto se estou falando a verdade ou o enganando.

— Amor da minha vida, Clara Aguirre, você poderia passar o dia aqui na minha casa. Prometo torná-lo prazeroso e a senhorita não irá se arrepender.

Ele resolve arriscar.

— NÃO!

Ele me olha tão surpreso que não aguento manter a pose e caio na risada.

É muito fácil pilhar o Henry.

— É óbvio que eu fico, seu bobo. — Arrasto-me mais para perto do seu corpo quente e deposito um beijo em cima da barriga dura e cheia de gominhos.

— Hoje é sábado e só quero curtir você e esse seu apartamento maravilhoso.

Falo sem vergonha de admitir o meu deslumbre com tamanha riqueza. São meses de namoro e ainda não me acostumei. Mas como acostumar-me com uma coisa que eu só via em filmes e novelas? Para mim, lugares como esse só existiam na TV.

— Fico feliz, gatinha. Hoje você vai me poupar de ir para o outro lado da cidade, apenas para colocar na sua cabeça teimosa a ideia de que os finais de semanas são nossos e isso não está em negociação — fala, beijando em seguida a ponta dos meus dedos.



A nossa rotina é exatamente do jeito que ele descreveu, todos os finais de semana é a mesma coisa. Se eu tenho o controle — que ele respeita à contragosto — de segunda a sexta, aos sábados e domingos, Henry não a aceita negociação. Eu tenho que estar livre para ficarmos juntos.

Não que eu seja obrigada ou não queira ficar esses dois dias ao seu lado, apenas curtindo o tempo que temos para ficarmos a sós. Pelo contrário, os meus dias mais prazerosos são esses que passamos coladinhos e nas poucas noites que me permito passar na sua casa durante a semana.

O problema todo — que nem é um problema de verdade e sim um fato da vida — é que muitas das tarefas da semana eu só tenho tempo para fazer aos fins de semana. Então, como dizer para um cara rico que não posso fazer tal coisa porque é dia de faxina? De lavar as minhas roupas, quando no meio da semana corrida entre a empresa e o colégio eu não tenho tempo de fazer?

E isso nem é culpa dele, pois eu não tenho coragem de falar os motivos, apenas o deixo pensar que estou fazendo cu doce, querendo ser mimada e convencida a fazer o que eu iria fazer de qualquer forma.

Sim, esse é só um dos inconvenientes de se namorar um cara rico, sendo uma pessoa pobre.

Eu poderia falar para ele, até porque não é nada demais. Pessoas normais e que não tem milhões na conta fazem isso todos os dias. Elas lavam, passam e fazem faxinas. O problema é a certeza de que meu o namorado iria querer tomar as rédeas da situação e resolver por mim coisas que passei a vida toda fazendo.

Henry iria no mínimo contratar alguém para ajudar Chica nas tarefas de casa, assim como pagou todas as dívidas do papai.

Não vou dar uma de orgulhosa e dizer que não aprecio esse seu jeito preocupado e cuidadoso de me tratar, seria até hipocrisia afirmar isso. Mas por outro lado, eu quero lutar as minhas próprias batalhas e principalmente, não deixar margens para que pessoas maliciosas me taxem como uma interesseira, coisa que certamente já fazem.

— Desculpa — peço e Henry fica sem entender.

— Não sei a que se refere, menininha, não tenho o que desculpar. Eu faço tudo por você. — Sobe a mão e acaricia a minha bochecha.

— Eu não quero te perder. — Sinto uma estranha necessidade de falar. — Não sei mais o que é viver sem você desde o dia em que me salvou de um destino incerto e se não fosse por você, poderia ter acabado de forma nada

feliz. Você é como um presente inesperado, o melhor que a vida poderia dar.

— Não vai perder, Clara. — Levanta o meu queixo para que o olhe dentro dos olhos e promete. — Não deixarei nada separar nós dois, vou atrás de você, onde quer que esteja.

O homem mais lindo e bondoso que tive o prazer de colocar os olhos diz e eu fico emocionada, pois algo me diz que as coisas não serão tão fáceis como a atual calma quer transparecer.

Só torço para que o nosso amor seja forte o suficiente para enfrentar o que vier pela frente.

# Tarefas

Clara

— Já vai! — Do quarto, consigo ouvir a voz da minha Chica, gritando para a campainha que toca sem parar em plena manhã de domingo.

Isso mesmo, domingo. Depois de passar a noite de ontem na casa do meu namorado, eu o convenci a trazer-me para casa e sai com a promessa de voltar depois do almoço e terminar o resto da tarde com ele.

Henry está tão feliz que propôs passarmos a tarde fora, deixando-me inclusive escolher o lugar do passeio. No entanto, estou tão atarefada com a lavagem de roupa, arrumação do meu quarto zoneado e do resto da casa, que ainda nem pensei para onde quero ir.

— Céus! Que zona é essa, minha filha? — Com uma vassoura em uma mão, passo a outra na testa suada pelo esforço feito em tirar a poeira debaixo da cama de solteiro.

Se Henry me visse agora, com essa cara suada e oleosa, o cabelo desgrehado em um coque no alto da cabeça e com essa camiseta folgada e shorts curto desfiado, quase pedindo socorro, ele certamente teria o seu primeiro momento de lucidez e se questionaria os motivos por estar me namorando quando poderia ter uma mulher que não precisa levantar nem o garfo que leva a boca.

— Deus me livre de viver assim, antes pobre a inútil — digo em voz alta, enquanto recoloco o fone de ouvido que poderia estar tocando:

(...) Queria ver madame aqui no meu lugar

Eu ia rir de me acabar

Só vendo a cantora aqui no meu lugar  
Tirando a mesa do jantar  
Levo vida de *empreguete*, eu pego às sete  
Fim de semana é salto alto e ver no que vai dar

Mas na verdade o que toca é um funk bem agitado, que me deixa mais agitada ainda. Não me permite ficar parada, enquanto faço as minhas tarefas domésticas.

Eu preciso te ter  
Meu fechamento é você, moção  
Eu não preciso mais beber  
E nem fumar maconha  
Que a sua presença me deu onda  
O seu sorriso me dá onda  
Você sentando, moção, me deu onda  
Que vontade de te ter, garota  
Eu gosto de você, fazer o quê?  
O pai te ama  
Que vontade de te ter, garota  
Eu gosto de você, fazer o quê?  
O pai te ama, é  
O pai te ama  
O pai te ama, é  
O pai te ama

— Meu pau te ama — canto a frase por diversas vezes e em nenhuma delas consigo usar a palavra pai. Simplesmente não tenho maturidade para isso. — Meu pau te ama. — Estou de costas e quando ainda dançando, dou um giro de quase noventa graus, fico a ponto de ter um treco por ver meu namorado lindo, rico e cheiroso, encostado no batente da porta e me encarando com um sorriso debochado no rosto.

Logo agora que remexo como uma lombriga sendo eletrocutada e tenho a aparência de um caminhoneiro que acabou de chegar de viagem e ainda não teve tempo de tomar banho.

— Meu pau te ama — repete o que acabou de sair da minha boca,

assim que eu arranco os fones do ouvido e deixo a vassoura cair, fazendo um barulho ruidoso contra o piso.

— Henry, o que você está fazendo aqui? — Estou completamente sem jeito e ele, como se fosse o dono do mundo, aproxima-se com toda a calma possível e pega um dos lados do fone. Fazendo isso e sem desviar os olhos de mim, nem por um instante, o sem vergonha o coloca no ouvido e com um rebolado que me faz chorar e não é pelos olhos, repete a frase que mais lhe interessa.

— Eu preciso te ter, meu fechamento é você, Moção...

*Minha nossa senhora das pobres pegas fazendo pobrises*, me dê paciência, porque se me der mais um pouco de fogo no rabo, eu pulo em cima desse homem gostoso do jeito que estou agora: suada, descabelada e provavelmente fedendo.

— Para de dançar assim, você está me desconcentrando. — Dou mais uma olhadinha no seu rebolado, antes de arrancar o fone do seu ouvido. — Quer dizer, está me atrapalhando. O que você está fazendo aqui, amor? Eu não disse que era para vir só de tarde?

— Disse sim, querida, o problema é que você esqueceu uma coisa lá em casa e eu tive que trazer. — Agarra a minha cintura e já vem beijar o meu pescoço. O plano dá errado quando envergo a cabeça para trás, quase como a menina do exorcista.

Vou muito deixar essa boca bonita tocar no meu pescoço suado e empoeirado, sim porque meu quarto tem tanto pó que não é preciso ir longe se eu quiser curtir uma brisa, basta morar no bairro onde moro.

— Não imagino o que seja e espero que seja algo muito importante para te fazer atravessar a cidade e vir até aqui, sendo que em poucas horas estaria entregando-me o que esqueci.

— É importante. — Coloca a mão no bolso e com um sorriso esperto no rosto tira lá de dentro um sutiã.

Sim, o algo importante é o meu sutiã que não encontrei de jeito nenhum na hora de vim embora. Não que na sua casa já não tenha várias peças de roupas minhas, arrumadas no seu closet e outros itens de higiene pessoal, mas a pressa de correr para a faxina era tanta que resolvi vim embora com os seios ao vento.

— UM SUTIÃ. — Tomo a peça da mão dele e começo a bater no safado com ela por todos os lados que consigo atingir. — Você veio atrapalhar

por causa de um sutiã? — Bato e bato mais um pouco e o Henry não faz nada além de gargalhar de maneira descontrolada.

— Desculpa, eu tinha que trazer. Não podia deixar essas belezas com frio. — Tenta pegar no meu peito e leva um tapa forte e estalado na mão.

— Está atrapalhando o meu serviço, não percebe? — Me joga na cama, frustrada e pouco me importando com o meu estado caótico e muito menos o do meu quarto. E daí que ele tem a cama abarrotada de roupas? Esse é o menor dos meus problemas.

— Então, esse é o motivo da sua resistência em ficar comigo em tempo integral durante os finais de semana, amor? — pergunta, como se o fato de eu fazer isso seja a coisa mais absurda do mundo.

Não sei se o absurdo está em fazer serviços domésticos ou em tentar esconder isso dele.

— Sim, Henry, pessoas normais, que não cagam dinheiro tem essa tarefa chata de cuidar da casa. Ela não se limpa sozinha — falo com rispidez e logo me arrependo. Meu amor não tem culpa de nada.

— Eu posso contratar uma pessoa para te ajudar, minha linda. — Senta ao meu lado e o olho com exasperação.

— Foi por isso que eu não te contei nada, Henry. Não te quero fazendo coisas por mim, como se eu precisasse da sua caridade. Deixa que eu resolvo os meus próprios problemas.

Falo completamente sem paciência, mas é só até olhá-lo e ver que ficou magoado com as minhas palavras duras.

*Você está sendo injusta, sua burra. Acalma-se, isso deve ser cansaço e estresse pelo calor.*

— Tudo bem, estou de saída. Não quero de forma alguma te atrapalhar. — Dá um beijinho nos meus lábios e vai na direção da porta. — Depois a gente se fala — finaliza e pelo tom de voz, sei que não está fazendo nenhum tipo de drama ou jogo, ele realmente ficou magoado.

— Henry, espera — chamo, um segundo antes de ele sair de vez e o meu pedido faz com que pare de andar, mas não que olhe para mim.

Ele fica na frente da porta aberta, de costas e esperando. Talvez decidindo se vale a pena ou não me ouvir.

— *Me perdoa*, fui injusta com você — admito. — Vem aqui, vem? — Bato no colchão e com passos incertos ele volta a se sentar ao meu lado. A essa altura, estou pouco me fodendo para aparência e todo o resto.

— O que está acontecendo, princesa? — Vira o rosto para mim e cheio de uma compreensão que nem mereço, tenta entender.

— Essa aqui sou eu. — Olho em volta da minha bagunça, dos rodos e produtos de limpeza. — Eu sei que pode e quer ajudar, agradeço muito por isso.

— Então, qual é o problema? Você é a minha mulher e se eu não puder ajudar você, para que serve tanto dinheiro? — fala e isso faz muito sentido na sua cabeça. Talvez faça na minha também, mas com certeza não faria na de outras pessoas.

— Eu não quero dar espaço para que achem que estou com você por causa da sua grana e do que pode fazer por mim, entende? Preciso conquistar as minhas próprias coisas, inclusive limpar a minha própria bagunça.

— Eu amo você — declara e sei que mesmo contrariado e não concordando, acabou respeitando as minhas decisões e entendendo os meus motivos. — E já que a grana não entra na questão, por onde eu começo, chefe?

— Pirou? Como assim, por onde eu começo? — Assustada, vejo ele se levantar e arregaçar as mangas da camisa, dobrando as mangas longas até o cotovelo.

— É isso, já que a minha gata não aceita uma ajudante paga por mim, eu mesmo farei o serviço sujo. — Se aproxima da pilha de roupas, deixadas no meio da minha cama e de cima pega a menor calcinha que devo ter no guarda-roupas.

— Podemos começar dobrando as suas calcinhas. — O sebo fala depois de levar a peça ao nariz. Para a minha sorte, a bendita da calcinha estão limpa.

Eu acho.

— Dá isso aqui, e para de palhaçada. — Dou uma lapada no seu braço com a própria calcinha e ele apenas dá de ombros. — Quer mesmo ajudar?

— Não estou falando que sim? — fala, como se fosse acostumado aos serviços domésticos. — Não pense que é totalmente sem interesse, pelo contrário, ajudo porque sei que quanto mais rápido terminarmos, mais cedo terei a minha mulherzinha só para mim.

— Você venceu, Henry, depois não diga que eu não te avisei. — Pego o rodo até então caído no chão e entrego em suas mãos.

Nas três horas seguintes, eu, com a ajuda do meu amor, fiz o que tinha para fazer nesse domingo quente como o calor do inferno e ao contrário do

que pensava, Henry se saiu muito bem e não reclamou uma única vez de estar com um rodo e uma vassoura na mão. Ele se divertiu e não parou de me agarrar e beijar a cada oportunidade que teve.

— Finalmente — digo, aliviada, assim que nós dois, suados e desgrehados nos deixamos cair em cima da cama que já não vê rastros de peças de roupas.

— Adorei. Nada melhor que a visão da minha gata rebolando a bunda gostosa — diz.

Sim, de tudo que fizemos, do suor derramado e do cansaço que a faxina nos trouxe, o depravado se apegou ao fato de eu não parar de dançar um segundo sequer.

Esse é o Henry.

— Você não existe, cara. Obrigada viu? — Chego perto e beijo o canto da sua boca.

— Agradeça depois, pelada e ofegante, está bom? — pede, com um sorriso malicioso. — Pode contar sempre comigo e mesmo que não chame, todo domingo estarei batendo o ponto aqui, patroa.

— Besta. — Rio da sua sagacidade. — Imagina as pessoas da revista vendo o chefão no modo *empreguete*?

— Quero que todos se fodam e cuidem das suas vidas.

— Falando em revista, amor, falta apenas uma semana para a festa e eu estou começando a ficar nervosa.

— Não precisa, Clara. Você vai ser a estrela dessa noite. Eu estarei ao seu lado, exibindo com orgulho a minha namorada, a mulher mais linda da noite.

— Só você para me acalmar. — Escorrego a cabeça para cima do seu peito e depois de lhe dar um beijo calmo e demorado, mudo de assunto:

— Já sei para onde iremos mais tarde.

— Em casa fodendo?

— Não. Eu quero ir à praia. — A ideia me vem à cabeça, talvez no momento em que sinto a pele arder de calor.

— Tem certeza?

— Vamos, querido. Liga para os seus amigos que e eu ligo para a Amanda. Teremos a noite inteira para ficarmos a sós. — A última frase chama a sua atenção.



— Quer dizer que vai dormir comigo hoje?

— Sim, hoje você merece — digo ao levantar-me da cama.

— Vamos logo. Já não vejo a hora em que estaremos de volta ao apartamento e trepando embaixo do ar condicionado.

# *Dia da praia*

Henry

— Já volto! — Ao lado da amiga Amanda, minha gata se levanta da cadeira com guarda-sol e antes de virar as costas dá um selinho. — Gostoso.

Elogia e sai rebolando a bunda, vestida com um biquíni de estampa vermelha e apesar de não ser o menor do mundo — já vi menores — nela parece ser apenas uma tirinha fina, deixando pouco à imaginação. Isso porque estou falando da parte de baixo, a de cima é o meu maior tormento.

Não que eu não esteja apreciando a visão, até porque, não tem como não se deliciar com as duas belezas firmes e de tamanho médio, quase pulando para fora do pedaço de tecido. O problema é que não sou só eu a ter o privilégio da visão, além de mim, metade dos marmanjos dessa praia parecem ter os olhos atraídos para ela, principalmente os seios deliciosos.

Saulo por outro lado, faz parte da outra metade, a que tem outros interesses, além de secar a mulher dos outros. Meu amigo não consegue desviar a atenção da Amanda e isso desde o momento em que colocou os olhos sobre ela.

Quem o vê assim, quase babando em cima da garota, não acredita no seu discurso de que prefere as mais experientes.

— Está precisando de um babador? — meu amigo pergunta. Isso mesmo, o mesmo Saulo que também não consegue tirar os olhos das meninas indo dar um mergulho no mar.

— Pegue um para você também — debocho e ele me fita com se eu fosse um ser extraterrestre.

Saulo pensa que engana quem, além dele mesmo?

— O que o amor não faz, não é mesmo, Henry? — fala mudando o foco do assunto. — Meses atrás seria praticamente impossível te imaginar no meio do povão, pegando uma praia. No entanto, aqui está você, torrando no sol quente ao invés de estar farreando por aí, embaixo de um ar-condicionado.

Quando ele termina de me zoar, só não digo que ele está fazendo a mesma coisa porque não estou a fim de entrar mais uma vez no mesmo assunto. Além disso, não serei eu a incentivar algo entre ele e a loirinha, não quando ele claramente tem uma fixação maluca pela Laura e não tem mulher nenhuma capaz de tirar isso da sua cabeça.

— Não tem nada demais em fazer as vontades da minha garota de vez em quando — falo, e se pudesse, faria todas as suas vontades.

Pena que a Clara — acostumada a viver modestamente —, não tem tantas vontades assim e hoje mais cedo foi um exemplo disso. A mim não custaria nada lhe arrumar uma funcionária, mas ela bateu o pé em não aceitar a minha ajuda.

No fim, não restou outra saída, a não ser eu mesmo colocar a mão na massa junto com ela e, para falar a verdade, foi até divertido. Ao menos tive a oportunidade de descobrir o que tanto toma o seu tempo para impedi-la de passar todo o fim de semana comigo e também pude passar mais tempo na sua companhia.

Não afirmo ficar satisfeito com as suas decisões no que se refere a esse assunto, mas também sei que não posso desrespeitar as suas escolhas. Se Clara não me quer gastando e fazendo coisas para ela, eu vou tentar respeitar, afinal, é sobre ela que recai todo o julgamento das línguas maldosas. Seria direcionado a minha mulher a maioria dos insultos.

Então, se é assim que Clara quer, é assim que vai ser. Eu ficarei na minha, deixando que enfrente os seus próprios demônios e sempre estarei às suas costas, dando cobertura e estando atento para o seu primeiro grito de socorro. É assim que os homens de verdade agem, ainda mais os que têm uma mulher tão forte e guerreira como eu tenho a minha.

— Está um babão mesmo. — Sua voz puxa-me dos meus devaneios. — É bom cuidar, olha aquilo. — *Volto-me* para o mar mais a frente cheio de banhistas e vejo o momento em que a minha gata é abordada por um marmanjo bronzeado.

— Que babaca! — O idiota fala com ela, tentando tocar seu braço e minha gata, muito incomodada com a abordagem, esquiva do toque.

Cadê a loirinha quando se precisa dela?

Olho para o lado e a avisto um pouco mais a frente, conversando alegremente com um garoto que aparentemente tem a idade próxima a delas.

— Não vou fazer cena, minha namorada está se saindo muito bem — digo, muito incomodado, mas o medo de receber outro castigo é maior.

Clara é uma caixinha de surpresas e na hora em que ela desvia a atenção e olha-me rapidamente, não sei decifrar se quer que eu vá até lá ou se me avisa que não precisa de ajuda para se livrar do surfista bronzeado.

— Percebi que sim — fala e tem a atenção em outra cena que se desenvolve mais à frente.

Segurando para não dar uma de homem das cavernas, vejo a minha paciência esgotar quando o cara tenta pela terceira vez segurar o braço da minha namorada.

— Quer saber, já chega — falo mais para mim mesmo, já que o meu amigo tem sua atenção em outras coisas e já não sabe mais o que acontece a sua frente.

Com pressa, levanto-me da cadeira que até então estava sentado e após tirar o short, vou até onde Clara está.

— Tudo bem aqui, amor? — Abraço a cintura da minha gatinha por trás, deixando óbvio para o idiota que ela tem dono.

— Está sim, meu lindo — diz mais carinhosa que o normal e com as costas apoiadas em mim, sinto-a respirar aliviada.

Pelo visto, ela não estava lidando tão bem com a situação.

— Eu estava dando uma informação para o... desculpa, qual é mesmo o seu nome?

— Marcelo — responde, murcho e já não tem o peito estufado como um pombo.

— Vamos, amor. — Beijo o seu pescoço, sem me importar com o cara a nossa frente.

— Sim, mais alguma dúvida, Marcelo? — Ela ainda o trata com gentileza.

Está na cara que esse cara estava apenas tentando dar em cima dela. Onde que esse idiota que tem cara de ser um rato de praia não sabe alguma coisa a respeito dessa? Se brincar, deve saber a quantidade dos grãos de areia.

— Não. Foi um prazer, gatinha. — Pisca, todo cheio de galanteios,

mesmo estando murcho como um maracujá de gaveta. — Nos esbarramos por aí.

— Nos seus sonhos, idiota — falo e ele já está longe para ter escutado e se ouviu, finge que não.

Ainda bem que escolhi a opção correta e a nossa noite de diversão continua garantida.

— Desculpa, linda, achei que tivesse tudo sob controle — falo, pois obviamente não vou admitir que não sabia como agir sem correr o risco de estragar o nosso restinho de domingo.

— Homem chato da porra, ficou fazendo as perguntas mais idiotas do mundo, como se ele já não soubesse a resposta para cada uma delas.

— Dando em cima da minha mulher que é gostosa para caralho. — Agora, as minhas mãos descem para o seu bumbum e por lá ficam. Não é como se fôssemos ser presos por atentado contra a moral e os bons costumes, afinal estamos na praia, onde o povo só não vem pelado e transa no meio da areia porque é proibido. Tenho certeza que coragem para isso a maioria dessas pessoas teria.

— Tirou o short por que mesmo? — Ciumenta, Clara desce as mãos pequenas até o cós da minha sunga azul marinho e fica brincando com o elástico. — Não vê que está chamando a atenção dessa mulherada toda com esse tanquinho e mala em evidência? — indaga e eu concluo que a mala a que ela se refere seja o meu pau marcando a parte da frente do traje.

— Não seja ciumenta. — Dou mais um apertão nas bochechas macias da sua bunda e ela devolve ao ficar na pontinha dos pés e dar uma mordida no meu pescoço. — Além disso, não devo chamar mais atenção das mulheres do que você com esse biquíni chama dos marmanjos cheios de testosterona.

Clara já ia protestar quando encerro o assunto com um beijo em sua boca.

Permanecemos nos beijando por um tempo, até que comecei a ter certeza de que a temperatura subiu mais um pouco. Se já estava muito quente, agora tenho a sensação de estar pegando fogo.

— Melhor pararmos, amor. — Transfiro o beijo para o seu rosto, tentando retomar o controle da situação. — As coisas estão ficando tensas aqui embaixo. — Desço a mão pela sua cintura, a aperto contra todo o meu corpo e a deixo ciente do que estou falando.

— Está excitado? — Faz a típica expressão de menina inocente e sei

que está querendo jogar.

Minha menina não é nem um pouco tímida e quando entra no modo safada, não tem quem a segure.

— Não deu para perceber, não sente ele cutucando a sua barriga? — Passo a língua pelos lábios macios e os pelinhos arrepiados do braço deixam evidentes o tamanho da sua excitação.

— Preciso sentir melhor. — Mal termina de falar e discretamente olhando para os lados, leva a mão até a frente do meu corpo e sem que ninguém note, a sua mão agarra o meu pau marcado pela sunga, iniciando pequenos movimentos de subir e descer.

— Merda, para com isso, garota — falo, com os dentes cerrados. — Quer me enlouquecer? Como vamos sair daqui?

— Podemos ir para o mar? — Propõe e nem acredito na sua ousadia.

— Meu amor, não vem dizer que você quer...

— Vamos só esfriar um pouco a cabeça — fala, deixando óbvio o duplo sentido da frase.

— Estou precisando.

Sem avisar, tiro a sua mão de cima do meu pau e tentando disfarçar o meu estado, caminho abraçando-a por trás, até que estejamos com os pés na água.

— Pronto, sua safada. Acho que é hora de baixar esse fogo. — Pego-a nos braços e caímos com tudo dentro do mar.

Quando submergimos e voltamos a superfície, já estamos com as bocas grudadas uma na outra e a tenho com as pernas em volta da minha cintura.

— Porra, por que você faz isso comigo quando eu não posso fazer nada para aliviar o tesão? — lamento-me, assim que desgrudamos as nossas bocas.

— Pode fazer o que você quiser, Henry. — Remexe-se contra a minha ereção que nem a água fria do mar foi capaz de baixar. — Não tem ninguém prestando atenção na gente.

— Ainda estamos protegidos? — pergunto e quando ela acena em confirmação, só levo o tempo suficiente para tirar o pau pra fora da sunga a afastar a parte inferior do seu biquíni para o lado. — Era isso que você queria? — Meto com força dentro do seu sexo e fico parado por um tempo, até que se

acostume com a minha invasão.

— Humm! — Fixa as unhas nas minhas costas. — Que gostoso.

— Preciso que você disfarce, amor — peço ao ter seus olhos em mim e continuo:

— Não vai querer que essas pessoas saibam o que a minha menininha com cara de inocente está fazendo, não é mesmo?

— Não... Mexe só um pouquinho? — implora e não parece se importar com mais nada.

Cheios de tesão por estarmos cometendo mais uma loucura, penetro-a com calma, para não dar tão na vista o fato de estarmos fodendo e quando devoro sua boca em um beijo faminto, percebo que o fiz na hora certa, pois só assim para abafar os sons do seu gemido.

— Gostosa. — Seguro seu corpo trêmulo e começo a meter com mais vigor. — Goza para mim — sussurro na sua boca e isso parece ter sido música para os ouvidos, pois depois de mais alguns impulsos ela se desmancha nos meus braços.

Com o corpo trêmulo pelo vigor da nossa foda épica e pela força das ondas do mar que não está tão calmo, Clara me agarra com menos força e sou eu quem, agarrado na sua bunda, soco até o fim dentro do seu sexo e assim fico até alcançar o meu próprio alívio, dentro do seu calor latente.

— Foda. — Subo as mãos para a cintura e lhe abraço com força. — Você me faz agir como um adolescente, pequena — confesso ao sair de dentro dela e em seguida, arrumar as nossas roupas no lugar.

— Isso é bom ou ruim? — pergunta, apreensiva.

— Muito bom. — Beijo a boca gostosa, agora com mais calma em um beijo que nada tem de sensual, é apenas uma amostra do meu amor e devoção. — Você me faz feliz, menininha.

— E você me tirou da escuridão. Obrigada.

— Linda — elogio e distribuo beijos por todos os lados do seu rosto. — Quer ir para casa?

— Só se for agora. Mas antes precisamos nos despedir da galera.

Nos próximos minutos, nos despedimos dos nossos amigos e em seguida fomos direto para meu apartamento, saindo de mãos dadas como um casal normal e como se não tivéssemos batizado o mar com o nosso tesão que nunca diminui, pelo contrário, quanto maior a nossa intimidade, maior se torna o

desejo pelo outro.



# Lançamento

Henry

— Meu filho, como você está elegante. — Minha mãe, com o seu vestido tão brilhoso que se faltasse energia seria capaz de iluminar todo o espaço, vem toda empolgada me cumprimentar.

Quer agradar dona Carmem? Coloque-a no mesmo espaço que as pessoas de mais prestígio da cidade que ela se sentirá em casa. Esse certamente deve ser o evento mais esperado do ano para ela.

— Obrigada, dona Carmem — digo, ao dar um beijo no seu rosto. — A senhora também está maravilhosa.

— Está falando sério, filho?

Não estou.

— Sim, mamãe. E meu velho, já chegou? — Passo rapidamente os olhos pelo local, que começa a encher dos mais variados tipos de pessoas. A maioria desnecessária, diga-se de passagem.

— Sim, desta vez ele me esperou para virmos juntos, mas já deve estar por aí cumprindo com a sua obrigação para depois fugir o mais depressa que conseguir.

Não o julgo, estou na mesma situação que o seu Agenor.

— Obrigado, mamãe! — Dou outro beijinho de despedida e falo: — Vou dar uma circulada por aí, preciso cumprimentar umas pessoas e ver se a minha namorada já chegou.

Digo de propósito e vejo o seu sorriso morrer.

Sim, minha mãe, que foi a primeira a ser informada de que estou junto com a Clara ainda não conseguiu aceitar a situação.

Dona Carmem não fez nenhum escândalo — ainda —, mas age com

frieza e prefere não tocar no assunto e fingir que as coisas são diferentes.

— Vai lá, Henry e sucesso na noite de hoje. — Pisco para ela e depois viro-lhe as costas.

Depois de dias de correria e de presenciar a minha gatinha quase tendo uma síncope de tanto nervoso e apreensão, o grande dia finalmente chegou e sou eu quem está nervoso como nunca estive em anos anteriores. Dessa vez tem muito mais coisas em jogo e por isso torço e espero que tudo saia dentro dos conformes. A minha sanidade mental depende disso.

Assim como nos anos anteriores, alugamos o salão principal do hotel Star Pallace, o hotel cinco estrelas e mais bem frequentado da cidade. Por aqui circulam grandes personalidades que vão desde artistas de sucesso a políticos corruptos e esta noite não será diferente. Toda essa gente foi estrategicamente convidada e a maioria não só aceitou o convite para prestigiar o lançamento da edição de aniversário da *Mundo em Foco* como já circulam pelo salão.

Como decoração, foram colocados diversos painéis com as imagens de várias capas das revistas, inclusive da época em que papai ainda estava começando na empresa. Em destaque e bem atrás do palco montado para os devidos discursos que principalmente o papai detesta fazer, temos a parede toda preenchida pela atual edição de aniversário e o que mais chama atenção dos convidados que entendem desse meio é a belíssima jovem que estampa a capa, junto com um modelo não tão desconhecido assim.

Para quem está ligado aos sites de fofoca e aos assuntos do momento, o rosto da modelo não é desconhecido. Estranho mesmo é não ter ideia de como será a reação das pessoas com o fato de a minha namorada também ser capa da edição mais importante da revista. Eu estou envolvido neste mundo mais do que gostaria de estar e sei exatamente dos preconceitos e da futilidade que permeiam os pensamentos dessa gente e sei que isso não vai passar em branco.

Pela primeira vez eu me dou conta do quanto errei em expor a nossa relação da forma como expus e sem pensar nas consequências que tal ato poderia trazer.

O certo seria deixar o frisson do lançamento passar e só depois revelar que a modelo linda, que todos passarão a conhecer melhor a partir de hoje, também é a minha mulher. Ao contrário do que seria certo, o nosso namoro veio à tona de uma forma sensacionalista, para só depois ela ser apresentada como a modelo da edição.

Put a que pariu! Está tudo errado.

— O que foi, meu caro? — Miguel toca meu ombro e chama a minha atenção, já que estou há vários minutos parado em frente ao palco principal, olhando para a imagem da Clara estampada, deixando a minha mente viajar e se lamentar pelo fato de eu ser tão burro e ter feito tudo do jeito mais errado possível. — Eu sei que ela é linda e gostosa *pra* caralho, mas para que ficar babando se você a tem todos os dias na sua cama?

— Não chama a minha namorada de gostosa. — De um modo brusco dou um tapa da sua mão e ele a tira na mesma hora do meu ombro.

— Qual o seu problema, porra? — Miguel, que não costuma ter outro jeito que não seja o debochado, olha-me com irritação e continua: — Que foi, não se pode mais elogiar a princesinha, é isso?

— Chamar de linda é um elogio, Miguel, o gostosa significa que ficou olhando tempo suficiente para reparar nisso.

Sei que estou sendo idiota e que em uma situação normal não agiria dessa forma — na verdade agiria sim, mas não com Miguel que é meu irmão —, mas os pensamentos que rondam a minha cabeça são trágicos demais para que eu possa filtrar a quantidade de merda que sai da minha boca a cada milésimo de segundo.

— E tem como não reparar? — fala e tem os olhos vidrados na sua imagem estampada. — Relaxa, homem. Não esqueça que fui eu o responsável por vocês se conhecerem e estarem juntos.

— Queria um prêmio por ser um cafetão?

Ele tem razão, eu quase não lembro que foi graças a ele que eu tive a oportunidade de conhecer a minha garota. Mas como me orgulhar disso se graças às besteiras e más companhias que ele anda, a Clara quase se meteu em uma encrenca que já seria demais para uma mulher experiente, imagina para uma tão jovem quanto ela.

— Idiota.

— Eu prefiro não pensar muito no tipo de vida que está levando, Miguel, e você deveria me agradecer, pois é isso que ainda mantém a nossa amizade.

— Vai se ferrar, cara. — Pega uma taça de champanhe assim que o garçom passa e vira as costas, deixando-me sozinho com os meus pensamentos, mas não por muito tempo.

— Problemas no paraíso? — Saulo se aproxima com a sua

inseparável câmera nas mãos.

— O único problema é que a minha namorada não está aqui ao meu lado. Que ideia idiota foi essa do Luigi?

— Deixa, ele sabe o que está fazendo. — Saulo pondera.

Quando Luigi sugeriu que todos os modelos, principalmente a Clara, chegassem no auge da festa e quando todos os convidados já estivessem chegado, eu imaginei que não teria nada demais, afinal, ele é um profissional e está há anos nesse ramo para saber o que fazer em uma festa tão importante para a empresa. Agora, vendo-me sozinho com os meus pensamentos pessimistas, não consigo achar a ideia tão interessante assim. Eu só queria tê-la ao meu lado e garantir que nada de ruim atrapalhará a sua noite.

— E por falar nisso, olha eles vindo ali. — Aponta para as portas do salão e lá vejo a minha pequena pronta para entrar.

Como o combinado e do jeito que foi ensaiado, o projetor de luz virou-se na direção em que o grupo de cinco modelos estavam e com a voz da mestre de cerimônia narrando, eles adentraram pelo salão ao som da música ambiente e de fortes aplausos.

Andando mais à frente com o Luigi e com a revista impressa nas mãos, a minha princesa não poderia estar mais linda. Com um vestido preto curtíssimo — no meu ponto de vista — e os cabelos castanhos tão lisos e escorrendo por suas costas, a minha bela namorada e modelo da noite teve o seu visual finalizado com um vibrante batom vermelho nos lábios, o que me faz pensar em uma parte bem específica do meu corpo que ficou mais que feliz por vê-la tão sexy.

Não sexy de um modo vulgar e sim na medida certa para ser admirada e não apenas desejada. Felizmente, a nossa equipe — diferente de outras por aí — não precisa vender as suas modelos como prostitutas para conseguir alguma visibilidade nas festas de lançamento.

— Em especial, temos a modelo estreante, Clara Aguirre — fala a cerimonialista. — Prestem atenção, pois ela foi escolhida por ninguém menos que Luigi Sotelli.

Como uma deusa, meu amor caminha com o Luigi a segurando pela mão até o palco e chegando lá, Clara entrega nas mãos de papai a revista impressa, para em seguida se posicionar no canto esquerdo, juntamente com o restante dos modelos que fotografaram para as várias matérias que compõem a edição.

— Não deixa esse momento passar, por favor — peço para o meu amigo e ele que me conhece o suficiente, já imagina que quero tudo registrado por suas lentes. Preciso mostrar para a minha linda — quando ela não estiver tão tensa — o quanto está perfeita na noite de hoje e o quanto a sua beleza tem roubado a atenção de todos que aqui estão.

— Deixa comigo! — Dá um tapinha no meu ombro e desvia — mais uma vez — a sua atenção. Acompanhando seu olhar, avisto a loirinha em um canto mais discreto do salão.

Apesar de um evento grandioso e cheio como esse não se parecer com o tipo de programa que agradaria uma pessoa aparentemente tímida como ela, o fato de estar presente não é uma surpresa, pois Amanda, obviamente, não deixaria de prestigiar a melhor amiga.

— Te pediria para fazer companhia e não a deixar sozinha, enquanto Clara não pode estar junto com ela — aponto discretamente para onde a garota está, mesmo ele sabendo exatamente ao que me refiro —, mas acho que ela prefere estar na companhia do diabo do que na sua.

— O problema é dela. Eu realmente não entendo o motivo para essa gata ter tanta raiva de mim.

— Já tentou perguntar para ela?

— Como, se ela não permite que eu chegue perto?

— Tente com mais afinco. Você está louco para se aproximar dela, nem tente negar — digo, pois apesar de ser apaixonado pela Laura, sei que sente certa curiosidade a respeito da moça tímida. — Agora deixa eu ir. Está na hora da parte mais chata da noite.

Nos vários minutos que seguem, papai faz o discurso de sempre, ressaltando toda a história de como a empresa foi criada, a importância de um bom trabalho de reportagem e deixando claro o orgulho que tem de mim — que não faço mais que a obrigação —, por ter mantido o bom nome e sucesso das nossas revistas. Quando me chama ao palco, eu gasto meu tempo agradecendo todos os envolvidos na fase editorial e a quem veio nos prestigiar. Por fim, peço aplausos para todos os modelos, deixando por último a mais importante.

— E por último, mas, não menos importante, a nossa estrela da noite, Clara Aguirre. — Vou até onde ela está e a puxo delicadamente para frente. Clara está tão inibida e não deixa dúvida de que esse é um dos seus raros momentos de timidez. — E, para quem não sabe, ela é a minha namorada.

Ao abraçar a sua cintura que o enorme decote na parte de trás do

vestido deixa desnuda, dou um leve beijinho nos lábios doce e afirmo:

— Amo você, nunca esqueça ou duvide disso.

Minha garota, mais confiante por estar ao meu lado, relaxa em meus braços e os aplausos que antes estavam a todo vapor, vão morrendo pouco a pouco, restando somente os olhares curiosos da parte dos convidados. Em poucos segundos consigo perceber diversas reações e algumas delas eu prefiro esquecer. É isso ou passar o resto da noite apreensivo.

— Acabou a parte chata, meus amigos — tento soar divertido. — Serão entregues a cada um de vocês o exemplar do nosso lançamento. Portanto, divirtam-se enquanto apreciam bons petiscos e bebidas de suas preferências, afinal, a festa está apenas começando.

Solto o microfone e antes de descer do palco pergunto no ouvido da Clara:

— Você está bem, amor?

— Estou muito feliz — Segura a minha mão com força e abre o maravilhoso sorriso que tem seus lábios deliciosamente vermelhos.

Que Deus me ajude!

# Comportamento estranho

Clara

*Obrigada, minha nossa senhora das jovens inexperientes, que caem de paraquedas no mundo dos ricos e famosos.*

É só o que consigo pensar quando Henry leva-me para longe do palco e dos holofotes. Não que isso queira dizer alguma coisa. Nós ainda estamos sendo alvos de olhares curiosos e que devem ter os mais diversos tipos de pensamentos e julgamentos, mas a necessidade de manter as aparências não permite falarem em voz alta.

— Nem parece que boa parte dessa gente ouviu pelo menos por alto a notícia de que você está de namorada nova.

— Sim, mas acho que o estranhamento é por outro motivo — fala, e sou capaz de sentir a sua tensão e desconforto com toda a situação.

O que eles podem estar sentindo além de curiosidade e surpresa por nos ver juntos e o fato de eu ser uma das modelos?

— O que você quer dizer com isso? — indago, enquanto abraçado a minha cintura, Henry me conduz pelo espaço.

— Esquece o que eu falei, linda — pede. — É apenas uma bobagem que não tem nenhuma importância agora. Vamos esquecer, pois hoje nós só temos o que comemorar.

— Tem razão, querido! — Continuamos e atentamente, passo os olhos por todo o salão — pelo menos as partes em que ele alcança — á procura da minha amiga, que mesmo estando em um ambiente hostil para ela, fez questão de vir me apoiar.

— Estou muito orgulho de você, sabia? — Paro de repente e fico olhando seu rosto, pensando no que ele disse, pois apesar de ter tido um tempo para me acostumar, acho que não fui capaz de imaginar as proporções que simples fotos poderiam tomar. — Pelo que Luigi confidenciou, você tem um futuro brilhante nesse ramo, se quiser.

— De verdade, amor? — pergunto, com um sorriso de contentamento no rosto.

— Muito, e se for o seu desejo seguir nesse caminho, tem todo o meu apoio, mesmo que eu corra o risco de ficar com os cabelos brancos mais rápido do que imagino.

— Seu bobo! — Dou um beijinho na sua boca. — Saiba que eu também estou muito orgulhosa de você, de ver como essa gente te respeita e do orgulho que seu pai tem de você, que dirige tão bem uma empresa como a *Mundo em foco*.

— Obrigado, meu amor. Acho que você pode demonstrar todo esse seu orgulho mais tarde — fala e sabendo que vem sacanagem pela frente, ele aproxima o rosto do meu e bem baixinho fala ao meu ouvido: — Só nós dois, pelados e brindando ao nosso sucesso.

— Será que você só pensa em sexo, Henry? — pergunto, apenas para atormentá-lo um pouco, assim como ama fazer comigo.

Não posso negar que esse pensamento vem à cabeça ao vê-lo tão lindo e elegante, nesse terno e calça social preta. Se tem uma coisa que me excita quase como se fosse um fetiche, é presenciar o seu modo chefão de terno e gravata. Esta noite, ele não poderia deixar mais claro o seu lado dono da porra toda.

É só olhar para cada uma das pessoas que aqui estão para perceber o fascínio que ele exerce, do quanto é admirado pela competência com que exerce o cargo de confiança que o pai lhe passou. Além disso, meu namorado também tem o respeito e a simpatia de cada um dos funcionários que tem a honra de trabalhar em uma revista como a *Mundo em Foco*. E sei disso justamente por ser uma dessas funcionárias e por nunca ter ouvido pela rádio corredor nenhum comentário que não seja elogios ao seu respeito.

Elogios e certas periquitas em chamadas, doidas por uma chance de sentir todo o seu poder de comando, mas, felizmente, esse é um privilégio que somente *euzinha* aqui tenho.

— Tem como pensar em outra coisa te vendo assim, tão linda e cheirosa? — Começa as ousadias ao beijar o meu pescoço, sem se importar de



estarmos quase no meio do salão e rodeados por um bando de polidos. — Gostosa também, você está muito gostosa com esse vestido. — Vai descendo perigosamente as mãos da minha cintura para a bunda, mas eu logo trato de recolocá-las no lugar de origem.

— Obrigada, imaginei que você poderia achá-lo ousado demais — falo. — Não que isso fosse fazer-me tirar essa preciosidade, mas prefiro te ver louco de tesão e não louco de ciúme.

— Eu achei bem ousado, gatinha — confessa. — Não vou negar que tive vontade de matar o Luigi, porque tenho certeza de que a ideia foi dele — foi mesmo — Mas depois passou e sabe por quê?

— Não, me fala — peço, pois sei que vem sacanagem e eu amo a sua boca suja e sem medo de revelar o que pensa.

— Eu sei que somente eu poderei desfrutar disso tudo aqui. — Ele sobe as mãos pelas minhas costas nuas e eu me arrepio da cabeça aos pés. — Sei que é só minha. Podem olhar, mas não podem tocar.

— O mesmo vale para você — aviso, e às vezes eu tenho a impressão de que o Henry não se dá conta do quanto é lindo com seu sorriso fácil, seus cabelos loiros e olhos claros. Se ele tem motivos para sentir ciúme de mim que sou apenas comum, não sei como eu deviria agir, tendo um homem como ele ao meu lado.

— Tudo bem, garota ciumenta. — Joga a sua já característica piscadela e pergunta: — Quer ir cumprimentar a Amanda?

Putá. Merda! O Henry me fez esquecer completamente da minha preocupação com ela.

— Não consegui encontrá-la ainda. — Dou mais uma olhadinha pelo local, mas já está cheio demais para que se consiga localizar alguém com facilidade.

— Eu sei onde está. Vem, querida! — Leva-me para a ala direita do salão requintado e no bar que não fica para trás, minha amiga está sozinha, sentada em uma banquetta, enquanto bem próximo, mas não sei se o suficiente para que possa ouvi-los, o imbecil do Saulo visivelmente discute com a tal de Laura.

A minha loirinha que mais parece uma boneca, está com um copo na mão e com a cabeça baixa. Amanda parece estar no seu mundo particular e nem se dá conta do que se passa a sua volta, nem mesmo nos três Barmans que mais parecem gogobos e estão a ponto de tirar as roupas para chamar a sua atenção.

— Saulo, seu idiota — Henry chama a minha atenção e eu não gosto do seu olhar irritado para o amigo.

— O que foi, Henry? — Não sei se olho para Henry, para a cena patética do Saulo com a víbora ou se para Amanda que por alguma razão parece mais triste do que deveria, se o único motivo para isso fosse o fato de estar sozinha. Eu conheço a loirinha bem demais para saber que tem alguma coisa muito errada acontecendo.

— Não é nada, querida! — Ele tira a atenção dos amigos e se volta para mim. — Vai falar com sua amiga, eu vou só dar uma palavrinha com aqueles dois e já venho.

— Tá legal! — Faço um biquinho charmoso com os lábios. — Pelo menos eu espero que esteja. — E antes de sair, recebo um beijinho.

— Oi, querida! — Puxo uma banquetta para mais próximo dela e peço uma batida de morango e hortelã, sem álcool. — Está tudo bem com você? Desculpa se não pude vim antes.

— Não diga isso. Você foi perfeita em cima do palco e também na capa desta revista. — Tem um exemplar sobre as pernas e aponta para ele.

— Obrigada. Mas não fuja do assunto e me diga se está tudo bem. Estou te achando com uma cara tristonha.

— É só impressão sua. — Por um milésimo de segundo, seu olhar desvia para alguma coisa que acontece atrás de nós e quando vou olhar, vejo que agora além do casal, meu namorado também entrou na discussão e mesmo que não estejam fazendo barraco e nem com o tom de voz alterado, os gestos impacientes que Henry faz ao falar, deixam claro que ele está falando alguma coisa que o casal estranho não gostaria de estar escutando.

— Amiga! — Viro-me para frente decidida a dedicar total atenção para a minha para. Não é como se eu fosse permitir que a minha curiosidade não seja satisfeita. Mais tarde, nem que eu tenha que apelar para a tortura, o Henry vai ter que falar o que está rolando entre ele e os dois estranhos. — *Me conta*, está gostando da noite? Percebe que essa é a primeira vez que estamos em um lugar como esse? Quem diria, dona Amanda? — Consigo arrancar uma risadinha dela.

É muito fácil conviver com essa loirinha que apesar de nunca ter vivido tão modestamente quanto eu vivi, é uma pessoa simples e fácil de agradar. É também muito sensível e a mesma facilidade que tem em sorrir, também tem em ficar triste. Deve ser por essas características tão diferentes das minhas que ficamos tão amigas, uma sempre foi o equilíbrio da outra e é assim

que tem que ser.

Ao vê-la nos seus momentos de extrema fragilidade, fico me perguntando de quem é o pau que terei de arrancar fora do corpo. Amanda é tão doce e simplesmente não merecia viver a realidade em que o cara que tirou a sua virgindade tenha simplesmente seguido a vida e agora finge que nem mesmo a conhece.

O que eu não daria para estar de frente com o babaca e ter a oportunidade de falar o quanto é um ser humano desprezível. Mulher nenhuma merece passar por essa situação, ainda mais uma bonequinha como a Amanda.

— Estou aqui por você, querida — fala e nem precisava. Nota-se a distância, o quanto está desconfortável. — Também acho que já está na hora de eu ir embora. Promete não ficar chateada comigo? — Mais uma vez olha por cima do meu ombro e quando me viro novamente para averiguar o que tanto ela olha, flagro Saulo a encarando e ignorando o Henry e a tal Laura.

Ao presenciar essa troca de olhares, a ideia que passa na minha cabeça é tão absurda que eu viro imediatamente para frente.

Não, Saulo não pode ser o cara que...

Que coisa mais idiota de se pensar, Clara.

Saulo não faria uma coisa dessas, pois apesar de ser um idiota na maioria das vezes, ele é um bom cara e jamais agiria dessa forma com a minha melhor amiga. Além disso, Amanda teria contado se Saulo tivesse sido babaca a esse ponto.

— Não vou, querida — digo com sinceridade. — Fico feliz que pelo menos você quis vir, já que a Chica não viria nem sob tortura.

— Vou só chamar o táxi... — Começa a abrir a sua pequena bolsa e eu impeço ao dizer:

— Nem pense nisso! — Fico de pé, viro de frente para o trio parada dura e aceno para Henry que entendendo o recado, fala uma última frase e deixa os dois briguentos sozinhos novamente.

— Desculpa, linda, estava resolvendo umas coisas com aqueles dois — justifica-se no momento em que para ao nosso lado. — Tudo bem por aqui? — pergunta ao perceber a energia pesada da minha amiga que é transparente demais para que consiga esconder alguma emoção.

— Na mais perfeita paz. Você poderia pedir para o Jack levar Amanda em casa, ela tem um compromisso amanhã e precisa ir embora. — Pisco discretamente para ela e Henry nem percebe, pois já está digitando

freneticamente no seu iPhone.

— Ele está esperando, Amanda — fala imediatamente depois de terminar de digitar.

Ricos e suas vantagens. Tudo acontece na velocidade da luz.

— Até mais, amiga. — Amanda beija meu rosto e antes de sair declara:

— Parabéns por hoje, eu estou muito orgulhosa de você e prevejo muito sucesso pela frente.

— Amo você! — Ela abre um sorriso pesaroso e se afasta do meu campo de visão.

O que está havendo com ela? Será que se apaixonou pela primeira vez?

— A garota, ela foi embora? Eu preciso falar com ela. — Como um furacão, Saulo se materializa na nossa frente, mais ou menos cinco segundos depois da loirinha ter saído.

Esta noite poderia estar mais estranha?

— O que você quer com a minha amiga, porra? — Avanço um passo, mas Henry me segura pelo braço. — Ou melhor, o que você fez com ela?

Eu e Henry fixamos toda a nossa atenção no Saulo, encarando-o com expectativa e à espera de uma resposta.

# Socializando

Henry

— Saulo? — Minha namorada insiste em obter uma resposta ao comportamento estranho do meu amigo e devo confessar que até mesmo eu estou curioso e surpreso com essa atitude dele.

— Desculpa! — Sai do transe, desviando a atenção da porta, fixando-a em nós. — Por um segundo, foi como se eu já conhecesse a loirinha ali, uma imagem passou pela minha cabeça...

— Que tipo de imagem? — Ela o olha com estranhamento, analisando seu rosto, até que verbaliza o que passava por sua cabeça:

— O quanto você bebeu, Saulo? — Dá um passo à frente, reparando melhor as suas reações, como se assim fosse ser capaz de detectar a quantidade de álcool circulando por seu sangue.

Eu até poderia achar graça dessa sua indagação se o alvo fosse outra pessoa. Mas como o alvo é justamente o Saulo, não só não consigo achar a pergunta cômica, como fico preocupado e à espera de uma resposta, afinal, não é segredo o fato de Saulo ter passado por uma fase obscura meses atrás e só recentemente tenha começado a voltar a ser o que era antes. Não que essa relação estranha com a Laura ajude em alguma coisa. E se eu pudesse atribuir uma causa para o seu destempero, certamente seria para a Laura.

Apesar de ser a minha amiga mais próxima, a gêmea do Miguel sabe ser difícil quando quer e sua mania de desdenhar dos sentimentos do pobre e em seguida puxar a rédea a cada vez que o vê seguir em frente e tentar uma relação saudável com outra mulher, talvez esteja levando meu amigo para um

lugar perigoso e onde ele não gostaria de estar.

— Não o suficiente para estar tendo alucinações — fala, mordaz. — Quer saber, talvez você tenha razão. Eu nem ao menos conheço essa garota.

Poderia apostar um dedo como ele gostaria de conhecer.

— Ela já foi para casa — Clara avisa, ao perceber ele varrer o ambiente à nossa volta com o olhar.

— Que se foda, segura as pontas aí, esta festa já deu para mim. — Dá uma batidinha no meu ombro e se afasta, rumo à porta de saída.

— Saulo, volta aqui! — Batendo os saltos altíssimos contra o piso espelhado, Laura — que até então estava no mesmo lugar de antes e soltando fogos pelas ventas, depois de ver o seu brinquedo de estimação lhe virando as costas — sai atrás do meu amigo.

É, mais uma vez o ciclo se repete.

— O que aconteceu aqui? — Meu amor pergunta quando estamos a sós novamente.

— Nem tenta entender, pequena. — Voltamos a nos aproximar do balcão de bebidas e ela toda dengosa, aproveita para enlaçar o meu pescoço com as duas mãos. — Apenas saiba que esses dois são uma bagunça e feliz de quem ficar a metros de distância deles.

Digo, torcendo para que ela capte a mensagem, caso saiba de alguma coisa que eu não sei a respeito da amiga e Saulo. Não acho que tenha havido algo entre eles, caso contrário, a loira não o trataria com tamanha animosidade, mas é sempre bom prevenir.

Clara e eu já temos problemas suficientes para ter que lidar com sua amiga metida com dois amigos meus. Amigos problemáticos o suficiente para ter certeza de que não seria uma boa ideia.

— Então, eu quero distância — afirma, ao ter o corpo todo colado ao meu, fazendo-me utilizar de um esforço sobre humano para não ficar duro em um momento tão inapropriado como o de agora.

Com certeza não seria uma boa ideia andar de pau duro por aí, quando tenho a tarefa chata de cumprimentar convidados mais chatos ainda.

— De mim você não precisa manter nenhuma distância, minha gostosa, zero distância — Passo as duas mãos pela sua cintura fina, vestida nesse vestidinho sexy que não traz outro pensamento além da imagem de tirar ele e rasgar sua calcinha com os dentes. — Fica grudada, em cima, por baixo, de lado; do jeito que você quiser — aviso, afastando o cabelo e deixando um beijo no seu

pescoço macio e cheiroso.

— Para, amor — fala toda desconcertada, apesar de estar protestando e posso apostar que sua timidez tem a ver com o bando de Barmans atrás de nós.

Quem foi que contratou esses gogoboys disfarçados?

Aposto que estão de olho nas costas nuas e deliciosamente sensuais da minha mulher e na sua bundinha gostosa que nesse vestido ficou deliciosamente empinada, mas tão boa que necessito de um esforço dobrado para não apalpá-la com gosto e mais ainda, para não imaginá-la de quatro, tomando-me por trás, enquanto estapeio essa preciosidade.

— Não estou fazendo nada demais, ainda... — Clara cora lindamente e posso jurar que entendeu muito bem a insinuação e neste momento, sua mente tem pensamentos tão safados quanto os meus. — Mais tarde! — Decido ir além e testar sua reação no meio dessa gente e dos Magic Mike atrás de nós. — Vou fazer coisas que te deixarão muito contente e pedindo por mais, pedindo não, gritando — a última parte falo sussurrada ao seu ouvido e minha gatinha sensível se arrepiava sob os meus dedos.

— Vamos sair daqui! — Com o rosto colado no meu peito, pede baixinho, deixando claro o fato de estar querendo ir para um local mais reservado e como estou a fim do mesmo, não protesto e apenas atendo o seu pedido.

— Vem! — Com os nossos dedos entrelaçados, caminho discretamente para não perdê-la antes do tempo, até que chegamos a um canto mais afastado e pouco movimentado do salão.

Encosto-me na parede e trago seu corpo para perto do meu e como antes, abraço a cintura fina e a posiciono entre as minhas pernas.

— Satisfeita?

— Muito. Não é nada confortável ter gente de olho na nossa conversa nada pura — explica e prefiro não relembrar que coisa pior fizemos na praia, senão, ela vai ficar com isso na cabeça e imaginando quantas pessoas devem ter nos visto transando em pleno mar.

Não sei se pela idade ou mesmo se é da sua personalidade, mas a minha pequena tem a mania de fazer loucuras nos momentos de tesão e só depois se perguntar se tal ato não gerará alguma consequência. Eu, como um homem mais velho e experiente, poderia ser a cabeça pensante a alertá-la, mas, como sempre, a cabeça de baixo fala mais alto e acabo me deixando levar pelas

deliciosas e inconsequentes loucuras.

— Não mesmo, ouvindo e olhando para a bunda da minha namorada. — Beijo o canto da sua boca pitada de vermelho.

— Se você diz!

— Se eu pudesse mandava tudo isso aqui para o inferno e te levava agora mesmo para casa.

— E faríamos o que em casa? — fala bem pertinho da minha boca, sabendo exatamente o que a sua ousadia causa em mim.

— O que você acha? — Mordo a pontinha da sua orelha, enquanto mais abaixo, minha mão alisa sua coxa quase toda descoberta em decorrência do cumprimento da vestimenta.

— Dormir?

— Com certeza, logo depois de cairmos de cansados, suados e ofegantes pela foda de comemoração ao seu sucesso nesta noite, meu amor.

— Acha mesmo? — indaga, deixando transparecer a sua insegurança e não a busca por um elogio. Insegurança perfeitamente compreensível, considerando o fato de ser a sua estreia e a grandeza do evento.

— Não acho, princesa. Eu tenho certeza. Não esqueça que estou nesse meio tempo suficiente para afirmar que você foi perfeita em tudo que fez hoje a noite. Minha modelo, só minha.

— Só sua! — Contente e mais confiante, puxa minha cabeça para pertinho da sua, tomando a iniciativa para o beijo tão desejado por mim desde a hora em que a vi entrar tão deslumbrante.

Com o corpo que não poderia estar mais colado ao seu, abandono a minha própria resolução de manter as coisas as mais frias possíveis, pelo menos por enquanto, e com a mesma fome, capturo sua língua, entregando-me a delícia que é ter sua boca doce contra a minha.

E daí se vou correr o risco de passar a vergonha de andar excitado por aí, depois de uns beijos na namorada gostosa?

Nisso eu penso depois. Agora só penso em curtir a delícia que é ter Clara nos meus braços, tão linda, tão minha.

— Sei que estamos falando do casal mais apaixonado da cidade, mas acho que está na hora de roubar a minha modelo um pouquinho. — Ouço a voz irritante falando.

Pouco a pouco vou diminuindo o ritmo e ao terminar o beijo com



vários selinhos, limpo a boca que estranhamente não teve o batom borrado e virando-a de frente para o inconveniente do Luigi, reclamo:

— Não pode esperar mais um pouco? — Ainda tento. — Clara e eu estávamos conversando um assunto sério aqui, não é mesmo, meu amor? — Tenho seu corpo na frente do meu, tapando a evidência da nossa conversa marcando a frente da calça social.

— Sim, um assunto sério — afirma, com convicção.

— Eu acredito no casal, se eu tivesse chegado cinco minutos mais tarde, essa conversa teria terminado no banheiro. Se é que vocês me entendem.

Que absurdo, ele está mesmo insinuando que teríamos coragem de transar dentro do banheiro?

É óbvio que teríamos, mas não era para ele saber disso. O quão depravados eu e minha gata parecemos?

— Não seríamos capazes — nego.

— Jamais! — Clara assevera.

— Eu não disse nada, são vocês quem estão dizendo. — faz-se de desentendido e logo muda de assunto. — Vem, minha estrela, vamos circular por aí. Eu preciso te apresentar para umas pessoas importantes e logo você volta para esse seu namorado carente.

— Ainda sou seu chefe — aviso, ao ter Clara puxada dos meus braços.

— Tá bom, chefinho. Dê tchau para a sua garota — termina de dizer e já tenho Clara novamente nos meus braços, dando um beijo leve de despedida.

Preciso disso para sobreviver às próximas tediosas horas.

— Já volto, meu lindo! — Acaricia minha barba por fazer antes de ser puxada por Luigi. — Vai ser jogo rápido.

Não, não foi jogo rápido. Nas mais de duas horas que seguiram, fui obrigado a cumprir o protocolo que consiste em cumprimentar e manter diálogos cordiais com figurões que de alguma forma fazem parte da história da revista, que são ou serão importantes para ela no futuro próximo.

Fingindo estar interessado na maioria dos papos chatos — os mesmos de todos os anos —, fui obrigado a dividir a minha atenção nas conversas e na minha namorada.

Talvez querendo garantir a mim mesmo que está tudo certo com ela e nada vai sair errado esta noite, não consegui nem por um segundo tirar os olhos

da Clara. Meus olhos sempre souberam onde estive e quando percebi que já não aguentava mais ser apresentada para pessoas e se manter sorrindo todo o tempo, decidi que era a hora de acabar com a parte chata da noite e reaver a minha gatinha.

— Então é isso, pessoal! — Meu pensamento estava tão longe que nem sei se a frase tem a ver com o papo que rola na roda de conversa. — Foi um prazer. — Não foi, não. — Vou circular e checar se está tudo bem. — Bato no ombro do homem que estava ao meu lado, um que não lembro o nome e saio sem esperar pela resposta.

Após atravessar o salão, finalmente chego até onde Clara está e seu olhar não deixa dúvida de que quer ser resgatada das garras do Luigi e de todos os seus contatos profissionais.

— Desculpa interromper, pessoal, mas a estrela aqui vai ter que se despedir de vocês.

Invento uma desculpa qualquer e nos próximos segundos Clara despede-se cordialmente dos profissionais e finalmente a parte boa da festa vai começar.

— Ufa, minha mandíbula doe pelo tanto que trabalhou. Acho que sorri por uma vida inteira — reclama.

— Acabou, amor — Abraça-a com carinho. — Agora, é só diversão. Quer dançar um pouco ou prefere ir para casa?

Por favor, casa.

— Casa — diz somente.

— Resposta certa. Deixa a galera se acabar e vamos ter a nossa festa particular — provoco, mas estamos tão cansados que é capaz de cairmos mortos na cama. Dessa vez sem a parte inicial do plano. Não estaremos suados e nem ofegantes depois do sexo, apenas cansados.

— Uma massagem nos pés? — pergunta, fazendo um biquinho manhoso com a boca.

— Quantas você quiser — aviso. — Vamos apenas nos despedir da minha mãe — digo.

De mãos dadas, estamos caminhando pelo salão e é só a frase sair da minha boca para ela deixar de caminhar e seu rosto perder a cor.

# Cruel

Henry

— Pequena, você está bem? — Passo a mão pelo seu rosto mais pálido que o natural, imaginando que seu estado tem a ver com o meu aviso de que vamos nos despedir da dona Carmem, antes de irmos para casa.

— Ei, está tudo bem, querida, eu estou aqui com você — encoraja-a e seus olhos que por um momento estavam perdidos, se fixam no meu rosto e prefiro acreditar que ela confia em mim o suficiente para saber da veracidade das minhas palavras.

E não digo somente para acalmá-la, realmente acredito no que falo, pois apesar de tudo e de todos os defeitos que mamãe possa ter, a falta de inteligência certamente não é um deles. Ela é esperta demais para saber que não deve fazer nada para manchar o bom nome da família e muito menos em um evento como esse, onde é justamente o nosso nome que está em jogo.

— Tudo bem. — Aperta a minha mão com mais firmeza em demonstração da confiança depositada em mim.

Só torço para sempre ser digno dessa confiança e na fé que sei depositar no nosso amor.

— Vem, não vai demorar mais que um minuto — prometo e rezando pelo bom senso da dona Carmem e do seu grupinho de peruas, fomos até a ala dos sofás, encontrando-a sentada com um bom drink na mão. Tendo ao seu lado quatro mulheres tão bem vestidas quanto ela, mamãe aproveita as companhias e o fato do papai já ter ido embora, deixando-o com a patota que ela sempre encontra nos eventos que frequenta.

— Mamãe! — Paro em frente ao grupo de mulheres que interrompem o tom alegre de suas falas, assim que eu e minha namorada nos postamos frente a elas.

Mamãe, que até o momento agia como se fosse a líder das peruas, analisa Clara de cima a baixo, terminando sua excursão no ponto onde nossas mãos se juntam.

Percebendo o olhar avaliativo não só da mamãe como também das outras, Clara aperta meus dedos com mais força e acredito que isso se deva ao seu estado de tensão.

— Mamãe, só vim mesmo para me despedir e lhe apresentar a minha...

— Meu filho, por onde você andou? — Propositalmente ou não, ela me interrompe na hora em que ia lhe apresentar Clara como minha namorada. — Te vi no início da festa e depois sumiu.

— Sabe como é, né? Trabalho...

— Sim! — Volta rapidamente a atenção para Clara, a avalia com aberto tom de hostilidade, depois volta-se novamente para mim e continua. — Imagino o tipo de trabalho.

— Mamãe, por favor!

Repreendo, dando-me conta de que fiz um péssimo erro de julgamento e parece que a implicância da senhora Pimentel não tem mais hora e nem lugar.

— O que foi, meu filho? — indaga, fazendo-se de inocente, como se não tivesse insinuado nada ofensivo a minha relação com Clara. — Estão vendo como são os filhos, meninas? A gente cria com todo amor para depois eles fiquem assim, sensíveis e cheios de razão.

— Não foi nada! — corto, seja lá qual for o seu plano. — Só vim lhe apresentar a minha namorada, Clara, e avisar que estou de saída. Jack vai ficar e leva-la até em casa...

— Lúcia, minha querida... — Diferente do que fez com Clara, assim que a outra mulher se aproxima, minha mãe se coloca de pé, dá um beijo e um abraço efusivo no rosto da Lúcia e a puxa para sentar ao seu lado no sofá. — Não sabia que você estava aqui.

— Pois é! — Abre um sorriso doce e continua: — Henry mandou o convite, não foi, querido? — A aprendiz de megera se acomoda melhor no sofá, olhando de mim para Clara, com uma expressão vitoriosa no rosto.

— Amor, eu não... — Olho de imediato para a minha gatinha, no exato momento em que seus dedos afrouxam o aperto na minha mão.

No seu rosto, já não vejo a mesma confiança do início da noite, de

depois do sucesso que foi a sua presença como principal modelo da edição e muito menos a confiança colocada quando afirmei que nada iria acontecer nesse encontro com a Carmem.

Eu não estava contando com a presença dessa mulher irritante que certamente não foi convidada por mim, e se diz isso, é apenas para afrontar a mim e a minha mulher.

— Não precisa.... — Clara tenta abafar a história, mas eu estou decidido a esclarecer de uma vez por todas que entenda minha mãe ou não, eu já tenho uma namorada e não vai ser ela quem vai mudar esse fato.

— Tudo bem, querida, a Lúcia com certeza se enganou. Eu não mandei convite nenhum.

— Não são lindos, Magnólia! — Mamãe espicha os olhos até a ponta do sofá onde está sentada a perua rainha das plásticas, mais conhecida como mãe da Lúcia, outra plastificada. — Tendo essas briguinhas de casal. Tenho certeza que com o casamento, isso se acerta.

— Sim, querida, os jovens de hoje em dia são assim, brigam, mas estão sempre juntos.

Não posso acreditar que isso esteja acontecendo!

— Isso acontece, de fato, mas é entre mim e minha namorada. — Olho para o meu amor que tem os olhos marejados. Chorando ela não está, pois conhecendo como a conheço, sei que não daria esse gostinho para as mulheres maldosas, incluindo a minha mãe.

— Essa aqui – levanto nossas mãos unidas para dar ênfase ao que digo —, Clara Aguirre, é a minha mulher, fui claro?

— Um namoro passageiro. — Estamos a ponto de virar as costas quando a voz da minha mãe ecoa, demonstrando que nada está tão ruim que não possa piorar. — Sabe como é, querida. — O seu querida pinga sarcasmo. — Eles podem até namorar garotas como você, de uma classe social inferior, ainda que esteja disfarçada de moça fina, mas no fim, eles acabam casando com moças do nível deles. É assim que as coisas funcionam no meio em que vivemos.

— Já chega, Carmem... — aviso, muito irritado e ela me corta novamente como quem quer garantir o fim da minha relação.

— Então, mocinha, aproveita — tem o olhar duro. Do seu lado, somente Lúcia parece deliciar-se com o espetáculo —, logo a novidade passa e meu Henry voltará para a Lucinha.

Dá o golpe final e cruel suficiente para espantá-la para longe, uma

vez que Clara solta nossas mãos e vira as costas para mim e todo o circo armado pela minha mãe.

Minha intenção imediata é de sair correndo atrás da minha menina, mas antes de fazer o que quero, sei que preciso dar a resposta que mamãe, e todas essas mulheres precisam.

— Vocês não vão me separar dela, foda-se todas as bobagens de classe social. Amo aquela mulher e não serão vocês com esse tipo de atitude quem irão fazer com que eu mude de ideia.

— Henry querido...

— Cala a boca, caralho — interrompo, seja lá o que Lúcia pretendia dizer. — Não me chame de querido, você perdeu a consideração que eu ainda tinha por você a partir do momento em que decidi interferir no meu namoro.

— Mas, Henry...

— Mantenha-se afastada de mim e da minha mulher ou acabo com a sua carreira, e você sabe que tenho meios para fazer isso — ameaço, não conseguindo conter a irritação.

— Meu filho, não estou te reconhecendo, não foi essa a criação que eu te dei.

— A senhora não precisa mais aparecer no meu apartamento e assim vai ser até que peça desculpa a Clara. — Sei que estou sendo duro com ela, mas também sei que a minha mãe precisa de um tratamento de choque para ver se aprende que as pessoas valem mais do que a conta bancária que possui.

— Com licença...

— Não vá, filho, preciso que me leve para casa — pede, mesmo depois de eu ter dito que Jack ficará para leva-la. O pedido deixa óbvio mais uma tentativa de acabar com a minha relação.

— Tenho certeza que carona não será um problema para a senhora — digo, pois sei exatamente como as coisas acontecem entre mamãe e as suas puxa sacos. — Eu disse que o Jack irá levá-la e se não fosse ele, tenho certeza de que a senhora não teria nenhum problema para conseguir alguém para levá-la em casa — assevero — Pede para a Lucinha, ela adoraria ter mais da sua companhia, não é mesmo, querida? — Minha voz pinga ironia e a loira lança um olhar assassino.

Para ser sincero, não sei o quanto desse afeto da Lúcia para com a minha mãe é verdadeiro e acho que não é algo que mereça mais que alguns segundos da minha preocupação. Carmem é esperta demais e se decidiu apontar

a artilharia para a pessoa errada, tem que arcar com as consequências dos seus atos, e a mim, resta esperar que um dia enxergue o ser humano maravilhoso que é a minha namorada; se é que o estrago não foi grande demais para que eu ainda tenha uma namorada.

Não, Clara não faria isso comigo. Ela me ama.

Tento convencer a mim mesmo quando, sem dizer mais nada, saio em busca dela, torcendo para que não seja tarde demais e que minha mãe com o seu poço de preconceitos não tenha feito um estrago muito grande na mente da minha menina.

Enquanto percorro o salão, tudo o que aconteceu e todas as palavras ditas agora a pouco rondam a minha mente em câmera lenta e a cada pensamento, tenho a certeza de que Clara é boa demais para estar no meio de pessoas tão fúteis e preconceituosas como é a minha mãe, suas amigas, e pior, com eu também era antes de conhecê-la.

Clara, com a sua doçura e bondade, tornou-me um homem melhor, um homem da qual orgulho-me de ser. Graças a ela, aprendi que mais vale ser do que ter.

— Desculpa interromper, pessoal — digo, assim que chego à roda de conversa onde está Luigi e alguns dos modelos que compõem o recheio da edição.

— O que é isso, chefinho, aqui você é quem manda — diz Luigi, passando a mão pelo meu peito. — Aconteceu alguma coisa?

— Não, só preciso saber se viram a minha namorada — ansioso, vou direto ao assunto, pois não tenho tempo a perder.

Gosto nem de imaginar as bobagens que devem estar passando pela cabeça dela.

— Agora a pouco eu a vi dobrando o corredor do banheiro — uma moça revela.

— Valeu, pessoal, era só isso mesmo. — Dou duas batidinhas no ombro do Luigi e apresso-me rumo ao esconderijo da fujona.

Chega de se esconder, meu amor. Estou indo te buscar.

# Perdida

Clara

*Um namoro passageiro... Sabe como é, querida, eles podem até namorar garotas como você, de uma classe social inferior, ainda que esteja disfarçada de moça fina, mas no fim, eles acabam casando com moças do nível deles. É assim que as coisas funcionam no meio em que vivemos.*

Olhando-me refletida no espelho do toalete, primeiro lugar para onde pensei em vir quando cansada de todas aquelas mulheres idiotas, decidi deixar o local, e virar as costas para todas, inclusive para o meu namorado, continuo limpando o meu rosto da melhor maneira que posso, tentando deixá-lo o mais apresentável possível, depois de ter estragado a belíssima maquiagem com lágrimas que certamente pessoas como aquelas mulheres não merecem.

— Nada mal — Um pouco menos como uma louca e mais como a Clara deslumbrante de antes, digo para o meu reflexo assim que cuidadosamente, termino de limpar os borrões que a maquiagem escorrida deixou. — Você precisa voltar e terminar de fazer o seu trabalho.

Mais confiante, após permitir-me chorar o que precisei chorar, tomo a decisão de sair e enfrentar o resto da noite, mesmo não sabendo como lidar com Henry e com o que acabou de acontecer.

Pensar nele traz à tona minhas maiores inseguranças e uma Clara que poucas vezes deixo vir à tona. Uma garota cheia de fraquezas, emotiva e insegura. A parte mais injusta nisso tudo é saber que ele não tem culpa, de maneira nenhuma responsabilizo meu amor — ou ex — pelas minhas fraquezas.



Pelo contrário, estar com Henry é a melhor coisa que já me aconteceu.

Depois de perder meus pais e ver-me praticamente sozinha no mundo, ele foi o meu porto seguro, a lufada de ar fresco que me permitiu ter a esperança de voltar a ser feliz. Esperança transformada em realidade a partir do momento em que decidimos nos entregar a paixão e amor que tão rapidamente brotou nos nossos corações.

Com um amor sólido como acredito que o nosso está se tornando, a relação tem tudo para estar as maravilhas, mas como nem tudo pode ser perfeito, tão forte como é o nosso amor, também é grande a diferença dos mundos que viemos.

Hoje, as palavras do grupo de socialites serviram para mostrar que nem tudo são flores. Em pleno século XXI, as pessoas ainda medem valores pela classe social.

Não! Henry não tem culpa e muito menos eu tenho, mas será o nosso amor forte suficiente para resistir a situações como a que ocorreu agora a pouco?

Pior, eu tenho o direito de viver em paz e feliz com o meu namorado, sabendo que posso ser a causa de uma briga e até mesmo o rompimento da sua relação com a mãe?

Logo eu, a pessoa que daria tudo para ter a mãe do lado.

Cansada e principalmente confusa com os pensamentos que rodeiam a minha mente, decido — mais uma vez — que não é o momento para isso. Antes de me permitir pensar e tomar decisões, preciso voltar e como uma boa profissional que tanto elogiaram-me de estar sendo, tenho que voltar para o lado do Henry e sorrir para quantas pessoas ainda forem preciso.

— Vamos lá, garota — Decidida, pego a minha pequena bolsa brilhante de cima da bancada de mármore, e assim que dou dois passos na direção da porta, ouço passos e duas vozes irritantemente finas se aproximarem da porta.

Em um ato impensado e sem motivo algum, corro para dentro de uma das cabines, milésimo de segundo antes da porta ser aberta. E aqui estou eu, novamente, presa dentro de um banheiro, sendo obrigada a ouvir a conversa dos outros atrás da porta.

Tudo porque meu cérebro foi mais lerdo que o impulso do corpo e esse preferiu ficar por aqui mesmo.

— Que horror, olha essa maquiagem, até a boneca Anabelle é

menos assustadora que eu, neste momento. — Uma das mulheres de voz irritante reclama e tenho certeza de que se eu sair daqui agora, não encontrarei nenhum borrão na maquiagem dela.

— Não seja exagerada, querida — a outra fala com um tom de voz apaziguador. — Foi só um filete de suor que escorreu e isso não foi suficiente para tirar toda maquiagem.

Ai que preguiça!

— Tem certeza? Júlio Alcântara está aí e não quero fazer feio, preciso fisgar aquele homem.

— Tenho sim, além disso, todo o esforço feito por qualquer uma das mulheres aqui nesta festa não será o suficiente para sequer ser comparada com a deslumbrante, Clara Aguirre — diz e logo tenho total atenção na conversa das mulheres. — Você não reparou no quanto a garota é linda?

— Não! — A reclamona fala, deixando transparecer irritação na voz. — Ela nem é tão bonita assim.

— Bonita ela não é mesmo, a mulher é linda! — Estou começando a gostar dessa. — Não é à toa que foi escolhida por Henry tanto como modelo de capa quanto para ser a namorada oficial.

Não foi ele quem me escolheu.

Se elas soubessem o quanto a ideia o incomodou no início...

— Óbvio que foi escolhida, a garota é jovem, uma pobretona e isso certamente à atenção dele. Até parece que você não conhece a fama do cara, amiga — diz, fazendo com que suas palavras comecem a minar a autoconfiança que a pouco tentei reconstruir.

— Não sei, talvez ele tenha mudado. Não vê a forma como Henry olha para ela? Vai por mim, o homem está completamente dominado pela ninfeta.

— Pode apostar que em breve você ouvirá notícias a respeito do fim desse namoro. — A mulher que aparentemente não consegue pensar em nada positivo a respeito do Henry e do seu assumido relacionamento, fala com convicção.

— Não sei, apesar de achar muito estranho esse namoro repentino, quando todos esperavam que mais cedo ou mais tarde ele se aquietaria e casaria com a intragável da Lúcia.

— Eu não duvido de isso ainda acontecer, ou você acha mesmo que a Lúcia vai deixar barato perder um dos homens mais ricos e influentes da

cidade para uma menina que ninguém sabe de onde veio, uma qualquer?

— Coitada, Stephanie, nós nem conhecemos a garota para você está falando dessa forma. — a voz mais sensata — que desde o início tenta de alguma forma ponderar a respeito da grande quantidade de merda que sai da boca da Stephanie — fala e minha vontade é sair e lhe dar um abraço, pois ela pelo menos me faz perceber que nem todos desse meio tem os pensamentos tão podres e preconceituosos.

— Não falo por maldade, Estela, mas você tem de concordar comigo que é assim que funciona no mundo. Caras como o Henry vão atrás de alívio, de algo diferente do que é acostumado, mas no fim, eles acabam casados com mulheres da mesma classe social. E nem digo que a relação termina, já que nós duas sabemos que preferem manter uma amante a serem fiéis as esposas.

A tal Stephanie termina o discurso e o que mais entristece é saber que tudo o que ela acabou de dizer não é uma mentira, pois de tudo que vi e ouvi hoje, a promiscuidade dos homens seria o menor dos seus defeitos.

— Eu sinceramente torço para que esse relacionamento vá para frente, quero ver a intragável Lúcia se corroendo de inveja por ver outra conseguir o que ela tenta há anos sem êxito.

— Isso se ela não arrumar um jeito de acabar com a garota antes. Você tem noção de que Lúcia, com toda a amizade que tem com a família, nunca conseguiu ser capa de nenhuma das revistas?

— Deve estar toda mordida.

— Eu também estaria, Estela. A mulher é modelo profissional há anos, para chegar o ano da edição mais importante e ver uma desconhecida sendo a grande estrela da noite e isso tudo porque está dando para o dono da revista.

As palavras maldosas deixam-me ainda mais chateada e confusa. Já não sei mais o que pensar e muito menos como devo agir. Foram coisas demais esta noite, tudo rodando na minha mente sem parar e a cada minuto que passa, mais certeza tenho de que não pertencço a esse mundo, o mundo da qual, infelizmente, o meu namorado faz parte.

Será possível um amor se manter vivo em meio a tamanhas diferenças?

Se antes estávamos no nosso próprio mundo, onde não cabia nada além de nós dois e a felicidade e cumplicidade que dia a após dia viemos construindo, hoje percebi que o mundo aqui fora é bem mais cruel e para piorar,

tive a certeza de que a impressão de estar tudo bem com o fato de um homem como o Henry está namorando uma menina como eu era só isso, uma falsa impressão.

— Está querendo insinuar...

— Estou afirmando e você e ninguém pode me julgar por isso. Essa garota no mínimo é uma interesseira que arrumou um jeito não só de fisgar o cara, como também o convenceu a ser a capa da edição comemorativa. Boba essa ela não é.

A mulher termina de despejar o seu veneno e era só o que precisava para sair de dentro da cabine — que nem sei o porquê de ter me enfiado dentro — e ver a cara da cobra quando perceber que eu estava todo esse tempo ouvindo o que diziam.

— Atrapalho? — Com os saltos altíssimos fazendo barulhos irritantes contra o piso, aproximo-me rapidamente de onde as duas estão e o previsível acontece: Uma delas, a loira, me encara com expressão surpresa e eu suponho que essa deva ser a Estela, a outra, uma ruiva de cabelos ondulados também demonstra surpresa por me ver aqui, mas, além disso, Stephanie, tem o rosto mais pálido que uma folha de papel em branco. É quase como se estivesse vendo um fantasma.

Não a julgo, eu também ficaria assim caso descobrisse que a pessoa que eu estava falando mal, ouviu toda a conversa.

— Estava aí dentro o tempo todo?

— Sabe como que é, né? A dor de barriga quando vem, é difícil de controlar. — A ruiva odiosa me olha com cara de nojo.

Será que ela não caga?

— Você é vulgar — acusa.

— Stephanie, por favor — A loira tenta acalmar os ânimos.

— E você é uma invejosa — rebato. — E antes que eu esqueça: muito obrigado por toda essa sua preocupação com o meu namoro. E para que o seu coração não fique angustiado, te digo que estamos muito bem, ele não parece cansado da novidade aqui. — Aponto para o meu próprio corpo. — Bom, pelo menos não foi isso que disse ontem à noite quando...

— Cala a boca, garota.

— E não se preocupe — continuo, ignorando a ordem da linguaruda. — Faço questão de mandar o convite do nosso casamento. Passar bem. Até mais, Estela. — Pisco para a loira, que retribui com um sorriso sincero.

Ao finalmente sair, caminho alguns passos pelo corredor e logo sou surpreendida por um Henry ofegante que acaba de se materializar bem na minha frente.

— Ei, está tudo bem com você? — Sem esperar pela resposta, ele toma-me em seus braços e me abraça com força, momento em que meus olhos começam a arder e toda a tristeza e frustração por ver o desastre que a noite se tornou ameaçam cobrar seu preço.

Para a sua pergunta, não tenho uma resposta, porque depois de tudo, realmente não sei se está tudo bem e muito menos se voltará a ficar.

# Medo de te perder

Henry

Mesmo retribuindo meu abraço, sinto o corpo da minha menina trêmulo e o rosto não consegue esconder o fato de ela ter chorado há pouco tempo.

— Fala comigo, meu amor — Ao afastar do nosso abraço e segurar a sua cabeça com as duas mãos, analiso o pequeno rosto e mesmo assim, Clara permanece com o olhar perdido em algum ponto atrás de mim.

— Cansada... estou exausta — fala em uma fio de voz e sem ter certeza do motivo, o sangue que corre por minhas veias começa a gelar. O medo de algo ter acontecido nesse meio tempo e de que eu não tenha estado por perto para defendê-la — mesmo não precisando que eu faça isso por ela.

— Aconteceu alguma coisa? Você está agindo de maneira estranha — confronto, ainda com os braços em volta da sua cintura, e apesar de fisicamente não ter me afastado, sinto que o mesmo não ocorre com o lado emocional.

— Fala comigo... — Acaricio seu belo rosto e como uma gatinha carente, minha pequena deita o rosto na minha mão, no processo, fecha os olhos para que não veja prováveis lágrimas que ela luta para não derramar na minha frente.

— São tantas coisas. — Clara levanta a cabeça com a voz embargada e com os olhos brilhantes decide falar e tenho a infeliz sensação de que não gostarei nada do que estou prestes a ouvir. — Sua mãe e aquelas

mulheres. Agora no banheiro...

Clara tem sua fala interrompida quando o barulho de saltos batendo contra o piso ressoa pelo pouco movimentado corredor dos banheiros. Saindo de lá, vejo duas das socialites mais influentes da cidade, Stephanie e Estela e nem preciso perguntar para saber que as duas devem ter falado coisas que chatearam — e muito, considerando o seu abalo emocional — a minha menina.

— Meninas, tudo bem? — cumprimento assim que passam por nós e seja qual for a bobagem saída de suas bocas, Clara e principalmente elas, terão de entender que as suas opiniões não importam em absoluto.

— Ótimo! — respondem em conjunto, uma mais afetada e a outra aparentando tranquilidade com o encontro.

— Não sei se já estavam presentes na hora da cerimônia — simulo, pois depois de tantos anos fazendo a mesma coisa, sou capaz de dizer um por um o nome das pessoas que comparecem na bendita festa, e por isso, sei que as duas já estavam presentes. — Essa é a Clara, minha namorada. — Ao meu lado, meu amor abre um sorriso sem graça, enquanto permaneço com o braço em volta da sua cintura fina. — Ela não é linda?

— Muito mesmo! — A loira parece ser sincera e a outra nem tanto.

— Licença, precisamos ir. — Stephanie sai batendo os saltos e sem responder a minha pergunta.

Sem nada mais para dizer, Estela ensaia um pedido de desculpas pela atitude da amiga, para em seguida sair atrás da mesma.

Quando ficamos novamente a sós, Clara volta a relaxar o corpo e mais que isso, ela se desvencilha do meu toque.

— Não faz isso, meu amor. Conversa comigo — peço, tendo novamente sua atenção.

— Preciso de um tempo para pensar — Como eu imaginava, ela diz tudo o que eu temia ouvir saindo da sua boca, mesmo imaginando que isso iria acontecer.

A pior parte de tudo o que está acontecendo é saber que nem ao menos posso argumentar ou julgá-la por estar dessa forma. O que Clara ouviu da minha mãe e seja o que for das gêmeas siamesas, não foram coisas fáceis de digerir. Essas pessoas a fizeram se sentir inadequada não só para estar aqui, como também para estar comigo.

Apesar de tudo, de compreender e concordar com todos os seus motivos, também me reservo o direito de ser egoísta neste momento.

Se eu fosse uma pessoa mais evoluída, poderia simplesmente deixá-la em sua casa e amanhã, com os ânimos mais calmos, a procuraria para podermos conversar melhor. O problema é que não sou assim, não quando o assunto é essa garota, o melhor presente que a vida me reservou. Simplesmente não posso deixá-la ir para longe de mim, não quando estamos em meio a uma crise, sendo o medo de perdê-la em definitivo maior que a minha capacidade de raciocínio.

— Apenas pensar? — indago, temendo pela resposta.

— Não... não sei! — Clara parece estar muito confusa, o que traz à tona todo o meu extinto protetor, o desejo de cuidar dela, de curar todas as feridas, mesmo que elas tenham aparecido por minha causa.

— Vamos para a cobertura, menininha. — Acaricio novamente o rosto macio e sentindo sua receptividade, a abraço com o outro braço, trazendo o amado corpo para junto do meu. — Vou respeitar o seu espaço. — Na medida do possível, já que se a intenção fosse essa, eu teria coragem de deixá-la ir para a própria casa. — prometo. — Amanhã, ou quando estiver pronta, conversaremos e decidiremos a nossa vida.

A última sentença causa um gosto amargo em minha boca, só pelas implicações que ela traz.

Não há o que decidir nas nossas vidas, não quando o tema é a nossa relação. Só tem uma verdade, a nossa verdade. Eu amo a Clara e ela me ama, não vai ser minha mãe e o resto da sociedade quem vai fazer-me desistir dela.

— Tudo bem! — passiva, ela consente, fazendo-me agradecer por não ter tido o árduo trabalho de tentar convencê-la. Teimosa como ela é, capaz de não só não conseguir, como também de deixá-la mais chateada do que já está.

— Obrigado, querida! — dou-lhe um selinho para em seguida desfazer o nosso abraço e entrelaçando nossos dedos saio do maldito corredor, na intensão de dar a noite por encerrada.

— Henry, não quero te prejudicar. — Puxa meu braço assim que percebe para onde estamos indo. — No caso, para a porta de saída. — É melhor que continue com os seus convidados, eu posso ir com o Jack e mais tarde a gente se encontra — ela propõe, pois apesar dos pesares, ainda pensa no que é melhor para mim e não para si mesma.

Por essas e outras que é o amor da minha vida.

— Não, pequena, vou com você. Já cumpri o meu papel por aqui e você também — explico, sem deixarmos de caminhar na direção no



estacionamento do espaço. — Além disso, a minha prioridade é você, minha linda, e mesmo que ainda tivesse muito a fazer por aqui, o fim seria o mesmo: eu indo embora com a minha mulher — finalizo, dando um beijo na sua têmpora.

Ao adentrarmos o estacionamento, felizmente, Jack já está a nossa espera e após dar as coordenadas, entro com a minha pequena na parte de trás do veículo. Com a cabeça encostada no meu ombro, Clara permanece em silêncio, e no rosto tem toda a expressão de uma pessoa perdida em seus próprios pensamentos. Logo em seguida, minha pequena cai em um sono profundo, fazendo-me agradecer por isso, pois sei que está exausta, tanto física quanto psicologicamente.

Quando chegamos à cobertura, viro-me como posso, até que consiga abrir a porta, tudo sem derrubá-la no chão.

— Aqui estamos, linda — Como um bobo, falo baixinho mesmo sabendo que não pode ouvir. — Vamos para o quarto, você precisa de descanso.

Felizmente está tudo em ordem e ao entrar com minha namorada nos braços, a cama está arrumada e bem convidativa para um corpo cansado em busca de descanso.

Com cuidado para não a incomodar ou mesmo acordar, deito a pequena no centro da cama, e ao observar seu rosto sereno por um tempo, noto-a se mexer por algumas vezes, o que me faz concluir que talvez seja o vestido justo o responsável pelo sono intranquilo.

— Só um momento, gatinha. — Tiro meus sapatos, depois tiro os seus e em seguida abro o zíper do vestido que felizmente está localizado na parte lateral do seu corpo e não na parte de trás.

Após livrá-la da peça, tenho que me segurar para não tirar as minhas próprias roupas, deitar-me ao seu lado e abraçar o pequeno corpo, coberto por um provocante conjunto de lingerie mais provocante ainda.

A minha pequena sedutora.

Tenho certeza que ao vestir as peças sensuais ela não imaginava que a noite terminaria da forma como terminou.

— Durma bem, amor — Com cuidado, beijo o canto da sua boca e logo em seguida dirijo-me para o closet que hoje tem tanto peças minhas quanto peças da minha gata, pois a cada visita ela acaba deixando coisas para trás.

Depois de me trocar, dou mais uma olhada na Clara, cubro-a com um lençol fino, ligo o ar-condicionado em uma temperatura agradável, e após pegar uma coberta e um travesseiro para mim, saio na direção do quarto de

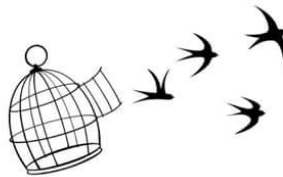
hóspedes, deixando a porta entreaberta para o caso de ela precisar de alguma coisa durante a noite.

De um lado para o outro.

Essa é a definição perfeita da minha madrugada, pois, apesar de estar cansado fisicamente tanto da correria da noite como também de todo o dia, minha mente não para de reviver e pensar em tudo o que aconteceu.

Apesar de o lado profissional ter sido um sucesso, o mesmo não se pode dizer do resto. Agora, por ações e palavras de pessoas preconceituosas, fúteis e sem a menor empatia pelo próximo — e nisso incluo a minha querida mãe, principalmente ela — me vejo na iminência de perder o meu amor.

O medo que sinto é gigante, mas a minha vontade de ficar com ela é muito maior e quando cansado de debater-me de um lado para o outro e de pensar no que não merece um pensamento sequer, caio em um sono pesado, o meu último pensamento é dela, a minha mulher e na promessa de que não deixarei nada nos separar.



— Clara! — é a primeira palavra que digo quando em um movimento brusco, levanto da cama ainda bem cedo. Pelo menos é o que parece, considerando que o sol ainda não saiu.

Rapidamente, visto meu moletom cinza e dispensando a camisa, corro para o banheiro da suíte, faço minha higiene matinal e sem parar para pensar em mais nada, vou para o meu quarto.

Como deixei ontem de madrugada, encontro a porta entreaberta, o que me faz supor que ela ainda esteja dormindo.

Ao encontrar o quarto ainda na penumbra, demoro alguns segundos para situar-me e quando isso acontece, sinto como se um grande balde de água fria caísse sobre a minha cabeça.

Arrumada como estava antes de eu deitá-la, a cama de casal em nada denuncia a presença de alguém na noite passada e como eu temia, a minha garota fugiu, sem esperar para me ouvir ou ao menos dizer adeus.

— Menininha, por que fez isso com a gente... — Cabisbaixo e

perdido, sento-me na ponta da cama, e não se passa muito tempo até meus olhos serem atraídos para o piso e a poucos passos do meu pé, algo chama minha atenção.

Sem pensar, pego o tecido macio do chão e num passe de mágica tenho minhas esperanças renovadas.

— Ela não fugiu — digo a mim mesmo ao levar o pedaço de pano ao nariz e sentir o cheiro do seu perfume impregnado. — Minha Clara ainda está aqui.

# *O que nos une*

Henry

Com a energia renovada e alegria de saber que ainda tenho uma chance de consertar a merda feita por terceiros, volto a sair do quarto decidido a encontrar a madrugadora.

Se de imediato pensei na possibilidade de ela estar aqui, única e exclusivamente por causa de um vestido deixado para trás, quando obviamente ela poderia ter saído com qualquer uma das suas várias peças guardadas do seu lado do closet, agora, pensando melhor, é justamente por ser essa peça que eu sei da sua presença no apartamento.

Clara — como comprovam os diversos elogios feitos ontem à noite — tem se mostrado uma excelente profissional, e isso vem desde o ensaio até o evento de ontem. Sempre simpática e ávida por ouvir e aprender o que os profissionais do ramo têm a ensinar, minha namorada faz jus a todos os elogios e promessa de um futuro brilhante na carreira, e é exatamente esse o motivo das minhas certezas.

Por mais magoada que Clara esteja, ela não deixaria a peça para trás. O vestido que segundo suas próprias palavras empolgadas é uma peça exclusiva e vale mais que essa cobertura.

Após sentir mais uma vez o cheiro tão amado e familiar, deposito o vestido sobre a cama e uma vez fora do quarto, meu primeiro pensamento é de procurá-la na varanda, seu lugar favorito aqui em casa. Nas vezes em que está aqui, a gatinha sempre tira alguns minutos para ficar ali, apreciando a vista e como ela diz: sentido a brisa acariciar sua pele.

E como o imaginado, aqui está ela. Do meio da sala, avisto as portas que dão para varanda abertas e pisando leve para não denunciar minha presença antes do tempo, vou até ela, me posiciono atrás do pequeno corpo e sem

encostar, sinto apenas o calor que ele emana.

Mesmo que o meu desejo seja abraçá-la com força, prefiro não arriscar, não sem antes Clara dar o primeiro passo ou pelo menos um indício de que deseja isso.

— Bom dia — sem fazer qualquer movimento, sua voz baixinha me cumprimenta.

— Bom dia, dormiu bem? — indago, só agora sendo invadido pela imensa felicidade de notar o que ela está vestindo.

De todas as peças de roupas que tem aqui em casa, Clara simplesmente decidiu vestir minha camiseta verde surrada. Inconscientemente, ela demonstra que o que nos une ainda está vivo. Vê-la com minha camiseta ainda traz sentimento de possessividade misturado com tesão. São sentimentos que trazem vontade de ir contra a minha própria resolução e agarrá-la aqui mesmo e sem importar-me com o risco de alguém estar nos absorvendo, torná-la mais uma vez minha, assim como já o fiz incontáveis vezes.

Depois de um tempo em um silêncio confortável, onde permaneci com as mãos no bolso, segurando-me para não abraçá-la, minha menininha finalmente dá o primeiro sinal ao dar um pequeno passo para trás e encostar o corpo no meu. Satisfeito e como se um ímã me puxasse, de imediato tiro as mãos do bolso e enlaço a cintura estreita, como venho desejando fazer há algum tempo.

— Precisamos conversar — ela avisa, mesmo que esteja tentando se aconchegar melhor dentro dos meus braços.

De uma forma ou de outra, sei que é uma conversa necessária, não para falar em termino ou coisa parecida. O que pretendo é reestabelecer a autoconfiança e a segurança em tudo o que construímos juntos, o que para muitos pode parecer pouco, mas só a gente sabe o que passa entre nós e não meia dúzia de pessoas maldosas.

— Sim, meu amor — confirmo, afastando os cabelos lisos e castanhos do pescoço, deixando-o livre para os meus beijos. — Não prefere tomar café antes? — indagado e mesmo se a intenção fosse negar, o seu estômago faz o protesto em um ruidoso ronco.

— Acho que não precisa responder, não é mesmo? — Clara diz, sem jeito. E eu não poderia achá-la mais fofa do que acho agora. Ela não tem o menor pudor para coisas que deixariam outras pessoas de cabelo em pé, mas fica vermelha como um pimentão com assuntos bobos como esse.

— Então, vem... — Desfaço meu agarre e agora abraçado a sua cintura, nos conduzo para a cozinha.

Felizmente, Rita esteve aqui há dois dias e além de dar um jeito na minha bagunça, ela também abasteceu a geladeira, o que não foi um problema na hora de preparar sanduíches e sucos naturais para mim e minha menininha.

Comendo em silêncio, cada um com os seus pensamentos, nós permanecemos os próximos minutos, até que satisfeito e assegurando que ela também esteja, chamo-a para nos acomodarmos no sofá do pecado e termos a bendita conversa.

— Tudo bem? — pergunto, assim que sentamos lado a lado, um de frente para o outro, vejo-nos preparados para esclarecer tudo o que aconteceu ontem.

— Sim — afirma e a percebo ainda perdida, sem saber muito bem como começar. Pelo menos essa é a impressão que minha namorada passa.

A fim de deixá-la confortável para dizer o que precisa, decido eu mesmo. — Ainda que quase tão inseguro quanto ela — começar.

— Você ainda me ama? — Jogo na lata, e pode ser a pergunta mais idiota para uma conversa como essa, mas ao meu favor, pesa o argumento de que assim como a Clara, esse também é o meu primeiro relacionamento, então, talvez eu esteja um pouco no direito de agir como um adolescente como medo de perder o amor da primeira namorada.

— Amo muito e por isso acho que seria melhor se eu...

— Não continue, por favor — peço, cortando o fim de uma frase que eu não desejo ouvir sair da sua boca.

Se fosse com outra, eu seria capaz até de dar o dinheiro para um táxi. Era assim que eu fazia na manhã seguinte, quando depois de desenhar que a diversão não passaria de uma noite, a conquista da vez saía furiosa do quarto de hotel, prometendo que eu nunca mais veria ou tocaria novamente. Como o bom cafajeste que era, não me acometia outro pensamento além de levantar as mãos para o céu em agradecimento pelo livramento, afinal, para que gastar tempo e energia com uma quando se tinha um cardápio inteiro e variado para experimentar?

Era assim que eu pensava, até ela chegar.

Hoje, tremo pela simples ameaça de tal frase sair da boca de Clara. Ela não.

Com essa pequena eu me tornei tudo o que mais criticava nos meus

colegas que de alguma forma encontraram alguém e bem antes de eu sonhar em deixar o mundo da putaria, encontraram suas companheiras e passaram a ter as mesmas atitudes e pensamentos que tenho hoje. Minha menina de maneira nenhuma faz-me sentir sufocado com eu pensava acontecer com meus amigos e temia acontecer comigo mesmo.

Indo na contramão de todos os meus medos bobos, Clara ao invés de trazer a temida sensação de estar preso, trouxe a bem-vinda liberdade. Com ela me sinto livre, livre para ser quem eu sou, para amar e ser amado. Livre do medo das mudanças que o namoro trouxe. Sinto-me capaz de abraçar o mundo, apenas por tê-la comigo.

Essa enxurrada de bons sentimentos veio com a descoberta do mais básico de todos: o amor.

Um sentimento desconhecido e que depois de experimentá-lo não quero mais viver sem. É ele quem a cada dia me faz diferente das pessoas que tanto tentam fazê-la se sentir inferior, apenas por não ter a mesma condição financeira e não ter nascido em um berço de ouro.

— Henry... — Fazendo da forma que eu odeio que faça, minha namorada baixa o olhar, deixando-o fixo nas mãos que agora estão cruzadas em cima do seu colo.

— Não faz isso com a gente — Com a ponta dos dedos, pego no seu queixo, até tê-la encarando-me novamente. — Você quer terminar o nosso namoro, amor? — pergunto, o que já não dá para adiar.

Apesar de ter em mim a convicção de não deixá-la partir — não antes sem muito lutar — Também sei que infelizmente, não cabe a mim impor algo que ela não queria.

O amor que sinto por essa garota é grande demais, assim como tive provas mais que suficientes da grandeza dos seus sentimentos por mim, todavia, não será em nome desse amor que a pressionarei a carregar um fardo pesado demais, se ela assim o achar.

— N-não — Com os olhos brilhantes pelas lágrimas não derramadas, ela gagueja a resposta que eu torcia para ouvir saindo da sua boca.

— Então qual o problema, gatinha? Conversa comigo. — peço, acariciando seu rosto, o que resulta em duas grossas lágrimas escorrendo por ele.

— Eu de alguma forma imaginei que coisas como as que ouvi ontem aconteceriam quando saíssemos da nossa bolha e nos mostrássemos para o mundo, por isso estava até meio — fez sinal de aspas com os dedos —

preparada.

— Mas... — digo, pois sei que tem um "mas".

— A sua mãe, você não precisa se desentender com ela por minha causa. É sua mãe, entende? Ela tem o direito de querer o melhor para o filho.

— O melhor para mim é o que eu escolher — digo. — E minha mãe não merece essa consideração que está tendo com ela. Não quando tudo o que fez foi te ofender.

— É sua mãe — insiste.

— E você é a minha mulher — rebato. — Clara, você está mesmo se menosprezando por causa de meia dúzia de pessoas de mente pequena? Essa não é a Clara que eu conheço. O que está havendo com você?

— Só não quero ser a responsável por um rompimento entre você e a sua família. Não quando eu daria tudo para ter a minha mãe do meu lado. — Quando ela termina, finalmente entendo o motivo disso tudo.

Ver-me com a minha mãe trouxe à tona a saudade da sua, que tão cedo a deixou e como ela mesma acaba de afirmar, teme ser a responsável por eu me afastar da minha. O que Clara não entende é que são situações completamente diferentes.

O que minha mãe fez foi muito mais que não aceitar uma namorada; são pensamentos e afirmações que muito me envergonham e sendo direcionada a qualquer outra pessoa que não fosse a minha namorada, eu certamente teria a mesma reação.

— Sinto muito por sua mãe, querida — Aproximo-me, beijando seus olhos, em seguida secando o belo rosto. — Quanto a minha, você não tem que se sentir culpada por nada. A minha mãe tem que aprender e para que isso aconteça, ela precisa dessa lição.

— Tem certeza, amor? — indaga.

— Sim. Não deixe que as pessoas ditem a nossa relação, princesa. Eu te amo mais que tudo nessa vida e não vou permitir que coisas externas acabem com isso.

— Você não existe — Sorri entre lágrimas. Agora elas são de alegria.

— Além disso, não pense que minha mãe e suas amigas são maioria não. Ou você esqueceu de quando o vídeo da serenata caiu na rede? — Ela sorri com a menção. — O tanto de comentários de apoio e mensagens lindas que mandaram? Felizmente, o mundo é outro, as pessoas são sensatas e pensamentos



como os da dona Carmen são minoria.

— Você está certo — fala e ficando sobre os joelhos, se arrasta para perto de mim. — *Me perdoa* por fraquejar e estar sendo tão chata com essa história — pede, beijando o canto da minha boca.

— Você não está sendo e nem foi chata. Eu compreendi muito bem o que sentiu. Só queria ter a chance de conversar e te fazer entender que nada que venha de fora pode nos atingir, não quando se tem um amor como o que sentimos.

— Único — ela afirma.

— Sólido — completo, no momento em que agarro o corpo esguio e a trago para cima das minhas pernas.

— Meu Henry... — Com os problemas aparentemente afastados, ela desce a boca pelo meu pescoço e não resta outra coisa além de propor:

— Minha linda... que tal fazermos sexo de reconciliação?

# *Juntos, como sempre*

Clara

As palavras saídas da sua boca não deviam me surpreender, mas no fim sempre me surpreendo com o seu jeito e maneira direta de falar o que quer.

Deve ser por isso que — depois de ter aberto os meus olhos com uma ridícula facilidade — ele já está pronto para seguir em frente e por seguir em frente quero dizer: fazer sexo, após uma conversa séria como a que acabamos de ter.

Se isso incomoda? Não, pelo contrário, o jeito direto e brincalhão me fascina, assim como tudo nele.

Meu namorado — infelizmente para sua mãe e para as invejosas das suas amigas — continua sendo meu, e se depender de mim, continuará sendo.

Com facilidade, há pouco ele me fez ver que não há motivos para inseguranças. Não se elas forem motivadas por outras pessoas, não se ele não faz nada além de constantemente dar provas do seu amor e cuidado comigo.

Meu amor não merece outra coisa da minha parte que não seja carinho e gratidão. Gratidão por felizmente ter tido a sorte de tê-lo na minha vida, de contar com a sua presença em um momento de grande perda, onde hoje, olhando para trás, vejo que corri o risco de entrar em uma grande enrascada, um caminho sem volta. Mas, graças a Deus, o que poderia representar um grande problema, tornou-se o que de melhor tenho na vida.

— Você não cansa de ser safado, Henry Pimentel? — pergunto quando em contrapartida, ajeito-me em cima do seu colo. — Acabamos de passar por uma pequena crise, inclusive a primeira na nossa relação e você aí, pronto para transar?

— Garota, sabe qual é a melhor parte depois de uma briga de casal? — enquanto fala, a mão grande começa a se enveredar para barra da camisa que

eu peguei emprestada.

Ele simplesmente não se aguenta.

— Nós não brigamos, Henry — nego.

— Você tem toda razão, gatinha, nós não brigamos, você brigou comigo.

— Para de brincadeira, seu besta — peço divertida. — Também não briguei com você. Apenas por um momento, achei que seria melhor darmos um tempo na relação, para pensarmos e decidirmos o que era melhor para nós.

— Em que realidade estar separado de você entra como possibilidade de ser o melhor para mim, Clara? Tem ideia do quanto minha noite foi tribulada? Quase não preguei o olho com medo de acordar e descobrir que tinha me deixado — fala e apesar das palavras duras, o tom não é de briga, é mais como um desabafo da madrugada atribulada que teve.

— Desculpa por isso. — Agora compreendo melhor que apesar de ter as minhas razões para pensar em tomar as atitudes definitivas, também fui injusta com ele.

— Esse assunto já foi, princesa. Nós estamos aqui, juntos, como sempre. — Dá uma bela de uma lambida no meu pescoço e continua:

— E como eu ia dizendo, a melhor parte das brigas é a reconciliação. E sabe como é feita a reconciliação?

— Não — É óbvio que sei, mas agora estou a fim de entrar no seu jogo de sedução e fazer-me de desentendida. — Fala, o que tenho que fazer para termos uma reconciliação em grande estilo?

— Você deixa eu tirar minha camisa do seu corpo — começa o discurso safado, falando baixinho e de maneira provocativa no pé do meu ouvido, o que faz a minha pele já sensível pelo que vem a seguir se arrepiar em antecipação. — Depois vai deixar que eu chupe e morda esses peitinhos que me pertencem e depois...

— Depois?

— Permitirá que eu tire sua pequena calcinha e te coma até cairmos exaustos em cima da nossa cama para descansar da madrugada insone que você me fez passar, sua safada — finaliza com um belo tapa na minha coxa em seguida, passando a mão pelo local, no intuito de aliviar a pele ardida.

— Amei a sua ideia de reconciliação, homem insaciável. — Rebolo contra a sua ereção, muito bem encaixada no meu centro pulsante, coberto pela calcinha sensual que antes de tudo eu tinha pensado nele e na comemoração que

teríamos quando voltássemos da festa.

— Só tenho ideias maravilhosas, minha pequena provocadora. — A mão direita finalmente alcança meu seio e ele o aperta em cheio, para depois beliscar o mamilo intumescido e fazendo o mesmo com o outro, meu namorado termina a carícia com a sentença:

— Chega de papo, vamos para a cama. Está na hora de termos outro tipo de conversa. — Com movimentos rápidos e certos, Henry leva meus dois braços ao seu pescoço e com as minhas pernas enroladas na sua cintura, leva-me direto para o seu quarto suíte.

— Agora, gatinha, quero que tire essa camiseta e me deixe ver o conjunto sexy — pede, depois de cuidadosamente colocar-me sobre a king size. — Sei que colocou especialmente para o seu homem aqui, não foi?

— É óbvio que foi, imaginei que poderíamos comemorar, caso obtivéssemos o sucesso esperado — admito, já que mentir não é uma opção, não para ele, o cara que em poucos meses aprendeu a me conhecer como poucas pessoas o fizeram.

— Uma pena não termos conseguido ontem à noite, mas adivinha? Vamos fazer isso agora — fala, observando-me ficar de joelhos sobre a cama. — Tira essa camiseta, meu amor — pede novamente e sob seu olhar avaliativo, começo o mini strip-tease que o deixa de boca literalmente aberta, babando nos meus movimentos e medindo meu corpo de cima a baixo.

— Gostosa — fala, quase em um rosnado, com os olhos quase lançando labaredas de fogo na minha direção. — Minha Mulher é a mais gostosa de todas — afirma, dando alguns passos até que esteja encostado na cama.

Vendo seu estado de excitação, comemoro internamente, onde o meu eu interior bate palminhas e dá cambalhotas de alegria por ter acertado na escolha da lingerie.

Ontem, no momento de decidir o que usar, não tive pudor de escolher um conjunto oferecido por um dos patrocinadores da revista e acabei optando por um dos conjuntos mais sensuais da coleção e agora tenho a recompensa com a aberta admiração para o meu corpo vestindo o sutiã de renda vermelha, enfeitado com uma pedraria prata e fazendo conjunto com uma calcinha da mesma cor. A peça de baixo é tão fina e pequena, que chega a ser indecente.

Indecente para ele. Queria fazer esse agrado e pela sua reação, acertei na mosca.

— Gostou do presente? — arrasto-me para a beirada da cama, até estar com o corpo colocado no tanquinho desnudo.

— Muito e não vejo a hora de desembulhar ele e comer o recheio. — desce as mãos pela lateral da minha cintura para mais abaixo agarrar com força as duas bandas da minha bunda. — Amor...

— Oi.

— Preciso entrar em você, te amar, sentir que está tudo bem, que não vou te perder para sempre, como o medo que rondou minha mente durante toda a madrugada me fez acreditar.

— *Me ame*, querido — Mordo seu lábio inferior e com os olhos claros e intensos, ele acompanha o carinho. — Estou aqui e não vou a lugar nenhum e sabe por quê? — Henry não diz nada, apenas levanta os olhos e me fita à espera do que virá a seguir. — Eu preciso de você, assim como depende de mim. É tão forte e tão intenso que às vezes eu tenho medo, Henry.

— Medo de quê, pequena? — questiona, tendo as duas mãos acariciando minhas costas de baixo para cima.

— Da intensidade, da dependência que estou criando por você — falo, resolvida que é o momento de despir a minha alma, além do corpo. — Tenho medo de algo dar errado no meio do caminho e se chegar o dia em que não poderemos mais estar juntos...

— Ei, isso nunca vai acontecer! — Segura minha nuca com as duas mãos, firmando meu rosto próximo ao seu e ao ter minha total atenção continua: — Você é minha e eu sou seu, Clara. Para o caralho com os medos e a dependência que temos um do outro. Esse é o nosso jeito de amar e quem somos quando estamos juntos.

— Te amo! — Declaro com a voz embargada pela emoção que a declaração trouxe — Muito.

— Não mais que eu a você, minha menininha — declara e em seguida me beija. Não o beijo sôfrego e apaixonado que costumamos dar. Pelo contrário, o beijo dele dessa vez é calmo e carinhoso, mas nem por isso menos intenso. Com os lábios, Henry explora toda a minha boca e a forma como ele faz, fala sem palavras do amor e da paixão que nos une.

É tão diferente das outras vezes, que em determinado momento sinto o gosto salgado das lágrimas e não tenho certeza se elas escorreram dos meus ou dos seus olhos. Talvez tenha sido de ambos, mas isso não interessa agora, o que importa é que diferente do que talvez tenha sido a intenção da mãe

dele e das amigas, as palavras cruéis somente serviram para nos deixar mais unidos e apaixonados que nunca.

Passado o momento calmaria, Henry muda a abordagem e começa pouco a pouco aumentar as investidas da língua contra minha boca, passando a comê-la com a sofreguidão e fome de sempre.

— Delícia — fala, transferindo o beijo da boca pelo meu pescoço, ombro e na altura dos meus seios. — Te quero, agora — avisa, desabotoando o fecho do meu sutiã, tirando-o pelos meus braços e depois o jogando em um canto qualquer.

— Sou toda sua — falo ao seu ouvido e Henry aproveita para deitar-me de costas no centro da cama e descendo lentamente pelo meu tronco, distribui beijos que vão dos meus seios, passam pela barriga, até chegar a virilha. Estando lá, meu namorado aproveita para dar uma lambida no meu sexo por cima da calcinha úmida, o que me deixa mais molhada do que já estou.

— Henry... — O tom é de súplica e já sei que não aguento muito da sua tortura.

— Tenha calma, minha gostosa — pede, terminado de despir-me ao tirar a minúscula calcinha, levá-la ao nariz e em seguida jogá-la no chão.

— Faça, antes que eu mesma resolva esse problema — ameaço levar a mão ao meu próprio sexo e é o suficiente para Henry tirar o moletom e partir para cima de mim.

— Sua pequena provocadora dos infernos, vai gozar com o meu pau bem socado nessa bocetinha molhada. — Termina a promessa com o pau todo socado no meu sexo e com a boca grudada na minha em um beijo desenfreado que envolve lábios, línguas que duelam e dentes que vez ou outra desajeitadamente se batem.

— Isso... — incentivo, recebendo as bruscas estocadas que de tão fortes fazem o som alto das nossas peles se batendo ressoar pelo quarto.

— Eu preciso... — imploro por alívio.

— Eu também estou quase lá, amor — Continua a penetrar e sem perder o ritmo, pede: — Segura.

Como se fosse possível, ele agarra a cabeceira da cama com as duas mãos e aumenta mais ainda o ritmo, o que faz-me ver estrelas e sentir o meu corpo dar trancos para cima.

— Está... tudo... bem...? — indaga, quase sem fôlego.

— Sim... continua — peço, agora com os calcanhares bem fincados

na sua bunda.

— Agora, porra! Vem comigo, minha gostosa! — Estoca mais algumas vezes até que gozamos quase ao mesmo tempo e ele se derrama dentro do meu corpo.

Com o corpo trêmulo e pingando de suor, Henry sustenta o peso sobre o meu por mais algum tempo e só depois de alguns beijinhos e palavras carinhosas é que ele sai de dentro de mim e se joga ao meu lado na cama.

— Se eu soubesse que seria tão bom, já teria arrumado uma briga — brinco.

# Longe de tudo

Henry

— Você vai a acabar comigo, garota — afirmo quando ofegante, *me joga* mais uma vez de costas na cama.

Depois do terceiro round, sinto como se não fosse viver para dar a próxima respiração e olha que mesmo depois dos trinta, estou na minha melhor forma física, tudo graças as corridas que costumo fazer logo cedo — todas sem companhia, já que a pequena deve preferir a morte a ter que acordar cedo para correr—. Por isso, quando ela está aqui, deixo de ir e fico fazendo companhia, afinal, não tem como escolher fazer corrida ao invés de estar na gostosa presença da minha mulher, cheirosa e cheia de disposição.

— Está pedindo arrego, é isso mesmo, meu amor? — Lânguida e deitada de bruços, minha pequena provoca, mas sei que não passa disso, uma provocação.

Sei que judiei muito dela, o que não significa ter ouvido alguma reclamação. Longe disso, quanto mais eu a fodia maiores eram as provocações e o pedido silencioso para que continuasse. Clara e eu somos compatíveis em praticamente tudo e isso algum dia deixará de me surpreender.

— De você eu jamais pedirei arrego, minha gata. Só acho que criei um monstro aqui, percebeu que já passa do meio-dia e nós passamos a manhã toda trancados aqui dentro? — indago, o que de forma alguma é uma reclamação, na verdade estou muito feliz por tê-la durante toda a manhã de domingo, coisa que não acontece com frequência.

Os domingos são os dias que ela tira para resolver suas coisas em casa e só resta contentar-me ou ir até sua casa ajudá-la nas tarefas, coisa que faço com gosto, pois além de ajudá-la no que for preciso, também tenho mais tempo na sua companhia.



Tudo seria tão diferente se...

Não, Henry, não vai por aí! Não alimente desejos que no momento não serão viáveis de serem realizados. Ela ainda não está preparada.

— Agora que você falou, lembrei que estou com fome — afirma e nos lábios levemente inchados dos meus beijos famintos, tem um sorriso preguiçoso.

— Então vamos, sua safada.

Após um almoço leve, preparado por nós dois, Clara e eu fomos para a varanda arejada, sentamos cada um em uma cadeira estilo espreguiçadeira e lá ficamos, hora conversando, hora apenas sentido a brisa do dia ensolarado.

— Amor, já falei o quanto você estava perfeita ontem à noite? — Em um determinado momento, viro o rosto para o lado, admirando-a e relembrando o seu trabalho na noite anterior.

Minha linda nem de longe lembrou uma pessoa inexperiente no ofício.

— Falou algumas vezes e fico feliz por não ter decepcionado você e nem o Luigi, que convidou e acreditou na minha capacidade de representar a revista.

— Você me deixou muito orgulhoso e por isso peço desculpas pelo que aconteceu depois. — Estendo a mão até a sua, e ao pegá-la, entende o que pretendo e logo se levanta da sua espreguiçadeira e vem sentar mais perto de mim. — *Me envergonho* de tudo que minha mãe falou.

Sentada confortável entre as minhas pernas e as costas contra o meu peito, minha namorada fica alguns segundos em silêncio, e quando fala, suas palavras servem para deixar-me ainda mais apaixonado pela pessoa que é e pelo que sou desde o dia em que coloquei os olhos em cima dela.

— Não precisa se desculpar e nem se sentir mal pela sua mãe. Eu realmente fiquei chateada pelo que ouvi dela, das amigas e da tal Stephanie, no banheiro. Mas por outro lado, também consigo entender sua mãe, pois tudo o que disse é o que realmente acredita, o que ela conhece. Na cabeça dela deve ser uma decepção ver o filho apresentar como namorada uma pessoa tão inadequada.

— Você não é de forma alguma inadequada, gatinha — assevero, não gostando de vê-la falar de si mesma dessa forma.

— Você não acha, mas sua mãe e algumas pessoas do mundo em que você vive pensa, e nós não podemos fazer nada quanto a isso. Foi você

mesmo quem abriu os meus olhos ontem à noite.

— Como pode ser tão madura, ainda sendo tão jovem?

— Não sou, querido. Só pensei melhor e vi que não temos o que fazer quanto a isso. Quem julga o seu namoro com base na diferença de idade e principalmente de classe social, vai continuar pensando assim, inclusive sua mãe.

— Tem razão, mas isso não muda o fato de que a minha mãe pegou pesado, mesmo baseada no que acredita. Vai por mim, meu amor, ela foi além de tudo, maldosa, e quis te constranger na frente das amigas. Acredite, conheço a mãe que tenho.

— Tudo bem, só não pega pesado com ela — pede, alisando meu braço que está em volta da sua cintura.

— Você não existe, pequena.

— O que mais me incomodou foi a insinuação de que só estou estampando a capa por estar dormindo com você. — Com a mesma insatisfação proferida pela boca, o corpo fica tenso com a revelação.

— Aposto que foram as gêmeas siamesas a falarem tamanha bobagem — digo e tenho como resposta um aceno positivo com a cabeça. — Se elas soubessem que no início eu não gostei nem um pouco da ideia de ter a minha bela mulher sob os holofotes, em evidência para os olhos compridos dos marmanjos desavisados.

— Para de ser bobo, o que é bonito é para ser mostrado — provoca.

— Concordo com você, gatinha. É para ser mostrado, em especial para mim, sem nenhuma peça de roupa. — falo sussurrado ao seu ouvido, do jeito que sei deixá-la eriçada. — E não se preocupe com o que o par de jarros falou, se elas ou outros tinham esse pensamento, você provou com propriedade os motivos de ter sido escolhida por Luigi e não por mim. Você brilhou, minha gata.

— Obrigada, amor — agradece, curvando o pescoço para o lado, deixando-o livre para os meus beijos.

— Sabe do que tenho vontade e acho que nós dois estamos precisando? — A ideia vem à minha cabeça como uma forte onda, e indago se seria possível colocá-la em prática.

Nada me deixaria mais feliz.

— Não, Henry, para de ser safado — ela nega, supondo erroneamente sobre o que estou falando. — Ainda estou um trapo pelas

atividades de ontem e de toda a manhã. — Clara se refere aos três orgasmos que dei a ela mais cedo. — Preciso descansar e por descansar, refiro-me tirar um sono naquela cama confortável que você tem.

— E agora, quem está pedindo arrego? — Meto a mão por dentro da minha camiseta que ela voltou a vestir, apenas para não almoçar pelada. No caso, eu teria preferido que tivesse almoçado pelada, de uma forma que estaria com minhas duas refeições ao alcance das mãos e boca.

— Alguém tem que pôr freio, ou então, estarei incapacitada de andar amanhã.

— Ainda bem que me conhece, princesa. Agora diz, quem vai pôr freio nessa sua mente maliciosa?

— Não sei do que está falando — *Se faz* de inocente.

— Sei que não sabe, linda. Como eu ia dizendo, nós dois estamos precisando de férias, fugir de tudo e de todos. Só nós dois durante um tempo, curtindo a vida, sem ninguém nos julgando pelo simples fato de nos amarmos.

— Tudo o que eu mais queria. De verdade, Henry — enfatiza.

— É perfeitamente possível, pequena. Não fale como se fosse uma realidade distante. Basta querermos.

— Você não está falando sério, Henry. Que loucura! — Clara que até então estava deitada contra o meu corpo, senta e se vira de frente, agora sendo possível conversarmos olhando para o rosto um do outro.

— Só me diz que você quer, Clara, uma resposta e tudo ficará mais simples.

— Mas e a escola, a empresa? Tantas coisas...

— A resposta é simples, querida: sim ou não?

— Você sabe que sim. Depois de ontem, alguns dias fora do ar, apenas nós dois serão mais que bem-vindos.

— Não estou falando de dias, pequena, falo de meses. — Começo a me empolgar e a contar todas as ideias que vem a mente. — Quero te apresentar vários países, mostrar o melhor dos mundos. Experiências maravilhosas que já vivi e que agora quero viver de novo, ao seu lado.

— Mais uma vez: isso é uma loucura. Mas, meu Deus, que vontade de me jogar nesses seus planos malucos. — Ela me fita com um misto de incredulidade e empolgação pelo que estamos prestes a fazer.

Sim, digo nós, pois sei que ela está considerando a minha proposta.

Uma ideia que não foi premeditada, mas veio em uma boa hora; no meio de uma conversa onde ficou claro o quanto precisamos disso.

Não é uma fuga, até porque, jamais faria com essa intenção quando o que mais admiro é a sua capacidade de enfrentar os problemas de peito aberto e cabeça erguida. A viagem é muito mais sobre tirar um tempo só para nós, para tornar a relação ainda mais sólida. Ou apenas para curtirmos um ao outro.

— *Se permita*, namorada — peço, beijando o canto da sua boca carnuda. — Diz, quanto falta para terminar o colégio?

— Três semanas até a colação de grau, onde espero ter o senhor como o meu par no baile dos formandos.

— Será uma honra levar a mais bela garota ao baile. Espero que essa princesa não tenha que sair fugida à meia-noite, a menos é claro, que a fuga seja direto para a minha cama — brinco, fazendo com que todo o seu corpo se sacuda com a estrondosa risada.

— Não poderia ser para outro local — diz e agora é sua vez de morder meu lábio inferior.

— Mais um mês — afirmo sob o seu olhar que não esconde a animação. — Um mês para sairmos pelo mundo, curtindo a nossa vida e o nosso amor.

— Um mês — confirma, animada, como sabia que ficaria.

Durante o resto do dia, minha pequena e eu não fizemos outra coisa que não fosse planejar as próximas quatro semanas.

Fizemos planos para uma viagem que de uma forma ou de outra, será um marco importante na minha vida, na sua e principalmente, para nossa relação.

# *Prelúdio de vida nova*

Clara

Tendo eu aceitado embarcar na ideia louca do meu namorado, três semanas passaram rápido demais e hoje, estamos a uma semana de embarcarmos para o nosso primeiro destino.

No domingo em que ele teve a ideia repentina, primeiro achei que falava de uma hipótese distante, como no sonho que toda pessoa tem de conhecer alguns lugares e nem por isso acha que vai se concretizar de um dia para a noite. Foi só quando Henry disse estar falando sério, olhando nos meus olhos que a ficha caiu.

Sim, ele estava em um domingo qualquer, depois de uma conversa desagradável — porém necessária — dos acontecimentos da festa, chamando-me para juntos cairmos fora, e eu sem precisar de muito para ser convencida, topei na hora e foi em prol disso que vivemos os últimos dias.

Na segunda, preferi manter a mesma rotina de antes e logo cedo me levantei e fui para empresa, ocupando o mesmo cargo de antes e fazendo o meu trabalho como sempre fiz. Henry não gostou muito, pois se dependesse dele, eu ficaria em casa, só cuidando dos detalhes da viagem e gastando o belo cachê recebido da empresa.

Na escola, a loucura foi maior ainda. O fim do ano letivo e a proximidade da formatura deixaram eu e todos os outros alunos em polvorosa, mas nada que fosse digno de maiores preocupações, já que a noite de ontem foi um sucesso.

Com a presença da minha babá Chica e do meu amor na plateia, recebi o meu canudinho em uma belíssima cerimônia de colação de grau, feita no salão do colégio.

Em seguida, Chica e eu fomos junto com Henry para o salão de

festas e daí a comemoração rolou até quase raiar o dia. Aconteceu de tudo um pouco e entre dividir a minha atenção entre Amanda e os meus outros colegas, a noite passou alegre e sem nenhum incidente, diferente do que foi a festa da revista.

No fim, quando Chica já tinha entrado e estávamos somente eu e meu amor próximo ao portão do prédio, Henry decidiu que era uma boa hora para fazer uma boa surpresa e de dentro do bolso do terno azul royal, tirou uma pequena caixa quadrada e vermelha.

Na hora fui acometida por um misto de desespero e estranha euforia, afinal de contas, sou jovem demais para receber um pedido de casamento, ainda mais na porta de casa, onde não teria para onde correr e nem ao menos fingir um desmaio. Não com o tio da portaria que não é segredo para ninguém do prédio o fato de ele ser o maior linguarudo do pedaço nos observando. Se perguntarem ele saberá dizer detalhes da vida de cada morador do prédio. A euforia ficou por conta da lisonja de receber tal proposta de um homem como Henry.

Poxa, não é qualquer homem. É Henry Pimentel, o mais lindo e mais cobiçado macho da cidade.

Com o rosto pegando fogo de nervosismo e vendo a diversão no rosto dele, vi o momento em que a bendita caixa foi aberta bem diante dos meus olhos e... não, ele não tinha comprado um anel de noivado, casamento ou algo do tipo.

Foi até bom, me livrei de fazer a egípcia e ter que fingir um desmaio; um prato cheio para o senhor linguarudo.

Poxa! A quem estou querendo enganar? Se ele me pedisse em casamento a essa altura do campeonato, eu com meus 18 anos, diria, sim. É uma loucura pensar nisso e perceber que talvez eu não tivesse hesitado na resposta para um pedido tão sério e que implica em tantas mudanças. Mas o que fazer se não sei resistir a esse homem, nunca soube.

A minha sorte é ele ser mais sensato e ao invés de colocar um anel de noivado, Henry colocou no meu pulso uma deslumbrante pulseira, do tipo que dói as vistas pelo brilho que irradia. No momento em que vi a joia toda trabalhada em prata e rodeada de pequenos pingentes que simbolizam algo para mim, devo ter passado bons 15 minutos olhando para a peça, a baba inclusive deve ter escorrido em cima dela.

Feito o protocolo do "ai, não sei devo aceitar", "não precisava gastar tanto comigo" acabei com lágrimas nos olhos e com a brilhosa em volta do meu pulso.

Entendam, o choro não foi pela joia em si, mas sim pela declaração feita enquanto a colocava. Meu namorado, na falta das outras duas pessoas que me amavam, falou do quanto estava feliz pela minha conquista e do quanto se orgulha e torce pelo meu sucesso. Na parte do protocolo — que apesar de tudo ter sido dito com sinceridade, não deixa de ser um clichê — Henry foi piegas ao dizer que o valor da joia em nada se compara ao meu valor.

Apesar de brega como um tio velho, a declaração, se não fosse a noite mais fria teria me derretido como uma manteiga em dia quente.

O agradecimento foi um belo de um beijo desentupidor de pia e, dessa vez, dei bons motivos para o senhor porteiro comentar com os outros vizinhos.

— Esse aqui vai? — Socada há uns vinte minutos dentro do meu guarda-roupa, Amanda finalmente dá as caras, tira-me da viagem pelas boas lembranças e nas mãos traz um par de tênis surrados, o mesmo que passei todo o ensino médio usando. — Olha que se ficar para trás, é capaz de ele sair correndo atrás de você.

— Sabe que não é uma má ideia? — digo, somente para irritá-la.

Amanda, apesar de não ser tão rica quanto Henry e nem tão pobre quanto eu — ou fui, já que o cachê ainda guardado servirá para alguma coisa —, sempre teve bom gosto quando o assunto é roupa e maquiagens e esse bom gosto sempre fez frente com o meu pouco entusiasmo na hora de me vestir.

— Você não vai me irritar, dona Clara — diz, vendo que realmente estou levando a sua ideia a sério e considerando levar meu tênis de estimação para dar umas voltas pelo mundo. — Você é a encarnação do ditado: saio da pobreza, mas a pobreza não sai de mim.

— Te amo, loirinha metida — declaro, primeiro porque é verdade, segundo porque ela detesta quando interrompo alguma reclamação com uma declaração fofa, desarmando assim seus argumentos e a capacidade que ela tem de levar tudo muito a sério, até demais para o meu gosto.

Amanda, com seus 18 anos e de uma beleza estonteante, parece nunca ter conseguido se enxergar de verdade e muito menos perceber o quanto seu jeito doce e por vezes extremamente tímido chama atenção. Uma atenção prontamente dispensada pela pessoa que prefere os bastidores aos holofotes. O que aconteceu entre ela e o cara que tirou a sua virgindade serviu apenas para engrossar a capa protetora que ela tão bem apertada tem em volta de si.

Não que isso vá se estender por muito tempo, Amanda precisa seguir em frente e começar a ser a garota de antes e eu a ajudarei nessa missão.

O babaca que fez tamanha merda vai se arrepender do dia em que teve a infeliz ideia de tirar a sua virgindade e depois, tão covardemente, fingir que não a conhece.

— Você não leva as coisas a sério, Clara Aguirre — Sabendo a minha tática manjada, ela reclama e ignora a declaração de amor.

— E você leva tudo a sério demais — rebato.

— Levo mesmo. Se eu não levar você viaja apenas com a roupa do corpo. Meu amor, você está indo para França e não para o outro lado da rua.

— Tem razão, amiga — digo. — Estou aqui brincando, mas estou começando a sentir um friozinho na barriga.

— Não precisa disso, querida! — ela finalmente levanta do chão e se senta do meu lado da cama que agora se encontra abarrotada de peças e mais peças de roupas.

Quem vê o nosso desespero para arrumar tudo, imagina que a viagem é amanhã e não daqui a uma semana e por isso, podem culpar a boneca loira.

Não é de hoje que Amanda sofre de ansiedade. Ela sempre foi assim, tanto que nos passeios da escola sempre fomos as primeiras a chegar, antes mesmo do tio que abria os portões. Então, não foi uma surpresa quando mais cedo ela bateu na porta aqui de casa, cheia de disposição e pronta para separarmos tudo o que preciso levar e o que não devo em hipótese alguma carregar — no caso, refiro-me ao meu tênis de estimação.

Dessa vez estou mais que contente com a sua estranha mania, pois realmente preciso de ajuda e fazer isso com uma semana de antecedência parece bem razoável, ainda mais se formos considerar os pequenos detalhes que ainda precisam ser ajustados, principalmente aos que dizem respeito a passaporte.

— Tenho certeza de que você será muito feliz nessa nova fase, e garanto: serão os meses mais felizes da sua vida, até aqui.

— Vou sentir tanto a sua falta e da babá. — Emotiva como fico toda vez que toco no assunto, abraço a minha amiga e peço mais uma vez: — Promete que virá algumas vezes ver como ela está e fazer um pouco de companhia?

— Não se preocupe, Clara, nós ficaremos muito bem. Vamos fazer a festa e quando você chegar, estaremos com a pipoca nas mãos, loucas para ouvir a respeito de todas as suas aventuras.

— Estou muito feliz — digo, mesmo que não precise. Acho que está



bem estampado no meu rosto.

— É para estar mesmo — fala. — E sabe quem mais está feliz? Eu mesma. Depois de uma tarde inteira, finalmente, conseguimos separar as tuas tralhas — brinca. — Isso aqui — pula da cama e pega o meus tênis —, vai para o fundo do guarda roupas.

— Não faz isso com os meus... — meu protesto em favor do tênis é interrompido pelo toque estridente do meu celular.

— É o Henry — aviso, assim que checo o visor.

Aproveitando a chance, Amanda gesticula com as mãos, avisando que está indo para a cozinha atrás de Chica e de algo para comer; logo, aproveito a privacidade para falar com o meu namorado.

— Henry, tudo bem, querido? — atendo em uma atípica tarde de sábado, onde estranhamente não estamos passando juntos, como é o nosso costume.

— Não está nada bem, sinto falta da minha pequena fujona — reclama, pois se não reclamasse, não seria o Henry. — Já terminou de arrumar tudo aí? Você bem que poderia vir para cá, assistir um filminho — provoca, já que nós dois sabemos o que o convite para assistir a um filme significa.

— Sério, querido, preciso desse tempo com a Bá e com a loirinha. Ainda falta uma semana, mas eu já estou morrendo de saudades delas, você entende?

— Sim, pequena. Fique com as meninas — fala, compreensivo. — Liguei para falar outra coisa — avisa e o tom já não é tão descontraído, o que me deixa de orelha em pé.

— Aconteceu alguma coisa?

— Nada que você precise se preocupar, apenas uma mudança de planos e acho que você vai gostar.

— Fala logo, assim você me mata de ansiedade.

— Não, amor — Nega. — Amanhã o Jack vai te buscar e digo pessoalmente.

— É sério isso?

— Muito sério e desde já, te desejo uma boa noite. Te amo.

— Te amo — digo, antes de desligar o aparelho.

O que ele tem para dizer?

— Então é isso: não vou dormir hoje!



# Útil ao agradável

Henry

— Caramba, Henry — Ela entra como um furacão, tirando as sapatilhas e dando um beijinho nos meus lábios, para em seguida jogar a bolsa em cima do sofá. — Acredita que nem dormi direito pensando no que disse ontem à noite? — Com as mãos na cintura, para no meio da sala, esperando que eu solte a novidade.

— Primeiramente, bom dia, meu amor. — Aproximo-me e ao enlaçar sua cintura, proponho: — Um beijo em troca da informação que deseja.

Dito isto, Clara abre o sorriso, certamente se dando conta da forma hiperativa como ela entrou.

Nem parece que o relógio ainda não marca 8h e quando ela ligou às 6h, entendi que a sua curiosidade estava dando as caras e logo pedi para o Jack ir buscá-la em casa.

— *Me admira* não está querendo barganhar com sexo — aponta, divertida, quando na pontinha dos pés começa os beijos pelo queixo, passa para o canto da minha boca, terminando com nossas línguas se atracando, do jeito que sempre fazem quando entram em contato. O clima começa a esquentar, outras coisas começam a acordar e já sei que é a hora de parar, ou então, é só começar contar até dez para nós dois estarmos atracados em cima do sofá ou até mesmo do tapete e trepando feito dois coelhos. Não que eu não fosse apreciar — e muito — o ato, o problema é que temos algumas coisas importantes para resolver antes de partirmos para a diversão.

— Bom, agora que você lembrou — falo em tom de brincadeira, no momento que minha atenção e também a minha boca vai para a parte alta do pescoço perfumado, bem próximo da orelha delicada. — A proposta é a seguinte: quanto mais rápido ficar pelada para mim, mais rápido te direi a

informação que prometi — falo sussurrado no seu ouvido, apenas para deixá-la acessar. E, pelo visto, funcionou, já que mais abaixo, noto-a esfregar disfarçadamente uma perna na outra, na intenção de aliviar a dorzinha que deve estar sentindo. A dor mais conhecida como vontade de foder, a mesma que me atinge quando começo com as insinuações, com o intuito de deixá-la subindo pelas paredes.

— Está falando sério? — Afasta-se, toda arrepiada e ainda assim, querendo a minha resposta.

— Não! — nego.

Na verdade estou, só acho que o dever vem antes do prazer — logo eu falando isso — e agora é a hora do dever.

— Puxa, gato, que pena! — Com o rosto bem perto do meu, ela prende nossos olhares e falando rouca contra a minha boca, continua:

— Só porque eu já estou com a mão no zíper — Lentamente ela vai descendo a mão pela barriga que a blusinha curta deixa parcialmente de nua, até que — com os meus olhos acompanhando todo o processo sexy — consiga tocar na porra do zíper frontal da minissaia jeans.

— Não me provoca, menina — peço entredentes.

— Foi você quem começou, querido.

Fui eu mesmo. A verdade é que eu não resisto, pois é assim que acontece entre a gente. Nas situações mais inusitadas começamos com os nossos jogos de insinuações e provocações, até que um ou outro esteja a ponto de explodir e peça arrego.

Na maioria das vezes, o joguinho atinge nos dois e o fim é inevitável: nós dois transando, no caso, colocando em prática o que as preliminares insinuaram.

— Gostosa — Tiro a mão do zíper e ao unir as duas nas costas, tenho nossos corpos colados e os peitos tentadores — e deliciosamente expostos pelo decote discreto — bem diante dos meus olhos, só não estando na minha cara — infelizmente — pelo fato de ela ser bons centímetros mais baixa que eu. — Mudei de ideia, vamos para o quarto. Eu quero, você também quer, então, vamos foder.

Deus! Como sou fraco quando o assunto é a atração física latente entre mim e a minha garota. Cadê o cara que há pouco estava decidido a não colocar a diversão na frente da obrigação?

Já sei! Ele se perdeu no próprio jogo de sedução.

— Nem pensar! — *Num* segundo, Clara se solta e corre para o outro canto da sala. — Antes quero que diga o motivo de ter me feito vir aqui tão cedo.

— Ei, isso não é culpa minha, mocinha — Defendo-me. — Não fui quem ligou às 6h da manhã.

— Liguei mesmo, você não aprendeu que não se brinca com a curiosidade das pessoas?

— Tudo bem. Culpado — declaro. — Vem, senta ali, temos uns assuntos para tratar. — Nos aproximamos do estofado e não sento antes de — por cima da calça pijama — ajeitar minha ereção que por enquanto, ficará sem o seu almejado alívio.

— Tão longe — Sento em um canto e ela vai para o outro. — Está com medo de engravidar dessa vez? — Bato no acento, lhe arrancado um sorriso malicioso.

Provavelmente, como acontece comigo, ela está recordando o dia em que nos empolgamos, transamos em cima dele e ainda por cima esqueci a camisinha. Para a nossa sorte ela toma anticoncepcional, ou então, um herdeiro estaria saindo do forno nos próximos meses.

Cedo demais para ela, ainda tão jovem. Cedo demais para nós que estávamos — ainda estamos — no início do nosso namoro.

— Medo de ser atacada por esse monstro — diz, olhando para o meu pau, agora semiereto.

— Ele quer muito encontrar o seu abrigo quentinho — falo e tenho o belo rosto completamente corado de vergonha.

— Foco, amor. Mantenha o foco — pede. — Quanto mais você demorar...

— Entendi, precisamos falar sobre a nossa viagem.

— Algo errado?

— Não. Como eu disse ontem , é uma mudança de planos, mas é claro que a decisão final será sua. O que decidir será bom para mim também.

— Estou ficando nervosa.

— Não precisa, amor — aviso, chamando-a para mais perto e ela não hesita em vir. — Lembra que o Luigi tem estado em contato com várias marcas, escolhendo as melhores, entre as diversas que estão interessadas em fechar contrato com você? — indago e ela confirma.

O sucesso da minha garota não foi uma surpresa para mim, assim como não foi a grande repercussão no dia seguinte à festa, quando a revista realmente começou a circular. Em consequência disso, Luigi — o responsável por apresentá-la a esse mundo — não parou de receber propostas e mais propostas de marcas renomadas, todas desejando ter o rosto e corpo da minha mulher em suas campanhas.

Ainda muito inexperiente, Clara conversou comigo e seguindo minha sugestão, ela decidiu deixar tudo nas mãos do Luigi, que além de prestar serviço para a revista e ser um agenciador de primeira linha, é também o homem da minha inteira confiança. Seu papel até então é analisar tudo e no fim nos apresentar o que for melhor para a pequena. Nada que atrapalhe suas outras atividades — o colégio, que já não é mais um empecilho — e o trabalho na empresa, que ela não quis de jeito nenhum deixar.

— Lembro sim, amor.

— Pois é, ontem ele me procurou e fez uma proposta que afeta diretamente a nossa viagem. Luigi achou por bem fazer um compilado das mais vantajosas propostas e também das que exigem ensaios fora do país.

— Todos em um único lugar? — Está confusa e percebo não ter me expressado bem.

— A ideia dele é que seja seis países para seis diferentes marcas. No caso, só teríamos de acrescentar mais três destinos a nossa rota.

— Eu gostei muito da ideia, Henry. Uma boa oportunidade, não acha? — indaga, querendo a minha aprovação. — Só não quero que atrapalhe o nosso tempo juntos, afinal, é para isso que estamos metendo o pé.

— Não vai, gatinha. Estarei onde você estiver e nós dois teremos muito tempo para namorar e curtir os pontos turísticos.

— Então é isso, do Brasil para mundo... — Levanta as duas mãos para o alto em celebração.

Fico muito contente em vê-la assim, confiante no potencial e sendo reconhecida por isso. Reconhecimento muito importante na segunda seguinte a festa, quando tivemos que dar as caras na empresa. Lá ela viu que não são todos que pensam como a minha mãe e suas amigas. Fora elas, dentro e fora da revista não se ouviu nenhuma conversa maldosa ou tratamento hostil pelo simples fato de manter um relacionamento com o chefe.

Quanto à minha mãe, mesmo depois de três semanas, continua de implicância e eu me sinto no direito de manter-me afastado até que ela aceite as

minhas decisões e aprenda a respeitar minha namorada.

— Você merece isso e muito mais — digo, puxando as pernas torneadas para cima das minhas. — Estou tentando pensar positivo quanto a isso. Lembrar que mesmo a minha gata tendo que fotografar usando as lingerie mais indecentes da face da terra, ela é só minha, é ao meu lado que dormirá, a mim que entregará o corpo que as mulheres passarão a invejar e os homens a desejar.

— Pense assim, amor e nunca teremos problemas.

— É isso ou enlouquecer de ciúme.

— Sou sua — diz, achegando-se para mais perto.

— É música para os meus ouvidos.

— Falarei todas as vezes que o monstro do ciúme ameaçar te morder.

— Sou seu.

— Eu sei — Já sentada de pernas abertas em cima do meu colo, Clara recomeça a sua tentativa de levar-me a loucura. — Adorei muito essa boa notícia que você deu. Pode falar para o Luigi que nós topamos. Nada como unir o útil ao agradável.

Diz, fazendo-me lembrar que também tentei unir o útil ao agradável, considerando que — com o aval de papai — deixei o controle da revista nas mãos do Saulo e da Laura, as duas pessoas mais confiáveis para o papel. Eles, além de terem aceitado, foram avisados como tudo deve ser feito e também que estarei com meu notebook e celular por perto, quando for preciso tratar de assuntos mais importantes.

— Então, menina fogaosa, já que gostou tanto da notícia, o que acha de retomarmos a primeira parte da nossa reunião. — Faço aspas com os dedos ao pronunciar a palavra reunião.

— Eu não lembro, pode refrescar a minha memória? — diz, toda sexy com as coxas completamente a mostra, uma vez que a posição deixou sua saia curta toda enrolada na cintura.

— Tenho certeza de que o meu pau duro em contato direto com a sua bocetinha apertada tem a resposta — falo. — E aí, lembrou, pequena?

— Quase, mas ainda não tenho certeza. Você há pouco me pediu para ficar nua, não foi?

— Isso mesmo — digo novamente entrando no jogo que dessa vez foi iniciado por ela.

— Diga quais os motivos para eu fazer isso? — rebola levemente no meu pau, a essa altura dolorido de tesão.

— Porque eu preciso te comer, porque você quer me dar a sua boceta e para isso é melhor que esteja nua. Respondido?

— S-sim... — gagueja, completamente dominada pelo desejo.

— Resposta certa, minha gata fogosa. — Mudo as nossas posições ao jogá-la deitada sobre o sofá. — Aproveita que em breve estaremos trepando em solos internacionais — aviso, antes de deitar por cima dela e abocanhar a boca que desde o primeiro beijo, tornou-se o meu vício.



# *Experimentando o novo*

*Seis meses depois...*

Clara

— Não quero ir embora daqui, nunca mais — revelo da sacada do quarto de hotel onde estamos hospedados em Portugal, nosso último destino, infelizmente.

— Já se deu conta de que você falou isso de todos os lugares em que estivemos, pequena. — A voz vem de dentro do quarto e virando-me de frente, meus olhos vão subindo desde os pés descalços, passando pelas pernas musculosas na medida certa e cobertas pela calça moletom, até alcançar a barriga sarada, deliciosamente sarada.

Como esse homem consegue ser tão gostoso logo pela manhã, quando eu preciso acordar meia hora antes só para tentar dar um jeito no meu cabelo e na cara de espantalho?

— Porque todos foram maravilhosos — justifico-me, sendo agarrada por ele que me leva para a mesa de café da manhã entregue agora a pouco.

— Imaginei que você fosse gostar, menininha. Não tem como não se encantar por lugares e culturas tão diferentes da nossa — afirma, servindo-me com suco natural de laranja e na sua xícara despeja café preto.

Enquanto tomamos café envoltos de um confortável silêncio, a minha mente viaja pelas boas lembranças de tudo o que vivi em apenas seis

meses da minha vida.

Na parte profissional, Luigi como o excelente agenciador e amigo que se tornou para mim, cumpriu com o que tinha prometido antes de embarcarmos rumo ao primeiro destino e selecionou a dedo os melhores contratos. No fim, tudo saiu melhor que o esperado.

De um país a outro, posei para marcas que foram desde peças íntimas a trajes de noite. As joias e sapatos também não ficaram de fora. Henry, como o bom companheiro de sempre, acompanhou de perto todos os trabalhos e fora pequenos surtos de ciúme, principalmente na vez das marcas de biquínis e lingerie, ele não conseguiu esconder de ninguém o orgulho que sente da namorada.

Enquanto eu me via de um lado para o outro, cercada por peças de roupas e máquinas fotográficas, Henry tirou o tempo para trabalhar e através do notebook sempre esteve a par de tudo o que acontecia na empresa.

A parte amorosa não poderia estar mais perfeita. Henry e eu tivemos meses para comprovar — sem que haja espaço para dúvidas — o quanto a nossa ligação é forte. Fora a parte sexual que nunca esteve tão movimentada e da qual nunca pairou dúvida quanto à nossa compatibilidade, o nosso convívio nos mesmos quartos de hotéis deu-se de maneira razoavelmente tranquila.

Não digo que foi um conto de fadas, porque isso não é possível quando se convive com uma mulher que em alguns meses sofre com pequenos surtos causados pela TPM.

O pobre do meu namorado provou o seu amor quando não saiu correndo no dia em que presenciou uma das minhas piores crises. Pelo contrário, ele ficou de um lado para o outro sem saber o que fazer para aplacar a minha cólica e quando cheia de dengo revelei que precisava de chocolate, ele correu ao supermercado mais próximo e apareceu com mais barras do que conseguiria consumir em um mês. Depois, ele silenciosamente deitou ao meu lado e sem que fosse preciso dizer qualquer coisa, Henry somente levou a mão até a minha barriga desnuda e deitados de conchinha, ele permaneceu com o seu carinho, até que mais calma e com menos dor, cai em um sono tranquilo.

O episódio crítico que ainda aconteceu algumas vezes, mas não tão intenso quanto da primeira, serviu para mostrar que ele é o namorado que toda mãe deseja para a sua filha.

Por outro lado, eu sou a última pessoa que a Carmem desejaria ter como nora. Essa foi a sua opinião desde o início e não foram os seis meses capazes de mudar a sua mente. Pelo contrário, além de tudo, ela não viu com

bons olhos a ideia de Henry passar tanto tempo longe de empresa e a mim ela atribuiu a culpa da ideia ousada.

Graças a Deus, o afastamento da *Mundo em Foco* não influenciou em nada o bom andamento da empresa e a escolha dos amigos Saulo e Laura mostrou-se acertada.

Quanto ao resto das pessoas que viam a nossa relação com estranheza, pelos motivos que entendi não valer um segundo do meu pensamento, elas estão tendo a chance de ver todos os seus pré-julgamentos rebatidos, pois graças ao sucesso das campanhas, o nome Clara Aguirre não pertence somente a garota pobre, namorada de um dos empresários mais ricos do país. Hoje, poucos meses depois da tentativa de humilhação por parte de algumas pessoas, a minha carreira teve uma ascensão meteórica, estando as revistas que circulam pelo mundo, aptas a mostrar que o fato de eu estar dormindo com o chefe não é o motivo de ser escolhida para um primeiro trabalho, assim como pensava ou pensa a tal Stephanie.

— Está tão longe, meu amor — Henry chama-me para a realidade e penso que a melhor coisa de viajar pelas boas lembranças é acordar e deparar-me com ele bem na minha frente. A minha doce realidade, *me encarando* com um sorriso no rosto e o tanquinho deliciosamente desnudo.

— Estava pensando em como as coisas podem mudar tanto, em um curto período de tempo — digo, aproveitando para socar um pedaço de pão dentro da boca.

— O que não muda é o fato de você ser gostosa — Óbvio que ele levaria para o lado da sacanagem, isso também não mudou. — Quer dizer, mudou sim. Você está mais gostosa.

— Posso saber o motivo para esses seus elogios? Alguma coisa deve estar querendo — brinco, pois Henry sempre fez o estilo galanteador, o tipo de homem que não precisa de motivos para elogiar a companheira. E isso não se restringe a minha pessoa, a sua gentileza é para com todos.

Está aí uma coisa da qual os pais dele não podem ser acusados: eles souberam educar bem o filho, apesar de a mãe ser um poço de ideias erradas e retrógradas.

— Quer mesmo que eu diga? — pergunto, sabendo que vem sacanagem.

— Eu não estou perguntando? — insisto, sabendo que irei me arrepender em algum momento da conversa.

— Estou pensando que a festa foi para você, mas quem ganhou o presente ontem à noite fui eu. — Sinto meu rosto esquentar instantaneamente por lembrar ao que ele se refere. — Como você estava...

— Cala a boca! — Jogo uma migalha de pão doce na sua cara de pau, para quem sabe impedi-lo de lembrar-me das loucuras que fizemos ontem.

— O que aconteceu com a Clara desinibida de ontem, a que me atacou sem chances de defesa para a vítima?

— Para, amor, eu estou falando sério. — Coloco as duas mãos sobre o rosto para que ele não veja o quanto estou sem jeito. Não que me arrependa do que fizemos durante a madrugada. A timidez fica por conta da minha falta de pudor na hora de demonstrar para ele que também estava a fim de experimentar o que tanto queria.

— Por essa reação, posso presumir que não irá fazer novamente, estou certo?

Não!

Essa é a resposta que vem a minha cabeça, mas da minha boca nada sai, enquanto meus pensamentos voltam para a movimentada madrugada.

No da comemoração pelo encerramento da última campanha e também um dos últimos dias que passaremos fora do país, meu namorado acordou-me bem cedo, com um belo café da manhã na cama e muito animado para quem acordou antes das 8h, em pleno sábado. Depois de nos alimentarmos, fomos para a rua, seguimos o roteiro preparado por ele e visitamos os mais famosos pontos turísticos de Portugal.

Já de tarde, quando exaustos corremos para o banho, o ritual de limpeza transformou-se em muito mais que um simples banho e depois de um amor gostoso feito embaixo do chuveiro e estando eu prensada contra o azulejo do banheiro do hotel, nós dois caímos na cama e nos entregamos ao merecido descanso, mas não sem antes ele prometer que seria eu a escolher o nosso programa para a noite.

Pronta para chutar o pau da barraca e fazer tudo o que nunca havia feito, resolvi que iria a uma casa noturna, não como os barzinhos que sempre frequentei com a galera, para no máximo tomar um suco ou uma Coca-Cola Zero. Dessa vez, o convenci a apresentar-me a vida noturna em grande estilo, com direito a DJ, batidas eletrônicas e jogos de luzes.

Meu namorado, como não sabe dizer não quando peço — imploro — com jeitinho, acabou fazendo as minhas vontades e ali foi só o início da nossa

noite de aventuras.

No início, eu o carreguei para o meio da pista de dança e no meio da escuridão, iluminada pelos jogos de luzes, Henry e eu ali permanecemos por um par de horas. Se às vezes dançávamos ao som animado das batidas, outras ficávamos namorando, assim como os vários outros casais que ali estavam.

Do meio para o fim, depois de ter pagado o mico de insistir até conseguir tomar a primeira taça de uma bebida alcoólica mais forte, depois da segunda e metade da terceira, tornei-me mais saidinha do que costumo ser e foi aí que tudo começou.

De volta para a pista, tive a sensação de que estava mais quente que antes e o fogo da bebida alcoólica deixou-me mais alegre e também mais safada. Quando digo safada, refiro-me a ter começado a me esfregar nele, a provocar no meio da pista, sem me importar de estar em meio a dezenas de pessoas. Ele, como não tem controle sobre os comandos do corpo, ficou excitado na minha primeira investida, e para a nossa sorte, Henry estava sóbrio, o que nos impediu de continuarmos a nos pegar no meio da pista e conseqüentemente, está na primeira página dos tabloides de fofocas hoje cedo.

Dentro do táxi, passamos o caminho todo até hotel aos beijos e nem sei de onde veio tanto fôlego para permanecermos tantos minutos atracados. Dentro do quarto de hotel, deixamos o nosso tesão nos guiar, quer dizer, eu deixei o meu tesão me guiar e a certa altura, sussurrei no ouvido do Henry que se quisesse poderia ter o seu desejado sexo anal, que eu estava muito a fim de dar a bunda.

Sim, disse com essas palavras: dar a bunda.

Como primeira reação, Henry jogou-me com tudo sobre a cama, rasgou meu vestido curto e de malha fina, tirou a própria roupa e quando estávamos nos amassos, prestes a partir para os finalmente, o homem teve uma crise de consciência e decidiu interromper as nossas preliminares.

Segundo suas palavras, não seria correto fazer sexo comigo enquanto eu estava bêbada, ainda mais sexo anal. A partir daí veio o meu trabalho em convencê-lo de que duas taças não foram suficientes para deixar-me bêbada e muito menos sem ter consciência do que estava pedindo. Ele obviamente não acreditou, e o sexo só aconteceu após o banho gelado, momento em que ele percebeu que nem isso foi capaz de baixar o meu fogo.

O rosto corado significa que eu consegui o meu intento e tive o tão desejado quanto temido sexo anal.

Depois de fazermos um amor calmo, mas não menos intenso, Henry

preparou-me da melhor maneira que pôde e ainda assim não o suficiente para amenizar a porra da dor. No processo em que parecia que ele me partiria ao meio com o pau, o resquício do álcool permitiu-me chorar e soltar alguns berros. Quando ele sugeriu para que parássemos e tentássemos em outra ocasião, ameacei-o de não ter mais nem a boceta e ele foi até o fim.

Bom, no fim da transa, eu estava gritando mais alto e chorando como uma doida, mas dessa vez os motivos eram outros. Após a dor do sexo íntimo e transgressor, restou apenas o prazer, um prazer sem limites e inenarrável. Os vizinhos dos outros quartos devem estar cientes que a bunda de alguém foi comida. Só espero que não me associem a pessoa que virou a madrugada berrando:

*"Isso, mais rápido!"*

E olha que esse foi o pedido mais decente feito por mim.

Pela manhã, acordei com uma dorzinha estranha e um tanto quanto constrangedora. Ao andar, tenho a sensação de estar com as pernas meio abertas; talvez seja só uma sensação.

Se eu me arrependo do que fizemos? Nem um pouco. O sexo anal entrou no topo da lista das melhores coisas que o Henry ensinou em quase um ano de namoro.

— Clara, você ainda está bêbada? Por que está olhando para a parede com esse sorriso no rosto?

— Estava pensando na resposta para a sua pergunta.

— E?

— Se eu soubesse que fazer sexo anal seria tão bom, teria feito antes — falo, sem lembrar da timidez de agora a pouco. Para quem fez o que fez ontem à noite e ainda deixou os vizinhos cientes, falar sobre o assunto é o de menos.

— Essa é a minha garota safada — Ele me puxa para as suas pernas e o pau semiereto cutucando a minha bunda, denuncia a inexistência de uma cueca.

— Henry, eu não queria...

— Voltar para casa — ele completa a frase já batida. — Eu sei, meu amor. Eu também não quero.

# *Dependente do teu amor*

Henry

Apesar de não querermos e seguindo a máxima de que tudo o que é bom dura pouco, Clara e eu tivéssemos que voltar e há dois dias desembarcamos no Brasil e tentamos voltar à rotina de antes.

Quer dizer, voltar tanto quanto for possível, considerando tudo o que mudou em um período curto de seis meses.

Hoje, embora esteja na minha sala e tentando trabalhar, os meus pensamentos e minha atenção ainda não estão aqui. Na verdade, faz dois dias — os mesmos dois em que deixei Clara na porta de casa — que não consigo parar de pensar nela e na nossa relação.

Os meses em que passamos juntos e fora do país mostraram-se ter sido a melhor escolha que eu poderia ter feito, em um momento em que uma ameaça ao meu namoro com a Clara começou a rondar. Nos meus planos, ter um tempo só para nós, longe de interferência e das línguas maldosas, serviria para nos conhecermos melhor, fortalecer a nossa relação e jogar por terra todas as inseguras que Clara poderia ter com relação ao futuro do nosso namoro.

No fim, os meus planos se concretizaram e por isso estou na merda e sentido falta da minha gatinha.

Há dois dias, quando tivemos de nos separar, senti como se tivesse deixando para trás uma parte minha. E sei que pode parecer bobagem ou até mesmo exagero, mas é como eu me sinto. A separação depois de seis meses se compara a conhecer e viver no paraíso para depois vê-lo desaparecer diante dos olhos.

Minha cama parece vazia, as noites são insones e as manhãs frias e sem graça. Parece um drama mexicano, mas esse relato sou eu, admitindo a falta que a presença da minha pequena faz.

Sim, as mudanças foram muitas, mas não tantas para mudar o fato de a minha gata ainda ter as suas regras quanto a dormir comigo todos os dias.

Eu entendo e respeito as suas vontades, até porque ela estava com muita saudade da senhora Chica e da Amanda, mas respeitar, não quer dizer que não possa lamentar-me como um bebê chorão.

— Vejam só quem voltou... — Sempre irreverente, Saulo entra na sala e como de costume, *se joga* na primeira cadeira que vê pela frente. — E aí, como foi a lua de mel, meu caro?

— Eu estava em lua de mel? — pergunto para ele com ironia, mesmo tendo a resposta para a pergunta.

Clara e eu estávamos em lua de mel, sim, porque a quantidade de sexo que fizemos pode ser comparada a de um casal que acabou de casar e saiu de férias sem nada para fazer, além é claro, de transar.

O que a nossa vida sexual ganhou em quantidade, não perdeu em qualidade, pelo contrário, Clara e eu fomos do papai e mamãe ao sexo anal. Uma experiência que nem gosto muito de lembrar quando não estou na sua presença e não posso fazer nada a respeito do pau que endurece de maneira instantânea somente pela lembrança. Então, evito lembrar para não ficar de pau duro na frente de outro macho.

Fora a parte do sexo — muito bom — minha mulher e eu passamos o nosso tempo livre juntos e entre estar em um quarto de hotel, apenas assistindo a um filme e a passear pelos principais pontos turísticos dos países que visitamos, estreitamos ainda mais os nossos laços e comprovamos que nossa afinidade vai muito além do sexo.

Não que eu tivesse alguma dúvida quanto a isso, sempre soube e mesmo sem acreditar na bobagem de metades da laranja, sei que se ela existisse, seria bem parecida com a minha Clara.

Óbvio que temos as nossas divergências, ainda mais considerando a nossa diferença de idade e alguns arroubos de imaturidade que ela tem. Mas que casal não diverge?

Com a convivência diária, aprendi que na vida a dois não existe perfeição, e que bom que não existe, a perfeição é chata.

Gosto da bagunça que somos, do fato de ela virar o demônio quando está na TPM e de tornar-se um anjinho quando quer convencer-me de alguma coisa.

— Sim, meu amigo, você estava em lua de mel — Saulo interrompe



meu devaneio e se minha mente não estava aqui antes, não vai ser ele a mudar isso. — Estou até constrangido com essa sua cara de bobo.

— É inveja? — indago, sarcástico.

— De prender-me a uma única boceta quando tenho um cardápio inteiro à disposição? Acho que não, cara — afirma, mas o seu rosto não deixa transparecer a veracidade das suas palavras.

— A Laura? — decido entrar no assunto. O tempo em que estive fora obrigou ele e Laura a estarem mais próximos e não posso negar a preocupação com dois dos meus melhores amigos.

— O que tem ela? — *Se faz* de adolescente desentendido.

— Superou a obsessão?

— A Laura é uma manipuladora do caralho, Henry — fala com ressentimento na voz. — Para o azar dela, eu acordei a tempo de perceber que de mim a única coisa que quer é o controle. Alimentar o ego por ter alguém aos seus pés — afirma, deixando-me contente de ver que ele está finalmente abrindo os olhos para Laura, que apesar de ser minha amiga, nunca concordei com suas atitudes com relação a Saulo e creio que o gêmeo dela também não.

— Fico feliz por você ter tomado essa decisão.

— Mudando de assunto: andei esbarrando com a loirinha algumas vezes nesse tempo que ficou fora.

— E aí? Ela ainda te odeia?

— Como antes, só que pior — afirma, não escondendo o quanto esse fato lhe incomoda. — Tem que ter alguma explicação para isso, cara. Se eu a vejo em um lugar e vou cumprimentar, ou ela me ignora ou trata com hostilidade.

— E por que se importa tanto com isso? — O coloco contra a parede. — Para alguém que mal conhece, ela tem te incomodado bastante.

— Eu só queria uma chance de conversar e descobrir o porquê de me odiar tanto, quando nunca fiz nada para ela — irrita-se e fora o desastre que isso poderia causar, Saulo ainda não percebeu que está muito interessado na garota.

— Está querendo a loirinha? — Não seguro a curiosidade e pergunto de uma vez.

— A garota é uma delícia, mas eu já tenho problemas demais com uma maluca para adicionar mais outra na minha vida.

— Sei...

— Não estou aqui para falar sobre a minha vida amorosa, me fala de você, tudo certo com a volta? — indaga, mas não vou falar meus devaneios de antes de ele entrar na sala.

— Tudo certo, essa viagem era o que nós precisávamos — revelo somente.

— Eu imagino que sim e meu amigo, que sucesso meteórico o da sua garota, deve estar cheio de orgulho.

— Não sabe o quanto. Depois de tudo o que ela ouviu na festa, essa era a resposta que precisava. De se tornar independente com o cachê das campanhas e provar que o início da carreira em nada teve a ver com o fato de estar em um relacionamento comigo, Clara seguiu o próprio caminho. A mim, resta sentir orgulho da namorada que tenho.

— Quer um babador? — ele debocha. — Mas falando sério, fico feliz de ver que ela calou a boca de todos que ainda tinham ideias erradas a respeito dela.

— Vamos ao que interessa? — falo depois de um pigarro que tentou trazer um pouco mais de macheza ao papo de comadres. — Quero saber de tudo o que se passou por aqui. — Olho para a minha mesa cheia de todos os tipos de documentos, pois apesar do papo descontraído e da minha falta de concentração, trabalho não está faltando.

Nas horas que se seguem, Saulo deixa-me a par de tudo; do que foi feito e do que está em andamento para os próximos lançamentos das revistas.

Mesmo com o foco no trabalho, no fundo da minha mente um pensamento martela, uma ideia ousada e que talvez seja precipitada. Ela não teria surgido se não fosse o sentimento inexplicável de afastamento que estou sentindo.

Não sei se Clara está preparada para o que meus desejos implicam e muito menos se é a hora certa. Certeza eu só tenho do amor que sinto por ela.

Só espero não estar prestes a dar um passo em falso e entregar tudo o que construímos.

Ao chegar em casa e subir pelo elevador até a cobertura, cheio de presa para tomar um banho e ligar para a minha menina, deparo-me com uma cena pela qual não estava preparado.

Sentada do chão e com a cabeça encostada na porta, minha namorada está aparentemente dormindo, abraçada a uma bolsa de couro preto.

Só o fato de a ver sentada nesse corredor quando deveria estar descansado da viagem já me deixa penalizado, porém, abaixar-me até onde estar e ver olheiras em volta do seu rosto equivale a um soco no estômago.

— Meu amor... — Tiro a mecha de cabelo liso e que hoje mais cumprido do que estava há seis meses. — Só um momento. — Levanto rapidamente para destrancar a porta e em seguida a pego nos braços, tomando cuidado para não acordá-la.

Ao entrar, levo-a direto para o quarto e depois de deitá-la na minha cama, de onde se dependesse de mim ela não sairia nunca mais, vou tomar meu banho, feliz por tê-la aqui e poder ter uma noite bem dormida, coisa que não aconteceu ontem.

Já pronto para dormir, decido não acordá-la e deixo que descanse, seja lá o que tenha lhe impedido antes, pois a expressão cansada certamente não pertence a alguém que teve o merecido descanso, após uma longa viagem com foi a da nossa volta.

Deitando-me atrás do seu corpo, abraço a cintura estreita e contente por tê-la aqui, permito-me pensar com mais calma no fato de ela estar esperando do lado de fora do apartamento.

Em quase um ano de namoro e sendo ele exclusivo como o nosso, onde nunca existiu a possibilidade de ela aparecer e me encontrar com outra, o normal seria que ela tivesse uma cópia da chave da cobertura. É assim com a maioria dos casais, mas é claro que conosco as coisas são diferentes. Apenas mais uma peculiaridade de um casal que o que sobra de amor falta em normalidade.

E pasmem, dessa vez a culpa não é minha. Não foram poucas às vezes em que ofereci a chave de casa para ela e como resposta, Clara sempre deu um jeito de fugir e essa fuga resultou na situação de hoje. Só não entendo o porquê de ela não ter me ligado avisando que estava a minha espera. Se tivesse feito, eu teria deixado tudo e vindo ao seu encontro. Não que eu já não quisesse fazer, pelo contrário, uma única ligação teria feito-me correr direto para cá.

Hoje, apesar de ter ficado desconfortável nas outras vezes em que de alguma forma ela fugiu desse passo a mais na nossa relação, compreendo que as negativas eram frutos das inseguranças quanto ao nosso futuro como casal e até ver todos os julgamentos sendo despejados sobre ela, eu não tinha dado-me conta dessas fraquezas.

Com tudo que vivemos juntos e com as boas mudanças nas nossas vidas, acredito que hoje ela está preparada para dar um passo definitivo na nossa

relação. A cena que presenciei hoje foi apenas a resposta para as minhas dúvidas e ao que vem martelando na minha mente durante todo o dia.

Antes de adormecer, saboreio a expectativa para o dia de amanhã, o dia em que se depender de mim, ficará marcado como o início de uma nova etapa nas nossas vidas. Um marco de uma união que espero viver com ela por vários e vários anos.

# A chave do futuro

Henry

— Você fica quietinho, não pode acordar ele ou então não te deixará ficar aqui — Pela fresta da porta aberta, ouço minha mulher sussurrar baixinho.

Desnortado, pego meu aparelho celular e constato que já são quase 11h da manhã e aparentemente, eu estava mais cansado que a minha gatinha.

Após fazer a higiene o mais rápido que a minha curiosidade permite, dirijo-me para a sala e ao entrar Clara mostra que é mestre na capacidade de surpreender, que ao seu lado não terei problemas com o tédio.

— Bom dia, meu amor — cumprimento. — Posso saber o que significa isso? — Meus olhos estão fixos no centro da sala, onde Clara está sentada com as pernas dobradas e com umas das mãos acaricia a cabeça de um filhote de gato. Com a pelagem totalmente preta, o pequeno animal chama atenção pela desnutrição, onde os ossos ficam em evidência por baixo da pele e pela ausência de uma das patinhas.

— Amor, eu fui lá embaixo comprar algumas coisas para o nosso café da manhã e de repente ele apareceu no meu caminho. Ficou passando a cabecinha nas minhas pernas, todo carente. — Ela faz a voz ridícula que os adultos usam quando querem falar com bebês.

— No mínimo senti o cheiro de comida na sua sacola — afirmo, vendo as coisas pelo ângulo da praticidade e não do mais romântico, assim como ela faz.

— Para de ser assim, Henry — Clara reclama, chateada pelo que

falei e aparentemente sensível demais. Será que está na TPM?

Só isso explica a reação por um vira-lata que encontrou na rua. Pelo amor de Deus! É só um gato e bem feinho, diga-se de passagem.

— Assim como, menininha? Não falei nada demais? — defendo-me

— Está aí, olhando-me como se eu estivesse louca. Não vê que ele me escolheu? — diz, séria e nesse momento eu já fiz como ela e estou sentado sobre o tapete, ainda de olho na sua mão acariciando o pequeno estranho, que ela nem sabe de onde saiu.

— Tudo bem, pequena. O que você pretende com isso? — indago, já sabendo o que vem pela frente.

— Vamos ficar com ele, por favor? — dramática, ela une as duas mãos em sinal de súplica.

— Meu amor, você pegou esse filhote na rua, se eu soubesse que queria um animal de estimação, teria comprado um para você. — Mais uma vez sou prático e ela devolve-me com um olhar furioso.

— Não é assim que funciona, Henry. Fala como se fosse um sapato que você vai ao shopping e passa o cartão. Como ele existem vários animais pelas ruas, precisando de um lar. — Ela está mesmo a ponto de chorar?

Quando eu acho que sei tudo a respeito da minha namorada, ela vem com uma nova faceta: defensora dos animais sem lar. Na verdade, eu não imaginava o quanto Clara é sensível a esse assunto, até vê-la assim, tão firme na defesa do gato.

— Ok, não está mais aqui quem falou e se você quer, nós vamos ficar com ele. — Não sei por que me refiro a nós, pois apesar de sermos um casal, não moramos juntos.

— Ai, meu amor, obrigada! — Ela larga o bicho e se joga nos meus braços, abraçando-me pelo pescoço e usando mais força que o necessário.

— Clara, menos força. Você está quase me sufocando. — Termino eu mesmo levando os braços até o seu, afrouxando o desajeitado aperto.

— Desculpa, é que estou muito feliz. — Afasta-se, fitando o meu rosto bem de perto. — É um desejo de infância. Mamãe tinha renite alérgica e não podia chegar nem perto de pelos de animais que já começava a espirrar.

— Deus me livre de ser um monstro e negar esse desejo de infância para a minha mulherzinha — digo, divertido.

— Sei que não, o meu namorado não ficaria uma semana sem sexo.

— Como é? Você seria capaz?

— O que acha?

— Ou seja, eu não teria outra escolha além de aceitar esse olhudo aqui em casa? — Ele observa com os olhos enormes, quase maior que o pequeno rosto.

— Isso mesmo — afirma na cara dura.

— Sua manipuladora dos infernos — digo, e *numa* manobra rápida inverte as nossas posições, deitando-a de costas contra o tapete, enquanto eu me ajeito na posição onde desejaria passar o resto da vida, ou seja, em cima dela.

— É por isso que você me ama. — A pequena provocadora passa as pernas em volta da minha cintura, já que os braços eu tenho presos na altura da cabeça.

— Amo! — O rosto fica bem próximo ao seu e ao encararmos com intensidade, o clima descontraído muda para a eletricidade da tensão sexual, misturada com a saudade e, antes de tomar os seus lábios, declaro: — Senti tanto a sua falta.

A beijo com uma fome equivalente a um mês sem sentir o gosto da sua boca e não dois dias apenas. O beijo se encaminha para o fim esperado quando se trata de nós dois, mas tem algo me incomodando e impedindo de ir em frente e de entregar-me totalmente ao momento.

— Clara, por favor — falo, tendo dificuldade de desgrudar a minha boca da sua. — Ele vai mesmo ficar nos encarando? Esse olhudo.

Olho para perto da cabeça da minha garota e o pequeno curioso está de olho em tudo o que estamos fazendo. Ele não se constrange e não se abala por estar sendo ignorado, pelo contrário, acho que está aqui justamente esperando para ver se consegue um pouco de atenção.

— Ele deve estar com fome — sentencia. — O que acha de sairmos para comprarmos as coisinhas dele? — Ela se anima, esquecendo-se completamente da atenção que até então estava me dando.

Ele nem bem chegou e já está roubando a minha namorada.

É isso, eu estou com ciúme de um gato.

— Tudo bem, gatinha, vamos cuidar desse monstrinho e depois será a sua vez de cuidar do meu monstro — digo e quando ela abre o sorriso mais encantador do meu mundo, dou-lhe um último beijo para depois sair de cima do seu corpo e ajudá-la a se levantar.

— Eu cuido com todo o prazer, meu amor — A safada vem e dá uma mordida provocante no meu queixo.

— Vou cobrar — aviso e ela paga o feinho nos braços.

Nas próximas duas horas que seguiram, Clara e eu a usamos em prol do filhote. Com ele bem quietinho nos seus braços, como um ratinho assustado, não tivemos maiores problemas em resolver tudo que foi necessário para o bem-estar do novo membro da família.

Entre visitas ao pet shop, onde o veterinário cheio de sorrisos para a minha namorada, aplicou todas as vacinas necessárias, fez um exame geral para atestar a boa saúde do pequeno olhudo e indicou tudo que teríamos que comprar para ele, saí de lá satisfeito por deixar claro para o bonitão que a mocinha a quem ele tanto atribuiu sorrisos não está solteira. Longe disso, não poderia estar mais comprometida. Tão comprometida que decidiu pegar na rua um animal de estimação para nós cuidarmos.

Logo eu, que nem uma planta consigo manter viva.

— Ele não fez isso, Henry — Clara solta o gatinho no tapete assim que entramos na sala e ainda tenta questionar o que vi no pet shop.

— Os olhos só faltaram cair dentro do seu decote — Coloco as várias sacolas com os itens do olhudo em cima do balcão estilo americano e continuo a expor meu ponto de vista. — O decote da minha mulher.

— Acho que para ele não ficou dúvida. — Ela não consegue manter-se seria e vem me abraçar, feliz. — Já te agradei por aceitar o novo morador?

— Quero que me agradeça mais tarde, pelada e recebendo o meu pau dentro da sua bocetinha apertada. — Meu lado devasso fala mais alto e não consigo conter a minha boca suja.

— Antes vamos arrumar as coisas do meu bebê — fala com naturalidade e eu assinto.

Embora não tenhamos conversado sobre o assunto, entre nós houve o acordo tácito de que ele ficará aqui — sim, ele é machinho, segundo afirmou o Doutor sorriso.

Após terminar de ajeitar a caminha e as vasilhas com ração e água em um cantinho da área de serviço, eu convido Clara para almoçarmos fora e quando ela prefere ficar em casa, sei que terei que colocar a mão literalmente na massa.

*Num* clima familiar, deliciosamente familiar, preparamos uma



refeição rápida e ao terminamos de almoçar, a convidou para sentarmos um pouco para enfim termos a conversa que preciso ter com ela. O momento é chegado e a aparição do novo morador e até mesmo o fato de tê-la encontrado me esperando ontem, serviram como uma resposta do que venho desejando há um tempo e veio mais intenso agora.

Torço para que tenha a resposta que desejo ouvir e que tudo seja tão bom quanto nas minhas expectativas.

— Amor, posso perguntar uma coisa? — Dou início assim que a tenho confortavelmente sentada no sofá do pecado e as pernas sobre as minhas como gosta de fazer.

— Até duas.

— Por que você veio ontem e não ligou avisando que estava esperando? — indago, percebendo que talvez tenha me expressado mal.

— Desculpa...

— Amor, não tem que se desculpar. Eu estava louco de saudade de você, não consegui me concentrar no trabalho, só pensei em você o dia inteiro. Se tivesse ligado teria vindo correndo te encontrar.

— Não quis incomodar, mas também não aguentei ficar em casa. Nós dois passamos tantos meses dormindo juntos, praticamente morando juntos e na hora da separação, foi como se estivesse faltando alguma coisa muito importante. Foram noites sem conseguir dormir, sentido a falta do calor do seu corpo, dos braços em volta da minha cintura.

— O mesmo aqui, minha menininha — Aproximo-me do seu rosto, não resistindo em declarar. — Fiquei tão aliviado e ao mesmo tempo irritado de te ver dormindo na porta, como uma pessoa qualquer e não como a mulher que deveria ter total acesso a minha casa.

— Henry, eu...

— Não. Deixe-me terminar, princesa — peço. — Tudo o que eu não quero é te pressionar a fazer algo que não queira ou que ainda não esteja preparada, mas, por outro lado, não suporto voltar para uma realidade tão diferente da que vivemos nos últimos seis meses. Quero dormir e acordar com você, saber que ao fim de um dia estressante de trabalho, terei a recompensa da sua companhia.

— Eu não entendo... — Seus olhos estão arregalados e o rosto deixa evidente a expectativa pelo que tenho a dizer. Não a expectativa de quem espera uma má notícia e sim a de quem almeja a solução para um grande impasse.

— Clara, você e o mundo todo sabe da enormidade dos meus sentimentos e o tamanho do meu amor. Só diga sim se for o que realmente deseja. Não faça nada para deixar-me feliz e sim o que vai te fazer feliz — peço e sem qualquer aviso, corro até o quarto e de lá tiro o objeto que ela segurou algumas vezes nas mãos.

— Amor, tudo bem? — indaga, assim que volto para perto dela. Agora, além de curiosa, também está preocupada.

— Se você quiser, é sua — Coloco a chave em sua mão e finalmente faço a pergunta. — Menininha, você aceita morar comigo? — Os olhos brilham, o sorriso se abre e só posso aguardar e torcer para que da sua boca saia a confirmação de tudo o que desejo ouvir.

# *Mais intenso*

Clara

Diferente das outras vezes que ele tentou entregar-me as chaves do seu apartamento, não como um convite e sim para dar acesso mais fácil e evitar o que aconteceu ontem à noite, dessa vez aceitei não só o objeto tão pequeno, mas que traz em si um significado tão grande, como também disse sim ao seu pedido.

Se antes o medo guiou-me, hoje, depois de tudo o que vivemos, não há espaço para dúvidas ou receios.

— Repete, pequena — pede eufórico, e nesse momento ele me tem nos braços girando-me como um alucinado. — Acho que não ouvi direito. — Ao colocar-me novamente sobre os pés, segura o meu rosto e volta a pedir: — Fala, meu amor.

— Eu quero morar aqui com você, dormir e acordar ao seu lado, compartilhar com você todos os meus dias — declaro, emocionada. — É tudo o que mais quero, desde o dia que chegamos e você me deixou na porta de casa.

— Se você tivesse falado, teria nos poupado dois dias de saudades. — Ele desfaz o nosso abraço e no meio da conversa começa a desabotoar os botões da minha camisa.

— Esses dias serviram para nos fazer enxergar o óbvio e se você não tivesse pedido para eu morar com você, teria me oferecido. Não tenha dúvida disso, querido — afirmo e já estou sem a parte de cima da minha roupa e agora o look é composto de um mini shorts desfiado e um sutiã vermelho de renda.

Não que eu tenha o costume de andar por aí com peças extremamente sensuais, como costuma acontecer nos filmes e novelas. Se estou com lingerie feita para seduzir é porque eu vim aqui ontem com essa intensão:

matar a saudade do meu homem, e que forma melhor de fazer isso senão for com uma movimentada noite de sexo?

Para o Henry, tenho certeza de que plano melhor não existiria.

— Vindo de você nada me surpreende. — As mãos já estão no zíper do meu jeans, abrindo-o com a tranquilidade de uma pessoa que não está despindo a outra, enquanto tem uma conversa. — Surpresas boas, diga-se de passagem.

— O que posso fazer se dou o sangue para manter o meu homem satisfeito? — Equilibro-me, segurando a sua cabeça quando ele se ajoelha a minha frente e vai lentamente descendo o short pelas minhas pernas, que felizmente estão com a depilação em dia.

— Puta que pariu, Clara! — profere o xingamento quando o short já está embolado no meu tornozelo, momento que ele parece ter notado a posição em que estamos e a calcinha indecente que uso. — Quer me matar, porra? — A mão esquerda estapeia a lateral a minha coxa, o que me fez esbravejar:

— Se ficar alguma marca aí, você vai pagar caro, Henry.

— Perdão, esqueci que a pele da minha mulher tem que estar sempre perfeita, agora que ela é uma estrela da moda — ele fala com um sutil tom de deboche, mas leva a boca até o local avermelhado, onde primeiro beija, para depois terminar com uma longa lambida. No ato, fico excitada e também surpresa por descobrir que tal local também é sensível ao seu toque.

Na verdade, difícil é descobrir qual parte do meu corpo não é sensível aos carinhos do Henry.

Ele, como conhece cada detalhe, não só do meu corpo como também das minhas reações, sobe o olhar até o meu braço, e acaba encontrando os pelinhos em pé pelo arrepio que a extinção causou.

— Você reclama, mas o seu corpo não mente, não é mesmo?

— Ele tem vontade própria.

Digo o óbvio, pois sei que sua pergunta não passa de uma tentativa de provocar. Henry entende o meu trabalho e respeita os limites que às vezes preciso impor, mesmo contra a nossa vontade.

— Ontem você veio pronta para o crime, não foi? — Muda de assunto e sua atenção se volta para temas mais urgentes, ainda que a mão esteja carinhosamente alisando a minha coxa levemente ardida.

— *Me diga*, você gostou? — Tento soar sexy e talvez tenha conseguido o meu intento, já que o olhar intenso sobe para o meu rosto e encara-

me por alguns segundos. Um olhar que faz promessas de prazeres sem limites. Logo em seguida, desce para os meus seios, vestido um sutiã que os deixa firmes e convidativos para a boca gulosa que não perde a oportunidade de estar sobre eles.

Depois, seus olhos varrem do meu abdômen plano, onde estranhamente ele pegou o hábito de acariciar e dar beijinhos quando no fim de uma rodada de sexo caímos mortos de cansaço, terminando no seu ponto de prazer, o lugar onde seus olhos soltam faíscas.

De joelhos e de cara com o meu sexo, meu namorado vê uma calcinha extremamente sensual e diria até mesmo indecente. Quando eu a escolhi, o fiz com essa intenção, a de deixá-lo cheio de tesão. O que não passou pela minha cabeça foi tê-lo dessa forma, encarada de frente, cara a cara, quer dizer, cara a boceta.

A calcinha é tão pequena que seria mais fácil estar sem. Com as tiras bem fininhas, a peça tem o estilo contrário das outras e se atrás ela tem o pequeno pedaço de pano mais grosso, na parte da frente não é mais que uma renda fina, onde é possível ele ver o meu sexo, como se sem calcinha eu estivesse. Na frente, Henry deve ver a marca evidente do desejo que o seu tapa, seguido por lambidas e o olhar matador e cheio de promessas começaram a fazer por mim.

— O meu pau também tem vontade própria, minha gostosa — fala, sem desviar os olhos do meu sexo pulsante. O seu olhar faminto está a ponto de me fazer implorar pelo toque, da forma que for, só preciso do seu toque. — A minha boca também tem, tanto que agora ela saliva por vontade de te provar, sentir com a língua o teu sabor, o gosto da minha mulher, deliciosa — assevera, quando se arrasta para perto e leva a mão para a frente da minha calcinha, tocando-me de mão aberta onde almejo ser tocada.

— E porque você não faz? O que te impede de pegar o que é seu? — ofereço-me, por um momento segurando no alto da sua cabeça, na tentativa de manter-me em pé, já que suas palavras cheias de promessas e o olhar faminto me deixam com as carnes frescas e as pernas bambas.

— Nada impede, pequena, porque você é minha para fazer o que quiser e é por isso que agora vou te comer. Primeiro vai ser com a boca e depois com o meu pau, na sua boceta, no seu rabinho, onde eu quiser, pois nada me pertence mais do que você, Clara. Diz que é minha, só minha, por favor! — Ele tem uma necessidade e um desespero no pedido que me leva a ter coragem de dizer não só o que ele implora por ouvir, mas também que eu morro por dizer.

— Eu sou sua... — falo com dificuldade de encontrar o foco, quando por cima da lingerie ele dá a primeira e longa lambida na minha vagina. — Para fazer o que você quiser...

— Meu amor... — Henry perde o controle e com um único puxão quebra a fina lateral da calcinha e em seguida, leva a minha perna até seu ombro, me comendo no meio da sala, ele de joelho e eu em pé.

Experiente, meu namorado intercalada lambidas profundas com mordidas que antecedem chupadas de alívio e eu suo, gemo ruidosamente implorando por mais, muito mais.

— Assim... — *Me apoio* na sua cabeça, tentando equilibrar-me. — Ai, que delícia.... — gemo, e por todo o corpo passam ondas de arrepios, avisando o que vem pela frente. — Eu quero... Eu vou...

— Goza, minha safada — Pede, sem parar de me chupar e provavelmente também se tocar. — Quero que goze na minha boca, dê-me o gosto do seu prazer — pede com uma poderosa sucção e tremendo, gozo na sua boca.

— Porra, amor... — Tento segurar-me, mas está difícil.

Henry lambe meu sexo com mais calma, enquanto a onda de tremores passa por todo o meu corpo, terminando no meu ponto de prazer e quando me acalmo, ele termina com um terno beijo, bem diferente do Henry que segundo atrás me comia esfomeado.

— Vem, senta aqui. Eu quero mais, muito mais — Levanta-se com a boca úmida e nisso não há nenhum constrangimento, pelo contrário, tendo nós passado há muito tempo dessa fase, o que vejo só me deixa mais excitada pela imagem e pela lembrança, o que faz com que o puxe pela gola da blusa e beije com sofreguidão a boca que tem o meu gosto.

Passados minutos do beijo ruidoso e indecente, onde meu sutiã e também as suas roupas deixaram de ser um empecilho para nós, finalizamos o beijo pela necessidade de respirar e também por não aguentarmos mais ficar só no beijo.

— Você é uma safada, Clara — diz, com a mão sobre a minha, auxiliando-me enquanto o masturbo.

— Foi você quem fez isso comigo — Faço biquinho e imagino que meus lábios estejam inchados e vermelhos da nossa voracidade.

— E não há nada que eu me orgulhe mais do que ter feito isso com você — afirma ao pegar-me nos braços, fazendo com que eu enrole as pernas na

sua cintura. — Você se tornou a minha safada. — Henry se encaminha para a parede mais próxima e ao encostar minhas costas nela, assevera: — Eu vou te comer assim, de pé e contra essa parede. Você vai me sentir tão fundo que não saberá onde você termina e eu começo. Depois, vou te virar de costas e te comer por trás, vendo essa bundinha deliciosa que será a nossa última parada — fala contra a minha boca, enquanto guia o pau para dentro do meu sexo. — Você vai deixar-me comer a sua bunda mais uma vez, não é, gostosa? — indaga, sôfrego, ao dar a primeira e profunda estocada.

— Uhummm — gemo em resposta, recebendo com prazer as profundas arremetidas e até mesmo indo lhe encontrar no meio do caminho.

Com Henry, sou gananciosa na hora do sexo, é como se nunca fosse o suficiente. Ele me deixa sempre querendo mais e mais.

— Caralho! Você é muito gostosa, meu amor — elogia dentro da minha boca, segurando a minha cintura com firmeza e sem nunca deixar de beijar a minha boca, Henry me penetra por incontáveis vezes, até que não suportando mais o prazer que transborda, gozamos juntos e ainda assim não paramos de nos beijar. Beijamos enquanto ele investia contra o meu corpo, quando o alívio veio e permanecemos nos beijando quando a calma da satisfação veio.

— Eu amo tanto você — Ainda contra a parede e dentro de mim, um Henry suado e com a respiração curta declara. — Hoje você me fez o homem mais feliz do mundo.

— Nada diferente dos sentimentos que você despertou em mim desde o primeiro momento. Eu também te amo e acho que você não tem ideia do quanto.

— A nossa sorte, menininha, é que você terá a vida toda para mostrar a enormidade do seu amor por mim — ele brinca e no rosto tem a mesma felicidade que imagino refletir no meu.

Todas as vezes que eu e Henry transamos foi uma experiência única, uma experiência diferente e sempre melhor que a última vez. Porém, hoje tudo parece diferente, mais intenso, como se o mundo fosse acabar e corrêssemos o risco de não podermos estar juntos pela última vez.

Talvez tenha sido pela grandeza da decisão tomada ou mesmo pela alegria de termos decidido dar o passo natural para a vida da maioria dos casais, mas hoje, mais do que os outros dias — e olha que não são poucos — estávamos mais insaciáveis do que nunca e como prometido por ele em um momento de pura luxúria, Henry me pegou por trás — novamente contra a parede — e

terminou com o sexo anal. O mais intenso e que eu morro sem confessar que tanto gosto de fazer.

No fim do dia, estávamos exaustos e rindo do fato de o nosso Olhudo ter desaparecido durante todo o dia. Quando fomos atrás, ele estava tranquilamente dormindo na cestinha, nem um pouco a fim de presenciar os donos transando pelo apartamento.

O sono só veio no auge da madrugada, quando depois de planejarmos a exaustão os detalhes da minha mudança e também da festa que faremos para os amigos, dormimos nos braços um do outro, do jeito que desejamos no curto afastamento e como será nos próximos anos.



# Realidade

Henry

— Eu não estou acreditando que eu vivi para ver Henry Pimentel casado — com um copo de cerveja na mão, Miguel aparece e no outro braço tem o que imagino ser umas das suas putas. Só me pergunto o motivo de ele não estar acompanhado pela Margot, a puta oficial e também a mais perigosa de todas, só ele mesmo quem não percebe isso.

Na verdade, o ideal seria que ele tivesse vindo sozinho ou acompanhado pela irmã, já que esta reunião é familiar, para comemorarmos o fato de eu e minha gatinha estarmos há uma semana morando juntos.

Pode parecer rápido demais, mas a nossa alegria e empolgação pela novidade foi tanta que em poucos dias tudo estava pronto, sua casa fechada e suas coisas aqui em casa.

O meu quarto transformou-se oficialmente no nosso quarto e o quarto de hóspedes, raramente usado, ficou com a senhora Chica, que no início estranhou, mas também não demorou para se acostumar com a nova realidade.

Com a ajuda da sua fiel amiga, Amanda, a minha namorada teve a liberdade de dar o seu toque pessoal em cada canto da cobertura e hoje, para onde se olhe, é possível notar que este já não é mais o apartamento de um homem solteiro. As mudanças foram rápidas e meu novo lar se parece mais com o lar de uma família. Até um animal de estimação eu tenho.

— Esse tem as bolas irremediavelmente presas — Saulo, com quem eu estava conversando antes da aparição de Miguel, assevera, mas a minha

atenção não está em nenhum dos dois palhaços que não fazem nada além de me provocar desde que souberam da decisão que eu e Clara tomamos. Diferente disso, vejo a minha gata ao lado da loirinha e de várias outras mulheres com quem ela fez amizade na época em que trabalhou na revista e também com algumas fotógrafas e modelos que conheceu nos últimos seis meses de intenso trabalho.

Clara erradia felicidade, a mesma que imagino estar estampada na minha cara. O contentamento de estarmos recebendo os nossos amigos no que agora se transformou o nosso lar e sabendo que da forma como almejávamos, tudo saiu melhor que o esperado. O nosso convívio de seis meses mostrou-se um aliado e não foi nada diferente da perfeição a nossa primeira semana vivendo a vida de marido e mulher.

Nada se compara ao prazer de dormir e acordar ao seu lado. De chegar da revista e poder contar como foi o meu dia de trabalho e de também ouvir a respeito do seu, seja os que fica em casa ou os que tem fotos para fazer. As nossas rotinas adaptaram-se e só de não vê-la ir embora ou de não ter que passar o domingo sem a sua presença, já vale por todo o resto.

Se já parecíamos um casal em lua de mel durante a viagem, eu não sei como classificar a nossa vida sexual na última semana. Poucos dias e já fomos parar umas três vezes em hotéis, apenas para não escandalizarmos a dona Chica e nem o nosso filhote com o sexo intenso e escandaloso que ultimamente estamos fazendo. Não que algum dia tenha sido diferente, mas agora é como se a intimidade nos desse respaldo para fazermos de tudo. Entre nós não existe o menor pudor quando o assunto é sexo e se é assim, melhor o fazermos em um local onde olhos e ouvidos inocentes não possam nos ouvir ou presenciar.

Em casa, deixamos para fazer o amorzinho matinal ou o sexo antes de dormirmos. O hotel que em breve será substituído por uma casa que pretendo comprar e presentear a minha gata, fica para as ocasiões onde o fogo do desejo fala mais alto e não resta espaço para o amor e sim para o sexo sujo, bruto e suado.

— Olha só para a cara desse idiota — Miguel fala, chamando a minha atenção. — Vamos, gata, deixa os caras aí, os dois presos na coleira. — Dirige o olhar desafiador para Saulo, antes de se retirar.

— Do que ele está falando? — Viro-me para Saulo, pela primeira vez interessado no que tem a dizer.

— Ele, assim como você, acha que estou interessado naquela idiota ali — fala e não chega a apontar para onde Amanda está, mas os olhos a

procuram e sei disso porque o meu faz o mesmo com a minha namorada.

— Isso porque não sonha que na verdade você está interessado é na irmã dele, se é que ainda se trata de um mero interesse. — Tento tirar algo dele, pois apesar de ser o meu amigo, também me preocupo com a Amanda, afinal, ela é a melhor amiga da Clara e não gosto nada da forma como ele tem a olhado, desde a hora em que chegou aqui.

Não é um assunto na qual eu deveria me preocupar, até porque os dois são adultos e sabem o que fazem. O problema é que além de saber da complicada "não relação" do meu amigo com Laura, ainda percebo o fato de aparentemente Amanda não suportar Saulo, o que para mim é estranho, uma vez que ele afirma nunca ter trocado mais que duas palavras com a garota.

Tem também o meu lado egoísta falando alto no meio das perguntas evasivas que faço, pois sei que se a Clara desconfiar que sei de alguma coisa que pode machucar a sua amiga, a pequena megera é capaz de cortar o meu pau fora e me colocar para fora de casa. E não, não exagero pensar isso. Clara e Amanda são muito ligadas e ela faria de tudo para ver a amiga longe de problemas.

No caso, se envolver com Saulo seria um problema e tanto, disso eu não tenho a menor dúvida.

— Não estou interessado na Laura — fala entredentes. — Aliás, você já se perguntou o porquê da sua melhor amiga não estar presente na comemoração pelo seu casamento? — indaga, fazendo aspas com os dedos ao pronunciar a palavra casamento.

— Ela não pôde vir porque está ocupada com um projeto secreto — digo, pois foi o que a própria Laura afirmou ao recusar o convite.

— Pois saiba, meu caro amigo, que o projeto secreto se chama "eu ainda sou apaixonada pelo meu melhor amigo, um cara que namorei na adolescência e que nunca fui capaz de superar" — fala com escárnio, virando de uma vez a taça de uísque que tinha na mão. Na hora que ele termina, as palavras faltam e sinto a cor sumir do meu rosto.

— Você não pode estar falando sério, Saulo. O quanto você bebeu?

— Não o suficiente. E não precisa olhar com essa cara de espanto, eu sei exatamente do que estou falando e sabe como sei disso?

Tenho medo de perguntar, mas ainda assim balanço a cabeça em negativa, esperando pelo que vem a seguir.

— Ela disse depois de finalmente ter decidido dar um pouco de atenção para o idiota aqui. — Ele rir com deboche, antes de se retirar sem mais

nada dizer.

Eu fico pasmo no meio da sala, sem saber se estou surpreso pela descoberta dos reais sentimentos ou por sua crueldade em usar o idiota do Saulo dessa forma.

— Posso saber o que fizeram com o meu amor para ele estar pálido desse jeito? — Clara pergunta, pegando-me de surpresa, uma vez que o transe não me permitiu notar a sua aproximação.

— Não foi nada que mereça a sua e nem a minha preocupação — falo e não é nenhuma mentira.

Saber dos sentimentos escondidos de Laura não é algo para preocupar-me ou trazer algum sentimento que não seja de pesar por ela, pois eu sempre fui sincero, tanto quando terminei a nossa relação há muitos anos como também nos anos em que a considero como a minha amiga mais próxima. O que posso fazer é ter uma conversa franca para fazê-la entender que o melhor a se fazer é seguir em frente, pois entre nós jamais existirá nada além da amizade. Ela e todos sabem o quanto eu amo a Clara e que não há nada mais definitivo do que esse fato na minha vida.

Quanto ao Saulo, torço para que ele consiga se recuperar e seguir em frente, isso sem sair magoando quem aparecer pelo caminho, assim como a Laura fez com ele.

— Está feliz? — Os braços finos e delicados enlaçam a minha cintura e todos os problemas que não tem nada a ver com o momento somem da minha cabeça.

— Muito, como tenho estado desde o dia em que você apareceu naquele restaurante, com a proposta mais indecente que alguém já fez.

— Tenho vergonha só de pensar — ela afirma, escondendo o rosto no meu peito.

— Não deveria ter, eu não tenho de admitir que quis te comer logo de cara. Minha ideia era que fosse apenas mais uma e aqui estamos nós, celebrando a nossa vida juntos.

— Tem razão, foi graças a minha sandice que nós nos conhecemos.

— Sim — afirmo. — E sabe o que não mudou nesse tempo que passou? O meu desejo por você. Será que essa gente demora a cair fora? Não vejo a hora de comemorarmos a nós.

— Você não tem jeito, amor.

— Não mesmo — Beijo o pescoço cheiroso. — Hoje nós vamos

dormir fora, tenho que terminar essa noite em grande estilo, além disso, ainda não dei o seu presente.

— Você não precisa...

— Não preciso, mas eu quero agradecer a minha namorada. — Tenho a intenção de beijá-la para calar um possível protesto, mas sou interrompido pelo toque da campainha e não nos resta alternativa, além de ir receber mais um convidado.

Ao abrir a porta, a surpresa fica por conta das pessoas ali paradas. Eu realmente não os esperava.

— Pai, mãe, entrem — Beijo o rosto da minha mãe, dou um abraço no meu pai.

Quando tomei a decisão de trazer Clara para morar comigo e tendo ela dito sim, a primeira coisa que fiz foi ir até a casa dos meus pais informá-los, não pedir qualquer benção ou aval, apenas informar.

Meu pai, ciente do homem formado e responsável que sou, fez o que todo pai faria: assegurou-se de que eu estava certo do passo que estava prestes a tomar e ao receber a minha resposta positiva, limitou-se a dar mais alguns conselhos de pai para filho, no final tendo me parabenizado e desejado boa sorte.

Mamãe, apesar de tudo e de ainda tentar argumentar, acabou surpreendendo. No fim, acho que ela percebeu que estava lutando uma batalha perdida ao ir contra o meu relacionamento e que só conseguiria me afastar dela se continuasse tendo as mesmas atitudes.

É óbvio que Clara não passou a ser a santa da sua devoção, seria pedir demais, mas depois da nossa conversa franca, consegui convencê-la a se desculpar e tentar conhecer melhor a minha namorada. Ela, meio a contragosto, aceitou e também deu o abraço de boa sorte.

Não vou fechar os olhos para o fato de que a sua predisposição em tentar dar uma chance a Clara tenha relação com o seu sucesso na carreira e ao fato de o seu nome hoje em dia ter mais influência que o nossos, porém, é melhor que seja dessa forma do que viver em pé de guerra com uma mãe cheia de preconceitos e que em nome deles, rejeita a minha mulher.

Os preconceitos não somem de uma hora para outra, mas quem sabe ao conhecer Clara, a sua simplicidade e caráter ensinem dona Carmen a se tornar uma pessoa melhor?

— Não imaginei que viriam — digo, pois papai não é chegado a esse tipo de evento e mamãe é uma pessoa imprevisível.

— Imagina se nós deixaríamos de comparecer em uma ocasião tão importante para você, meu filho — mamãe fala. — E você, Clara, como vai?

— Muito bem, obrigada e a senhora?

— Contento por ver o meu filho tão feliz — fala com simpatia. — E não precisa me chamar de senhora, só Carmem.

— Desculpa, Carmem — Clara devolve, sem jeito, ainda que a tenha deixado a par da conversa que tive com minha mãe. — Sintam-se à vontade, a casa é de vocês.

— Obrigada. Estou vendo a Elga ali, vou lá falar com ela, você vem querido? — chama o papai e eles saem, nos deixando sozinhos novamente.

— Ufa! — Clara parece respirar aliviada, passado o primeiro contato cordial entre as duas.

— Tudo ficará bem entre vocês, meu amor — assevero.

— Torço para isso. — Relaxada novamente, ela abraça meu pescoço. — Henry, será que o Olhudo está bem com esse som?

— Dá última vez que a Chica olhou ele estava roncando — digo aos risos. — Relaxa, ele não está incomodado com esse tanto de gente aqui em casa.

Digo, sem cansar de admirar a forma como ela cuida do filhote. É tão cuidadosa e carinhosa que em poucos dias ele ganhou peso e já tem quase o peso normal para um gato da idade dele.

Quando a vejo assim, só consigo imaginar a mãe maravilhosa que será quando tivermos os nossos filhos.

— Tá legal, o que você quer fazer agora?

— Posso pedir qualquer coisa? — Aperto os braços em volta da sua cintura, sem importar-me com os convidados.

— Se estiver ao meu alcance... — Está claramente me provocando, pois sabe que sempre mordo a isca.

— Quero te levar daqui, quero te ter nua e bem disposta. — A última parte falo sussurrada no seu ouvido. — Tomando o meu pau nesse rabinho gostoso e apertado, celebrando a nossa vida, o nosso amor e o fato de finalmente estarmos conseguindo ser felizes e sem nada para nos atrapalhar.

Digo e seu sorriso entrega e mesma alegria e alívio que sinto. Sentimentos de satisfação por percebermos que finalmente a nossa vida está entrando nos trilhos, que finalmente teremos paz para viver o nosso amor.

# Bônus – Saulo

## Saulo

O último gole desce queimando na minha garganta, como se labaredas de fogo estivessem me consumindo. Sensação nada boa, mas que para mim serve como uma distração. Para tirar a minha atenção dela, a loirinha, que não parou de sorrir por um minuto desde que eu a vi aqui, na casa dos nossos amigos, comemorando o que eu chamo de casamento, porque é isso que os dois estão fazendo ao se juntarem na mesma casa e de quebra adotarem um gato.

A menina que vi poucas vezes e em nenhuma delas foi agradável, agora está em uma roda de amigas, todas na mesma faixa de idade, sempre com um sorriso no rosto, quer dizer, nem sempre. Existe uma razão para fazê-la esconder os dentes dentro da boca e esse motivo sou eu.

Amanda, por mais alegre que esteja — e eu imagino que seja muito, por ver a Clara tão feliz — consegue mudar de expressão *num* piscar de olhos todas as vezes em que se depara comigo lhe observando. Não precisa de mais nada, é só me ver que a mudança brusca acontece.

Não sei se estou bêbado demais ou se meus 32 anos já me classificam como velho o suficiente para ter algum problema com a visão, mas a verdade é que além do sorriso morrer, vejo outras respostas do seu corpo que me deixam curioso — mais do que deveria — a seu respeito.

É até piada estar impressionado por essa garota, logo eu, o cara que passou anos cultivando sentimentos por uma mulher que nunca deu sinais de querer alguma coisa que não seja me usar. O ponto alto de toda essa história doentia foi descobrir na cama de um quarto de hotel, depois de foder a boceta dos meus sonhos até a exaustão, que a mulher sempre esteve apaixonada por Henry, o cara que a tem como melhor amiga, mas que para ela é mais que isso, é um amor antigo, uma paixão incurável de adolescência.

A mim coube o papel de ser o estepe quando ela percebeu que ficar tantos anos calada a respeito de uma paixão platônica não lhe serviu de nada e que o homem por quem é apaixonada por todos esses anos está casando com outra, a garota simples, mas que mostrou ser tudo o que Henry procurava, ou melhor, não procurava e mesmo assim acabou encontrando.

O bom da vida é que até para ser feito de idiota o ser humano tem um limite e o meu felizmente chegou. Laura para mim é página virada e sem volta. Como sempre fiz, vou continuar batendo quantas bocetas tiver vontade, assim como faço desde a saída da adolescência. O diferencial é que eu comi a que sempre desejei. Acabou mal, mas ainda assim, eu comi.

A página virou e tudo o que eu não quero é desenvolver uma obsessão por outra mulher, mulher não, menina. Essa loirinha é a coisa mais linda que os meus olhos foram capazes de enxergar nos últimos dias, mas ainda muito nova para a minha perversão.

O mais próximo que chegarei dela e do seu corpo serão pelas lembranças de um sonho. Um sonho bom que em minha mente aparecem como flashes. Nele eu tenho seu corpo quente em minhas mãos, e entre os beijos calorosos, as roupas vão sumindo e no fim estou fazendo amor, não trepando com força, como gosto de fazer, *me vejo* fazendo amor com a garota mais linda. Tão linda e tão menina com o rosto todo salpicado de pequenas sardas. No meu sonho, vi vários deles espalhados pelo corpo, inclusive na...

Caralho!

Não posso ficar duro no meio de uma confraternização familiar e tudo isso por causa de um sonho, um sonho que acabou mal, pois depois de termos gozado, o rosto de Laura — sempre ela — substituiu o da loirinha e foi nessa hora que o sonho virou pesadelo e eu acordei assustado em um quarto do hotel, onde entre os lençóis pude sentir resquícios de um perfume feminino.

Bom, no fim, eu acabei dormindo com uma puta, imaginando ter sido com a gostosinha de cabelos loiros. O que mais chamou a minha atenção em toda essa confusão foi o fato de ter tido o sonho quente com a garota, antes mesmo de tê-la conhecido.

Nunca a tinha visto, pelo menos não que eu me recorde.

Meus olhos não conseguem desviar-se dela, com os cabelos presos em um coque frouxo no alto da cabeça, deixando à mostra o pescoço branquinho e delgado que eu sinto vontade de chupar até que ali fique a minha marca. Também não resisto em beber a beleza do seu corpo magro e deliciosamente preenchido nos lugares certos. O vestido curto e de alças só a deixa mais gostosa



e olha que vê-la usando jeans apertado não a deixa pouco gostosa.

Henry tem razão de desconfiar que eu esteja interessado na loirinha, porque eu estou, porra!

Ela me intriga e se não fosse pela beleza e personalidade aparentemente tímida, seria pelo desafio de descobrir os motivos que a fazem me odiar tanto.

Se eu pudesse ter pelo menos uma única noite com ela...

É muito nova para o meu gosto? É sim.

Não é o tipo de mulher com quem eu me envolveria e mesmo assim estou aqui, pouco me fodendo por ter jogado uma revelação no colo do Henry. Tudo para ficar como um adolescente, paquerando e não sendo paquerado de volta, pelo contrário, ela acaba de mais uma vez me flagrar lhe encarando como um maníaco e depois de virar-me as costas, fala com as amigas e foge para a varanda da cobertura.

— Não acha que bebeu o suficiente? — Miguel — que não tem moral nenhuma — aparece para encher o meu saco.

— Não acho! — Tomo o copo da sua mão, bebo toda a bebida e devolvo. — Vai atrás da sua puta. Cadê ela, já foi ver se não está dando em cima de um cara mais rico que você? — digo e saio para a varanda.

Você não vai fugir de mim, loirinha!

Pouco iluminado por não fazer parte da área separada para os convidados ocuparem, foi preciso que eu abrisse a porta para ter acesso ao local. No canto esquerdo, quase escondida entre uma árvore florida que não estava aqui antes da mudança da Clara, vejo Amanda de costas, e o fato de estar com o corpo apoiado na grade enquanto aprecia a vista da cidade quase deixa a sua bunda à mostra. Uma bunda muito, muito deliciosa, por sinal.

— Por um acaso você está fugindo de mim, loirinha? — *Me posto* ao seu lado e como ela, apoio os braços na grade, curioso para ver o que tanto chama a sua atenção.

— E você, por acaso está me seguindo? — irrita-se, saindo de relaxada para tensa, assim que se afasta da grade e vira o corpo na minha direção.

Bom, consegui o que queria. Agora Amanda e eu estamos frente a frente e ela vai ter que falar qual o seu problema comigo.

— Algum problema se eu estiver? — devolvo, amando o jogo de palavras. Posso até ter bebido algumas taças, mas ainda assim, sei o que faço.

— Tenho sim, eu não quero você perto de mim — avisa na defensiva e na hora que vai tentar fugir, coloco-me na sua frente, impedindo assim a sua passagem. — Sai da minha frente, Saulo.

— Ou o quê, você vai gritar? — Começo a me aproximar e a cada passo dado para mais perto, ela dá dois para trás e assim vamos até que eu a tenha presa entre mim e a parede mal ilumina do canto esquerdo do lugar.

— O que você ainda quer de mim, cara, já não tomou o suficiente? — indaga, e não sei do que ela está falando. O que não passou despercebido foi a tristeza que rapidamente passou pelos seus olhos.

— Não sei do que você está falando, o que fiz para que me deteste tanto.

— Não fez nada, Saulo — Não consegue olhar nos meus olhos ao dizer isso e decido arriscar.

— Então, por que age dessa forma? Por que não deixa eu me aproximar, conhecer você melhor? — peço, sabendo que estou fazendo papel de idiota e mesmo assim não consigo agir de outra forma.

De longe o interesse e a curiosidade são grandes. Ter o seu corpo assim, tão próximo do meu, a torna ainda mais irresistível aos meus olhos.

— Já se aproximou, Saulo! — Agora os olhos tímidos estão marejados e me vejo sem saber o que fazer. — Você não lembra?

— Amanda, por favor, fala comigo. — Fico com o corpo muito próximo ao seu, olhando dentro dos seus olhos, os olhos mais belos que assim tão de perto hipnotizam, chamam para mergulhar nas suas profundezas.

— Foi tão bom, tudo o que sonhei e no fim... — Agora chora copiosamente, tão frágil quanto aparenta ser.

— No fim?

— Foi um erro — fala e não consigo entender quem fez isso com ela e nem qual a minha relação com o fato.

— Não chora, bonequinha... — com as duas mãos, seco o seu rosto e quando Amanda o ergue, *me encara* com a intensidade que tira-me o fôlego.

— Desculpa por isso, mas eu preciso te provar. — Mal termino de falar e antes que tenha tempo de protestar, enlaço-a com firmeza e com a outra mão, seguro a parte de trás da sua cabeça, firmando-a para que tenha maior acesso a sua boca.

Eu começo experimentando e aguardando resposta, quando obtenho,

intensifico a investida da minha língua dentro da sua boca e com igual entusiasmo, ela faz o mesmo com a minha. Claramente trata-se de um beijo sem experiência, mas o que falta em experiência, sobra em vontade e entusiasmo, o que torna tudo mais intenso e gostoso.

— Vamos sair daqui, loirinha — convido, esquecendo-me de todas as coisas estranhas que ela disse e ainda sem respostas. — Tenho que ficar sozinho com você — digo.

Ela tem os olhos fechados enquanto recebe os meus beijos no seu pescoço, atrás da sua orelha e por todas as partes do rosto.

— Não sei se... — ao abrir os olhos e antes de terminar de dar a resposta, sua atenção é roubada para algo atrás de nós e ao virar para ver o que é, sinto vontade de matar alguém.

— Laura?

O que essa mulher está fazendo aqui?

— Preciso falar com você — diz, mas não me importo, a minha atenção esta na Loirinha que está muda e pálida como uma folha de papel ao olhar de mim para Laura.

— Amanda... — Não tenho tempo de dizer mais nada, pois ela já não está mais aqui para ouvir.

Dela só restou o rastro do perfume e o gosto do beijo nos meus lábios.

O mesmo perfume que me persegue nos sonhos, o mesmo beijo...

Não, deve ter algum engano.

Mas por que ela parece tanto com a musa dos meus sonhos eróticos?

A sua raiva e palavras invadem a minha mente como um caminhão sem freio e só então a compreensão me abate.

Caralho! O que foi que eu fiz?

# Valor incalculável

Henry

— Você é um molequinho muito safado, sabia? — Pateticamente, falo com voz de bebê enquanto Olhudo, que acabou sendo batizado de Olhudo mesmo, está esparramado de costas no tapete e recebendo o carinho da minha mão que faz cócegas na sua barriga grande demais para quem há poucos dias chegou em casa só a pele e o osso. — Um puxa saco que só obedece a sua dona. Aposto que se fosse o contrário, você já teria ido me acordar com o seu miado irritante e arranhando o meu travesseiro.

— Amor, você está se sentindo bem? — Minha gata aparece na sala com o rosto inchado, os cabelos meio assanhados e mesmo assim, ela nunca me pareceu tão bela quanto está hoje com o seu pijama fofo e composto por calça e camisa de flanela.

A pergunta dela também é legítima, pois não é todo dia que encontra o namorado conversando com o gato e também não é todo dia que eu levanto antes dela. Na maioria dos dias acordamos juntos, eu para ir ao trabalho e ela para adiantar os afazeres, sair para cumprir algum compromisso marcado pelo Luigi na sua agenda de grande modelo ou para ficar trabalhando de casa mesmo. Há também os dias em que ela me acompanha até a revista e lá fica por um tempo, seja matando a saudade dos antigos colegas, seja ajudando-me em alguma coisa. O que Clara não gosta é de ficar parada.

— E por que não estaria? — indago, divertido, ao levantar e lhe dar o costumeiro beijo de bom dia. — Estava aqui conversando com o meu amiguinho enquanto a dona dele não acordava.

— Estranho você não ter me acordado, como nos outros dias — Nos meus braços, ela analisa meu rosto de perto superdesconfiada das minhas ações. — Não vai para a revista hoje? — indaga.

Hoje, duas semanas depois da nossa festinha aqui em casa, Clara já não se aguenta de expectativa e curiosidade. Se no dia eu prometi que tinha presentes para lhe dar, não imaginei que a demora a deixaria tão curiosa e desconfiada. Não foi por falta de tentativa da sua parte que o segredo não foi quebrado. Minha gata tentou de tudo e quando digo tudo, *me refiro* as mais loucas peripécias sexuais. Ela foi de fantasia de colegial a fantasia de chefe e secretária, tudo com a óbvia intenção de me seduzir a ponto de revelar antes do tempo a surpresa que eu disse ter preparado para ela. Eu, apesar de sentir-me cem por cento seduzido e de ter me esbaldado com seu corpo e planos de sedução, consegui manter-me firme, sem entregar a surpresa antes do tempo.

Felizmente, tudo correu bem, dentro do prazo previsto e o dia finalmente chegou.

— Não, amor, não tem trabalhado para mim e muito menos para você hoje — aviso. — Não percebeu que a sua agenda de compromissos está vazia?

— Percebi, sim — afirma, pensa um pouco e rapidamente a ficha cai. — O traidor do Luigi sabe de tudo o que você está aprontando? Vou matar ele!

— Ele sabe de tudo, ou quase tudo. — Beijo o biquinho emburrado. — Mas não fica brava com ele, pois tudo o que fez foi para assegurar que o meu plano não dê errado.

— Hoje eu vou ganhar o meu presente, o que prometeu há duas semanas e até agora estou a ver navios?

— Poxa, assim você me deixa chateado, meu amor. — Finjo indignação. — Pensei que ter tomado meu pau dentro desse rabinho gostoso e bocetinha apertada tivesse sido um bom presente — provoco, lembrando o fim que teve a nossa reunião.

Depois de quatro horas andando de um lado para o outro, recebendo presentes e felicitações pelo início de uma nova etapa da nossa vida como casal, Clara e eu saímos antes da festa acabar, deixando ainda alguns amigos e entre eles estavam os meus pais.

Sim, é impressionante, mas eles estavam. Papai, com o seu jeito calmo em que dificilmente algo lhe tira do sério, sentou-se em um dos sofás — não o do sexo — e com uma latinha de cerveja na mão e seu inseparável charuto

na outra, ficou parte do tempo observando os mais jovens, como ele gosta de falar e parte do tempo conversou com alguns dos seus amigos, que por terem permanecido na empresa quando ele decidiu se aposentar, acabaram se tornando meus amigos também. Mamãe, como não poderia deixar de ser, sentiu-se à vontade e imagino que isso se deva ao fato de estar com pessoas que ela considera boas o suficiente para desfrutar da sua presença e até mesmo o fato de estar mais simpática com a minha namorada se deve a isso.

Desde o início ficou óbvio o principal motivo para que a minha mãe não visse com bons olhos o meu namoro. Maior do que o desejo de me ver com a Lúcia, filha da melhor amiga, era o desejo de não me ver com uma moça pobre e sem berço.

Hoje, assim como no dia da festa em que se viu rodeada de modelos famosas e de renome, dona Carmem tornou-se mais simpática e até mesmo muito amável com a nora. Não que isso seja uma surpresa, afinal, Clara já não é uma interesseira aos seus olhos, ela é Clara Aguirre, a nova sensação do mundo da moda, a queridinha das grandes marcas.

Clara, por outro lado, tenta conviver bem com a sogra, é amável e atenciosa, mesmo que as palavras cruéis dela ainda não tenham sido esquecidas e talvez nunca sejam. Com o seu Agenor esse problema não existe, eles têm uma relação bem próxima, onde meu pai a trata como a filha que não teve, segundo palavras do próprio.

— Você é tão depravado, senhor Pimentel — diz e sim, ela ainda cora, mesmo depois de tanto tempo e de termos feito todo o tipo de sexo depravado. — Aquele presente realmente foi inesquecível. — O olhar se perde e sei pelo rosto rubro que está lembrando a movimentada madrugada e da manhã seguinte.

Em um quarto de hotel, o mesmo que paguei na nossa primeira tentativa de fazer sexo e que terminou muito mal, fizemos a nossa própria festinha, não que ela não viesse sendo feita antes, pelo contrário, os quartos de hotéis são providenciais quando o tesão está a nível máximo e em casa não é possível sem que escandalize uma senhora e traumatize o molequinho safado. Isso sem contar com os vizinhos, pois com o escândalo que a minha gata faz não há isolador acústico que impeça o pornô ao vivo.

— Sei que foi. No dia seguinte a senhorita estava assada — extrapolo na provocação e recebo como resposta um tapa estalado no braço. — Agora falando sério, amor, vamos tomar o nosso café, porque depois nós vamos sair.

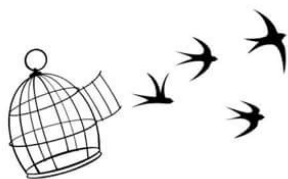
— O presente? — indaga, soltando o meu pescoço e dirigindo-se para a cozinha.

— Sim, o presente, minha curiosinha — provoco, estapeando a bunda firme.

— Ai, filho da puta! — Irritada, passa a mão no local. — Desculpa Chica, mas ele me tira do sério, sabe que não pode fazer isso e mesmo assim o faz. — Explica-se, ao se aproximar e beijar o rosto da senhora que tem como uma segunda mãe.

— Você bem que se esquece disso quando estamos... — O seu olhar furioso me interrompe. — Bom dia, Chica! — como Clara, beijo o rosto da senhora e sento na baqueta que está ao seu lado, sendo presenteado com a visão do delicioso banquete de café da manhã preparado para nós.

Após nos alimentarmos e de ela atender o meu pedido para que colocasse uma roupa leve e pedisse para que Chica nos preparasse uma cesta de comidas, pegamos a estrada, para a viagem de uma hora até finalmente chegarmos ao nosso destino.



— Que delícia esse ventinho e esse barulhinho. Não me diga que aqui perto tem uma cachoeira? — Como uma criança, Clara pula e bate palmas, deslumbrada pelas coisas mais simples da vida.

Em uma bela clareira, estamos rodeados de natureza, árvores frutíferas e jardins floridos, na reserva onde residem poucas outras famílias. Há também uma casa nova que algumas semanas atrás não era nada mais que um terreno vazio e sem dono.

— Meu amor, que bom que gostou deste lugar.

— Eu amei, Henry! — Ela caminha encantada, olhando para todos os lados. — Os pássaros, que lindos eles são. Obrigada por me trazer aqui, não poderia ter recebido surpresa melhor — Clara diz emocionada, vindo me abraçar. — Vou adorar passar o dia aqui.

— Vem, menininha, a sua surpresa não é bem essa — revelo, enlaçando os seus dedos e levando-a para o real presente poucos metros à frente, mas que os galhos das árvores estão encobrindo e a euforia com a reserva não permitiram que ela a visse.

— Pronto, aí está o seu presente, amor — digo ao pararmos em frente ao nosso mais novo lar.

— O q-que você... — Os olhos estão marejados e da casa ela olha para mim, tendo no rosto um misto de alegria e confusão.

— É sua, princesa — assevero. — Quando descobri este lugar, só consegui pensar em você, no quanto seria feliz em um lugar como este. Sei que será feliz aqui, essa casa é sua e se permitir, quero compartilhar dessa felicidade com você.

— Para mim não existe ser feliz sem Henry Pimentel. Você é o meu ideal de felicidade — Fica na ponta dos pés e beija os meus lábios. — Não estou acreditando que você fez isso.

— Eu fiz, por isso a demora em te dar o seu presente. Ela foi construída em tempo recorde.

— Não precisava...

— Tudo é muito pouco, Clara — afirmo. — Pouco perto do que você merece e pouco diante da sua importância na minha vida.

— Estou muito feliz aqui e por saber que teremos um lar neste paraíso. — Abraça-me apertado e eu aproveito para içar seu corpo para frente, oportunidade em que ela enrola as pernas na minha cintura. — Um refúgio.

— O nosso refúgio, minha gatinha — assevero. — Não quer ver como é lá dentro?

— É tudo o que eu mais quero — avisa e no melhor estilo carrego-a nos braços para dentro da casa, onde as paredes são de vidro e por dentro prevalece o estilo rústico da reserva.

Já na sala, coloco-a no chão e encantada, Clara inspeciona todo o local, onde não há divisões de cômodos, é apenas um grande espaço, onde ela terá liberdade de mobiliar e decorar da forma como quiser.

— Os móveis?

— Vamos escolher juntos, é a sua casa, pequena.

— Nossa casa — corrige. — E dos nossos filhos.

— O que você disse? — Seguro-a pelo braço e tenho de volta a sua atenção.

— Filhos, nossos filhos — fala com naturalidade. — Eu quero ter filhos com você, amor, uma família grande. Eles serão felizes aqui, brincando no meio da natureza e aprendendo a valorizar o que realmente importa.



— Eu amo você! — declaro, pois não há nada para dizer, depois de ouvir palavras tão bonitas vindas de uma mulher que levou golpes tão duros da vida. — Nada me fará mais feliz do que encher a sua barriguinha com um bebê — revelo. — Estarei tão possessivo e alegre por saber que aqui é gerado o fruto do nosso amor, um amor intenso e sem barreiras.

— Obrigado por me salvar — ela agradece, terminando com um beijo.

Tendo a necessidade de reafirmar a grandeza dos nossos sentimentos com muito mais que palavras, as nossas roupas aos poucos foram sumindo e no fim, fizemos amor no chão da nossa casa nova e ainda sem móveis, o melhor presente que poderia ter dado. Ele tem em si um valor incalculável, não pela parte financeira e sim por tudo o que representa.

— Tão bom te amar e ter a natureza como testemunha — fala, mais calma depois da segunda rodada de sexo, onde o amor ficou no segundo plano e o tesão do sexo alucinante tomou a frente.

— Ainda bem que as árvores não ouvem, ou então elas estariam escandalizadas com o som dos seus gemidos.

— É uma reclamação? — indaga, com o corpo parcialmente em contato do meu e o queixo apoiado no alto do meu peito.

— Jamais, eu amo os seus gemidos, eles significam que estou fazendo direitinho o papel de comer a minha mulher.

— Quer dizer que os quartos de hotéis estão aposentados?

— Exatamente. Quando quisermos, poderemos fugir para cá e quando tivermos os nossos pirralhos, mudaremos para esta casa e deixaremos o apartamento para as nossas escapadas — proponho. — O que acha, é um bom plano?

— Todos os seus planos são bons, querido.

— O melhor deles foi ter marcado aquele encontro com você quando no intuito de comer mais uma gostosa, acabei encontrando a mulher da minha vida, a minha menininha — digo e nos olhamos cúmplices e como um sorriso saudosista nos lábios.

Ficamos boa parte da tarde conversando, nos amando e conhecendo a reserva onde a cachoeira roubou totalmente o seu interesse.

Ao voltarmos para casa, Clara contou a novidade para Amanda e senhora Chica que receberam com alegria a novidade. Tarde da noite fomos dormir sem que ela tenha se dado conta do segundo e mais importante presente,

entregue enquanto ela tirava um cochilo no chão da casa nova.

— Henry — Acordo assustado no meio da noite com a voz da Clara me chamando.

— O que houve, amor?

— Como ele veio parar aqui? — Estende a mão direita onde só agora, no meio da madrugada ela sentiu a presença do brilhante enfeitando o seu dedo.

— Foi na hora em que você, cansada de foder o seu homem, caiu no sono, lembra? — Ela balança a cabeça ainda olhando para o anel cravejado de diamantes. — Não gostou? Se achar que estou indo rápido demais...

— Eu quero! — Corta, tirando o lençol do caminho e em seguida sentando-se em cima de mim. — Aceito casar com você. Hoje, amanhã ou daqui a dois anos, eu vou casar com você.

— Te amo, hoje e sempre.

— Hoje e sempre — promete, emocionada.

— Agora que a parte romântica do evento passou, minha noiva. — Puxo seus braços e agora ela está deitada em cima do meu corpo vestindo apenas o meu anel. — O que acha de comemorarmos do jeito que você gosta?

O barulho dos nossos beijos e da natureza é o único som que se ouve por um bom tempo. Com a mulher da minha vida meus braços, no meu íntimo existe a certeza de que tudo o que aconteceu na minha vida, entre certo e errado, foi o motor para levar-me até aquele restaurante, ao encontro do meu destino. Da menina que mal estava saindo da adolescência e já tinha um fardo pesado nas costas.

Hoje, depois de tudo que passamos até chegarmos aqui, no lugar onde tenho certeza que seremos muito felizes, percebo que tudo teve um propósito, que desde o momento em que eu recebi o seu e-mail até a luta para não deixar que nada nos afastasse teve as mãos do destino. Um destino traçado por mãos benevolentes e que mesmo sem merecer, me foi dada a oportunidade de não só conhecer como também de ter Clara Aguirre como companheira, a mulher que provou ser o ser humano mais lindo que tive o prazer de cruzar em 35 anos de vida.

O amor de toda uma vida.

# Epílogo

*Cinco anos depois...*

Henry

— Papa. — A princesa de olhos verdes e cabelos claros como os meus bate palminhas, satisfeita enquanto limpo a boca suja de papinha.

— Você é uma gordinha comilona, não é mesmo, princesa? — falo todo babão, mesmo que com os seus dois anos de idade, ela não esteja entendendo nada do que digo. — Se a sua mãe entra agora e te encontra toda suja, ela vai me matar — falo e sem se importar muito com o que acontece a seu redor, além da atenção que não sai do olhudo, minha pequena Alice bate palmas e sacode as perninhas sentada na sua cadeira, enquanto eu tento terminar a árdua tarefa de dar comida para ela. Tudo sem fazer uma bagunça maior do que já fizemos durante toda a manhã em que ficamos sem a sua mãe por perto.

— Boa tarde, meus amores. — Mal termino de falar e a minha esposa mais linda do que nunca, com seus 24 anos entra e como se fosse a primeira vez, volto a me apaixonar.

É, e sempre será assim, o amor e a paixão que nos uniu há mais de seis anos continua o mesmo, talvez até mais intenso com o nascimento dela: a minha princesa, o fruto do nosso amor.

— Bom dia, menininha. — Beijo de leve a sua boca, assim que senta ao meu lado no nosso sofá de estimação.

Sim, aquele sofá que foi palco de algumas das nossas transas.

Quando nos mudamos aqui para a reserva, dois anos depois de tê-la presenteado com a casa, Clara que na época estava recém-casada, negou-se a se desfazer do sofá e aqui está ele, firme e forte, ainda palco de algumas rapidinhas

quando não temos a nossa pequena correndo por aqui.

— Boa tarde, meu amor. — Jogando a bolsa do outro lado do estofado, Clara que é a melhor mãe que uma criança poderia ter, tira a filha da cadeirinha e como não poderia deixar de ser, seus olhos vão direto para o vestido que antes da papinha era branco e agora tem umas partes tingidas de uma estranha massa meio amarelada. A coisa nem de longe parece saborosa, mas para Chica, a responsável pela obra de arte e para a minha filha que a consome com voracidade, a papinha estranha parece ser o manjar dos deuses. — Pelo visto você ainda não aprendeu que deve dar alimentos para Alice e não para o vestido dela — fala em tom de brincadeira.

— O que posso fazer se a nossa filha não para quieta? — Faço-me de desentendido. — Nisso ela puxou a você, tem o dom de me deixar com os cabelos brancos — provoco da maneira que o tempo não foi capaz de mudar.

Quer dizer, os anos de relacionamento não fizeram nada além de melhorar o que já era bom. O casamento e o nascimento da nossa pequena Alice foram apenas a cereja do bolo.

— Eu jurava que o responsável por esses fios de cabelos brancos seriam seus já completos 40 anos. — Com a filha nos braços, ela começa a tarefa de limpá-la com a fralda de pano.

— Talvez seja e você bem que gosta, não é mesmo, minha ninfetinha? — *Me aproximo*, beijando o ombro que a alça fina do vestido deixa em evidência. — Mesmo aos 40, o seu marido dá conta de todo esse fogo.

— Henry, a nossa filha — repreende tendo as duas mãos cobrindo a orelhinha da Alice.

— Foi você quem começou. — Pisco com malícia e sou retribuído com um olhar cheio de promessas.

No ato, meus olhos voam para o bebê nos seus braços e enquanto suga a água do seu copo, percebo com alívio que os seus olhinhos claros estão pesados e que em pouco tempo ela estará dormindo, como é acostumada a fazer todas as tardes.

— Estou com saudades — afirmo quando com o braço no encosto do sofá, toco na sua nuca, massageando a parte de trás do seu couro cabeludo.

— Eu também estou — confessa com os olhos se fechando de prazer. Ou talvez eu esteja sendo muito prepotente e seja apenas cansaço e sono.

Aproveitando os três primeiros anos para se firmar e trabalhar muito, minha mulher ainda fez alguns cursos voltados para a área, o que lhe

tornou ainda mais interessante comercialmente. Luigi fez o nome Clara Aguirre acontecer e além de modelo, ele transformou seu nome em uma marca.

O esforço que a fez se firmar ano após ano me enche de orgulho e amor por ela. A minha pequena, a garota que conheci nas piores situações quando ainda era uma adolescente, jamais usou de influência minha para ter alguma coisa, pelo contrário, lutou as próprias batalhas, correu atrás do próprio sucesso até tornar-se o que é hoje, uma grande profissional, mãe e esposa.

Depois de engravidar, ela diminuiu bastante o ritmo de trabalho e mesmo antes disso, quando éramos dois, Clara nunca deixou o nosso relacionamento em segundo plano, assim como para mim ela foi e sempre será prioridade.

Nos últimos dois anos e com a ajuda da senhora Chica, conseguimos adequar as nossas rotinas de trabalho e quando não está fotografando aqui mesmo na reserva onde têm paisagens belíssimas e que enche os olhos dos contratantes, ela trabalha somente meio período e ainda assim com dias marcados para que isso não atrapalhe o tempo que tem ao lado da filha.

— A Chica está no quarto? — indaga em meio a um quase imperceptível gemido de santificação quando pende a cabeça contra a minha mão. — Que delícia...

— A traidora mais uma vez fugiu para a casa da Loirinha — aviso, o que não é nenhuma novidade, já que depois do nascimento dos gêmeos ela se divide entre Alice e eles.

— Temos a casa só nós — afirma e os olhos brilhantes que até então estavam fechados, apenas curtindo o prazer de ter o couro cabeludo massageado se abrem e quando me encara, eles evidenciam o tédio por dias acumulados.

Uma semana para ser mais exato, se formos contar os dois dias em que a nossa pequena nos tirou toda a energia por causa dos dentinhos que estavam incomodando e os outros em que o seu período menstrual iniciou.

— Todinha — confirmo, percebendo que aos seus pés o nosso gatinho dorme e é assim que tem sido pelos últimos dois anos. Ele e Júlia se apegaram de uma forma que não é difícil saber onde ele está. É só procurar pela minha filha que bem perto estará o seu fiel companheiro de três patas.

— Vou levá-la para o berço — avisa ao levantar-se e meus olhos lhe seguem, acompanhado a bela visão do seu bumbum bem marcado no vestido justo.

Com o passar dos anos e o nascimento da primeira filha, seu corpo

que já era belo ganhou curvas mais acentuadas e perfeitas ao ponto de eu ter algumas crises bobas de ciúme.

Ciúme infundado, uma vez que ela nunca deu motivos para isso, pelo contrário, até hoje com todas as grandes mudanças e tendo a profissão que tem, Clara ainda não se deu conta do quão linda é e nem do quanto chama atenção por onde passa.

Sozinho, começo a juntar os brinquedos e rapidamente limpar a bagunça que eu mesmo fiz quando estava alimentando a minha pequena.

Clara

— Prontinho, tão cedo ela não acorda. — Depois de deixar Alice no seu berço e aos pés do berço também o *Olhadinho*, volto para perto do meu marido e no espaço da sala já não vejo a mesma bagunça de antes.

Como sempre foi quando éramos namorados, Henry continua sendo a minha melhor escolha, o homem que se tornou não só um pai exemplar como também um marido dedicado.

Problemas nós temos como todos os outros casais, afinal, a perfeição não existe. Porém, quando o amor existe e é tão real como o nosso, as coisas se ajustam da melhor maneira, restando apenas o amor e a linda família que estamos construindo.

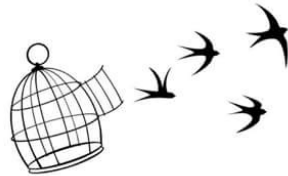
— Assim eu espero, minha gostosa. — Já com os braços em torno da minha cintura, Henry mais lindo do que nunca no auge dos seus 40 anos, beija o canto dos meus lábios e emendando o carinho, leva a boca até a minha orelha. — Estou com saudades de te comer. Parece que se passaram séculos e não uma semana, desde a última vez em que estive dentro de você — sussurra.

— Sinto os mesmos sintomas e ao que tudo indica, são sintomas de saudades. — Tento ser sedutora quando começo a levantar a sua camiseta. A fim de auxiliar-me, Henry levanta os braços, ajudando-me na apressada tarefa de despir o peitoral tentador. — Não poderia indicar um remédio, meu amor? — provoco mais um pouco, passado o calcanhar na sua perna.

— Tenho o remédio perfeito — avisa, sem tirar a atenção meu vestido que ele acabou de desabotoar e agora desliza pelas minhas pernas, até que esteja amontoado aos meus pés. — Meu pau na sua boceta, por horas a fio. Esse será o nosso remédio, gostosa — assevera ao pegar-me nos braços e levar para a nossa cama.

As horas seguintes usamos para nós amarmos da forma intensa como sempre foi e entre declarações e as mais sujas sacanagens ditas aos

sussurros e até mesmo gritadas, vimos o dia de sábado virar noite e na nossa bolha de felicidade, acabamos cochilando de exaustão e de satisfação. Satisfação por saber que aqui na nossa bolha temos tudo o que precisamos para sermos felizes.



— Amor, vai lá. — ainda com sono e sem coragem de me mexer, peço. — Acho que tem alguém na porta. — Tateio a cama para no fim encontrá-la vazia.

Quando no susto levanto, avisto o relógio na parede e quase caio da cama ao descobrir que já passa das 10h da manhã. Ainda tonta e olhando para todos os cantos e não vendo nem sinal da minha filha e marido, *me esforço* para lembrar-me de algo que tenho a sensação de estar esquecendo.

Domingo...

Primeiro domingo do mês... Puta que pariu!

Temos visitas.

Como o Henry não lembrou que hoje é o nosso domingo, o dia separado para recebermos alguns amigos e a família dele?

Mas também, como posso culpá-lo depois da cansaça que dei ontem à noite? Na hora que fomos dormir, depois de uma tarde regada a preguiça e a namoro no sofá, voltamos ao mesmo namoro até tarde da noite, como se estivéssemos há um ano sem nos tocar e não somente uma semana. Apesar de que para um casal com a vida sexual tão ativa quanto é a nossa, uma semana se parecem cinco anos. Os mesmos anos em que não deixamos a nossa relação cair na rotina.

Hoje, sendo o primeiro domingo do mês, é o dia em que nos reunimos, assim como acontece nos três outros que sobram.

Como o combinado, assim que nos mudamos para esta casa, um pouco mais distante, os domingos são usados para confraternizarmos com amigos e familiares e assim vamos revezando os locais onde as reuniões acontecem. O problema é que especialmente hoje esquecemos completamente do nosso compromisso e tenho certeza de que se descer agora, encontrarei todo

mundo na sala e lá não terá nenhuma balinha para oferecer aos nossos amigos.

Depois de tomar um rápido banho e deixar meu cabelo minimamente decente, visto um shortinho e uma camiseta leve, e em seguida desço para ver como as coisas estão. No caminho só posso agradecer o fato de o meu marido ter construído um segundo andar para a nossa casa e nesse caso, os cômodos de cima são construídos em madeira, dando a privacidade que nós precisamos. Se assim não fosse, estaria passando a vergonha de todos saberem que estava dormindo até agora.

*Que o Henry tenha lembrado de ligar para um restaurante...*

*Que o Henry tenha lembrado de ligar para um restaurante...*

Faço a prece baixinho quando alcanço o último degrau da escada, logo sendo avistada pela minha melhor amiga, Amanda, que após cinco anos está mais linda do que nunca e o mais importante de tudo: feliz com o marido que tanto a ama, o homem que conseguiu curar o seu coração ferido e mãe dos gêmeos mais lindos desse mundão. Os meus dois loirinhos.

— Por que está aqui sozinha, amiga? Aconteceu alguma coisa — indago ao chegar perto dela, sentar ao seu lado e a cumprimentar com um beijo no rosto. Pelo vidro que envolve a casa, avisto as três crianças em um tipo de comunicação estranha e próximo a eles Henry conversa com o Saulo.

Posso ver também Miguel com a esposa, trocando carinhos quase explícitos demais; como só um ser desavergonhado como ele é capaz de fazer no meio de outras pessoas.

Um pouco mais afastado, conversando descontraída com algumas das amigas modelos que fiz questão de incluir no meu ciclo próximo de amizades, vejo minha o sogra. Do seu lado, seu Agenor parece insatisfeito com o papo das mulheres e logo sai para juntar-se ao filho.

— Entrei porque acordei um pouco indisposta hoje — explica.

— E posso saber por que a senhora não está em casa, deitada e descansando, já que não está se sentindo bem?

— Como eu disse para aquele teimoso ali — aponta. — Foi só um mal-estar e não uma invalidez. Inclusive, estou assim há alguns dias.

— Ele não mentiu quando disse que queria muitos filhos com você — digo quando a minha ficha cai. — Você está grávida mais uma vez, Amanda.

Quando a surpresa inicial some rapidamente do seu rosto, os sorrisos nos nossos lábios se abrem e mais vez estamos felizes, empolgadas como ficamos quando descobri a minha gravidez, pouco tempo depois de Henry



e eu termos decidido que além da vontade, também estávamos preparados para o nosso primeiro filho.

A mesma empolgação com a qual organizei com a sua ajuda o meu casamento, uma cerimônia que inicialmente era para ser o mais simples possível, mas que no fim transformou-se em um grande evento para mais de quinhentos convidados e tendo a mesma repercussão dos casamentos de artistas famosos.

Tudo correu melhor que o esperado, quase um conto de fadas para mim. Ficou no quase pela presença de algumas convidadas indesejadas.

Laura — que sem muita surpresa tive a confirmação de sentimentos que eu já suspeitava pelo meu marido — teve a cara de pau de comparecer, mesmo depois de tudo que aprontou, não para mim e sim para a minha loirinha.

Lúcia de alguma forma fez questão de estar presente, mesmo sem convite. Bom, suponho que tenha sido sem convite, pois prefiro acreditar que a minha sogra não tenha algo a ver com isso; não depois de tudo. Não depois dos últimos anos em que cultivamos um bom relacionamento.

Felizmente, a modelo quase aposentada — não por vontade própria — ficou quietinha no seu assento, tendo um coroa ao lado e pelo que Henry falou, tratava-se um conhecido deputado e quando digo conhecido, não me refiro ao seu bom trabalho. Está mais para escândalos envolvendo corrupção e breves relacionamentos com todos os tipos de mulheres.

Esse é o cara que a tal Lúcia escolheu. Minha sogra deve estar orgulhosa da queridinha dela.

— Ele trabalha bem para alcançar o objetivo — revela com um sorrisinho matreiro no rosto. Nem de longe lembra a Amanda de alguns anos.

— Imagino que sim. — Meus olhos desviam para as crianças que obviamente já não tem a atenção de nenhum adulto sobre elas.

— Amiga, aquilo que eles têm nas mãos prestes a levar a boca, é terra? — Volto-me para ela e sem que digamos mais nada e com uma Amanda que rapidamente esqueceu-se do mal-estar, corremos desesperadas para fora, tudo na intenção de socorrê-los.

Durante o almoço que felizmente Henry tinha lembrado de providenciar, o assunto ainda foi motivo de divertimento e depois, durante toda a tarde, os grupos se separaram e curtindo a natureza que é o melhor que a reserva tem a oferecer, a maioria preferiu passear pelas redondezas, onde o destino final é a cachoeira que nunca deixa de ser uma visão encantadora. Os que sobraram preferiram ficar na sala, jogando conversa fora e acompanhados de petiscos e

boas bebidas.

Eu, Amanda e algumas amigas, preferimos ficar na varanda — onde Henry e eu decoramos com alguns puffes — colocando os papos em dia e sempre de olho nas três crianças que hora se entretinham com as belas espécies de pássaros que aparecem por aqui, hora se distraíam com o Olhudo que não perde a chance de se existir sempre que tem a atenção sobre ele.

Como uma boa avó que é, a minha Chica ficou às voltas com os três, o tempo todo querendo assegurar o bem-estar deles, mesmo eu tendo pedido para ela relaxar e curtir seu dia.

Já anoitecendo, quando da porta observamos o último convidado ir embora, sinto meu coração aquecer, a alma regozijar pelo dia de hoje e por todos os que se passaram desde o feliz encontro em um restaurante qualquer. O dia em que sem ter ideia, eu encontraria Henry Pimentel, um suposto garoto de programa, o homem que de meu professor sobre sexo transformou-se no homem da minha vida.

Ele foi a pessoa que me trouxe de volta a superfície quando no auge do desespero, recorri a escolhas que poderiam levar-me a um destino incerto.

— Cansada, gatinha? — Com os braços abraçando-me a cintura, enquanto tenho as costas apoiadas no seu peito e uma Alice dormindo nos meus braços, tenho meu bom devaneio de boas lembranças interrompido quando carinhosamente meu marido beija-me o rosto.

— Cansada, mas feliz — afirmo. — Muito feliz. Não me falta nada, meu amor, tudo o que desejo é manter isso aqui, o nosso amor, família e amigos.

— E manteremos, pequena — garante. — Vontade e amor nós temos de sobra.

— Obrigada, você foi o presente que a vida me deu, a minha segunda chance de voltar a ser feliz, quando senti o chão ser tirado dos meus pés.

— Você é e foi desde o primeiro olhar, a dona do meu corpo e do meu amor — declara quando me abraça com mais ternura e nele também envolvendo a nossa menina. — Agora, eu literalmente, tenho todo o meu mundo nos braços, as melhores partes de mim. Eu amo você, Clara, com tudo que há em mim.

— Meu amor... — Depois do que ele falou, nada que eu diga será capaz de dimensionar as minhas emoções. Então, como somos melhores em demonstrar do que em falar, viro minha cabeça para o lado, oportunidade em que

ele toma meus lábios num beijo termo e carinhoso.

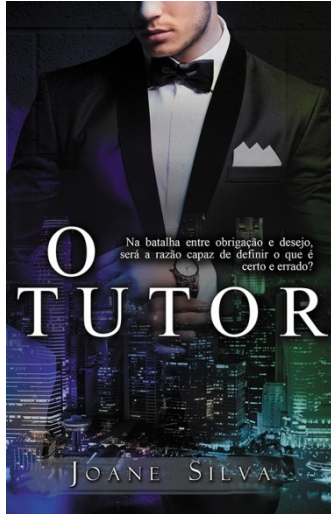
O toque que luta para dizer sem que precise de palavras. O beijo no meu homem, o dono do meu corpo, do meu amor.

O dono do meu prazer.

— Amo você. — Depois de muito tempo, ao terminarmos o longo beijo, consigo declarar o que as duas pequenas palavras não são capazes de dimensionar. — Para sempre, até a última batida do meu coração.

Fim

## LEIA TAMBÉM



### SINOPSE

Marina sempre viveu uma vida perfeita, cercada de luxos e mimos. Até que, aos seus 17 anos, uma tragédia muda o rumo de sua vida: a perda de seu pai, único parente vivo e pessoa que ela mais ama, deixando-a desamparada e sozinha no mundo. E, para completar o pesadelo em que passa a viver, a garota se vê obrigada a viver sob a tutela de Erick Estevan, melhor amigo de seu pai, de quem guarda antigas e profundas mágoas.

Erick vê seu mundo inteiro virar do avesso com a chegada da filha de seu falecido melhor amigo aos seus cuidados. Tendo sua vida inteira planejada, a adição inesperada não seria um problema, se não fosse o doentio desejo que sente pela garota que viu crescer.

Marina é agora uma linda e proibida mulher, que assombra seus pensamentos e desperta sentimentos que o homem tanto luta para suprimir.

Na batalha entre obrigação e desejo, será a razão capaz de definir o que é certo e errado?

## PRÓXIMOS LANÇAMENTOS



### SINOPSE

Bruno Pires tinha tudo o que poderia desejar, desde uma carreira brilhante, que alcançou o seu auge quando que teve para si o título de melhor advogado criminalista do país, até a bela e desejável Carolina Guimarães, atriz e também a sua noiva. Um dia, todo o seu mundo vem abaixo quando um terrível acidente lhe tira tudo o que mais preza, principalmente a independência e capacidade para fazer as coisas mais básicas, dele restando apenas a sombra triste e amargurada do homem que um dia foi.

Linda e refinada como só um membro da família Albuquerque consegue ser, Ângela não é nada mais que uma mentira. Se aos olhos do mundo ela é a herdeira perfeita, no seu íntimo esconde segredos e carrega profundas feridas que nem mesmo o tempo foi capaz de curar.

Bruno e Ângela, almas quebradas que encontram na força de uma grande e irresistível paixão, razões para voltar a acreditar.

### Prólogo

#### *Dois anos antes*

— Inferno — esbravejo, depois de bater com o dedo no batente da

porta do banheiro.

— Ângela, minha filha, que cabelo é esse? — Ouço a voz de anjo, assim que entro no banheiro.

Se o plano era ficar longe de problemas, acho que não estou fazendo isso direito.

— É você, Marina? — indaga, quando os meus passos incertos me denunciam. — Ah, é você...

— Desculpa por ter entrado dessa forma. Não sabia que você estava aqui dentro.

— Não precisa se desculpar — a moça diz, sem jeito. — Essas coisas acontecem...

Por algum motivo, a garota está tentando fazer com que eu me sinta bem e não tenho ideia do por que disso e nem sei se quero saber.

— Quem sabe não foi o destino querendo nos dar mãozinha. — Com os ouvidos apurados, ouço seus passos lhe trazerem para mais perto de mim e se não fosse isso, o cheiro gostoso que seu corpo exala a denunciam, sem que eu precise vê-la.

*Esse cheiro...será que é o seu perfume ou algum hidratante para a pele?*

É um aroma que traz sentimentos desconhecidos. É uma sensação de conforto e paz, como se depois de uma longa viagem eu finalmente chegasse ao meu verdadeiro lar. São sentimentos que trazem medo, pois há quanto tempo eu não sinto nada que não seja vazio e frustração?

A falta de sentir me acompanha há tanto tempo, que o fato de uma simples voz ou cheiro trazerem tantas sensações diferentes me assusta como o diabo.

— Não sei do que você está falando, garota, e por favor, mantenha-se afastada de mim — aviso de maneira séria e que beira a grosseria. — Não suporto que pessoas desconhecidas me toquem da forma como me tocou mais cedo — esclareço, pois apesar de sempre ter sido mais reservado, essa característica se tornou ainda mais evidente depois do que aconteceu.

A única inverdade nisso tudo é associar a questão ao fato de ela ter colado o corpo ao meu e me tocado com intimidade agora a pouco na piscina. Para ser sincero, eu apreciei mais do que deveria a sua ousadia e o seu corpo

junto ao meu.

— Não te entendo cara, eu sou linda, você também é muito bonito, por que não podemos ficar juntos?

A diabinha não só ignorou a parte em que eu pedi para que não tocar em mim, como já está fazendo exatamente o contrário, ao parar na minha frente e com o seu cheiro hipnotizador, apoiar as duas mãos em cima do meu peito. Mesmo por cima da blusa sinto o calor do seu corpo através do toque e isso não é nada bom.

*Não para um cara como eu.*

— Não fale besteiras, além de ser convencida, você também é fútil? — pergunto mordaz, pois se tem uma coisa que me tira do sério, são pessoas que não veem além das aparências. Antes eu era exatamente esse tipo de pessoa, mas a vida tratou de ensinar da maneira mais cruel possível, que nem sempre a aparência ou classe social diz alguma coisa sobre uma pessoa.

— Você não me conhece. — Por um momento, sinto-a fraquejar, mas isso logo muda, quando a garota se apoia em mim com mais firmeza e subindo as mãos para o meu pescoço, continua a falar. — Para de ser ranzinza, são só uns beijinhos e um sexo gostoso. Prometo que depois te deixo em paz. — Fica mais perto e eu sinto seu peito se espremendo contra o meu.

A sensação que tenho é que de repente ficou mais quente do que uma sauna e eu começo a suar como se tivesse corrido meia maratona.

— *Me solta, Ângela* — falo pela primeira vez o seu nome e gosto de como o som sai da minha boca. — Para de ser oferecida.

Levo as mãos até as suas e as tiro do meu pescoço.

— Eu não quero você, se já não ficou claro. — Solto as suas mãos e aproximo-me do seu rosto a ponto de sentir a respiração ofegante. — Garotas fáceis não me atraem.

Na verdade, estou muito atraído por essa chatinha e isso não pode continuar. Ela não é uma qualquer que eu posso comer e virar as costas no dia seguinte. Tem muitas coisas em jogo nessa equação. Ela é a melhor amiga da Marina que por sinal é mulher do meu amigo mais próximo. Ou seja, vamos nos esbarrar muito por aí.

— Não me acha bonita o suficiente para você, é isso? — insistente, Ângela pega as minhas mãos, leva até o seu corpo e noto meu pau ficar duro de maneira instantânea ao sentir suas curvas com os meus dedos.

Primeiro ela leva para os seus seios cheios e que são capazes de encher as minhas mãos, para em seguida passá-la por sua barriga plana e finalmente parar na bunda durinha e aparentemente perfeita.

— Garota... — Propositamente, tira as suas mãos de cima das minhas e não tenho forças para soltar a carne macia.

— Por que não tira esses óculos e me deixa ver os seus olhos? — Sem que possa impedir, a menina irritante desnuda os meus olhos e surpresa, diz: — Eles são lindos.

— Para de ser idiota, por que não diz a verdade? — *Num* segundo, tiro as mãos do seu corpo e cambaleante dou vários passos para trás, para longe da tentação.

A vida já me tirou o suficiente para eu começar a desejar o que não posso ter.

— Cego! Sou cego, porra. Ou será que você não tinha percebido? — pergunto mordaz.

— Eu não... Eu...eu

— O que foi? A sua vontade de dar a boceta sumiu de repente?

— Eu não sabia. — Sua voz parece sincera, mas isso não muda nada aqui.

— Agora já sabe — falo, decidido a acabar com essa cena ridícula. — Mais uma vez, fica longe de mim. Não te quero e você não me atrai nem um pouco.

— Não é isso que o seu amigo pensa — diz irritada.

— Normal, ele fica assim para qualquer puta que aparece se oferecendo. — Sou cruel, pois já não sei agir de outra forma. — Então, se não quer sua vidinha perfeita completamente destruída, nunca mais me aborreça com esse tipo de abordagem.

— Eu quero que você se foda, seu desgraçado — responde furiosa e imagino que seja pelas ofensas, mas também pela rejeição.

Posso nunca ter visto seu rosto, mas imagino o quanto deve ser linda e nada acostumada a ser dispensada como foi agora.

— Desejo o mesmo para você, baby — digo por fim e lhe viro as costas.



Sem os meus óculos, saio do banheiro com a sensação de que as coisas não serão como antes. Agora eu tenho memórias boas. Tenho um cheiro, uma voz de anjo e lembranças de um corpo perfeito. Memórias de algo que jamais terei, pois a vida tratou de levar de mim essa opção de escolha.

— Ângela. — Caminhando o mais rápido que a minha condição permite e sem que ocorra um acidente, experimento pela última vez o seu nome na minha boca. — Anjo.



## SINOPSE

Não diferente das outras garotas da sua idade, Amanda Amorim leva uma vida comum e tem no seu íntimo a ilusão de um dia encontrar o amor que durante toda uma vida presenciou entre os seus pais, porém, numa noite qualquer, ela se depara com Saulo Moraes, o homem que a levou do céu ao inferno em uma única noite, roubando-lhe a inocência e trazendo ao seu coração a amargura que os dias não são capazes de apagar.

Ele quer o seu perdão. Ela quer voltar a acreditar.

Tão quente quanto complicados, eles provarão que entre o amor e o ódio existe uma linha tênue.

## CONTATOS

FACEBOOK: <https://www.facebook.com/anne.aura>

INSTAGRAM: [https://www.instagram.com/joane\\_silva\\_aura/](https://www.instagram.com/joane_silva_aura/)

WATTPAD: <https://www.wattpad.com/user/JoaneSilvaS>

# Table of Contents

[Prólogo](#)  
[Plano brilhante](#)  
[Colocando em prática](#)  
[Roubada](#)  
[Proposta](#)  
[Pernas bambas](#)  
[Contraproposta](#)  
[Primeira lição](#)  
[Seus beijos](#)  
[Pegos](#)  
[Resistindo](#)  
[Curiosidade](#)  
[Verdade](#)  
[Ruindo](#)  
[Caos](#)  
[Recusa](#)  
[Voltando atrás](#)  
[Funcionária](#)  
[Entronto inesperado](#)  
[Onde tudo começou](#)  
[Outra vez](#)  
[Namorada](#)  
[Fim de semana](#)  
[Volta às aulas](#)  
[Descuido](#)  
[Filme](#)  
[Inconveniente](#)  
[Dia de trabalho](#)  
[Desconcentrado](#)  
[Território](#)  
[Frustração](#)  
[Fofoca](#)  
[Carona](#)  
[Convite](#)  
[Castigo](#)

[Ensaio](#)  
[Mentira](#)  
[Consertando](#)  
[Serenata](#)  
[Na mídia](#)  
[Aliado](#)  
[Tentação](#)  
[Nas tuas mãos](#)  
[Dia seguinte](#)  
[Tarefas](#)  
[Dia de praia](#)  
[Lançamento](#)  
[Comportamento estranho](#)  
[Socializando](#)  
[Cruel](#)  
[Perdida](#)  
[Medo de te perder](#)  
[O que nos une](#)  
[Juntos, como sempre](#)  
[Longe de tudo](#)  
[Prelúdio de vida nova](#)  
[Útil ao agradável](#)  
[Experimentando o novo...](#)  
[Dependente do teu amor](#)  
[A chave do futuro](#)  
[Mais inteso](#)  
[Realidade](#)  
[Bônus-Saulo](#)  
[Valor incalculável](#)  
[Epílogo](#)  
[LEIA TAMBÉM](#)